

PRÉMIO
NOBEL DE
LITERATURA

DESPEDIDAS IMPOSSÍVEIS

VENCEDOR DO **PRÉMIO MÉDICIS 2023**

HAN KANG



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

Han Kang

DESPEDIDAS IMPOSSÍVEIS

Traduzido para inglês por
e. yaewon & Paige Aniyah Morris

Tradução do inglês por
Maria do Carmo Figueira e Ana Saragoça



D. QUIXOTE

Ficha Técnica

Título: Despedidas Impossíveis
Título original: 작별하지 않는다
Autor: Han Kang
Copyright original: © Han Kang, 2021

Edição: Maria do Rosário Pedreira
Tradução do inglês para português: Maria do Carmo Figueira e Ana Saragoça
Revisão: Madalena Escourido
Design original da capa: © Cassie Vu
Imagens da capa: © Shutterstock
Adaptação da capa para a edição portuguesa: LeYa, S.A.
ISBN: 9789722083966

Publicações Dom Quixote
Uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdoba, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 471 77 37

Copyright da edição portuguesa: © Publicações Dom Quixote, 2022
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.leya.com

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.
Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Esta edição não poderá ser comercializada no Brasil nem na América Latina.

Ficha Técnica

PARTE UM - Pássaro

1 Cristais

2 Fios

3 Nevão

4 Pássaros

5 A luz que resta

6 Árvores

PARTE DOIS - Noite

1 Não nos separamos

2 Sombras

3 Vento

4 Quietude

5 Descida

6 O mar profundo

PARTE TRÊS - Chama

PARTE UM

Pássaro

1

Cristais

Uma neve esparsa caía.

Eu estava num terreno plano que subia uma colina baixa. Ao longo do cume desta colina e descendo pela sua face visível até à junção com a planície, milhares de troncos negros emergiam da terra. Variavam em altura, como uma multidão de pessoas de diferentes idades, e eram tão grossos como travessas de caminho de ferro, embora não fossem tão retos. Curvados e imóveis, davam a impressão de mil homens, mulheres e crianças desfigurados, amontoados na neve.

Será um cemitério?, pensei. Serão lápides?

Passei pelos torsos – copas das árvores decepadas, cortes transversais expostos salpicados por flocos de neve que se assemelhavam a cristais de sal; passei pelos troncos prostrados atrás deles. Os meus pés pararam quando me apercebi da sensação de ter água debaixo dos pés. Que estranho, pensei. Pouco depois a água já me chegava aos tornozelos. Olhei para trás. O que vi surpreendeu-me: ao longe, o horizonte era a linha costeira. E o mar estava a avançar.

As palavras caíram-me dos lábios: Quem iria enterrar pessoas num sítio daqueles?

A corrente era forte. Teria a maré subido e descido assim todos os dias? Teriam os montes mais baixos sido já escavados e os ossos há muito levados?

Não havia tempo. As sepulturas já submersas estavam fora de alcance, mas, aos restos mortais mais acima na encosta, precisava de os levar para um lugar seguro. Agora, antes que o mar avançasse ainda

mais. Mas como? Não havia ninguém por perto. Eu não tinha uma pá. Como chegaria a todos eles? Desorientada, corri pelo matagal de árvores negras, com os joelhos a rasgarem a água que subia.

Quando abri os olhos, ainda não tinha amanhecido. O campo coberto de neve, os torsos negros, a maré cheia, tinham desaparecido; a única coisa que o meu olhar encontrou foi a janela do meu quarto às escuras. Fechei os olhos. Outro sonho com G..., só podia ser. Este pensamento fez-me cobrir as pálpebras com a palma fria da mão e continuar deitada, imóvel.



O sonho tinha ocorrido no verão de 2014, alguns meses após a publicação do meu livro sobre o massacre em G.... Nos quatro anos seguintes, nunca me ocorreu questionar a ligação do sonho com aquela cidade. Mas este verão comecei a pensar se poderia haver mais qualquer coisa. Se a minha conclusão rápida e intuitiva estaria errada ou fora uma simplificação excessiva.

O calor sufocante da noite não diminuiu durante três semanas. Mais uma vez, estava deitada debaixo do ar condicionado avariado da minha sala de estar, com a esperança de adormecer. Já tinha tomado vários duches frios, no entanto, apesar de estar deitada nua no chão, o meu corpo encharcado em suor não arrefecia. Finalmente, por volta das cinco da manhã, a temperatura começou a baixar. Iria ser uma dádiva breve, pois o Sol nasceria dentro de meia hora. Mas eu senti que poderia por fim dormir, e cheguei mesmo a adormecer quando a planície surgiu por baixo das minhas pálpebras fechadas: neve espalhada sobre as fileiras de madeira negra; flocos de neve cintilantes como sal, a salpicar os torsos decepados; tudo isto diante dos meus olhos, tão vívido como o dia.

Não sei o que desencadeou isto, este tremor. O meu corpo parecia atormentado por soluços, embora os meus olhos permanecessem secos. Seria terror? Ou ansiedade, agitação, talvez uma angústia abrupta? Não, era uma consciência que fazia arrepiar os ossos. De uma faca gigante e

invisível – a sua pesada lâmina impossibilitava qualquer capacidade humana de a manejar – que pairava no ar, tendo-me como alvo. E eu incapaz de me mexer e ali, a olhar.

O mar negro-azulado que se agitava, levando os ossos sob os montes de terra – ocorreu-me pela primeira vez que aquilo podia não ser uma alusão ao povo massacrado e às décadas que se seguiram. Podia ser simplesmente um presságio pessoal. Sim, talvez aquela paisagem de sepulturas inundadas e lápides silenciosas fosse uma insinuação adivinhada, um sinal do que estava ainda por vir na minha vida.

Por outras palavras, este preciso momento.



Nos quatro anos entre a primeira vez que tive o sonho e aquela manhã de início de verão, tinha-me separado de várias pessoas na minha vida. Algumas dessas separações tinham sido por escolha própria, enquanto outras me tinham apanhado completamente desprevenida; lutei contra estas últimas com tudo o que tinha. Se, como dizem várias religiões antigas, existe num reino celeste ou num submundo um imenso espelho que observa e regista os movimentos de todos, tenho a certeza de que os últimos três ou quatro anos da minha vida, aí registados, devem assemelhar-se a um caracol que sai da concha para empurrar o longo fio de uma faca. Um corpo desejoso de viver. Um corpo picado e cortado. Um corpo que é rejeitado, que abraça, que se agarra. Um corpo ajoelhado. Um corpo suplicante. Um corpo a verter sangue, pus ou lágrimas.

Até que, no princípio da primavera deste ano, depois de muita luta, tinha assinado o contrato de arrendamento de um estúdio num complexo de apartamentos com varandas corridas mesmo à saída de Seul. Já não me restava ninguém de quem tivesse de cuidar, nem nenhum emprego aonde ir, mas demoraria algum tempo a tomar consciência deste facto. Tinha trabalhado durante muitos anos para ganhar a vida e sustentar a minha família. Essa tinha sido sempre a minha prioridade. Quando

escrevia, roubava essas horas ao sono, enquanto alimentava a secreta esperança de um dia ter então o tempo que quisesse para escrever. Mas, no fim da primavera, esse desejo tinha desaparecido por completo.

Deixei as minhas coisas onde quer que os homens das mudanças as tivessem pousado, sem as desempacotar, e passei a maior parte do tempo na cama, embora praticamente não dormisse. Continuei assim até julho. Não cozinhava. Não me aventurava a sair. Sobrevivia à custa de água e de pequenas quantidades de arroz e de *kimchi*^[1] branco, que encomendava *online* e mandava entregar. Quando começavam as enxaquecas e os espasmos abdominais, vomitava o que tinha comido. Uma noite, já me tinha inclusive sentado e escrito o meu testamento. Numa carta que começava simplesmente com *Por favor, tomem nota do seguinte*, indicava por poucas palavras em que caixa de que gaveta estava o meu livro de cheques, a apólice do seguro e o contrato de arrendamento, quanto dinheiro queria que fosse gasto em quê, e a quem devia ser entregue o resto das minhas poupanças. Quanto à pessoa que devia executar este meu pedido, não consegui nomeá-la e deixei um espaço em branco, tal como no destinatário do dinheiro. Não conseguia decidir quem, se é que alguém, merecia tal incómodo. Tentei acrescentar uma ou duas palavras de agradecimento e um pedido de desculpas, dizendo que iria compensar essa pessoa pela maçada e indicando uma quantia a isso destinada, mas continuava a não conseguir decidir-me por um nome.

O que finalmente me fez sair do pântano da minha cama, depois de semanas a esforçar-me por dormir, foi o meu sentido de responsabilidade em relação a este destinatário não identificado. Pensando nas poucas pessoas que conhecia, uma das quais, embora ainda não tivesse decidido qual, teria de tratar de quaisquer pontas soltas, comecei a arrumar o apartamento. Teria de deitar fora as filas de garrafas de água vazias que estavam na cozinha, as roupas e os cobertores, o que seria certamente uma canseira, mais os registos pessoais, diários e notas. Com os primeiros sacos de lixo em cada mão, calcei uns ténis e abri a porta da frente pela primeira vez em dois meses. O sol de verão inundava o corredor virado a oeste; a luz da tarde foi uma revelação. Desci no elevador, passei pela casa da porteira, atravessei a

praceta do complexo habitacional – e senti, durante todo este tempo, que estava a testemunhar algo. O mundo habitado. O tempo que fazia. A humidade do ar e a força da gravidade.

Voltei para cima e, passando pelos montes de trapos, entrei na casa de banho. Abri a torneira da água quente e sentei-me debaixo do chuveiro vestida. Os azulejos sob os meus pés enroscados, o vapor a tornar cada vez mais difícil respirar, a blusa de algodão a ficar pesada enquanto se colava às minhas costas, a água a escorrer-me pela testa, e o cabelo que, entretanto, me cobria os olhos até ao queixo, ao peito, ao estômago: ainda consigo sentir cada uma dessas sensações.

Saí da casa de banho, despi a roupa encharcada, procurei e vesti as roupas decentes que consegui encontrar. Dobrei duas notas de 10 000 *won*^[2] em pequenos quadrados, meti-as no bolso e saí. Fui até uma loja de *juk*^[3] atrás de uma estação de metro próxima e pedi o que me pareceu a opção mais suave do menu, um *juk* de pinhão. Demorei o meu tempo a conseguir comer a tigela de papa de arroz demasiado quente e, enquanto o fazia, as pessoas passavam pela montra com uns corpos que pareciam frágeis ao ponto de se estilhaçarem. Apercebi-me de que a vida era uma coisa extremamente vulnerável. A carne, os órgãos, os ossos, os fôlegos que passavam diante dos meus olhos, tinham todos dentro de si o potencial de se quebrar, de cessar – tão facilmente, e bastando uma única decisão.

Foi assim que a morte me evitou. Como um asteroide que se pensa estar em rota de colisão e evita a Terra por um triz, passando a uma velocidade furiosa e sem lugar para arrependimentos nem hesitações.



Não me tinha reconciliado com a vida, mas tinha de recomeçar a viver.

Quase dois meses de isolamento e ter estado à beira de morrer à fome tinham-me deixado com uma perda considerável de massa muscular. Para quebrar o ciclo de enxaquecas, espasmos abdominais e analgésicos

ricos em cafeína, tinha de comer e de me mexer regularmente. Mas, antes que eu pudesse fazer qualquer tentativa séria, chegou a onda de calor. No primeiro dia, o mercúrio subiu acima da nossa temperatura corporal média e, ao ligar o ar condicionado que o inquilino anterior tinha deixado, descobri que estava avariado. Quando, depois de muitas tentativas de ligar para várias empresas de reparação de AC, consegui finalmente que uma me atendesse, disseram-me que, de momento, estavam inundados de pedidos devido ao calor extremo e que só poderiam vir a minha casa no fim de agosto. Comprar um aparelho de ar condicionado novo foi igualmente difícil.

O mais sensato teria sido procurar abrigo em espaços interiores frescos. Mas eu não conseguia enfrentar a presença de outras pessoas em cafés, nem em bibliotecas ou bancos. Por isso, fiz o que pude: deitei-me no chão da sala de estar e tentei manter a temperatura corporal baixa, tomei frequentemente duchas de água fria para evitar a exaustão pelo calor e aventurei-me a sair para comer algum *juk* por volta das oito da noite, quando o calor já se tinha dissipado um pouco. O ar condicionado da loja era incrivelmente agradável, enquanto lá fora, para além das montras tão embaciadas como numa noite de inverno, se viam pessoas a andar em direção às suas casas para passarem a noite, cada uma agarrada a uma ventoinha portátil apontada à cara. Enchiam assim as ruas numa noite tropical cujo calor, como a eternidade, não tinha fim e para onde eu teria inevitavelmente de voltar.

Numa dessas noites, saí da loja, parei numa passadeira e senti na cara um jato de ar tórrido vindo do asfalto ainda quente. Tinha de continuar a minha carta, pensei. Não, tinha de a começar de novo. Escreveria uma nova para substituir a missiva dirigida a ninguém, a que eu tinha metido num envelope com a inscrição «Testamento Final» a tinta permanente. Começaria do zero. Mudaria de rumo.



Mas, para a escrever, tinha de pensar primeiro.

Quando é que tudo tinha começado a desmoronar-se?
Onde é que o caminho se tinha bifurcado?
Que discussão e que rutura é que tinham marcado o ponto de viragem?

Há pessoas que brandem a sua arma mais afiada no momento em que se vão embora. Sabemo-lo por experiência própria. Fazem-no para cortar a parte mais macia da pessoa que vão deixar com a precisão que a proximidade lhes dá.

Não quero viver de bruços no chão como tu.

Deixo-te para que possas respirar.

Quero viver, não quero estar meio morta.



Comecei a ter pesadelos no inverno de 2012, depois de ter começado a fazer pesquisa para o livro que viria a escrever. Inicialmente, eram sonhos de pura violência. A fugir de tropas aerotransportadas, a ser espancada no ombro, a cair ao chão. Não me consigo lembrar do rosto do homem fardado que me deu um pontapé na anca enquanto eu estava esparramada no chão e me virou com as botas. Aquilo de que me lembro é do arrepio que me percorreu quando ele agarrou na arma com as duas mãos e espetou a baioneta no meu peito.

Não querendo lançar uma sombra sobre a minha família – principalmente sobre a minha filha –, encontrei um espaço para escrever a quinze minutos a pé de casa. O plano era limitar a escrita a esse lugar e regressar à vida quotidiana no momento em que saísse. O espaço ficava no primeiro andar de uma casa em tijolo à vista que tinha sido construída na década de oitenta e não tivera quaisquer obras de melhoramento em três décadas. Comprei uma lata de tinta branca à base

de água e pintei a porta de metal, que estava muito riscada, e depois pendurei um lenço por cima da janela para tapar uma fenda na velha ombreira de madeira. Das nove ao meio-dia, nos dias em que tinha de dar aulas, e até às cinco da tarde nos dias em que não tinha, ia para lá ler os materiais que recolhera ou tirar notas.

De manhã e à noite, continuava a cozinhar e a sentar-me a comer com a minha família. Tentava ter o máximo de conversas possível com a minha filha, que acabara de entrar para a escola secundária e se deparava constantemente com situações novas. Mas sentia-me dividida. Mesmo nesses momentos privados, sentia a sombra do livro à espreita – quando acendia o fogão e estava à espera de que a água fervesse, ou no breve tempo que demorava a mergulhar fatias de tofu em ovo e a vê-las dourar de ambos os lados.

O caminho para o lugar de escrita era ao longo de um riacho, e havia uma parte em que o terreno, com bastantes árvores de ambos os lados, começava a descer e, de repente, deixava de ter árvores. Tinha de andar trezentos metros por esse espaço aberto para chegar à parte vazia por baixo da ponte que servia de ringue de patinagem. Esta distância parecia interminável pois, enquanto a percorria apressada, estava completamente vulnerável e indefesa. Imaginava *snipers* à espreita nos telhados que ladeavam a estrada de uma só faixa do outro lado, com as armas apontadas às pessoas que passavam lá em baixo. Claro que eu sabia que isso não fazia sentido, que era apenas a minha ansiedade a falar.

Uma noite, no final da primavera de 2013, quando as minhas insónias estavam a piorar e a minha respiração a ficar cada vez mais superficial – «Porque é que tens de respirar assim?», tinha-se queixado um dia a minha filha –, acordei por volta da uma da manhã, assustada com um pesadelo. Desisti completamente de dormir e saí para comprar água. Não havia ninguém à vista, nem sequer um carro a passar, o que fazia com que os semáforos parecessem redundantes. Mesmo assim fiquei parada, à espera de que o sinal ficasse verde, com a mente à deriva, de olhos fixos na luz forte da loja de conveniência do outro lado da estrada de duas faixas que ia dar ao complexo de apartamentos. Quando voltei a concentrar-me, havia uma linha de cerca de trinta homens a caminhar em fila indiana no passeio do outro lado. Tinham o cabelo comprido, estavam fardados com o uniforme das forças de reserva e, embora cada

um deles levasse uma espingarda ao ombro, andavam como crianças cansadas numa excursão da escola, a arrastar os pés e com uma postura mole e indisciplinada.

Quando alguém que não dorme bem há algum tempo, e anda a passar por um período de pesadelos que se confundem com a realidade, se depara com uma cena em que lhe custa acreditar, pode muito bem, a princípio, duvidar de si próprio. Será que estou mesmo a ver isto? Ou será que isto faz parte do meu pesadelo? E: até que ponto posso confiar nos meus sentidos?

Os homens estavam envoltos num silêncio abafado, como se alguém tivesse carregado no botão que silenciava a cena que se desenrolava à minha frente. Continuei imóvel, seguindo as suas costas com o olhar até o último desaparecer no cruzamento escuro. Não era um sonho. Não estava minimamente sonolenta e não tinha estado a beber. Mas também não conseguia acreditar no que tinha visto. Disse a mim própria que aqueles homens podiam estar num treino noturno, pois afinal de contas havia uma zona de treino das forças de reserva em Naegok-dong, logo a seguir a Umyeonsan. No entanto, isso implicaria que os homens tivessem andado mais de dez quilómetros pela colina, àquele hora tardia e na escuridão total. Se isto era um treino adequado para tropas de reserva, não sabia. Na manhã seguinte, senti uma vontade enorme de telefonar a qualquer um dos meus conhecidos que tinham cumprido o serviço militar obrigatório para perguntar se o era, mas também não queria ser considerada excêntrica, como sentia que estava a ser. Até hoje, não disse uma única palavra sobre aquela noite a ninguém.



Juntamente com mulheres que não conhecia, desci ao poço, ajudando-as a agarrar os seus filhos. Pensámos que lá em baixo seria seguro, mas, sem aviso, uma chuva de balas caiu sobre nós, vinda de cima. As mulheres apertaram os filhos contra os seus corpos, protegendo-os o melhor que conseguiam. Do fundo do que pensávamos

ser um poço seco, escorreu um líquido cheio de ervas, viscoso como borracha derretida, e subiu rapidamente à nossa volta. Engolindo o nosso sangue e os nossos gritos.



Ia a caminhar por uma estrada deserta com alguns companheiros de cujos rostos não me consigo lembrar. Vimos um carro ligeiro preto estacionado na berma e alguém disse, Ele está lá dentro. Nenhum nome foi mencionado, mas percebemos imediatamente que quem tinha ordenado o massacre naquela primavera se encontrava no carro. Enquanto estávamos a olhar, o carro arrancou e virou para as imediações de um grande edifício de pedra. Alguém disse, Devíamos segui-lo. Dirigimo-nos então para o edifício. Éramos vários quando partimos mas, quando entrámos no edifício vazio, só restavam dois de nós, eu incluída. Ao meu lado estava alguém em silêncio. Pressenti que era um homem e que parecia estar a seguir-me com relutância. Éramos só dois – o que podiam duas pessoas fazer? Escapava-se alguma luz de uma sala ao fundo do corredor escuro. Quando entrámos, o responsável pelo assassinio em massa estava de costas para uma parede. Tinha um fósforo aceso numa mão. Foi então que me apercebi de que eu e o meu companheiro também segurávamos, cada um, um fósforo. Poderíamos falar enquanto os fósforos ardessem. Ninguém nos tinha dito, mas sabíamos que era essa a regra. O fósforo do assassino já havia ardido quase todo, a chama estava a chegar ao polegar. Os nossos continuavam acesos, mas ardiam depressa. Achei que devia dizer, Assassino. Abri a boca.

Assassino.

A minha voz recusou-se a sair.

Assassino.

Mais alto, tinha de falar mais alto.

Que vais fazer em relação a todas as pessoas que mataste?, disse eu, usando toda a energia que me restava.

Depois pensei se devia matá-lo naquele momento, se aquela seria a última oportunidade que qualquer um de nós teria. Mas como? Como é que poderíamos? Olhei de relance para o lado e vislumbrei a frágil chama cor de laranja do fósforo do meu companheiro – o meu companheiro de rosto pálido e fôlego ténue – esmorecer. Naquela luz, tive a noção de quão jovem era o detentor daquele fósforo. Era apenas um miúdo desengonçado.



Acabei o manuscrito e levei-o ao meu editor em janeiro do ano seguinte. Queria pedir-lhe que o publicasse o mais depressa possível. Porque tinha pensado, estupidamente, que, quando o livro saísse, os pesadelos acabariam. O editor disse-me que, em termos de promoção, seria mais indicado adiar o lançamento para maio.

Não seria melhor calendarizar o lançamento de modo a que uma pessoa mais o pudesse comprar?, perguntou-me.

Estas palavras convenceram-me. Enquanto esperava, reescrevi um capítulo do livro. Depois foi a vez de o editor me apressar, até que finalmente entreguei o manuscrito final em abril. O livro saiu quase no mesmo dia, em meados de maio. Como era de esperar, os pesadelos continuaram. Olhando para trás, essa ideia deixa-me perplexa. Tendo eu decidido escrever sobre assassínios em massa e tortura, como é que podia esperar tão ingenuamente – imprudentemente até – livrar-me desse sofrimento, libertar-me com tanta facilidade dos seus vestígios?



Depois, houve a noite em que despertei dessa floresta negra e tapei os olhos com a palma da minha mão fria.

Às vezes, acontece com alguns sonhos acordarmos e termos a sensação de que o sonho continua noutra sítio qualquer. Este sonho é assim. Enquanto estou a comer, a beber chá, a andar de autocarro, a caminhar de mão dada com a minha filha, a fazer as malas antes de uma viagem ou a subir os degraus intermináveis de uma estação de metro, há

um lado de mim em que está a nevar ininterruptamente, numa planície onde nunca estive. Sobre árvores negras cortadas como torsos, formam-se deslumbrantes cristais hexagonais, que depois se desfazem. Assustada, com os pés debaixo de água, olho para trás. E lá está ele: o mar, a entrar terra adentro.

Incapaz de esquecer esta cena, que visualizava repetidamente, tive uma ideia. Podia encontrar um local adequado e aí plantar alguns troncos, tal como apareciam no meu sonho. Talvez não fosse viável plantá-los aos milhares, mas noventa e nove – um número que se abre para o infinito – talvez funcionasse; e depois, juntamente com cerca de uma dúzia de pessoas com objetivos comuns, podíamos revestir as árvores de *meok*^[4] preto. Tingi-las com a mesma devoção com que se envolve alguém em roupões tecidos na noite profunda, para que o seu sono possa permanecer eternamente ininterrupto. E, depois de estar tudo pronto, poderíamos esperar. Não pelo mar, mas pela neve branca como um manto, que desceria dos céus e os cobriria todos.

E o processo podia ser documentado numa curta-metragem, sugeri a uma amiga que já tinha trabalhado com fotografia e em documentários. Ela concordou imediatamente. Prometemos levar o projeto juntas a bom porto, mas não foi fácil encontrar o momento certo nas nossas agendas e, num ápice, já se tinham passado quatro anos.



Depois, há a noite de calor em que regresso envolta no ar abafado pelo asfalto para uma casa vazia e um duche frio. Todas as noites, as pessoas dos apartamentos por cima e por baixo e de ambos os lados do meu ligam os seus aparelhos de ar condicionado, e eu sou obrigada a fechar as portas e as janelas para não apanhar com o ar infernal que sai das ventoinhas de arrefecimento dos aparelhos. Sento-me à secretária no que bem podia ser uma sauna, até que a frescura remanescente do duche se evapore. O envelope com o meu testamento está em cima da secretária, ainda sem destinatário. Pego nele e rasgo-o em pedaços.

Começa de novo.

Um feitiço que está sempre certo, sempre correto.

Começo de novo. Ao fim de cinco minutos, o suor escorre-me pela pele. Tomo outro duche frio e volto para a secretária. Rasgo a terrível carta que escrevi há pouco.

Começa de novo.

Escreve uma carta de despedida como deve ser, uma verdadeira despedida.

No verão anterior, quando a minha vida privada começou a desfazer-se como um cubo de açúcar na água e as verdadeiras separações que se seguiriam eram ainda apenas uma premonição, tinha escrito uma história intitulada «Despedida», uma história sobre uma mulher de neve que se derrete sob o granizo. Mas essa não pode ser a minha real e derradeira despedida.

Sempre que o suor me fazia arder demasiado os olhos para continuar, voltava para o duche. De regresso à secretária, rasgava o que tinha escrito. Quando finalmente deitei o meu corpo pegajoso no chão, com mais uma carta ainda por recomeçar, o dia estava a nascer azulado. Como uma bênção, senti a temperatura baixar ligeiramente. Pensei que podia por fim descansar um pouco, e estava mesmo a dormir quando a neve começou a cair sobre a planície. Uma neve que parecia estar a cair há décadas – não, há séculos.



Eles ainda estão a salvo.

Foi o que disse a mim mesma enquanto olhava em desafio para o campo coberto de neve, recusando-me a virar as costas à consciência que me agarrava como uma lâmina pesada e suspensa.

As árvores plantadas ao longo da colina até ao topo estavam a salvo, porque se encontravam fora do alcance da maré cheia. As sepulturas atrás do bosque também estavam a salvo, porque o mar não conseguia subir tanto. Os ossos brancos das centenas de pessoas ali enterradas

permaneceriam frios, limpos e secos. As ondas não podiam levá-los. As árvores negras mantinham-se firmes sob a neve que caía, as raízes não estavam húmidas nem podres. A neve caía há décadas – não, há séculos.

Foi nessa altura que percebi.

Que tinha de ir, que tinha de virar as costas aos ossos mais abaixo, que já se tinham perdido nas ondas. Tinha de subir até ao cume, antes que fosse tarde demais, separando-me da água furiosa que agora me chegava aos joelhos. Sem esperar por ninguém, ciente de que não viriam ajudar-me, sem hesitar, subi até ao cimo. Havia cristais brancos de neve a cair sobre as árvores até onde a minha vista alcançava.

Já não tinha mais tempo.

Era a única maneira, isto é,
se eu quisesse continuar.

Continuar a viver.

^[1] Vegetais condimentados e fermentados. É considerado um alimento-base da dieta coreana e existe em muitas variedades, sendo o branco feito sem a pimenta em pó vermelha comumente usada, o que lhe confere um sabor suave, limpo e menos picante. [N. da T.]

^[2] Cada nota equivale aproximadamente a 6,70 €. [N. da R.]

^[3] Papa salgada à base de arroz, à qual podem ser acrescentados diversos ingredientes. Lembra a canja, pois é geralmente consumida quando se está doente. [N. da T.]

^[4] Tinta negra coreana tradicional. Existe sob a forma de bastão sólido, que depois é esfregado e a que se juntam outros elementos para pintar. [N. da T.]

2

Fios

Mas continuava a ter dificuldade em dormir.
Mal conseguia comer.
A minha respiração mantinha-se fraca.
Continuava da forma que aqueles que partiram disseram que não
aguentariam testemunhar.

O verão em que o mundo tentou falar comigo, incessantemente e com um volume avassalador, tinha acabado. Já não estava constantemente a suar. Já não tinha de me deitar no chão, com o corpo fraco e apático. Já não precisava de tomar sucessivos e intermináveis duches frios.

Tinha-se formado uma fronteira desoladora entre mim e o mundo. Encontrei uma camisa de manga comprida e umas calças de ganga, vesti-as e subi a rua, onde o ar abafado se tinha dissipado, até à loja de *juk*. Continuava a não conseguir cozinhar. Não aguentava mais do que uma refeição por dia. Acima de tudo, não conseguia lembrar-me de como era cozinhar ou partilhar uma refeição com alguém. Mas a rotina voltou. Continuei a não me encontrar com ninguém e a não atender chamadas, mas voltei a ver os meus *e-mails* e a ouvir as mensagens telefónicas regularmente. Todas as manhãs, ao amanhecer, me sentava à secretária e escrevia, sempre a partir do zero, uma carta de despedida dirigida a toda a gente.

Aos poucos, a noite foi-se alongando. A cada novo dia, reparava que o ar estava mais fresco. Pela primeira vez desde que me mudara para aqui, fui dar um passeio pelo caminho que passava pela parte de trás do complexo habitacional. O mês de novembro estava a começar, e os imponentes áceres eram vermelho-fogo e brilhavam com o sol. Beleza – mas os meus circuitos internos que sentiam a beleza estavam mortos ou a falhar. Uma manhã, a primeira geada da estação cobriu o chão já meio congelado e, quando as solas dos meus ténis lhe tocaram, ouvi um ranger seco. Passei por folhas de outono quebradiças e tão grandes como rostos jovens, e pelos troncos dos áceres repentinamente despidos que, como sugere o seu nome coreano, *buhzeum* – pele escamada –, pareciam carne acinzentada rasgada.



Naquela manhã de finais de dezembro em que recebi a SMS da Inseon, regressava do meu passeio. Depois de um mês de temperaturas abaixo de zero, os áceres tinham deixado cair todas as suas folhas.

Kyungha-ya.

Era esta a totalidade da mensagem: o meu nome.

Conheci a Inseon no ano em que me formei. Fui contratada por uma revista cujos jornalistas tiravam quase sempre as próprias fotografias, porque os editores não tinham nenhum funcionário que fosse fotógrafo; mas, para entrevistas importantes e artigos de viagem, trabalhávamos com *freelancers* que nós próprios contratávamos. Ir para a estrada significava passar às vezes três noites e quatro dias juntos e, seguindo o conselho dos meus superiores, que diziam que era melhor as mulheres juntarem-se a mulheres e os homens a homens, telefonei a várias produtoras fotográficas até me apresentarem a Inseon, que por acaso tinha a mesma idade que eu. Durante os três anos seguintes, fizemos trabalhos juntas todos os meses, até eu sair da revista, e, como éramos amigas há mais de duas décadas, eu já conhecia a maior parte dos seus hábitos. Quando ela começava uma conversa dizendo o meu nome, já sabia que não era simplesmente para saber como é que eu estava, mas porque queria falar sobre algo específico e urgente.

Olá. Está tudo bem?

Tirei a luva de lã para lhe responder e depois fiquei à espera. Vendo que não havia resposta dela, estava a calçar outra vez a luva quando chegou outra mensagem.

Podes vir imediatamente?

Inseon não vivia em Seul. Era filha única e nascera quando a mãe já tinha quase quarenta anos, pelo que conviveu com a crescente fragilidade materna mais cedo do que a maioria. Há oito anos, regressou a uma aldeia de montanha, na ilha de Jeju, para cuidar da mãe, que morreu quatro anos depois; desde então, ficou a viver sozinha naquela casa. Antes disso, estávamos constantemente a ir a casa uma da outra para cozinhar e comer juntas e para pôr a conversa em dia, mas, devido à distância física e ao facto de cada uma de nós ter de lidar com as rasteiras da vida, as nossas visitas tornaram-se menos frequentes e mais distantes. Eventualmente, o intervalo passou a ser de um ano inteiro e, depois, dois. A minha última viagem a Jeju tinha sido no outono do ano anterior. Durante os quatro dias que passei com ela – na despreziosa casa de pedra com as vigas de madeira à mostra, uma habitação cuja única obra de melhoramento que tivera fora a construção de uma casa de banho dentro de casa –, apresentou-me um casal de pequenos periquitos brancos que tinha comprado havia dois anos, num dos mercados que se realizavam a cada cinco dias. Um deles até conseguia dizer uma ou duas palavras simples. Depois, conduziu-me pelo pátio até à sua oficina de carpintaria, onde dizia passar a maior parte do dia. Mostrou-me as cadeiras que tinha feito a partir de cepos de árvores, aplainadas e numa peça única, sem juntas ou encaixes. Por qualquer razão, vendiam-se bastante bem e ajudavam-na a pagar as contas. Senta-te, vê como são confortáveis, insistiu. Mais tarde, deitou algumas amoras-silvestres e framboesas numa chaleira e fez-me um chá amargo e bastante insípido no fogão a lenha. Tinha apanhado as bagas nesse verão, no bosque acima da casa. Enquanto eu bebia o chá, resmungando sobre o seu sabor, Inseon, de calças de ganga e sapatos de trabalho, prendeu o cabelo, meteu uma lapiseira atrás da orelha, como um mestre artesão que aparecesse num qualquer documentário televisivo, e pôs-se a trabalhar, medindo e desenhando linhas numa tábua com um esquadro.

Não podia estar a falar de ir à sua casa em Jeju. *Onde é que estás?*, perguntei na minha mensagem seguinte, e a resposta de Inseon chegou logo. Era o nome de um hospital em Seul, mas que eu não conhecia. A seguir veio a mesma pergunta de antes.

Podes vir imediatamente?

Depois, outra mensagem.

Traz identificação.

Pensei se não seria melhor passar por minha casa primeiro. Tinha vestido um casaco comprido que era dois números acima do meu, mas pelo menos estava limpo. Na carteira que tinha no bolso havia um cartão de crédito que podia usar para levantar dinheiro e também o meu documento de identificação. Ia já a meio caminho da praça de táxis junto à estação de metro mais próxima quando vi um táxi livre aproximar-se e o mandei parar.



A primeira coisa que vi foram as letras pretas na faixa suja que ostentava que aquele hospital era o *Melhor do País*. Paguei o táxi e dirigi-me à entrada do edifício, pensando por que razão, se realmente era o melhor do país em costuras de feridas cirúrgicas, eu nunca tinha ouvido falar daquele lugar. Passei pela porta giratória e entrei num átrio pouco iluminado com acabamentos já gastos. Numa das paredes, havia algumas fotografias de uma mão e de um pé, cada um sem um dedo. Quis desviar os olhos, mas obriguei-me a olhar para elas. Sabendo que a minha memória podia distorcer as imagens em algo mais assustador, pensei que mais valia olhar. Mas enganei-me; aquelas fotografias iam-se tornando mais dolorosas quanto mais de perto as via. Os meus olhos passaram relutantemente para o conjunto seguinte de fotografias: a mesma mão e o mesmo pé, agora com um dedo suturado na mão e outro no pé. Havia uma diferença acentuada no tom e na textura da pele de cada lado das costuras.

Apercebi-me de que Inseon devia ter sofrido um acidente semelhante na oficina, e que seria talvez por isso que estava ali.

Há pessoas que mudam por iniciativa própria o rumo da sua vida. Arriscam escolhas ousadas, com as quais os outros raramente sonham, e depois fazem tudo o que podem, tornando-se responsáveis pelas suas ações e respetivas consequências. E, com o tempo, não importa o caminho que seguem, as pessoas à sua volta deixam de ficar surpreendidas. Depois de ter estudado fotografia na faculdade, Inseon interessou-se aos vinte e poucos pela realização de documentários e passou uma década a dedicar-se a esta profissão mal paga. Claro que aceitava todos os trabalhos de realização que lhe aparecessem pela frente para fazer face às despesas, mas, como todo o dinheiro que ganhava era canalizado para os seus próprios filmes, estava sempre falida. Comia pouco, gastava pouco e trabalhava muito. Levava um almoço frugal para onde quer que fosse, não usava maquilhagem e cortava o próprio cabelo com uma tesoura de desbaste. Pregava casacos de malha ao forro da sua única *parka* de algodão e do seu único casaco para os tornar mais quentes. Surpreendentemente, estes hábitos até pareciam naturais, despretensiosos e mesmo com estilo.

Das curtas-metragens que fazia de dois em dois anos, a primeira a receber críticas favoráveis foi uma série de entrevistas realizada nas densas florestas do Vietname. As mulheres que entrevistou falavam de agressões sexuais perpetradas por militares coreanos durante a guerra. Com base nesse filme, em que a própria natureza parecia ser o tema principal, de tão cativantes que eram as imagens da luz do sol e da densa folhagem tropical, Inseon recebeu uma bolsa de uma fundação cultural privada para produzir o documentário seguinte. O filme que daí resultou teve um orçamento que, para ela, era relativamente elevado e se centrava na vida quotidiana de uma idosa que tinha participado nos grupos armados da Manchúria que lutavam pela independência da Coreia nos anos quarenta e que agora sofria de demência. Gostei deste trabalho: os planos calmos dos olhos vazios da mulher e o seu silêncio enquanto se apoiava na filha ou usava uma bengala para se deslocar dentro de casa, intercalados com planos das intermináveis florestas tropicais das planícies da Manchúria. Depois disso, todos esperavam que o projeto seguinte de Inseon se centrasse novamente em testemunhos de mulheres cujas vidas se tinham cruzado com a História, mas, surpreendentemente, ela virou a câmara para si própria. Sombras, joelhos, mãos: uma mulher

visível apenas como uma figura ténue, sentada na escuridão, a juntar lentamente as palavras. Só quem a conhecesse suficientemente bem para lhe reconhecer a voz conseguiria perceber que a entrevistada era Inseon. Além de breves planos de corte que mostravam imagens a preto e branco de Jeju em 1948, não havia uma linha narrativa clara; as pausas entre as palavras eram muito prolongadas; e, ao longo do filme, manchas de luz desvaneciam-se e reapareciam repetidamente na sombra de uma parede caiada. O filme deixou as pessoas perplexas e desiludidas, sobretudo aquelas que esperavam uma repetição dos testemunhos verdadeiramente comoventes dos seus trabalhos anteriores. Independentemente da receção, Inseon tinha planeado juntar as três curtas para fazer a sua primeira longa-metragem. Depois, por uma qualquer razão desconhecida, meteu na gaveta este tríptico, como lhe chamava, e, em vez disso, candidatou-se e foi admitida numa escola de carpintaria cujas propinas eram financiadas pelo governo.

Eu sabia que Inseon era uma presença assídua numa carpintaria perto de casa e que, quando não estava a trabalhar, passava lá dias inteiros a cortar madeira, a medir e a juntar tábuas para fazer os seus próprios móveis. Fiquei maravilhada com isso. Mesmo assim, não conseguia acreditar que ela tivesse deixado o cinema para se tornar carpinteira. Também não fiquei totalmente convencida quando ela me contou da sua decisão de se mudar de forma permanente para a ilha de Jeju para cuidar da mãe, antes mesmo de ter concluído o curso de carpintaria, que durava um ano. Presumi que iria passar algum tempo a reconectar-se com a sua terra natal e que rapidamente voltaria a trabalhar em cinema. Mas, pouco tempo depois de chegar a Jeju, Inseon começou a transformar o barracão, outrora utilizado para guardar as tangerinas colhidas, numa oficina e a fazer móveis. E, quando a capacidade de perção da mãe desapareceu ao ponto de não poder ficar sozinha, Inseon montou uma pequena bancada na sala da casa e, com uma plaina e um cinzel, cortava, moldava e envernizava pequenos objetos de madeira, desde tábuas de cozinha e tabuleiros a colheres e conchas. Só depois de a mãe ter morrido é que ela limpou e reorganizou a oficina e voltou a fazer peças de mobiliário maiores.

Inseon era esguia mas alta, com um metro e setenta, e eu tinha-a visto manusear e transportar equipamento de filmagem desde os nossos vinte anos. Não a considerava demasiado frágil para a carpintaria, embora a sua escolha me tivesse surpreendido. No entanto, preocupava-me com os seus ferimentos frequentes. Pouco depois de perder a mãe, ficou com as calças de ganga presas numa rebarbadora elétrica e acabou com uma cicatriz de trinta centímetros desde o joelho até à coxa – Tentei puxar e puxar, mas não adiantou; a rebarbadora não parava de girar e de rugir e, caramba, era monstruosa, disse-me ela mais tarde, a rir – e, há dois anos, tinha partido o indicador esquerdo e rasgado um tendão ao tentar impedir que uma pilha de troncos que estava a carregar caíssem; precisou de meio ano de reabilitação e tratamento.

Mas, desta vez, deve ter sido pior. Deve ter-se cortado com gravidade.

Tinha de perguntar o número do quarto de Inseon, mas estava um casal jovem na receção, com uma criança ao colo que devia ter uns quatro ou cinco anos e tinha uma mão ligada. Pareciam em choque e à beira das lágrimas. Não podia aproximar-me da receção naquele momento; parei desajeitadamente no meio do átrio e depois virei-me, a olhar para além da porta giratória. Ainda não era meio-dia, mas a luz lá fora era turva. Sob um céu baixo que ameaçava neve, os prédios de betão do outro lado da rua amontoavam os seus corpos duros no ar frio e húmido.

Devia ter algum dinheiro comigo, pensei. Enquanto me dirigia para o multibanco ao fundo do átrio, pensei por que razão seria necessária a minha identificação. Talvez tivessem feito alguma cirurgia de urgência sem o consentimento de um familiar e agora precisassem de alguém que garantisse o pagamento. É que Inseon não tinha pais, nem irmãos, nem era casada.



Inseon-ah.

Quando a chamei pelo nome, ela estava deitada ao fundo de uma enfermaria de seis camas, com os olhos ansiosamente treinados a ver para lá da porta de vidro por onde eu acabara de entrar. Não era de mim

que ela estava à espera. Talvez precisasse urgentemente de uma enfermeira ou de um médico? Mas depois, como se de repente acordasse, Inseon reconheceu-me. Os seus olhos grandes abriram-se ainda mais e iluminaram-se, tornando-se logo a seguir tão finos como dois quartos crescentes aninhados num leito de linhas finas.

Vieste.

Vi-a mexer os lábios ao pronunciar as palavras.

Que aconteceu?, perguntei, aproximando-me da sua cama.

Por cima da bata larga do hospital, a sua clavícula fina parecia ainda mais saliente. O rosto era a única parte dela que parecia menos esquelética do que da última vez que a tinha visto, embora talvez isso se devesse ao inchaço.

Cortei os dedos, com a rebarbadora elétrica, disse Inseon num sussurro, como que para minimizar a utilização das cordas vocais, o que parecia sugerir que tinha magoado a garganta e não os dedos.

Que aconteceu? Quando?, perguntei.

Há duas manhãs.

Deslizou lentamente a mão na minha direção e acrescentou, Queres ver?

A mão não estava toda ligada, como eu esperava. As pontas do indicador e do dedo médio, ambas cortadas e recolocadas, encontravam-se à mostra. As costuras estavam cobertas de manchas de sangue, uma mistura de vermelho fresco e preto oxidado.

As minhas pálpebras devem ter pestanejado e tremido.

Um lindo espetáculo, não é?, disse Inseon.

Olhei para ela, sem saber como responder.

Bem me parecia, confirmou com um ligeiro sorriso. Reparei na sua palidez e pensei se teria perdido muito sangue. Quanto a estar a sussurrar, achei que o simples facto de falar devia causar-lhe dores.

A princípio, pensei que era apenas um corte profundo, acrescentou Inseon.

Inclinei-me para ouvir melhor o que estava a dizer e senti um leve cheiro a sangue.

Mas rapidamente as dores se tornaram insuportáveis, continuou ela. Foi difícil, mas consegui arrancar a luva de trabalho rasgada, e foi então que vi as pontas dos dedos.

Tinha de olhar para a boca dela para conseguir ouvir. Os seus lábios quase sem circulação tinham um tom arroxeadado.

Depois vi sangue a jorrar por todo o lado, continuou. Lembro-me de pensar que tinha de o estancar, mas, depois disso, é um vazio completo.

Vi um lampejo de autorrecriação no rosto dela.

Quer as mãos fiquem mais ou menos frias, disse ela, nunca se usam luvas de trabalho de algodão quando se utilizam ferramentas elétricas. O erro foi meu.

Ao ouvir alguém abrir a porta de vidro da enfermaria, Inseon virou a cabeça. Pelo súbito alívio no seu rosto, percebi que devia ser quem ela estava à espera pouco antes. Uma mulher de cabelo curto e avental castanho, que parecia ter cerca de sessenta e poucos anos, aproximou-se de nós.

Esta é a minha amiga, disse Inseon à mulher. Depois, para mim: Ela tem estado a cuidar de mim. Em turnos alternados, durante o dia.

A enfermeira, de aspeto simpático, sorriu e cumprimentou-me. Pôs um pouco de desinfetante na palma da mão – consegui sentir o cheiro do álcool de onde estava –, esfregou-o meticulosamente em ambas as mãos e depois pegou numa caixa de alumínio que estava em cima da mesa de cabeceira e pousou-a no colo.

O que se revelou um verdadeiro milagre, continuou Inseon, foi que uma senhora idosa que vive ao fundo da minha rua e de quem sou amiga tinha uma consulta no hospital universitário, aquele grande, nesse dia e, por isso, o filho tinha ido buscá-la para a levar para o centro de Jeju.

Enquanto Inseon falava, a caixa de alumínio abriu-se com um clique. Lá dentro, estavam duas agulhas de tamanhos diferentes, um frasco de álcool desinfetante, uma caixa de plástico com algodão esterilizado e duas pinças, tudo numa fila organizada.

O filho entrega encomendas e tem uma carrinha, ia dizendo Inseon, e passaram por minha casa porque a mulher queria deixar-me uma caixa de tangerinas. Como eu não aparecia à porta, apesar de a luz da minha oficina estar acesa, entraram para ver se estava tudo bem e encontraram-me caída no chão, desmaiada. Havia muito sangue e, por isso, tentaram primeiro estancar a hemorragia, depois puseram-me na parte de trás da carrinha e seguiram a toda a velocidade para o hospital. Durante a

viagem, ela foi a segurar a luva onde estavam as pontas dos meus dedos amputados. Depois, como não havia nenhum cirurgião de mãos na ilha, puseram-me no primeiro voo para Seul...

O sussurro de Inseon foi interrompido. A enfermeira tinha espetado uma agulha na costura ainda ensanguentada do indicador dela. A mão e os lábios de Inseon tremeram ao mesmo tempo. Vi a enfermeira desinfetar uma segunda agulha com uma bola de algodão embebida em álcool e, mais uma vez, com destreza e sem hesitação, picou o dedo médio de Inseon, para o fazer sangrar. Inseon só tornou a abrir a boca depois de a sua cuidadora ter tornado a desinfetar e arrumado novamente as duas agulhas na caixa de alumínio.

Dizem que a cirurgia correu bem, continuou então ela.

Embora ainda estivesse a sussurrar, de vez em quando apareciam uns sons mais vocais entre as suas palavras, talvez devido ao esforço de tentar abafar a dor.

O importante agora é garantir que a hemorragia não para, acrescentou ela.

Inseon estava a usar toda a sua força para sussurrar, e a voz do pivô do noticiário, vinda da televisão localizada à entrada da enfermaria, parecia-me irritantemente cansativa.

É preciso impedir que se formem crostas na ferida, continuou Inseon. Disseram que é fundamental deixar o sangue fluir, que tenho de sentir a dor. Caso contrário, os nervos por baixo do corte morrerão.

E o que acontece se morrerem?, perguntei, entorpecida.

Inseon animou-se de repente e quase dei por mim a sorrir para o seu rosto radiante de menina.

Apodrecem, claro. As pontas recolocadas.

Arregalou os olhos como se quisesse acrescentar, Obviamente, mas eu só consegui olhar para ela.

Por isso, fazemos isto de três em três minutos, para evitar que tal aconteça, disse Inseon. Vinte e quatro horas por dia. As enfermeiras fazem turnos.

De três em três minutos? Eu parecia ter perdido a capacidade de dizer qualquer coisa que não fosse um eco das palavras dela. E como é que dormes?

Eu estou aqui deitada na cama e a enfermeira da noite senta-se e passa pelas brasas ao meu lado, quando não está a picar-me com as agulhas.

E vão ter de fazer isto durante quanto tempo?

Mais três semanas.

Fiquei a olhar para os dedos de Inseon, cobertos de sangue vivo, inchados e com um aspeto ainda mais lívido do que antes. Levantei a cabeça, desejosa de desviar o olhar, mas dei com os olhos de Inseon.

São horríveis, não são?

Não, menti.

A mim parecem-me horríveis, disse ela.

Não, a sério, repeti, mentindo uma segunda vez.

Sinceramente, preferia desistir, Kyungha.

Inseon não estava a mentir.

Claro que os médicos partem do princípio de que vou aguentar. Pensando bem, o indicador direito é essencial.

Os olhos de Inseon estavam brilhantes por baixo das pálpebras escurecidas. Se ao menos eu os tivesse deixado cortá-los logo no princípio, disse, teriam simplesmente cosido e suturado os cotos e acabado com isto em Jeju.

Abanei a cabeça.

Trabalhas com máquinas fotográficas, contrapus. Precisas desse dedo para acionar o obturador, não é verdade?

Sim, tens razão, disse ela. E, mesmo que eu quisesse desistir agora, os médicos não o recomendam porque muitas pessoas continuam a sua vida apesar de terem dores.

Foi nessa altura que percebi que Inseon tinha considerado seriamente a opção da amputação. Talvez de três em três minutos, enquanto aguentava as picadas das agulhas. Daí a discussão com os médicos. A perguntar-lhes se não podia simplesmente ficar sem os dedos. E os médicos ter-lhe-iam então falado da dor fantasma. Ter-lhe-iam dito que, embora a dor de manter os dedos intactos pudesse parecer maior agora, se ela desistisse de voltar a colocar as pontas, teria de viver num sofrimento para o qual não haveria remédio nem alívio.

Três semanas é demasiado tempo, murmurei, sem saber se essas palavras serviam de consolo. Já para não falar do preço dos cuidadores^[5].

Pois, porque isto não está coberto pelo seguro, respondeu Inseon. Ouvi dizer que é por isso que as pessoas que têm família não contratam cuidadores. Claro que tudo isto é muito mais difícil de suportar quanto mais próximos estivermos do doente, mas se tivermos um orçamento apertado as opções são limitadas.

Admito que me senti aliviada naquele momento. Por não ser da família dela, por não me caber a mim a tarefa de lhe espetar agulhas de três em três minutos. Só mais tarde é que pensei como iria Inseon pagar a conta do hospital. Tanto quanto eu sabia, durante os quatro anos em que tinha estado a cuidar da mãe, Inseon gastara pouco a pouco o montante considerável que trouxera consigo quando se mudara para Jeju, o dinheiro que fora do depósito da renda em Seul. Embora conseguisse fazer face ao seu modesto custo de vida com a venda dos móveis artesanais e utensílios de madeira que fazia, duvidava de que ela tivesse algum dinheiro guardado para emergências como aquela. *Agora só tenho de pensar em mim, por isso não estou preocupada*, fora a resposta de Inseon quando uma vez lhe perguntara como é que ela estava em termos de dinheiro. *Tenho uma conta com um descoberto autorizado, mas só a utilizo de vez em quando. Quase nunca a tenho a descoberto e, por vezes, até estou muito, muito longe disso... Em geral, as coisas vão correndo bastante bem.*



Espera, aquilo é neve?

Assustei-me com as palavras de Inseon e voltei-me para olhar para trás.

Do lado de fora da grande janela que dava para uma estrada, caía uma neve esparsa. Fiquei a ver os flocos brancos, semelhantes a fios, a desenharem caminhos vazios pelo ar. Quando me virei e olhei à minha

volta, tanto os doentes como os seus acompanhantes estavam a olhar para a neve em silêncio, com os rostos inexpressivos a sugerirem alguma familiaridade com a dor e a resistência.

Estudei o perfil de Inseon enquanto ela olhava pela janela. Há pessoas que, apesar de não serem muito bonitas, dão a impressão de terem uma certa beleza; ela era uma delas. Em parte, devido ao brilho intenso dos seus olhos; mas, mais do que isso, estava convencida de que tal se devia à sua personalidade e ao cuidado que ela tinha com as palavras, bem como à sua atitude em geral, que sugeria que era pouco provável que tivesse de vir a lutar contra o caos ou a letargia. Uma breve conversa com ela bastava para que toda a confusão, ambiguidade e incerteza se dissipassem. As suas palavras e gestos revelavam uma força tranquila, que nos fazia acreditar que todos os nossos atos tinham um objetivo; que, mesmo quando acabavam por conduzir ao fracasso, cada tentativa que fazíamos era relevante. Mesmo agora, apesar da mão ensanguentada, da bata larga do hospital e do cateter intravenoso pendurado no braço, ela mantinha-se firme. Não parecia nem um pouco frágil ou abatida.

Parece um grande nevão, não parece?, perguntou.

Respondi acenando com a cabeça. Parecia mesmo. A luz tinha diminuído consideravelmente.

É uma sensação estranha estar a ver a neve contigo, disse, virando-se para olhar para mim.

Eu tinha estado a pensar exatamente o mesmo. A neve tinha qualquer coisa de surreal. Seria por causa do seu ritmo ou da sua beleza? Também havia uma certa clarividência que a acompanhava, especialmente à neve lenta e batida pelo vento. Ficava claro o que era e o que não era importante. Certos factos tornavam-se assustadoramente evidentes. Por exemplo, o sofrimento. Que eu tinha aguentado durante meses por pura contradição, pela determinação paradoxal de terminar o meu testamento. E que esta pausa do meu próprio inferno para visitar uma amiga no hospital me parecesse irritante pela sua peculiaridade e impressionante lucidez.

Mas, ao usar a expressão «estranha», eu sabia que Inseon queria dizer algo diferente.



Há quatro anos, no final do outono, Inseon optou por não informar a maioria dos seus conhecidos em Seul do falecimento da mãe, embora me tivesse dito a mim. Ao fim da noite, quando os vizinhos já tinham ido e vindo e as poucas pessoas do mundo do cinema com quem me tinha cruzado uma ou duas vezes tinham saído para apanhar os seus voos, a morgue do hospital ficara em silêncio. Não estás cansada?, perguntou Inseon, mas eu disse que não com a cabeça. Senti que, para bem dela, devia continuar a conversar, mas não sabia o que dizer a uma amiga cujo dia a dia não acompanhava havia tanto tempo. À medida que a mãe ia ficando cada vez mais frágil, Inseon começara a recusar as minhas visitas. Os meus telefonemas para ela ficavam muitas vezes por atender, e não me retribuía as chamadas. Quando lhe enviava mensagens a perguntar como estava, Inseon não respondia durante dias. Ler as suas mensagens breves e calmas, que não davam qualquer indicação de como estava verdadeiramente a sentir-se, só acentuava a nossa distância: *Comigo está tudo como sempre. Espero que estejas bem.* Com um fosso tão grande entre nós, depois de todo este tempo, como podia eu perguntar-lhe o que tencionava fazer a seguir?

Acho que foram estes sentimentos complicados que me levaram a contar-lhe naquela noite o meu sonho, quando me perguntou como estava. O sonho havia sido no verão, mas ficara comigo durante todos aqueles meses, e já era quase inverno quando lho contara à frente de um prato de tangerinas descascadas e *jeolpyeon*^[6] em que nenhuma de nós tocara. Conte-lhe que, quando ia a atravessar uma passadeira aparentemente interminável numa estrada de oito faixas para chegar ao hospital por causa dos meus espasmos abdominais recorrentes, ou encolhida num canto de um café barulhento com os olhos postos na entrada, à espera de que alguém aparecesse, ou a olhar para a escuridão do teto, com a cabeça a tremer, depois de acordar de mais um pesadelo, a cena me aparecia diante dos olhos: a neve branca sobre a planície, a água do mar a penetrar por entre as árvores negras.

É por isso que te queria perguntar – e se fizessemos qualquer coisa juntas?, perguntei a Inseon. E se tu e eu plantássemos troncos num campo, os pintássemos com tinta preta e os filmássemos sob a neve a cair?

Bem, teríamos de começar antes do fim do outono, respondeu Inseon depois de ouvir tudo o que eu tinha para dizer. Estava vestida com o *hanbok*^[7] preto de luto, o cabelo pelo queixo preso com uma fita branca e o rosto sério e sereno. Disse que, para plantarmos noventa e nove troncos num campo, tínhamos de ter a certeza de que o solo não estava congelado. Sugeriu que juntássemos um grupo de pessoas para ajudar a plantá-los, o mais tardar em meados de novembro, e disse ainda que podíamos usar o terreno abandonado que herdara do pai e que ninguém usava.

O solo também congela aqui?, perguntei.

Claro que sim, as terras mais altas estão congeladas durante todo o inverno, respondeu Inseon.

Nevará com a intensidade suficiente para se filmar? Preferia que filmássemos flocos maiores.

Eu tinha algumas perguntas porque nunca havia considerado Jeju um local possível para o projeto. Jeju era uma ilha arborizada com um clima temperado e subtropical – duvidava de que lá nevasse muito. Sempre pensara que a melhor região para o projeto seria um local mais frio do que Seul, como a região fronteiriça na província nordeste de Gangwon-do, por exemplo.

Oh, a neve é a única coisa com que não tens de te preocupar, disse Inseon, com os olhos a brilhar. Foi a primeira vez que sorriu nesse dia. Contou-me que a aldeia dela era húmida e que havia muita chuva, nevoeiro e neve, e que, na primavera, o nevoeiro era tão denso que as mulheres, privadas da luz do sol, se queixavam de depressão crónica. Além dos aguaceiros frequentes no verão, chovia duas ou três vezes por semana, mesmo na primavera e no outono, e a região era habitualmente palco de fortes nevões até março.

A parte mais difícil será o trabalho de juntar a madeira, que tem de ser feito antes, disse Inseon. E encontrar mãos suficientes para se proceder à plantação propriamente dita. Tudo isso tem de ser

meticulosamente planeado. Mas obter imagens da neve a cair é fácil. Posso conseguir-te horas de filme no meu tempo livre.

Estávamos prontas para começar imediatamente, nesse mesmo inverno, mas tinham surgido alguns problemas pessoais assim que regressara a Seul e o projeto tivera de ser adiado. Depois, tivemos várias contrariedades. Uns anos era por causa de Inseon, outros anos era por minha causa, era sempre uma ou outra que não estava no sítio certo ou de boa saúde. Depois nevava pela primeira vez e eu pensava para comigo, Este ano também não vai dar. Então uma de nós era a primeira a pegar no telefone e a dizer, Aqui está a nevar – aí também? E a outra respondia, Deve nevar amanhã. Será que vamos conseguir avançar no ano que vem?, perguntava uma, e a outra respondia, Sim, tem de ser. Depois desatávamos a rir. Às vezes, perguntava-me se este adiamento constante não estaria a tornar-se um aspeto fundamental do projeto.



Clique. A caixa de alumínio tornou a ser aberta. Observei nervosamente enquanto a enfermeira punha uma generosa quantidade de desinfetante nas mãos e o esfregava entre os dedos. A própria Inseon parecia alheia ao som e olhou calmamente para mim, como se não conseguisse adivinhar para onde os meus olhos estavam voltados.

O que me preocupa é a monotonia, disse ela. Dizem que tenho de ficar amarrada assim à cama, enquanto cá estiver. Um sorriso resmungão surgiu nos lábios de Inseon. Não posso andar nem fazer nada que ponha a mais pequena pressão no meu braço.

A enfermeira desinfetou duas agulhas. Depois voltou a desinfetar as mãos, provavelmente para ter a certeza de que não tinha apanhado quaisquer germes das agulhas.

Os nervos que eles coseram podem facilmente voltar a soltar-se, continuou Inseon. Depois, rompiam-se acima do cotovelo e os médicos teriam de me dar uma anestesia geral e de me abrir o braço até ao ombro para os encontrar outra vez. No princípio do ano, houve um doente que

não acordou da anestesia e teve de ser transportado para um grande hospital. Já para não falar de outro que morreu de septicemia há alguns anos.

Inseon parou de falar. Eu também sustive a respiração ao ver a enfermeira espetar a agulha na ferida aberta com o mesmo movimento hábil de antes, e arrependi-me logo de não ter desviado os olhos. Não tinha já aprendido, nas fotografias do átrio, que olhar diretamente para a ferida a tornava ainda mais dolorosa?

Quando a enfermeira passou para o dedo médio, desviei o olhar para o telemóvel que estava ao lado da almofada de Inseon. Consegui imaginar a manipulação cautelosa que implicava da cintura, dos ombros e da mão esquerda para que Inseon pudesse escrever e enviar uma mensagem de texto sem usar a mão dominante. *Podes vir imediatamente?* Todo o seu esforço para combinar vogais com consoantes, para inserir espaços e pontos de interrogação a fim de me pedir isto, duas vezes. Mas porquê eu?

Sabia que ela não tinha muitos amigos e que só mantinha contacto com um pequeno número de pessoas com um feitio parecido com o dela. Mas não me tinha ocorrido que podia ser a primeira pessoa em quem ela pensaria numa situação como esta. No verão passado, quando pensei a quem dirigir os meus últimos desejos, Inseon não me passou pela cabeça. O facto de ela estar relativamente longe deve ter influenciado muito isso. E não a queria sobrecarregar outra vez, depois dos quatro anos que ela tinha passado a cuidar da mãe doente e, a seguir a isso, numa vigília contínua nos seus últimos momentos. Mas, mesmo que fosse verdade que Inseon se tinha distanciado de mim durante esse período e que eu tinha tido as minhas próprias provações, não podia ter-me esforçado um pouco mais? Afinal de contas, a ilha ficava a apenas uma hora de voo, se tanto. De certeza que eu podia ter pensado em qualquer coisa que me impedisse de a deixar à deriva, fora do meu alcance, não?

Acho que foi este turbilhão de pensamentos que me levou a dizer, Vais ficar bem. A minha intenção era tranquilizá-la, mas as palavras saíram como uma pergunta. Vi os seus lábios tremerem com a dor

renovada nos seus dedos. Pareceu momentaneamente dissociada. Os seus olhos estavam voltados para mim, embora eu tivesse a certeza de que desde que a conhecia nunca os tinha visto tão vazios.

Seria possível que despertar uma dor tão agonizante fosse a única maneira de manter os fios nervosos intactos? Não conseguia acreditar. Seria possível que a medicina do século XXI não tivesse nenhuma alternativa? Seria possível que Inseon tivesse sido levada às pressas para um pequeno hospital, incapaz de oferecer melhores cuidados, apesar da sua proximidade do aeroporto?

A luz voltou aos olhos de Inseon. Tinha presumido que ela não ouvira a minha pergunta irrefletida, mas sussurrou, como se a pergunta merecesse uma resposta, Acho que vou ter de continuar. Por agora.

Esta era uma das suas frases favoritas. No tempo em que viajávamos em trabalho, sempre que tínhamos de lidar com um entrevistado problemático ou resolver questões relacionadas com o local que tínhamos reservado, e eu andava a correr, toda aflita, Inseon, apesar de ter a mesma idade que eu, mantinha-se sempre calma e dizia, com uma voz descontraída, *Bem, de qualquer modo, vou continuar*. Quando eu regressava, depois de ter resolvido o problema, às vezes de o ter resolvido apenas em parte ou de não ter arranjado uma solução, Inseon estava sempre à espera com o equipamento preparado e, sem que eu soubesse como, tinha conquistado todos os presentes no local para o seu lado. Com a câmara de vídeo a postos antes das entrevistas, ou nas mãos se estivéssemos a tirar fotografias, sorria para mim e dizia, Começa quando quiseres. Aquele sorriso enchia-me o coração e, ao ver a minha expressão alegrar-se, os olhos de Inseon iluminavam-se.

De qualquer modo, vou continuar.

Como aquelas palavras me tranquilizavam. Por mais exigente que fosse o nosso entrevistado, por mais rasteiras que nos pregassem e por mais nervosa que eu estivesse, o simples ato de olhar para o rosto sereno de Inseon enquanto ela espreitava pelo óculo enchia-me sempre de uma sensação de calma.



Lembrei-me de que ela tinha dito exatamente essas palavras na nossa última conversa telefónica.

Em agosto, depois de voltar a encontrar a planície cheia de árvores negras enquanto vagueava de madrugada entre o sonho e a realidade, abri finalmente os olhos e fugi. Obriguei o meu corpo suado a levantar-se do chão e caminhei até à varanda fechada. Senti uma brisa fresca e breve quando abri as janelas, mas em poucos minutos o ar húmido entrou e aqueceu o quarto.

As cigarras cantavam. E tinham-no feito durante toda a noite, lembrei-me rapidamente disso. Pouco depois, os aparelhos de ar condicionado dos meus vizinhos de ambos os lados e de baixo voltaram a funcionar. Fechei as janelas e fui à casa de banho para lavar a humidade que me envolvia como uma camada de sal. Não havia como fugir ou esconder-me do calor. Deitei-me no chão da sala de estar, com o telefone junto à cabeça, e esperei pelas sete horas. Era a única altura em que conseguia apanhar Inseon, pois ela ia para a oficina de manhã cedo e ficava lá até às seis da tarde, todos os dias, mantendo o telemóvel em silêncio enquanto trabalhava.

Olá, Kyungha, disse Inseon ao atender, da forma calorosa e fácil, habitual nela. Como tens passado?

Trocámos umas breves palavras de circunstância e depois disse-lhe que achava melhor não avançar com o projeto das árvores negras. Disse-lhe que tinha interpretado mal o sonho desde o princípio. Pedi-lhe desculpa. E que falaríamos melhor sobre isso mais tarde.

Estou a perceber, respondeu Inseon depois de eu ter dito o que tinha a dizer. Mas o problema é que já comecei, acrescentou. Na verdade, comecei logo após a tua última visita.

No outono anterior, em Jeju, Inseon tinha falado do projeto sem eu dizer nada. Acho que estou pronta para começar já, dissera, e eu concordei que devíamos avançar. Depois perguntei-lhe gentilmente se tinha trabalhado em algum filme desde que se mudara para Jeju. E se tencionava voltar a fazê-lo. Inseon ficou em silêncio durante algum tempo. *Sim*, disse ela por fim, *talvez possa fazer isso*.

A seguir disse, Passei o inverno a arranjar os troncos, Kyungha.

Como se tivesse previsto que eu lhe iria telefonar e preparado um guião para me apresentar, Inseon começou a explicar todos os passos de forma calma e metódica.

Juntei muito mais troncos do que os noventa e nove de que precisávamos e comecei a pô-los a apanhar ar na primavera. Agora, no verão, já estão outra vez húmidos, mas até outubro vão secar na medida certa. Vou trabalhar muito até novembro para que possamos plantá-los antes de que o solo congele. Assim, poderemos filmá-los de dezembro até março, sempre que nevar.

Já me tinha ocorrido que ela pudesse ter começado a preparar o projeto e daí o meu telefonema, mas mesmo assim fiquei atordoada. Uma parte de mim pensara que, por qualquer razão, o projeto nunca se iria concretizar, como tinha acontecido durante quatro anos.

Bem, e não podes usar esses troncos para outra coisa qualquer?, perguntei.

Inseon deu uma gargalhada. Não, não servem para mais nada.

Eu conhecia bem o hábito de Inseon de revelar os seus sentimentos moderando subtilmente o próprio riso. Sim, ela ria-se por prazer e diversão, e também com simpatia e alguma malícia, mas tinha igualmente tendência para se rir antes de rejeitar alguém ou quando estava prestes a expressar uma opinião diferente e não queria discutir.

Desculpa, Inseon, repeti. Mas acho que é melhor não o fazermos. Estou a falar a sério.

Agora, que o riso tinha desaparecido completamente da sua voz, Inseon perguntou, Talvez mudes de ideias?

Não, isso não vai acontecer, disse-lhe. Sentia necessidade de deixar isso bem claro. A culpa é minha. Interpretei tudo mal.

O silêncio do outro lado pareceu muito mais longo do que os poucos segundos que na verdade durou.

Por fim, ela disse, Bem, de qualquer modo, vou continuar.

Tentei dissuadi-la, Não há razão para isso, Inseon. Está tudo bem, disse ela como se fosse uma resposta generosa a um pedido de desculpas. A sua voz estava cheia de paciência, como se fosse Inseon que tivesse de me tranquilizar. Eu estou bem, Kyungha. Não tens de te preocupar.



Clique. O som insuportável da caixa de alumínio a ser aberta outra vez. Tinham passado mais três minutos. Os olhos da enfermeira cruzaram-se com os meus e ela disse, como que para se explicar, A sua amiga é incrivelmente forte. Está a aguentar isto tudo muito bem.

Inseon não fez nenhum sinal de concordância nem de discordância, limitou-se a estender devagar o braço direito. A ligadura cheia de sangue que tinha à volta da mão parecia demasiado ensopada. Teria passado por ali uma outra enfermeira de manhã, para mudar o penso e a ligadura? Será que o faziam com regularidade suficiente, tendo em conta a hemorragia constante?

Todos os médicos e as outras enfermeiras dizem a mesma coisa, continuou a enfermeira. Que ela está a ser incrivelmente corajosa.

Enquanto as agulhas penetravam nas feridas, Inseon cerrou os lábios e olhou para a janela. Lá fora, minúsculos cristais de gelo desenhavam finos fios no ar ao descerem.

Que coisa mais estranha, a neve, disse Inseon num sussurro que mal consegui ouvir. Como é possível que uma coisa assim caia do céu?



Ela continuou a sussurrar, como se não precisasse de que eu lhe respondesse, como se estivesse a falar com outra pessoa.

*

*Voltei a mim na parte de trás do camião de entregas
e senti uma dor terrível a latejar nos dedos.
Uma dor que nunca tinha imaginado
e que agora não consigo descrever por palavras.
Não fazia a mais pequena ideia de quanto tempo tinha passado,
nem de quem estava a levar-me ou de para onde íamos.
Só conseguia adivinhar, pela correnteza interminável de árvores que
via pelo canto do olho, que a carrinha estava a passar por Hallasan.*

Caixas de encomendas, atilhos grossos de plástico, cobertores sujos, um carrinho com rodas ferrugentas, e lá estava também eu, a contorcer-me como um inseto meio morto.

*Pensei que ia desmaiar com a dor,
pensei que preferia desmaiar a continuar a senti-la, mas em vez disso, e não faço ideia porquê, lembrei-me do teu livro.*

As pessoas do teu livro – não, as pessoas que estavam mesmo lá na altura.

Não, não apenas as pessoas que lá estavam, mas todas as pessoas que já tiveram destinos semelhantes, independentemente do local.

*Atingidos por balas,
agredidos com cassetetes,
vidas cortadas por lâminas.*

*Como deve ter sido doloroso
quando já dói tanto ter as pontas dos dedos cortadas.*

*Todas as pessoas que já tiveram uma morte assim tão violenta, todas as pessoas que já foram trespassadas ou esfaqueadas
ao ponto de a própria respiração lhes ter sido extirpada.*



Foi nessa altura que percebi que Inseon tinha estado a pensar em mim o tempo todo. Ou, mais precisamente, no projeto em que tínhamos prometido colaborar. Ou, ainda mais precisamente, nas árvores negras do meu sonho de havia quatro anos. E no livro, que tinha sido a fonte desse sonho.

No momento seguinte, tive uma intuição ainda mais aterradora e parei de respirar. No verão, Inseon tinha-me dito que havia conseguido arranjar a madeira. Que já estava a secar mais de uma centena de troncos não tratados. Que ia começar a serrar, a cortar e a esculpir no outono, para fazer figuras em tamanho real, curvadas e inclinadas, que se assemelhassem a um grupo de pessoas amontoadas.



Era nisso que estavas a trabalhar?, consegui perguntar lentamente, sentindo que não havia escapatória. O projeto que eu disse que não devíamos levar por diante? Foi assim que isto aconteceu?

Disse-te que não devíamos fazê-lo. Fui muito clara. Porque é que tinhas de ser tão teimosa? Mas não podia dizer nada disto. Nem sequer devia ter sugerido coisa alguma. Não tinha nada que te falar de um sonho que mal compreendia. Não devia ter-te envolvido.

Isso não é importante, Kyungha, respondeu Inseon, e eu tive a certeza de ser uma forma de contornar a resposta. A seguir acrescentou rapidamente algo que também queria dizer, como se pretendesse evitar qualquer pedido de desculpas ou expressão de arrependimento da minha parte. Já não estava a sussurrar. De repente, a sua voz ficou clara, como se já não tivesse dores.

A razão pela qual te pedi que viesses hoje não tem nada a ver com isso, disse Inseon. Preciso de te pedir um favor.

Incapaz de desviar os meus olhos dos seus, subitamente vivos e brilhantes, esperei que ela continuasse.

^[5] Na Coreia do Sul, cabe ao doente assegurar os cuidadores e enfermeiros de que precisa durante o internamento no hospital. Muitos optam por recorrer a familiares devido ao custo elevado deste serviço. [N. da R.]

^[6] Bolos ligeiramente doces, confeccionados com farinha de arroz, pincelados com óleo de sésamo e achatados com um molde de madeira. [N. da T.]

^[7] Conjunto de roupas tradicionais coreanas. [N. da T.]

3

Nevão

A princípio, confundo-os com pássaros. Dezenas de milhares de pássaros de penas brancas, a voarem ao longo do horizonte.

Mas, na verdade, são nuvens de neve espalhadas por fortes rajadas de vento sobre o horizonte. Os flocos de neve brilham sob a luz do sol que espreita por entre as nuvens. O efeito de duplicação da luz refletida pela superfície do oceano criou uma ilusão: a de aves brancas deslizando sobre o mar numa longa fila cintilante.

Foi a primeira vez que assisti a uma tempestade deste género. Certa vez, há uns dez anos, no inverno, a neve acumulada nas ruas de Seul dava-me pelos joelhos, mas a queda de neve em si não tinha sido tão intensa que enchesse o céu desta maneira. Nas cidades do interior não há ventos deste tipo. Neste momento, com o cinto de segurança posto, sentada na parte da frente de um autocarro que desce uma estrada costeira enquanto a tempestade se abate sobre nós, olho para as palmeiras que balançam ao vento. Sei que a superfície molhada das estradas deve estar quase gelada, mas parece irreal ver tanta neve a desaparecer sem deixar o mais pequeno resquício no chão. Por vezes, o vento para subitamente devido a forças atmosféricas que não consigo compreender, e depois começam a cair do céu enormes flocos de neve, tão lentamente que imagino que, se não estivesse num autocarro em andamento, seria capaz de ver cada cristal, cada hexágono perfeito, a olho nu. Mas, quando o vento recomeça a soprar, os flocos de neve

rodopiam freneticamente como se estivessem dentro de uma máquina de pipocas gigante. Como se a neve não caísse do céu mas, em vez disso, brotasse infinitamente da terra para ser sugada pelo vazio.

Começo a sentir-me inquieta. Pergunto-me se terei tomado a decisão certa ao entrar no autocarro.

O avião em que eu chegara havia duas horas tinha feito uma aterragem extremamente instável no aeroporto de Jeju. Devia ser o efeito «windshear»^[8] de que só tinha ouvido falar nas notícias. O nosso avião abrandou até parar na pista, então a jovem sentada do outro lado da coxia pegou no telemóvel e murmurou, Oh não, todos os voos a seguir ao nosso foram cancelados. O jovem que estava com ela, que parecia ser o seu companheiro, comentou: Tivemos sorte. A mulher riu-se. Chamas a isto sorte? Estás a ver este tempo?

Quando por fim saí do aeroporto, a neve caía com tanta força que eu não conseguia abrir os olhos. Depois de ter de ceder quatro táxis a pessoas que estavam atrás de mim na fila, tornei a atravessar a rua e a dirigir-me ao aeroporto. Aproximei-me de um bagageiro com colete fluorescente que tinha estado a levar malas para um autocarro de luxo e perguntei-lhe se sabia porque é que todos os táxis me tinham recusado o serviço. Quando ele soube para onde eu ia, aconselhou-me a ir de autocarro. Tinham sido emitidos avisos amarelos e âmbar de neve e vento forte para a ilha, e ele achava que não ia haver táxis dispostos a ir até à aldeia nas terras altas onde Inseon vivia. Explicou-me que todos os autocarros, independentemente do percurso, colocariam as correntes nos pneus e continuariam a circular, mas, se nevasse durante a noite, também suspenderiam a circulação; e havia fortes probabilidades de as zonas mais altas ficarem desertas a partir da manhã do dia seguinte. Que autocarro é que devo apanhar?, perguntei. O homem abanou a cabeça, com as sobrancelhas franzidas por causa da neve que o vento lhe empurrava para os olhos e o nariz. Primeiro, apanhe qualquer um dos autocarros que partem daqui até ao terminal rodoviário, disse ele. A partir daí, pode chegar a qualquer sítio para onde queira ir.

Segui o seu conselho, apanhei o primeiro autocarro que vi e dirigi-me para o terminal. Estava ansiosa. Às cinco horas já estaria escuro, e eram duas e meia. A casa de Inseon estava isolada do resto da aldeia. Teria de caminhar pelo menos mais meia hora desde a paragem de autocarro para

lá chegar. Achava que não ia conseguir encontrar o caminho sozinha com aquele tempo. Até Inseon precisava de uma lanterna para fazer o percurso que conduzia à sua casa durante a noite, queixando-se sempre da ausência de iluminação pública. De qualquer forma, não podia simplesmente reservar um sítio para ficar no centro de Jeju e esperar até de manhã. O homem do aeroporto não tinha dito que as estradas das montanhas podiam ser fechadas ainda naquela noite?

Pouco depois de ter chegado ao terminal de autocarros, chegou um autocarro expresso circular. Esse autocarro parava em P..., a cidade costeira a sul mais próxima da aldeia de Inseon. Havia carreiras de autocarros que passavam por Hallasan ou pelas imediações, mas, como esses autocarros eram raros e eu teria de esperar mais de uma hora pelo próximo, apanhei o autocarro expresso. Inseon tinha-me dito que, sempre que tinha de ir aos correios ou ao banco, ia na carrinha dela até P... Tinha ido com ela, sentada ao seu lado, enquanto passávamos por um denso campo de camélias que aparecera quando a estrada começara a descer, com as pequenas árvores floridas espalhadas de ambos os lados sem fim à vista. Tinha-me dito que o autocarro que ligava a cidade à sua aldeia passava três vezes por hora. Quando não tinha nada para levar e o tempo estava bom, apanhava o autocarro até à cidade em vez de ir na carrinha, para caminhar ao longo da costa. Ao perguntar-lhe onde é que gostava de passear, os seus olhos indicaram o areal que o mar, de um azul deslumbrante, beijava e enchia de espuma.

Como me lembrava bem destes pormenores, acreditei que estava a fazer a melhor escolha possível naquele momento: apanhar o primeiro autocarro para P..., antes do transbordo para o autocarro local que faria o resto da viagem até à aldeia de Inseon. Mas a linha costeira da ilha era praticamente uma oval alongada de leste para oeste. Não tinha a certeza se, afinal, teria sido mais rápido esperar mais uma hora no terminal e apanhar o autocarro que ia de norte a sul por Hallasan. E não sabia se, enquanto o expresso me levava à volta da ilha, o pequeno autocarro local que me levaria até à aldeia de Inseon não teria entretanto deixado de circular por causa da neve.

As árvores subtropicais, carregadas de enormes flores carmesim, balançam ferozmente. A única razão pela qual nem uma ligeira camada de neve ficou sobre as flores com um nevão tão intenso foi o vento impetuoso. O movimento das palmeiras, com as frondes a baloiçarem como muitos e longos braços, parece ainda agora mais violento. As folhas lustrosas, os caules das flores, os ramos carregados das árvores agitam-se furiosamente, como entidades individuais a tentarem livrar-se da pesada neve.

Comparada com esta tempestade, a queda de neve em Seul tinha sido pacífica. A neve que eu tinha visto apenas quatro horas antes, quando saíra do hospital e entrei num táxi, assemelhava-se a uma infinidade de fios brancos que costuravam finamente a distância entre o asfalto e o céu cinzento. Inseon, a quem tiravam sangue fresco com a picada de uma agulha de três em três minutos, que falava num sussurro para não forçar as cordas vocais, que tinha olhado para mim com os olhos brilhantes, fosse por causa da dor ou de outra emoção qualquer, não conseguia ter a certeza – o táxi afastava-se dela a toda a velocidade, em direção ao aeroporto de Gimpo, enquanto os limpa-para-brisas retiravam incansavelmente os flocos de neve que se agarravam ao vidro como pedaços de corda molhada.



Estou aqui a pedido de Inseon. Porque ela disse, Preciso que vás à minha casa em Jeju.

Quando?, perguntei.

Hoje. Antes de o Sol se pôr.

O que ela me pedia era quase impossível. Mesmo que eu fosse pelo caminho mais rápido do hospital até ao aeroporto e conseguisse apanhar o próximo voo para Jeju. Pensei que ela estava a contar uma piada tortuosa, mas Inseon parecia bastante séria.

Se não fores, morrerá.

Quem?

O meu pássaro.

Estava prestes a perguntar que pássaro quando me lembrei dos periquitos que tinha visto quando a visitara no outono anterior. Um deles tinha-me cumprimentado e começado a tagarelar. Fiquei surpreendida com a semelhança da sua voz com a de Inseon. Não sabia que os periquitos podiam imitar não só a pronúncia humana, mas também tons vocais. Mais notável ainda foi o facto de essa fêmea ter sido capaz de manter uma conversa bastante plausível, respondendo às perguntas de Inseon com uma mistura de gracejos como «claro» e «sim», «não» e «não sei». Não é justo usar a palavra «papaguear», pois isto não implica uma simples imitação, disse Inseon. Não quando um pássaro e eu conseguimos conversar assim. Apercebendo-se da minha incerteza, insistiu, Vá lá – tenta falar com ele. Diz-lhe para se sentar na tua mão. Hesitei, mas o seu sorriso encorajou-me a abrir a porta da gaiola e a estender o dedo. Queres sentar-te aqui?, perguntei. Para meu embaraço, o pássaro respondeu imediatamente, Não. Depois, como se quisesse anular o que tinha acabado de dizer, saltou para o meu dedo. Lembro-me de ter ficado comovida com a sua quase imponderabilidade, com o arranhar das suas patinhas contra a minha pele.

O *Ami* morreu há uns meses, continuou Inseon. Agora só resta a *Ama*.

Se bem me lembro, o *Ami* era o pássaro que tinha falado comigo. O que tinha riscas amarelas na cabeça e na cauda brancas, de um amarelo mais pálido do que um limão. Inseon tinha-me dito que era de esperar que os seus periquitos vivessem mais dez anos – o que teria então provocado a morte súbita do *Ami*?

Por favor, vai ver se a *Ama* ainda está viva, disse Inseon. Se estiver, dá-lhe água.

Ao contrário do *Ami*, a *Ama* era completamente branca da coroa à cauda, o que a fazia parecer mais comum; e, embora não falasse, conseguia repetir perfeitamente o som do cantarolar de Inseon. A *Ama* tinha voado para o meu ombro quase ao mesmo tempo que o *Ami* tinha pousado no meu dedo, e eu senti o seu corpo, tão leve como o do *Ami*, e a mesma textura áspera das patas através do tecido da minha camisola. Quando me virei para olhar para ela, a *Ama* inclinou a cabeça e ficou a olhar para o meu olho esquerdo durante alguns segundos, aparentemente absorta nos seus pensamentos.

Está bem, disse eu acenando com a cabeça, depois de ponderar a seriedade do pedido de Inseon. Vou a casa, faço uma mala e apanho o primeiro voo amanhã de madrugada...

Isso não vai resultar.

Fiquei um pouco surpreendida, pois Inseon não costumava interromper ninguém.

Será demasiado tarde, explicou ela. Já passaram alguns dias desde o acidente. Fui operada à pressa nessa noite e fiquei semi-inconsciente até ontem. Contactei-te hoje, assim que a anestesia passou.

Não há ninguém em Jeju a quem possas pedir?

Ninguém, respondeu.

Custava-me a acreditar.

Ninguém no centro de Jeju ou em Seogwipo? E a mulher que te encontrou?

Não sei o número de telefone dela.

Pareceu-me ouvir um tom invulgar de urgência na sua voz.

Gostava que fosses lá, Kyungha. Tomar conta da *Ama* lá em casa. Só até eu ter alta.

Que estás a dizer?, quis perguntar, mas ela continuou antes que eu pudesse interrompê-la.

Felizmente, enchi-lhe o prato de água naquela manhã. E também lhe deixei uma boa quantidade de painço, frutos secos e pélete, para o caso de ficar a trabalhar até tarde nessa noite. Talvez desse para se aguentar durante dois dias. Mas não três. Se conseguires chegar lá hoje, há uma hipótese de ela ainda sobreviver. Mas amanhã estará morta. Tenho a certeza.

Compreendo, disse eu, numa tentativa de a acalmar, mas não conseguia convencer-me da sua insistência. Não posso ficar sozinha em tua casa até teres alta. Vou lá, vejo como ela está e depois trago-a para aqui, na gaiola. Vais sentir-te melhor se vires com os teus próprios olhos que ela está bem.

Não. Inseon manteve-se firme. A *Ama* não vai aguentar uma mudança de ambiente tão repentina.

Fiquei sem saber o que fazer. Nos nossos vinte anos de amizade, Inseon nunca me tinha pedido um favor tão despropositado. Quando dissera na mensagem para eu trazer comigo um documento de

identificação, presumi que era uma situação urgente, que precisava que eu assinasse um formulário de autorização para uma cirurgia ou qualquer coisa do gênero. Foi por isso que apanhei logo um táxi, sem sequer passar por casa. Seria o sofrimento e o choque do que lhe tinha acontecido aquilo que estava a levar Inseon a agir de uma forma diferente? Estaria a responsabilizar-me pelo que tinha acontecido, por estar a trabalhar no projeto que eu tinha sugerido? Ou seria eu realmente a única pessoa a quem ela poderia fazer aquele pedido? A única pessoa que poderia largar tudo de um momento para o outro e passar quase um mês em Jeju a tomar conta de um pássaro, por já não ter emprego, nem família, nem uma rotina diária com algum sentido? Independentemente da razão, uma coisa era certa. Eu não podia recusar.



Cada vez que uma rajada de vento espalha as nuvens escuras sobre o mar, a luz do sol desaparece no horizonte. Surgem como uma miragem flocos de neve, como se fossem um bando de dezenas de milhares de pássaros, e varrem o mar, desaparecendo com a luz. Encosto a testa ao vidro frio da janela ao lado do meu banco. Os limpa-para-brisas da frente guincham para um lado e para o outro enquanto, lá fora, grandes flocos de neve parecem chicotear interminavelmente o autocarro, desaparecendo depois.

Sento-me direita e meto a mão no bolso do casaco. Encontro um pacote fino de pastilhas elásticas. Tinha-o comprado à pressa numa loja do aeroporto de Gimpo, quando a minha hora de embarque já estava a aproximar-se. Pusera uma pastilha na boca quando o avião estava a descolar e agora tiro uma segunda pastilha do invólucro e começo a mastigá-la. Sinto uma enxaqueca a aproximar-se como gelo a quebrar-se ao longe. Não faço ideia do que provoca estas dores de cabeça, que duram uma eternidade e são acompanhadas por terríveis espasmos abdominais e uma descida da tensão arterial. Nunca sabendo quando podem começar, ando quase sempre com medicamentos, mas, como vim mais ou menos diretamente para aqui, não os trouxe. No entanto, quando o prenúncio dá lugar aos verdadeiros sintomas, qualquer remédio de

emergência se torna inútil. Pela minha experiência, a pastilha elástica é a única coisa que ajuda nesse momento crítico antes de a enxaqueca começar a sério. E, quando a dor se instala, mesmo o *juk* mais suave faz mais mal do que bem, porque não consigo manter nada no estômago.

Para onde vai?, grita o condutor do autocarro em Jeju-mal^[9]. Não tenho mala e com as minhas roupas largas não devo parecer uma turista. Ele deve pensar que sou daqui.

Para P..., respondo.

Para onde?

Falo mais alto. Pode avisar-me quando chegarmos a P...?

Apesar de não estarmos longe um do outro, parece que mesmo assim o condutor não me ouviu bem. O rugido do vento lá fora abafa a minha voz. Presumo que ele esteja a perguntar o meu destino porque a maior parte das paragens por que passámos não tinham ninguém. Sou a única passageira do autocarro, por isso, se ele conseguir ver de longe que não há gente à espera nas próximas paragens, pode passar sem abrandar.

Mas na paragem seguinte há alguém à espera para entrar. Um homem de trinta e tal anos, com ar de turista, inclina-se para a estrada e agita os braços por entre a tempestade. Como se estivesse exausto de estar de pé sob as fortes rajadas de vento, sobe para o autocarro e deixa-se cair no banco atrás do condutor, sem pagar o bilhete. Só depois de se libertar da pesada mochila e de a pousar no banco ao seu lado é que mete a mão no bolso do casaco e tira uma carteira.

Este autocarro vai para o aeroporto, não vai?, pergunta, enquanto encosta o passe ao leitor.

Ah, grita o motorista em resposta. Para o aeroporto, tem de apanhar o autocarro que vai em sentido contrário. E não está a descolar nenhum avião.

Não vai para o aeroporto? Na voz do homem há um cansaço quase desesperado. O destino está afixado na parte da frente do autocarro, não está? E não deixa dúvidas, diz claramente que este autocarro vai para o aeroporto.

Pois diz, diz mesmo. Mas o que estou a dizer-lhe é que este autocarro vai pelo caminho mais longo e, por isso, é melhor apanhar o que vai diretamente para lá.

Estou à espera há tanto tempo. Desde que este autocarro lá chegue, vou continuar nele.

Mas pode demorar mais umas duas horas, diz o motorista e dá um estalo com a língua. Bem, se quiser ir pelo caminho mais demorado, não vou impedi-lo, mas, como já disse, os aviões vão estar todos parados durante o resto do dia.

Estou ciente disso. Vou esperar no aeroporto até amanhã de manhã, diz o homem. Apesar de até agora ter sido educado, parece estar a controlar a sua crescente irritação com o condutor do autocarro, que continua a usar um discurso demasiado familiar.

Esperar no aeroporto até de manhã? Mas eles apagam as luzes e põem toda a gente na rua às onze da noite.

Está a dizer que não posso passar lá a noite? O homem parece surpreendido. E as pessoas que não puderam apanhar os seus voos hoje?

Como assim? Terão de encontrar um sítio para ficar, claro... Foi mesmo apanhado na curva, não foi? Com este tempo e sem um plano alternativo.

O condutor olha de lado para o homem pelo retrovisor, abanando a cabeça ao ver a sua cara de admiração, de boca aberta.

A conversa acaba aí. Com um ar resignado, o homem põe o cinto de segurança e pega no telemóvel. Provavelmente está à procura de alojamento no centro de Jeju ou a contactar pessoas que conhece. Desvio o olhar para a janela que dá para o interior da ilha, mas a vista está meio obstruída pela mochila do homem. Supostamente estamos a ir na direção de um vulcão adormecido que está a quase dois mil metros acima do nível do mar, mas não vejo lá fora nada que se pareça com isso. Apenas uma enorme massa branca de nuvens de tempestade e a neblina da neve enchem o ar, deslocando-se pelo céu. A neve cai sem se acumular muito na costa, mas, a uma altitude ligeiramente superior, a situação será diferente. Nas colinas, nos bosques e nas pastagens não haverá esse milagre da luz do sol a aparecer quando as nuvens se dispersam momentaneamente, nem flocos de neve cintilantes que

esvoaçam sobre a superfície do mar como pássaros voando baixinho. Quando chegarmos a P..., não teremos outra opção senão entrar no coração dessa brancura total em toda a sua densidade sufocante.



Não sei se Inseon está habituada a este tipo de neve ou se um nevão como este a teria surpreendido e sido para ela algo fora do comum. Esta massa cinzenta ondulante de nuvens, nevoeiro e neve. O facto de a casa da sua infância estar localizada exatamente dentro desta enorme tempestade e de haver um pássaro – talvez ainda a respirar, talvez não – à espera nessa casa.

Nesse primeiro ano começámos a ir juntas para o trabalho, e, como Inseon nunca falou da sua terra natal e não parecia ter qualquer sotaque perceptível, presumi que ela tinha nascido e sempre vivera em Seul. Depois, uma noite, ouvi-a falar ao telefone com a mãe na cabina do átrio da casa onde estávamos a morar e percebi que ela era da ilha. Expressava-se num dialeto em que me era difícil entender mais do que uns quantos substantivos. Sempre a sorrir, fez uma correnteza de perguntas, alguns comentários divertidos, depois riu-se de uma qualquer piada só delas e, a seguir, pousou o auscultador.

Do que é que estavas a falar com a tua mãe que era tão engraçado?, perguntei.

Nada de especial. Estava a falar-me de outro jogo de basquetebol que viu na televisão, respondeu Inseon calmamente, prolongando o sorriso. A minha mãe é igual a todas as outras mães, a sério, acrescentou. Tinha quase quarenta anos quando eu nasci e agora já tem sessenta e muitos. Não se rege muito pelas regras, mas principalmente pelo que as outras pessoas fazem. Sente-se só quando não tem trabalho por a casa dela ser tão isolada.

Pareceu inquieta, como se tivesse deixado escapar algumas das peculiaridades da sua melhor amiga.

Ela ainda trabalha com essa idade?

Claro que sim. As mulheres trabalham para lá dos oitenta anos. Quando chega a altura de apanhar as tangerinas, ajudam-se nos pomares umas das outras.

Inseon tornou a sorrir, voltando ao assunto anterior.

Também gosta de ver basquetebol. E coisas ainda com mais gente. Vê as manifestações e os protestos nas notícias com o mesmo interesse. Como se estivesse à espera de descobrir alguém conhecido.

Desde esse dia, sempre que tínhamos algum tempo livre, quer fosse nos comboios, quer nos autocarros ou nos restaurantes quando a comida estava a demorar, pedia a Inseon que me ensinasse Jeju-mal. Tinha adorado os sons fortes e as entoações suaves que usava quando falara ao telefone com a mãe.

A princípio, Inseon tinha uma certa relutância. Duvido de que te sirva de muito, quando fores a Jeju, dizia. Toda a gente vai perceber que és do continente. Mas, quando percebeu que o meu interesse era genuíno, começou a ensinar-me o básico. O que me intrigava mais eram as conjugações que eu desconhecia. Quando tentávamos ter pequenas conversas, e eu usava o tempo verbal errado de *hada – haen – hamen – hajaen*, Inseon corrigia-me com um sorriso.

As pessoas dizem que as terminações das nossas palavras são curtas por o vento ser tão forte em Jeju, disse-me um dia. O som do vento corta as palavras.

Eram estas as impressões que eu tinha da terra natal de Inseon – uma língua sem floreios e com terminações abruptas das palavras, uma avó juvenil que gostava de ver basquetebol quando lhe apetecia estar com outras pessoas –, pelo menos até àquela noite, quase no fim do ano, depois de eu ter deixado o meu emprego, quando nos encontramos como simples amigas pela primeira vez.

Nessa noite, jantámos tarde num restaurante de *noodles* cujas janelas davam para uma estrada de duas faixas quase sem trânsito. Lembro-me de que nessa altura a aproximação do Ano Novo, que nos tornaria um pouco mais velhas^[10], estava a pesar muito sobre nós.

Está a nevar, disse Inseon.

Trinquei os meus *noodles* e voltei-me para a janela.

Não, não está, corriji.

Vais ver quando passar um carro.

Pouco depois, passou uma carrinha, com os faróis a brilharem no escuro, e levantou um turbilhão de neve que cintilava como finos grãos de sal.

Inseon pousou os pauzinhos e foi lá para fora. Eu continuei a comer, observando-a pela janela. Pensei que talvez precisasse de fazer um telefonema, mas tinha deixado o telemóvel em cima da mesa. Iria tirar fotografias? Também tinha deixado ficar a máquina fotográfica, mas talvez estivesse a pensar como iria filmar a cena. Fazia isso muitas vezes quando estávamos juntas, o que me deixava com uma de duas opções. Ou continuava a olhar com curiosidade enquanto ela captava o que estava a ver através da lente da máquina fotográfica, ou punha-me à vontade e esperava enquanto a minha mente deambulava por outras coisas.

Para minha surpresa, Inseon não voltou para vir buscar a máquina fotográfica. Ficou lá fora, inflexível contra o vento, com as duas mãos nos bolsos das calças de ganga desbotadas, a camisola de gola alta fina a revelar os contornos esguios dos ombros e das omoplatas. Passou outro táxi, com os faróis a reluzirem na neve que caía. Ela parecia ter-se esquecido de tudo o resto no mundo. Da sua tigela de *noodles* por acabar. De mim. Da data, da hora, do local. Quando finalmente voltou para dentro, reparei nos vestígios da neve que lhe tinha caído na cabeça, e na forma como se derreteu e se agarrou ao seu cabelo como gotas de chuva no breve lapso de tempo que levou a caminhar até à nossa mesa.

Acabámos de comer em silêncio. Quando conhecemos alguém há muito tempo, intuímos quando é melhor não falar. Por fim, depois de termos ambas pousado os pauzinhos e após uma longa pausa, ela começou a falar-me de quando tinha fugido de casa em adolescente e como quase morrera. Fiquei surpreendida. Eu sabia o profundo amor que Inseon tinha pela mãe, especialmente porque ela ficara viúva quando a filha tinha apenas nove anos e a criara sozinha até Inseon ir para a faculdade.

Descreves sempre a tua mãe como uma *halmoni*^[11] e, por isso, sempre pensei que a tua relação com ela era como a que eu tenho com a minha avó, disse-lhe. Mas claro que há uma diferença entre a forma como vejo

a minha avó e os meus pais. Com os avós, as coisas têm tendência para ser mais simples... A minha avó só sabe dar, dar, e continuar a dar sem fim.

Inseon concordou e esboçou um sorriso delicado. Ela era exatamente assim, a minha mãe, disse. Tratava-me mesmo como se eu fosse neta dela. Nunca me pressionava nem ralhava comigo por nada. Tinha sempre muito cuidado com o tom de voz com que se dirigia a mim, como se a mãe dela estivesse ali ao lado, a ouvir.

Também não tenho nada de que me queixar da minha infância, continuou. Tanto o meu pai como a minha mãe eram afáveis e, por isso, a calma reinava em nossa casa. Ficou ainda mais silenciosa depois de o meu pai morrer. Sempre senti que não havia mais ninguém no mundo além de nós as duas – eu e a minha mãe. Às vezes, tinha dores de barriga à noite, e a minha mãe prendia-me o polegar com um cordel e picava-me o dedo mesmo por baixo da unha; e, depois, ficava toda a noite a esfregar-me a barriga. Aieee, minha menina de palha de sorgo. Nervos de seda, tal e qual como o teu pai... suspirava para si própria.

Inseon mexeu o caldo com os pauzinhos, apercebeu-se então de que já tinha acabado os *noodles* e pousou os pauzinhos na mesa. Alinhou-os lado a lado com rigor, como se alguém fosse inspecioná-los.

Mas nesse ano... Não sei porquê, mas nesse ano odiei tanto a minha mãe, disse.



Havia dias em que não conseguia suportar a sensação de ardor que me vinha da boca do estômago até à garganta. Odiava a casa. Odiava o caminho que tinha de fazer durante mais de meia hora desde aquela casa atrás do sol-posto até à paragem do autocarro, e odiava a escola onde o autocarro me deixava. Odiava o som da campainha da escola, os compassos da «Für Elise» que anunciavam que as aulas iam começar. Odiava as aulas, odiava os outros miúdos que pareciam não odiar nada tanto como eu, e odiava o uniforme da escola que tinha de usar todos os dias e lavar e passar a ferro aos fins de semana.

A certa altura, comecei a odiar a minha mãe. Ela enojava-me, como uma coisa nauseabunda. Desprezava-a como me desprezava a mim própria. Desprezava a comida que ela fazia para mim, detestava vê-la a limpar, com dificuldade, a nossa mesa baixa suja ou a usar o cabelo grisalho preso num carrapito de matrona, e detestava ver como ela andava curvada como uma rapariga maltratada. O meu ódio cresceu até eu mal conseguir respirar. Era como se tivesse uma bola de raiva em brasa a ferver sem parar nas minhas entranhas.

Acabei por sair de casa porque queria viver. Tinha a sensação de que, se não me fosse embora, aquela raiva acabaria por me matar. Vesti o uniforme da escola assim que acordei, pus roupa interior e meias na mochila em vez de livros e cadernos e depois roupa normal em vez do uniforme de educação física num saco de lona à parte. Foi mais ou menos nesta altura do ano, no final de dezembro. A minha mãe saía da aldeia todos os dias de madrugada para ajudar a apanhar e a embalar tangerinas noutros pomares. Enquanto depenicava na comida que ela tinha deixado para mim tapada com um pano, procurei pela casa sítios onde pudesse encontrar algum dinheiro. Havia uma boa quantia na lata de biscoitos debaixo da televisão, onde a minha mãe guardava as contas da luz. Era o dinheiro que ela tinha ganho a vender as tangerinas da nossa própria colheita.

Antes de sair de casa, lembro-me de olhar para o quarto onde a minha mãe dormia. A porta de correr estava aberta, o edredão bem dobrado, mas o cobertor elétrico e o colchão de algodão estavam estendidos no chão. Eu sabia que ela guardava uma serra debaixo do colchão. A minha mãe acreditava na superstição de que dormir sobre metal afiado afastava os pesadelos. No entanto, mesmo com a serra debaixo do colchão, ela era muitas vezes assaltada por pesadelos. Não conseguia respirar e estremeia, ou uivava como um gato selvagem enquanto soluçava. Vê-la assim, ouvir os sons que fazia, era um inferno para mim. Por isso, jurei que não me arrependeria de partir e que nunca mais voltaria. Não deixaria que aquela pessoa ensombrasse a minha vida por mais tempo. Com as suas costas curvadas e aquela voz débil. A pessoa mais fraca e mais cobarde do mundo.

Vesti a minha roupa normal na casa de banho do terminal de ferries, comprei um bilhete para Wando e parti. Em Mokpo, apanhei o autocarro expresso para Seul e cheguei já de noite. Reservei um quarto barato perto do terminal de autocarros e lembro-me de que não deixava de me sentir ansiosa, por mais vezes que fosse confirmar que a porta estava fechada à chave. Recusei deitar-me quando vi cabelos de outra pessoa nos lençóis da cama e, mesmo depois de os ter limpado com um lenço de papel húmido, dormi enrolada numa bola. Como se assim pudesse proteger-me da sujidade.

No dia seguinte, saí e telefonei à minha sobrinha que estava a viver em Seul. Já te devo ter falado dela, a neta da irmã mais velha da minha mãe – agora está na Austrália. A minha tia morreu cedo, mas, ao contrário da minha mãe, casou-se e teve filhos ainda nova e, por isso, a minha prima tem idade para ser minha mãe e a filha dela é dois anos mais velha do que eu. Fui repreendida pelos adultos quando a tratei só por unni^[12], e então habituei-me, desde pequena, a tratá-la estranhamente por «minha sobrinha unni».

Na altura, a minha sobrinha unni andava no primeiro ano da universidade. Atendeu quando lhe telefonei e disse-me para ir ter com ela à entrada da YMCA, no distrito de Jongno. Felizmente, mereceu a minha confiança porque não apareceu com adultos a reboque, mas, assim que me viu, começou a ralhar comigo. Perguntou-me o que andava a fazer e mandou-me voltar rapidamente para casa. Não devia acabar primeiro o secundário? Havia ao menos telefonado à minha mãe? Tinha dinheiro para regressar? Onde é que estava alojada? Arranquei dali sem dizer uma palavra. Tinha-lhe pedido que não dissesse nada, mas sabia que nesse mesmo dia ela ia contar a toda a gente.

No caminho de regresso ao sítio onde me alojara, jurei a mim própria que iria fazer o contrário de tudo o que a minha sobrinha unni tinha dito. Não ia telefonar à minha mãe, não voltaria à ilha e não terminaria o secundário. A primeira coisa que precisava de fazer era arranjar um emprego. Vi um anúncio de «Precisa-se de Empregada» à porta de um restaurante japonês perto do terminal de autocarros e entrei para que me entrevistassem. Estava toda a tremer, menti o tempo todo e disse que estava de licença depois de ter feito o primeiro ano da

faculdade numa escola de professores das redondezas. Para minha surpresa, o dono do restaurante não me fez mais perguntas. Deu-me um avental, mandou-me servir às mesas durante duas horas e depois disse-me que podia começar oficialmente no dia seguinte.

Saí do restaurante toda entusiasmada. A cada passo que dava, as pessoas que andavam na rua pareciam afastar-se para eu passar, como se dissessem, Avança – a partir deste momento só precisas de seguir em frente. Mesmo sentindo um lado do peito contraído de ansiedade, a minha mente estava tão afiada como se estivesse a chover-me na cabeça água gelada. Lembro-me de pensar, É isto que querem dizer quando falam em liberdade? Estava a anoitecer e, apesar de o meu casaco comprido ser suficientemente quente em Jeju, o frio de Seul entranhou-se por completo nas suas dobras. Tinha levantado a gola para me proteger do vento cortante quando escorreguei num aterro coberto de gelo fino e neve. Lembro-me da sensação de vazio nos meus pés quando caí. Não havia nada por baixo de mim. Não havia chão. Vou morrer, pensei. Mais tarde vim a saber que tinha caído de uma altura de cinco metros.

Disseram-me que fui descoberta no dia seguinte por volta do meio-dia. Tinham escavado as fundações de uma construção por baixo do aterro e, por acaso, a propriedade do local, onde a construção estava parada desde o verão, tinha passado recentemente para um novo dono, que nesse dia tinha ido visitar o local com o agente imobiliário. Ficaram aterrorizados, a pensar que haviam encontrado um cadáver. E ficaram ainda mais espantados quando descobriram que eu ainda respirava.

Tinha escorregado e caído numa tela que estava a tapar um local destinado à drenagem de águas subterrâneas. Foi isso que me salvou. Por um golpe de sorte, não parti nada, mas foi a minha cabeça que absorveu o choque. Passei dez dias num hospital ali perto, sem ser identificada e inconsciente, até que recuperei os sentidos por um momento. Quando acordei, a enfermeira perguntou-me o meu nome, e pelos vistos respondi, mas não me lembro de nada. Só me lembro de ver a minha sobrinha unni sentada à minha cabeceira, com os olhos raiados de sangue. Tornei a desmaiar e, quando voltei a acordar, era a

minha mãe que estava ali sentada. O quarto do hospital estava escuro, apenas com uma luz de presença, mas os olhos negros como carvão da minha mãe pareciam ter um brilho próprio quando ela olhou para mim.

Inseon, disse a minha mãe. Tenta responder. Sabes quem eu sou?

Quando respondi «mmm» com um gemido, a minha mãe não chorou, não ralhou comigo, não chamou nenhuma enfermeira. Em vez disso, começou a divagar. A certa altura, agarrou-me na mão com força e olhou-me com os seus olhos brilhantes.

Disse-me que sabia que eu estava ferida. Mesmo antes de o hospital a ter contactado, ela já sabia. Tinha-me visto num sonho na noite em que caí do aterro. Tinha cinco anos e estava sentada num campo de neve, mas a neve que me caía nas faces não se derretia. Mesmo sendo um sonho, essa visão fê-la tremer de medo. Porque é que a neve não se derretia com o calor da cara de uma bebé?



Ouvi esta história antes de conhecer pessoalmente a mãe de Inseon. Passados dez anos, pouco tempo depois de a filha ter regressado a Jeju, eu fui à ilha em trabalho para participar numa sessão de formação. Uma noite, quando finalmente consegui arranjar algum tempo na minha agenda para apanhar um táxi até à casa de Inseon, fiquei surpreendida por ver a mãe dela, que eu tinha ouvido dizer que estava numa fase inicial de demência, com um aspeto inesperadamente cuidado e nada baralhado. Ao contrário de Inseon, era bastante baixa, com feições delicadas e uma voz adorável que a fazia parecer uma rapariga com o coração de uma jovem. Desfrute da sua visita, disse-me quando eu ia a sair do quarto, segurando-me calmamente nas mãos.

Mais tarde, na cozinha, Inseon disse, Ela fica mais lúcida quando conhece estranhos, talvez por estar nervosa. Sempre detestou ser um fardo. Só chora, fica zangada e age como uma criança ao pé de mim. Muitas vezes, confunde-me com a irmã mais velha.

No dia seguinte, quando embarquei no avião para Seul, lembrei-me daquele inverno, tantos anos antes, em que ouvi pela primeira vez a história de Inseon ter fugido de casa. Estranhamente, comecei a ter tanta

pena de Inseon como tinha tido da mãe. Uma rapariga de apenas dezassete anos – quão profundamente ela deve ter-se odiado a si própria e ao mundo para desprezar alguém tão insignificante? Alguém que dormia com uma serra. Que rangia os dentes e soluçava quando tinha pesadelos. Que falava com uma voz frágil e procurava constantemente que ninguém desse por ela.



Sáímos da loja de *noodles* e caminhámos pelas ruas em silêncio. A neve agarrava-se aos cabelos grossos de Inseon, como tenho a certeza de que se agarrava aos meus. Quando dobrávamos mais uma esquina, abriu-se à nossa frente outra rua, branca e lisa como páginas de um livro ilustrado gigante. O som dos nossos pés a pisarem a neve, das mangas das nossas *parkas* a roçarem nos lados do nosso corpo e das persianas das montras a fecharem-se ao longe eram todos estrondosamente nítidos na quietude. Das nossas bocas e narizes saía vapor branco. Os flocos de neve pousavam na cana dos nossos narizes e nos nossos lábios. Derretiam-se rapidamente nos nossos rostos quentes, e novos cristais, surpreendentemente frios, pousavam então sobre os seus vestígios molhados. Nenhuma de nós parecia estar a pensar nos caminhos diferentes por onde teríamos de seguir para chegar a casa. Enquanto nos afastávamos da estação de metro como amantes que escolhem um caminho mais longo para adiar a sua breve despedida, enquanto atravessávamos as passadeiras silenciosas que surgiam a cada esquina como mais uma página daquele livro, eu continuava à espera. De que Inseon quebrasse o silêncio e continuasse a sua história.



Na noite em que tive alta do hospital e voltei para Jeju com a minha mãe, ela tornou a falar da neve. Não de como a tinha visto no sonho, mas dos acontecimentos reais que tinham dado origem ao sonho. Eu ainda não tinha recuperado completamente, mas ela deitou-se ao meu lado durante a noite e segurou-me pelo pulso como se tivesse medo de

que eu arranjasse forças para fugir outra vez, assustando-se e agarrando-o outra vez com força quando acidentalmente se deixava dormir.

Contou-me que, quando era nova, soldados e polícias haviam assassinado toda a gente na sua aldeia. A minha mãe estava na quarta classe e a minha tia tinha dezassete anos. Tinham ido as duas fazer um recado a casa de um primo afastado, e foi assim que conseguiram escapar a semelhante destino. No dia seguinte, depois de terem ouvido a notícia, as duas irmãs regressaram à aldeia e andaram a vaguear pelos terrenos da escola primária durante toda a tarde. Procuravam os corpos do pai e da mãe, do irmão mais velho e da irmã de oito anos. Olharam para os corpos caídos uns em cima dos outros e descobriram que, durante a noite, uma fina camada de neve havia caído e congelado sobre cada um dos rostos. Não conseguiam distinguir as pessoas umas das outras por causa da neve e, como a minha tia não tinha coragem de os limpar com as próprias mãos, usou um lenço para limpar cada rosto. Eu limpo-os, disse à minha mãe, e assim já podes vê-los bem. Ela não queria que a irmã mais nova tocasse em pessoas mortas. Mas havia qualquer coisa nas palavras «vê-los bem» que aterrorizou tanto a minha mãe que a única coisa que ela conseguiu fazer foi agarrar na manga da irmã, fechar bem os olhos e encostar-se a ela enquanto caminhavam. Sempre que a minha tia dizia, Olha para eles, olha bem para eles e diz-me o que vês, a minha mãe abria os olhos com relutância. Nesse dia, compreendeu claramente uma coisa. Que, quando as pessoas morriam, os seus corpos ficavam frios. A neve permanecia sobre as suas faces e uma fina camada de gelo ensanguentado cobria os seus rostos.



No ano seguinte, Inseon começou a fazer documentários a sério, como há muito tempo estava interessada em fazer. Mais tarde, lembrei-me de que a história que ela me tinha contado naquela noite de neve provavelmente tinha surgido de planos gerais que ela devia estar a esboçar para projetos futuros.

Estávamos agora a fazer o caminho oposto em direção à estação do metro, voltando novamente as páginas que tínhamos aberto enquanto caminhávamos. Sentia os dedos dos pés a gelarem dentro dos meus ténis encharcados. As mãos, de punhos cerrados enfiados nos bolsos da *parka*, estavam dormentes de frio. A neve na cabeça de Inseon era tão espessa como um gorro de lã branco e, a cada palavra que dizia, a sua respiração libertava tanto fumo como chamas diáfanas na escuridão.



Até àquele dia, eu não fazia ideia. A única coisa que sabia era que os meus avós do lado da minha mãe já tinham morrido havia muito tempo e que a família da minha tia eram os nossos únicos parentes, mas pensava que isso se devia ao facto de a minha mãe só ter uma irmã. Tenho a certeza de que não era a única criança a pensar assim. Nessa altura, como agora, os adultos nunca falavam sobre o que tinha acontecido.

Acho que a minha mãe falou disso naquela noite numa espécie de arrebatamento. Ou talvez num calafrio – esteve sempre a bater os maxilares como se estivesse com frio. Fiquei sem saber o que fazer, ao vê-la num estado tão diferente daquela espécie de avó tranquila e triste que eu pensava conhecer tão bem. Naquele momento, não era claro se aquela mudança súbita tinha sido provocada pelo horror que acontecera havia décadas e que ela estava a contar à filha pela primeira vez, ou pelo choque do acidente que quase lhe tinha roubado a filha. No entanto, não deixa de ser extraordinário que não tenha dito uma palavra sobre a minha fuga, nem nessa altura nem depois. Não me acusou de nada, nem me perguntou porquê. Tal como nunca contou como duas jovens irmãs conseguiram encontrar a família morta e tratar do seu enterro, nem falou da perseverança e sorte necessárias para sobreviverem depois disso. Só falava da neve. Como se houvesse um nexo de causalidade entre a neve que não se derretia que ela tinha na realidade visto havia décadas e a neve que cobria o meu rosto no seu sonho recente, e esse nexo fosse a lógica mais aterradora que percorreria a sua vida.

Depois a minha mãe disse, O problema é que, sempre que neva, aquilo volta. Tento não pensar nisso, mas está sempre a voltar. Por isso, no meu sonho daquela noite, ao ver a tua cara coberta de neve... mal abri os olhos quando amanheceu, pensei, a minha menina está morta. Ai!, só conseguia pensar que estavas morta.



Inseon disse-me que nada daquilo tinha aliviado a sua ambivalência em relação à mãe. Continuou com o mesmo conflito interno depois disso e, de certa forma, ainda se sentiu mais confusa. Mas a aversão que outrora achara demasiado penoso suportar, mesmo que por breves instantes, desapareceu naquela noite como se nunca tivesse existido. Inseon contou-me que já não sabia exatamente qual tinha sido o motivo do fogo que lhe ardia no estômago.

Ela nunca mais voltou a falar dessa história, nem sequer a insinuá-la, mas, sempre que neva assim, lembro-me dela. A menina que vagueia pelo pátio da escola, à procura, até altas horas da noite. Uma criança de treze anos agarrada por uma manga à irmã de dezassete, como se a irmã não fosse também ela ainda uma miúda, demasiado assustada para ver, mas incapaz de desviar o olhar.



Os limpa-para-brisas dançam sobre o vidro do autocarro, impotentes contra a neve. Quando o nevão se intensifica, o autocarro abranda. O perfil do condutor está tenso ao olhar em frente, com o campo de visão obscurecido. O turista sentado atrás do condutor também parece tenso, enquanto olha pelo para-brisas, com o queixo apoiado na mão.

Quando sair do autocarro, vou ter de abrir caminho por entre a neve. Terei de avançar, um passo instável de cada vez, mal conseguindo abrir os olhos contra o vento tão forte.

Inseon estaria certamente habituada a este tempo. Se eu fosse ela...

Penso na autoconfiança de Inseon, na sua tendência para não desistir, para persistir. Imagino o que faria ela nesta situação.

No meu lugar, ela compraria uma lanterna. Porque, se não conseguisse apanhar o autocarro local e entretanto já tivesse anoitecido, ela teria de percorrer os caminhos sem iluminação. Também compraria umas botas de borracha e uma pá. Porque, ao contrário das estradas costeiras, as estradas que atravessam as terras altas iriam estar cobertas de neve.

Isto é absurdo, murmuro para mim própria. Eu não sou a Inseon. Não só não estou habituada a este tempo, como nunca passei por nada assim, e de certeza que não adoro aquele periquito o suficiente para fazer uma caminhada até casa dela esta noite, no meio desta tempestade.



Percebo que chegámos finalmente a P... quando vejo as placas para Nonghyup e os correios. Estico a mão e carrego na campainha para fazer sinal de que quero sair, e o autocarro abranda até parar. O vento lá fora também parece acalmar, como que de propósito. Mas não, vendo melhor, percebo que o vento deve ter parado a certa altura do caminho. Tenho a sensação de que entrei no olho da tempestade. Passa um pouco das quatro da tarde, mas está tão escuro que, pelos vistos, deve estar a aproximar-se outro forte nevão.

As ruas estão desertas. Também não há carros a passar na estrada. Apenas pesados flocos de neve na sua descida infinitamente lenta. Vejo o vermelho de um semáforo a brilhar por detrás da densa camada de neve que cai. O autocarro seguiu viagem e está parado no cruzamento, à espera de que o sinal mude. Quando a neve cai no asfalto molhado, cada floco parece vacilar por um momento. Depois, como uma frase suspensa no fim de uma conversa, como a queda desvanecida de uma cadência final, como as pontas dos dedos a recuarem cautelosamente antes de pousarem num ombro, os flocos afundam-se na escuridão escorregadia e desaparecem rapidamente.

^[8] Variação súbita na direção e/ou na velocidade do vento ao longo de determinada distância. [*N. da T.*]

^[9] Dialeto da província de Jeju. [*N. da T.*]

^[10] De acordo com o sistema tradicional coreano de contagem da idade, considera-se que as pessoas têm um ano de idade no dia em que nascem e é acrescentado um ano a cada primeiro dia de janeiro. [*N. da R.*]

^[11] Anciã, avó. Forma respeitosa de tratamento de mulheres mais velhas. [*N. da T.*]

^[12] À letra, significa «irmã mais velha». Termo utilizado pelas mulheres coreanas jovens para falarem informalmente com as próprias irmãs e/ou as amigas muito próximas mas mais velhas do que as falantes. [*N. da T.*]

4

Pássaros

Reparei algumas vezes, durante a viagem de autocarro até aqui, que o vento abrandava tão abruptamente como agora. Sempre que isso acontecia, achava que o tempo tinha mudado. Mas agora penso se não estaria enganada. Se calhar, nessas zonas não havia muito vento. Se voltasse lá neste momento, será que encontraria a mesma calma estática e a mesma precipitação constante daqui?

Ouçó o autocarro continuar a sua viagem, com o som do motor abafado pela neve. Limpo os flocos das pestanas, tentando orientar-me. Esta é a estrada costeira, a rota dos autocarros expresso, os autocarros regulares não param aqui. Tenho de me lembrar onde era a paragem junto ao cruzamento, aquela que Inseon me indicou quando passámos por lá na carrinha. Será no cruzamento que estou a ver ali à frente ou no que está atrás de mim? Em qual das duas esquinas devo virar? Decido ir em frente. Não tenho receio de me desorientar. Vou em direção às grandes nuvens de neve que brilham sobre as terras altas. Se não vir nenhuma paragem de autocarro naquela esquina, posso voltar para trás.

O silêncio é inacreditável.

Se não fosse o frio das partículas de gelo que caem sobre a minha testa e as minhas faces, podia pensar se não estaria a sonhar. Estarão as ruas vazias por causa da tempestade? Ou estarão as luzes das pequenas lojas típicas que vendem sopa fria de marisco e *noodles* com caldo de anchova apagadas porque é domingo? As cadeiras de metal voltadas ao contrário em cima das mesas e os cartazes caídos amontoados atrás de portas fechadas parecem ter um ar decadente e dão a ideia de que estes estabelecimentos estão fechados há já algum tempo. A loja com um letreiro piroso que vende equipamento para atividades ao ar livre está

também fechada. Manequins ainda vestem roupas finas de outono por detrás de uma montra, através da qual vislumbro também um tecido cor de arroz pendurado num longo cabide de roupa. O único sítio com as luzes acesas nesta cidadezinha silenciosa é uma pequena loja de esquina.

Preciso de comprar uma lanterna e uma pá. A loja da esquina pode não ter o que procuro, mas posso sempre pedir-lhes que me indiquem onde poderei encontrá-las. Se tiver sorte, até pode ser que alguém me empreste o que preciso. Também posso perguntar onde poderei apanhar o autocarro para a aldeia de Inseon. Mas, enquanto me dirijo para a loja, as luzes apagam-se. Um homem de meia-idade, provavelmente o proprietário, sai de casaco vestido. Quando o vejo pôr uma corrente à volta dos puxadores das portas de vidro e fechar o cadeado com a facilidade de quem está habituado, acelero o passo.

Espere, grito.

Mas o homem já está a entrar numa carrinha estacionada à frente da loja. Começo a correr, limpando a neve das pálpebras o melhor que posso.

Espere – por favor!

Os inúmeros cristais absorvem e apagam a minha voz. Ouço a carrinha a começar a trabalhar, com o som abafado pela calma invernososa. Faz inversão de marcha na rua vazia. Aceno com os braços para o condutor. Depois, olho impotente enquanto a carrinha se afasta a grande velocidade.



Deixei de correr. Começo a andar, sentindo uma estranha compulsão para fazer coincidir os meus passos com o ritmo da neve, que parece estar sincronizada com a passagem do tempo. Quando chego ao cruzamento onde a carrinha virou à direita e desapareceu na direcção do porto, olho para cima, para o sítio para onde vou, para as terras altas. A pequena placa que vejo ao longe – será a paragem que procuro?

Atravesso o cruzamento, onde a neve cai espessa e incessante e se derrete com a mesma rapidez no asfalto negro e húmido. Uns cinquenta metros à frente, descubro que a placa é, de facto, de uma paragem de

autocarro. Não tenho onde me abrigar, não existe indicação dos números dos autocarros nem dos itinerários. Só há um pequeno ícone de um autocarro numa placa de alumínio, presa ao poste de metal sob o céu que parece fluir.



Enquanto me dirijo para a paragem de autocarro, rezo para que o tempo melhore, agora que o vento acalmou. Mas a neve cai com cada vez mais intensidade. Uma cascata branca aparentemente ilimitada é gerada pelo ar cinzento.

Em criança, li que, para que se formasse um floco de neve, era necessária a presença de partículas ultrafinas de pó ou cinzas. E que as nuvens não eram só feitas de gotículas de água em suspensão, mas estavam cheias de poeira e cinzas, que se elevavam do solo com o vapor de água. Quando duas moléculas de água se unem nas nuvens para formar o primeiro cristal de neve, são essas partículas de pó que formam o núcleo do floco de neve. Os cristais são hexagonais devido à forma estrutural da molécula de água e, à medida que caem, continuam a unir-se a outros cristais de neve. Se a distância entre as nuvens e o solo fosse infinita, os flocos de neve também cairiam até ao infinito, mas na realidade a sua queda nunca dura mais de uma hora. Os flocos de neve são leves como penas, graças aos espaços vazios entre os muitos ramos da sua estrutura criados pelas suas inúmeras ligações. E são estes espaços no interior do cristal que absorvem e retêm os sons, amortecendo a acústica envolvente. Como as suas múltiplas superfícies refletem a luz numa miríade de direções, o floco de neve parece incolor, parece branco.

Lembro-me das imagens de cristais de neve que acompanhavam estas explicações. O livro tinha folhas finas de papel vegetal intercaladas para proteger as gravuras coloridas. Tinha voltado a folha de papel translúcido e deparado com uma página cheia de cristais de neve de variadas formas. A sua complexidade impressionou-me. Alguns dos cristais tinham colunas hexagonais lisas em vez de placas simétricas, e as pequenas legendas por baixo explicavam que, na fronteira entre a

neve e a chuva, os flocos de neve assumiam aquelas formas alongadas. Durante semanas e meses, imaginava aquelas colunas delicadas e prateadas sempre que via granizo. Nos dias em que havia fortes nevões, costumava estender a manga do casaco para ver os flocos pousarem na penugem do seu tecido escuro e dissolverem-se. Ficava tonta só de pensar nas combinações intermináveis de cristais hexagonais cintilantes, como os que tinha visto no livro, que compunham cada partícula de neve. Durante os dias seguintes, acordava e, enquanto os meus olhos continuavam fechados, imaginava que ainda estava a nevar lá fora. Via neve a cair à minha volta dentro de casa, enquanto estava deitada no chão, a fazer os entediantes trabalhos das férias. Flocos a pousarem na minha mão, de onde tinha acabado de retirar um espigão de uma unha. Flocos a pousarem-me nos cabelos e as aparas da borracha espalhadas pelo chão.

É a coisa mais estranha, a neve, lembro-me de Inseon ter dito. Estaria ela a pensar em imagens semelhantes às que eu tinha concebido? *Como é que uma coisa destas cai do céu?*, perguntara, com os olhos voltados não para mim, mas para a janela, como se estivesse a questionar em silêncio alguém lá fora, alguém invisível. Como se tivesse dificuldade em aceitar a sua beleza. Lembro-me de ela me ter dito, naquela noite no fim de dezembro, quando o ano estava a acabar, *Sempre que neva assim, lembro-me dela. Da menina a percorrer o pátio da escola, à procura, até altas horas da noite.*

Ao dizer isto, o cabelo de Inseon estava coberto por uma espessa camada de neve. Parecia que tinha um gorro de lã branco. As minhas mãos estavam rígidas e dormentes dentro dos bolsos da *parka*. Íamos a caminhar, deixando um som como o de sal a esmagar-se e a desfazer-se atrás de cada passo que dávamos. *O problema é que, sempre que neva, aquilo volta. Tento não pensar nisso, mas está sempre a voltar.*



Assusto-me quando chego à paragem de autocarro.

Pensava que estava deserta, mas junto ao poste está uma idosa que aparenta ter mais de oitenta anos. Tem as costas curvadas e auxilia-a uma bengala. Está a usar um gorro de lã cinzento-claro sobre o cabelo branco curto, e o casaco acolchoado condiz com o gorro. Tem uns sapatos de borracha escura forrados com pele falsa. Olha para mim quando me aproximo, inclinando a cabeça trémula para um lado. Aceno com a cabeça para a cumprimentar, mas ela continua a olhar. Penso que se calhar não terá percebido o meu gesto e, por isso, faço uma nova vénia e reparo que no seu rosto pequeno e enrugado se esboça um sorriso breve.

Não a tinha visto a princípio, porque ela estava por baixo de árvores cobertas de neve. O gorro e o casaco claros são uma camuflagem eficaz nesta paisagem. É estranho. Não me lembro de ter visto tanta neve em nenhuma das árvores por que passámos durante a viagem de uma hora ao longo da costa. Os ventos violentos levaram a neve mais leve para longe antes de ela ter hipótese de assentar. Agora, que está a nevar intensa e rapidamente, bastam alguns minutos nesta calma para que a neve se acumule nos ramos.

Viro-me para o cruzamento vazio atrás de mim, seguindo o olhar da mulher. Ponho-me ao lado dela e observo o seu perfil até ela voltar lentamente a cabeça para mim. Vazios, desapaixonados, os seus olhos encontram-se brevemente com os meus. O olhar não é amigável, nem indiferente, nem frio – é mais de um calor silencioso. Apercebo-me de que ela me faz lembrar a mãe de Inseon. Com a sua pequena estrutura e feições delicadas, mas sobretudo pelo seu ar de indiferença misturado com uma bondade contida.

Não tenho a certeza se lhe devo falar.

Inseon não teria tido dificuldade nenhuma em começar uma conversa. A primeira vez que viajei com ela em trabalho, visitámos certas regiões para uma reportagem sobre algumas das montanhas mais famosas e a paisagem das aldeias circundantes. Onde quer que fôssemos, Inseon estabelecia rapidamente uma ligação com as mulheres mais velhas. Não hesitava em pedir indicações, em partilhar comida com estranhos e em

procurar alguém que pudesse alojar-nos durante a noite. Quando lhe perguntei qual era o seu segredo, disse que talvez tivesse a ver com o facto de ter sido criada por uma mãe mais velha do que a maioria.

Lembro-me de que a maior parte dos seus filmes apresenta mulheres de uma certa idade, mulheres que são frequentemente tratadas por *halmoni*. Achei sempre que a natureza extrovertida de Inseon devia ter um papel importante na extraordinária intimidade que ela criava nas suas entrevistas. Quando as mulheres faziam pausas nos seus comentários ou ficavam em silêncio ao voltarem os olhos para a câmara, Inseon sentava-se à frente delas, com uma expressão acessível e sincera, e esforçava-se por olhar diretamente para elas.

Foi esse seu rosto fora do ecrã que imaginei enquanto via o seu documentário sobre o Vietname, mais especificamente a cena em que o guia local está a traduzir as perguntas de Inseon para uma mulher que vive sozinha numa aldeia remota na selva.

Está a perguntar-lhe se tem alguma história que queira contar-lhe sobre aquela noite.

Por cima das legendas traduzidas demasiado à letra, a mulher olha para além da câmara. O seu cabelo branco curto está preso atrás das orelhas, o rosto é pequeno e magro e o olhar invulgarmente penetrante.

Esta senhora veio da Coreia para lhe fazer esta pergunta.

Por fim, a mulher fala.

Está bem. Vou contar-lhe.

Olha fixamente para a câmara com uma concentração notável, sem olhar uma única vez para o intérprete. O brilho dos seus olhos atravessou a objetiva e – imaginei – os olhos de Inseon, penetrando diretamente nos meus. Era a resposta de alguém que tinha esperado muito tempo por aquele momento. Percebi que o seu breve consentimento continha todo o peso da sua vida.



A camada de neve no chapéu da mulher vai ficando espessa. Está a olhar para o cruzamento, que continua sem carros. O único movimento à nossa volta é a progressão descendente da neve espessa e húmida.

Encho-me de coragem e começo a conversar com ela.

Samchun^[13], digo.

Inseon tinha-me dito para me dirigir às pessoas mais velhas por *samchun*. *Só as pessoas de fora é que dizem ajossi*^[14] *ou ajumoni*^[15], *halmoni ou haraboji*^[16], *disse-me. Se começares uma conversa tratando-os por samchun, mesmo que não consigas alinhar corretamente uma frase em Jeju-mal, provavelmente eles estarão menos à defesa porque pensam que viveste na ilha durante bastante tempo.*

Está à espera há muito tempo?, pergunto.

A mulher volta os seus olhos vazios para mim.

Está algum autocarro para chegar?

Devagar, levanta uma mão da bengala em que está a apoiar-se. Aponta para o ouvido, com os olhos a tremeluzir. Depois, abana a cabeça de um lado para o outro, ao mesmo tempo que um sorriso débil surge no seu rosto. Os seus lábios finos, que eu pensava que nunca se abriam, afastam-se finalmente.

Com esta neve toda...

A cabeça dela continua a tremer, enquanto a vira para o outro lado, como se que a dizer que não vai continuar a conversar. Olha ao longe, na direção de onde o autocarro há de chegar.



Volto a reparar na semelhança com a mãe de Inseon, e por alguma razão o coração pesa-me.

Desfrute da sua visita, dissera-me a mãe de Inseon com um ar assim apreensivo, embora falando claramente em Seul-mal^[17]. E com o desapego que marca as pessoas que sofreram muito e foram temperadas pela angústia. Uma equanimidade que assinala a sua prontidão para suportar qualquer desventura que lhes possa ainda estar reservada, mantendo-se sempre vigilantes, mesmo perante a alegria e a boa vontade.

Perguntei-me com quem me teria ela confundido. Nessa mesma noite, mais tarde, Inseon contar-me-ia como a mãe se esquecia com frequência de que tinha uma filha, e que por vezes caía na infantilidade,

confundindo Inseon com a sua própria irmã mais velha. Ao ouvir isto, perguntei-me se ela presumira que eu era uma amiga ou conhecida da irmã. Nesse caso, o meu uso de Seul-mal tê-la-ia confundido. Quando me sorriu, as pálpebras enrugadas quase se fecharam, e a luz nos seus olhos desvaneceu-se. Ao vê-la estender as mãos, ofereci-lhe as minhas. Examinou-me o rosto com curiosidade, com cautela, como para determinar quem eu era. Quando por fim me largou as mãos com um sorriso delicado, eu fiz uma vénia e saí do quarto. Encontrei Inseon junto ao fogão da cozinha.

Que estás a fazer?

Juk de feijão, disse Inseon sem se voltar. Misturei feijões de soja pretos com amarelos. Metade-metade.

Começou a mexer a grande panela com uma colher comprida de madeira. Pus-me ao seu lado, e por fim ela olhou para mim.

Ela precisa de proteínas, mas não consegue digerir mais nada, portanto faço-lhe isto.

Usas aqueles que são verdes por dentro?

Não, só feijões de soja pretos.

Isto dá para quantas doses?

Normalmente faço só a quantidade que vamos comer, mas fiz mais porque estás aqui.

Que maravilha, digo. Por acaso sinto o estômago um pouco alterado.

Era verdade. Sentia espasmos ligeiros, possivelmente devido ao voo, e o início de uma enxaqueca, que normalmente acompanhava os espasmos.

Oh, não. Inseon franziu o sobrolho. Talvez vires aqui tenha sido demais.

Não, digo, abanando a cabeça. Queria acrescentar que andava a querer visitá-la havia algum tempo, mas pareceu-me deslocado e não disse nada. Observei o *juk* cinzento-escuro, salpicado de preto, a engrossar enquanto Inseon o mexia pacientemente.

Cheira muito bem.

E sabe ainda melhor. Inseon sorriu, confiante, e desligou o fogão.

Estavas a pensar usar isto?, perguntei, apontando para uma tigela grande numa prateleira. Ela assentiu. Pus a tigela num tabuleiro de madeira e levei-lho, então ela serviu o *juk*. Parecia-me fácil e familiar

inclinar-me sobre o lava-louça e dar uma ajuda, como se fôssemos realmente irmãs para quem estas idas e vindas fossem corriqueiras.

É uma dose generosa.

Conheces o ditado – bom apetite, vida longa. A minha mãe vai ter uma vida boa e longa.

Inseon equilibrou o tabuleiro nas mãos e dirigiu-se para o quarto principal. Apressei-me a ultrapassá-la para lhe abrir a porta. Ela entrou e fechou a porta atrás de si, deixando-me sozinha. Vagueei um pouco, e depois limpei a bela mesa de jantar bem oleada e dispus dois conjuntos de colheres e pauzinhos frente a frente. Servi o *juk* de feijão em duas tigelas grandes e pousei-as na mesa. Afastei a cadeira, sentei-me e fiquei a olhar para as tigelas fumegantes.

Quando Inseon reapareceu com a tigela vazia no tabuleiro, o *juk* já quase não fumegava. Ela encontrou o meu olhar e sorriu.

Porque estás a sorrir?

Ver-te lembrou-me.

De quê?

Inseon pousou o tabuleiro junto do lava-louça e sentou-se à minha frente.

Já te contei, não? De como fugi no secundário.

Claro.

E de como a minha mãe não me largou a mão e falou comigo toda a noite, quando voltei do hospital.

Inseon ergueu brevemente o olhar para mim como a perguntar se eu me lembrava.

Eu lembrava-me, claro. Mas ainda tinha dificuldade em ligar a mãe dela, tal como a imaginara baseada nas histórias de Inseon, com a minúscula *halmoni* que conhecera havia pouco. Recordei as suas mãos nas minhas, como estavam quentes como se ela as tivesse mantido sob um cobertor. Apesar das nossas mãos dadas, percebi que ela não confiava inteiramente em mim. Sentada a olhar para o *juk* fumegante, perguntara-me se poderia de algum modo tê-la tranquilizado. Se poderia ter falado ou agido de uma forma mais natural, para a convencer de que esta estranha que falava a língua do continente era na verdade inofensiva e uma amiga da sua irmã.

Há algo que não te contei naquele dia, uma coisa interessante, disse Inseon com um sorriso. Quando fui hospitalizada sem acompanhante, ela diz que me viu aqui, em casa.

Não compreendo, disse eu.

O hospital não conseguiria contactá-la, claro, não enquanto eu não recuperasse a consciência e lhes desse o meu nome. Mas a minha mãe jura que estive aqui no dia anterior a ela receber a chamada.

Queres dizer no sonho dela?, perguntei após uma longa pausa.

As faces de Inseon incharam com o riso que continham.

Ela diz que saiu por volta da meia-noite, acendeu a luz e me viu sentada a esta mesa.

Sim, mas os sonhos podem ser assim misteriosos, não podem?, perguntei, confusa.

Bom, ao fim de dois dias preocupada sobre o meu paradeiro, imagino que ela pudesse ter sofrido um delírio temporário.

E depois o que aconteceu?

Ela fez *juk*.

O quê?

Fez *juk* para mim.

Os espíritos comem *juk*?

Inseon e eu rimo-nos juntas.

A minha mãe pensou o mesmo. Fez o *juk* de arroz, rezando para que eu pelo menos o provasse. Pensando que, se eu pudesse ingerir comida quente, isso significaria que não tinha morrido. Mas diz que fiquei sentada a olhar para o *juk* e não disse uma palavra. Como tu estavas a fazer agora mesmo. Como se estivesses demasiado faminta, demasiado exausta para erguer sequer uma colher.

Não sinto assim tanta fome nem cansaço, disse eu.

Inseon pegou na sua colher. Eu fiz o mesmo e provei o *juk* de feijão. Apesar do que tinha acabado de afirmar, assim que o sabor quente e rico me encheu a boca, fui invadida pela fome.

Está tão bom, murmurei, e, ao ouvir isto, Inseon disse do seu modo confiante, Come tanto quanto quiseres. Há muito mais.

Comi em silêncio até a taça ficar meio vazia. Quando ergui a cabeça, Inseon estava a observar-me silenciosamente. Como uma irmã mais velha faria, talvez. Sentindo-me acanhada, perguntei-lhe, E então,

comeste?

Comi o quê?, perguntou Inseon, depois lembrou-se da nossa conversa e abanou a cabeça. Não, não comi o *juk*.

Afastou a cadeira e pôs-se de pé. Abrindo o frigorífico, baixou-se para retirar um grande recipiente de *kimchi*. A minha mãe diz que fixei a taça como se não conseguisse tirar os olhos dela, conta. Diz que era claro que estava desesperada por comê-lo, e portanto teve praticamente a certeza de que eu não era um fantasma.

Inseon pousou um prato de *kimchi* na mesa, e eu notei que ela parecia mais em paz do que aparentava em Seul. Pode ser difícil distinguir paciência de resignação, tristeza de aceitação parcial, valentia de solidão. Pensei em quão difícil pode ser diferenciar estas emoções com base em expressões faciais e gestos, e em como a pessoa em questão pode ter dificuldade em distinguir estes sentimentos em si própria.

A minha mãe contou e recontou aquela história todo o inverno, disse Inseon. Durante algum tempo, acho que a trazia à baila sempre que nos sentávamos para comer. Vieste ver a tua *umung*^[18] naquela noite, não vieste, *gasinae*^[19]?, dizia, já que sabias que uma taça do meu *juk* te traria de volta?



A mulher idosa olha fixamente para um semáforo no cruzamento. Os flocos que caem à frente dele brilham em tons diferentes à medida que as luzes mudam. Até agora passaram por nós apenas quatro autocarros, todos da rota costeira e em ambas as direções. Ninguém parece ter entrado ou saído desses autocarros. Não me lembro de ter visto nenhum deles parar.

Como pode estar tudo tão silencioso?

O mar que banhou a estrada costeira ao longo daquela hora de viagem tinha-se agitado e espumado como se estivesse prestes a engolir a ilha, as ondas avançavam de todos os lados, havia cristas brancas de espuma esmagando-se contra o molhe e explodindo no ar.

Podia uma tempestade cessar tão abruptamente?

Agora a neve cai a um ritmo ainda mais lento. Como se fosse na proporção inversa da velocidade da queda, torna-se densa, os flocos maiores e mais estreitamente agrupados. Sempre que tiro as luvas para limpar as pálpebras, os contornos dos meus olhos ficam molhados. Tudo em redor se torna desfocado, cintilante. Dobro-me para sacudir a neve das calças e sinto a humidade fria atravessar as minhas meias pelo tornozelo.

Se a temperatura estivesse poucos graus mais alta, a neve teria submergido a ilha. Como a chuva torrencial nas imagens de Inseon há uma década, uma chuvada incessante inundando a densa floresta tropical do Vietname.

Naquele agosto, depois de regressar da viagem, Inseon tinha-se enfiado em casa para a montagem. Passei por lá um dia e ela mostrou-me pela primeira vez a cena da chuva. Sentámo-nos lado a lado em frente ao monitor e, enquanto assistíamos, ouviu-se lá fora estrondos de trovões e o súbito rátátá de um aguaceiro a desabar, até eu não conseguir discernir onde acabava a tempestade sobre a selva no Vietname e onde começava a chuva torrencial sobre as ruas de Seul. Flores exóticas e estranhas e grossas folhas tropicais tremiam e vergavam-se sob a chuva abundante. Uma vala lamacenta surgia, abrindo caminho pelo centro da aldeia como um rio. Mulheres com calças arregaçadas até às coxas corriam pelos quintais para recolher em cestos de palha os pintos e as galinhas que se afogavam. O plano durava uns bons dez minutos, e afetou-me profundamente. Comigo sentada em silêncio, Inseon começou a descrever o calor tropical que experimentara.

Os quarenta graus Celsius pareciam o ponto de viragem, disse ela. Eu saía do albergue e via centenas de traças negras amontoadas em muros de lama, tentando fugir ao calor. A temperatura naqueles dias ultrapassou os quarenta. E apareciam todos os tipos de insetos invulgares. Daqueles que não costumamos ver, e também pareciam diferentes – grandes e estonteantes ao surgirem do solo escaldante, rastejando –, e sabíamos, instintivamente, que eram mortíferos. Naqueles

dias, quando chovia, era aos litros, infinitos baldes de água. Mas, no dia em que filmei isto, a chuva era ainda mais intensa do que o habitual. Não parou durante dois dias e duas noites.

Após uma primeira montagem, Inseon convidou alguns conhecidos mais próximos para um visionamento pré-lançamento. Nesta versão, a cena da tempestade seguia-se a um plano da vida quotidiana da mulher, aquela mulher que olhara para a câmara e respondera, Está bem, eu conto-lhe. Víamo-la a ir ao quintal para lavar a chaleira na bomba de água. Ela bombeava algumas vezes até a água começar a correr, depois enxaguava a chaleira por dentro e por fora. À quarta passagem por água, ouvíamos a sua voz baixa dizer, sobre as legendas que surgiam no ecrã, Naquela noite os soldados vieram. Antes de a sua narrativa terminar, começava a longa sequência da chuva a cair. Os telhados forrados a erva ficavam encharcados. A bomba de água de latão cintilava com o ricochete das gotas de chuva. A sebe desordenada de jasmineiro-do-monte tremia. O galinheiro enchia-se de água lamacenta e asas agitadas. Surgiam mulheres com calças arregaçadas e ensopadas, tinham cestos de palha sobre as cabeças. Viam-se as cabeças redondas dos pintos, a oscilarem como bolas de lã molhadas.



O floco solitário que agora mesmo pousou e se derreteu sobre a minha luva era tão próximo de um imaculado cristal de neve de seis pontas quanto seria possível encontrar-se. O que pousa ao lado dele está parcialmente desfeito, mas as quatro pontas que restam retêm a sua forma delicada. Estas dendrites moles e em deterioração são as primeiras a derreter-se. O minúsculo centro branco, a parte que se assemelha a um grão de sal, demora um suspiro antes de se dissolver.

As pessoas dizem «leve como a neve». Mas a neve tem um corpo próprio, que é o peso da sua gota de água.

As pessoas dizem «leve como um pássaro». Mas também as aves têm o seu peso.

A sensação das duas patas da *Ama* no meu ombro direito, ásperas contra a malha da camisola. A suavidade morna do peito do *Ami* quando ele pousava no meu indicador esquerdo. Estranha, a sensação de contacto com uma coisa viva, como ela pode manter-se gravada na nossa pele. Como se apenas o toque pudesse chamuscar e expor a carne. A pressão delicada daqueles pássaros contra a minha pele permanece inigualável.

Como podem ser eles tão leves?, perguntara eu, mas Inseon abanou a cabeça. Disse-me que os ossos das aves são ocos e que era talvez isso que as tornava mais leves. Os seus maiores órgãos são os sacos aéreos, acrescentou, que se assemelham a balões.

Os pássaros comem tão pouco porque os seus minúsculos estômagos não têm grande capacidade, prosseguiu. Além disso, só têm pequenas quantidades de sangue e fluidos corporais, portanto perder umas gotas de sangue ou não ter água para beber durante pouco tempo pode ser fatal. Basta uma quantidade vestigial de toxicidade numa chama de gás para lhes poluir o sangue, e foi por isso que eu mudei para um fogão elétrico.

Inseon baixou a voz como se pensasse que os pássaros podiam mesmo compreendê-la. Honestamente, já me arrependi algumas vezes de ter ficado com eles, disse. Não é preciso ser tão cauteloso com gatos ou cães.

Os pássaros levantaram voo da minha mão e do meu ombro. Houve um breve bater de asas, depois voltaram a sossegar, a *Ama* no ombro de Inseon e o *Ami* no peitoral que dava para o quintal. Ficou-me uma sensação demorada e flutuante nas zonas onde a *Ama* e o *Ami* tinham pressionado ao projetar-se no ar. Uma sensação semelhante a bolhas ou espuma de sabão na pele.

Quanto pesam eles?, perguntei.

Inseon virou-se para olhar a *Ama* nos olhos.

Não sei bem. Talvez vinte gramas?

Por alguma razão, veio-me à ideia um feto humano. Ouvira havia muito tempo que um feto pesava cerca de vinte gramas por volta da altura em que conseguíamos ouvir o bater do seu coração ainda em desenvolvimento. Nessa fase, o feto enroscado é quase indistinguível de um embrião de ave no seu ovo.

Na manhã seguinte, a sempre hospitaleira Inseon levou-me ao aeroporto na sua carrinha. Em Seul, nas noites em que tinha dificuldade em adormecer, eu ficava a ler *online* sobre pássaros. Encontrei um artigo numa revista de divulgação científica que descrevia as aves como dinossauros ainda existentes. Enquanto a superfície da Terra ardia e ebulia na sequência da colisão de um asteroide, e a cinza vulcânica que cobria a atmosfera dizimava igualmente animais e plantas, o artigo dizia que os dinossauros alados, ou aves, foram um organismo que conseguiu sobreviver à devastação voando durante meses sem fim. Mais tarde, encontrei um *website* onde quase todas as aves atualmente existentes estavam catalogadas com fotografias e respetiva nomenclatura. Li alto os nomes taxonómicos, nomes de que seria pouco provável lembrar-me, mas isto ajudou-me a passar o tempo. Noutra noite, encontrei por acaso um anagrama anatómico de uma ave traçado em linhas nítidas, que achei especialmente belo e me senti compelida a guardar no meu computador. Vi os sacos aéreos semelhantes a balões que Inseon descrevera, vi como os ossos estavam cheios de orifícios ovais e se pareciam com instrumentos de sopro. *Então é isso que os torna tão leves*, murmurei para comigo no escuro, recordando a aspereza das patas da *Ama* contra o tecido da minha camisola.



Um floco de neve gigante pouso-me nas costas da mão. Viajou mais de mil metros desde as nuvens. Quantas vezes se deve ter fundido e combinado na descida para atingir este tamanho? E, contudo, como é leve. Tento imaginar um floco de neve de vinte gramas, a sua vastidão.

Olho novamente para a mulher. Continua imóvel como uma figura de pedra, de mãos fechadas sobre a bengala. Há quanto tempo estará assim à espera? Como é que as suas mãos nuas não congelam? Parece que o tempo quase não passa. Parece que somos os últimos seres vivos a respirar nesta cidade silenciosa com as suas lojas fechadas e vazias. Reprimos um impulso súbito de estender a mão e limpar a neve das suas

pestanas grisalhas. Sou tomada por um estranho temor. O temor de que, no instante em que lhe tocar, não apenas o seu rosto, mas todo o seu corpo, possam dispersar-se e desaparecer na paisagem nevada.



É preciso ficar de olho neles, mesmo que pareçam bem.

Os pássaros fingem que não se passa nada, por muito que estejam a sofrer. Suportam e escondem instintivamente a dor para evitarem ser alvo dos predadores. Quando caem do poleiro, já é demasiado tarde.

Enquanto Inseon falava com grande preocupação, a *Ama* permanecera no seu ombro. O seu rosto branco estava voltado para mim, mas eu sabia que ela estava provavelmente a olhar para Inseon com um olho e a seguir a sua própria sombra na parede com o outro. Aquela sombra, sendo parte da sombra de Inseon, tinha o dobro do tamanho da própria Inseon. Divertida, retirei um lápis de um estojo na minha mala e dirigi-me para a parede.

Depois apago se não gostares.

Inseon manteve-se imóvel enquanto eu traçava o contorno esmaecido da sua sombra gigante da cabeça até ao ombro, e também do perfil igualmente gigante e preto da ave. O *Ami* saltitou do peitoril e pousou no candeeiro que estava em cima da mesa de jantar. Quando a luz oscilou, as sombras oscilaram com ela. Quando o quebra-luz parou de se mexer, as sombras voltaram a encaixar-se na linha que eu desenhara.

Não, não.

Suspirou o *Ami* no quebra-luz. Devia ter apanhado a palavra da sua involuntária companheira humana. Perguntei-me quando e em que circunstâncias teria Inseon pronunciado aquela palavra.

Acariciando a cabeça da *Ama*, Inseon disse, Está na hora de irem os dois para a cama.

Começou a cantar, como se isto fosse o sinal entre eles. Eu não sabia a canção, mas a melodia era-me bastante familiar. Uma canção de embalar, embora eu não conseguisse seguir as palavras, pois eram em

dialeto. Antes de Inseon chegar ao fim do primeiro compasso, a *Ama* começou a acompanhá-la num outro ritmo. Uma harmonia extraordinariamente serena, se bem que algo dissonante, atravessou o ar. O *Ami* manteve-se calado, como se estivesse a ouvir a canção. Embora tivesse o rosto virado para mim, estava provavelmente a seguir a sombra oscilante de Inseon e da *Ama* com um olho e o tremular da árvore no quintal à luz do entardecer com o outro. Como seria viver com dois campos de visão? Eu não fazia ideia. Talvez fosse como esta melodia desfasada para duas vozes. Ou como viver um sonho e a realidade ao mesmo tempo.



Senti a linha de dor reativar-se, começando nos olhos e estendendo-se para lá da nuca e dos ombros rígidos até ao estômago. Tinha cuspidado a pastilha elástica no autocarro, quando esta perdera o sabor. Duvido de que a pastilha a ajudasse agora.

Descalço as luvas. Esfrego as palmas das mãos uma na outra até ficarem quentes e pressiono-as nas pálpebras e em redor dos olhos. Dobrando os joelhos, agacho-me umas quantas vezes. Rodo os ombros e o pescoço. Endireito as costas, respiro fundo. Dou três passos à frente e três passos atrás, voltando de cada vez ao meu lugar ao lado da mulher. Se conseguir preparar a tempo um banho quente, ainda poderei evitar os espasmos. Se meter um pouco de *juk* quente no estômago e encontrar um lugar aconchegado para descontrair e alongar o corpo.

Se ao menos Inseon estivesse em casa agora, e não naquele hospital em Seul. Se ao menos ela estivesse aqui para atender a minha chamada, surpreendida, e me viesse buscar na sua carrinha. Se ao menos ela estivesse aqui para me dizer, enquanto eu me sentava no lugar do passageiro a massajar os olhos, *Lembras-te de como o meu juk de feijão te fez sentir melhor? Vamos lá comer.* Os seus olhos a sorrirem daquele seu modo confiante.



O brilho do semáforo aviva-se. A neve assume tons mais escuros de vermelho, amarelo e verde ao cair à frente do sinal. A noite está a instalar-se.

Parece que afinal o autocarro não vem.

Ainda que parasse um agora, quando chegássemos à aldeia de Inseon já estaria demasiado escuro para eu me orientar.

Está na hora de apanhar um autocarro da rota costeira e ir até Seogwipo, para arranjar uma cama e pernoitar. Se houver uma farmácia que abra ao sábado, posso pelo menos comprar *Tylenol* e esperar aguentar-me. Se isso não resultar, posso ainda procurar um hospital amanhã de manhã e, se tiver sorte, talvez consiga mesmo uma receita do único medicamento para a enxaqueca que funciona comigo.

Mas primeiro tenho de lhe ligar, resmoneio em voz alta. A minha respiração paira na neve que cai. Reconsidero. Não, devo enviar uma mensagem de texto. Ela não consegue atender o telefone. No momento em que ele vibra, pode estar a ser de novo picada nos dedos com agulhas.

A dor lacerante nos meus olhos torna-se mais aguda. Sabendo que não fará diferença, procuro pastilha elástica no bolso. Retiro duas da embalagem e começo a mastigar. A náusea atinge-me de imediato e cuspo-as para o guardanapo de papel que recebi no avião juntamente com um copo de água. Um líquido viscoso escorre quando embrulho a pastilha no papel bege.

Volto a mudar de ideias. É melhor ligar. Ser-lhe-ia mais difícil reposicionar-se para digitar uma mensagem. Se ela não conseguir manejar o telefone, a cuidadora pode segurá-lo para ela. E, no silêncio deste lugar, devo conseguir distinguir todas as palavras entrecortadas que Inseon sussurrar ao telefone.

Tenho de lhe dizer que vou desistir. Que há um nevão, que estou doente. Inseon sabe como as minhas enxaquecas costumam surgir abruptamente. E como os espasmos abdominais que inevitavelmente se seguem a elas me incapacitam por vários dias. Já quanto à severidade da neve e ao seu impacto nos transportes daqui, praticamente não preciso de lhe dizer nada.



Após o quinto toque, desligo a chamada. Espero um minuto inteiro antes de voltar a pressionar a tecla de ligar. O meu telefone precisa há muito de substituição, prova disso é que basta isto para a bateria perder uma barra.

Por fim, consigo fazer a ligação. Inseon, chamo, esforçando-me por ouvir a sua voz sussurrante. Em vez disso, ouço a voz urgente de uma mulher dizer, Mais tarde, ligue mais tarde.

A chamada termina. Fico a olhar para o ecrã. Deve ser a cuidadora. Ouvi uma agitação geral em redor da sua voz, uma erupção de barulho que não parecia própria de um quarto de doente.

Não consigo perceber o que está a acontecer. A carga da bateria baixou até aos dez por cento. Vou ter de recarregá-la antes de poder fazer nova chamada. Preciso de chegar a Seogwipo.

Abrando a força com que agarro no telemóvel, meto-o no bolso e lanço um olhar à mulher ao meu lado. Será que não precisará da minha ajuda, dado que é dura de ouvido e usa bengala?

A mulher continua a olhar para o cruzamento, aparentemente absorta. Se quiser captar-lhe a atenção, terei de lhe tocar. Estou prestes a tocar-lhe no ombro quando a sua expressão muda. Os seus olhos cintilam, mesmo mantendo-se fixos. Sigo o seu olhar e, inacreditavelmente, um pequeno autocarro está a entrar no cruzamento, de tejadilho coberto por uma espessa camada de neve.



Ouçó o motor do autocarro que se aproxima, apesar de a neve absorver as lentas reverberações. O autocarro detém-se com um som que me faz lembrar giz numa ardósia. Também esse guincho é abafado pela neve plácida.

A porta da frente abre-se. Sai um ar quente e húmido que me chega ao nariz. O motorista, que tem uma mão enluvada a algodão no manípulo das mudanças, dirige-se à mulher.

Estava há muito tempo à espera?

Usa óculos de aros de tartaruga e um uniforme azul-escuro, e parece ter quarenta e poucos anos.

Dois autocarros ficaram encalhados na neve na subida. Esteve à espera este tempo todo ao frio, não esteve?

Como anteriormente, a mulher aponta para o ouvido e assente sem responder. Usando a bengala, sobe lentamente para o autocarro, e eu sigo-a como em transe. O autocarro não traz mais ninguém.

Vai para Secheon-ri?, pergunto antes de encostar o meu passe ao leitor.

Sim, exatamente, diz de modo educado o motorista em Seul-mal, e eu sinto um distanciamento na sua mudança de tom.

Pode dizer-me quando chegarmos a Secheon-ri?

E onde, ao certo?, pergunta ele. Paramos quatro vezes só em Secheon-ri. É uma aldeia grande.

Não consigo lembrar-me do nome da paragem mais próxima da casa de Inseon. Só me lembro de que era uma palavra Jeju de som estranho.

O motorista fica a olhar para mim enquanto hesito. Ouço o guinchar dos limpa-para-brisas que desviam a neve do vidro.

Normalmente há autocarro até às nove, mas hoje não vai haver mais nenhum, diz ele.

Continuo sem conseguir responder.

Estou a dizer-lhe que este é o último autocarro a ir para Secheon hoje devido ao tempo, explica o motorista, dado que eu não falo Jeju-mal e ele desconfia da minha roupa e do meu aspeto. Agradeço-lhe.

Não sei o nome da paragem, mas vou reconhecê-la quando lá chegarmos. Eu digo-lhe. Pouco convencida das minhas próprias palavras, encosto o cartão. Sento-me atrás da mulher, que se equilibra apoiando-se na curta bengala. A neve do seu chapéu já se dissolveu em gotas que pontilham a lã felpuda.



O que eu disse ao motorista não é inteiramente mentira.

Na paragem de autocarro mais próxima da casa de Inseon – que ainda fica a trinta minutos a pé de distância – há uma grande amoreira que deve ter uns quinhentos anos. Também me lembro de uma minúscula loja que vende bebidas e cigarros. Se não estiver escuro como breu quando lá chegarmos, se houver ainda um vestígio de crepúsculo, decerto não me escapará uma árvore tão grande.

Independentemente do que se estiver a passar com Inseon neste momento, o melhor que tenho a fazer é ir para casa dela. Carregar o telefone quando lá chegar e a seguir ligar-lhe. Claro que isto é o que ela mais queria que eu fizesse.

Sinto que tive sorte. Consegui vir no último voo para Jeju e agora apanhei o último autocarro para a aldeia de Inseon. Penso no casal no avião. *Chamas a isto sorte? Estás a ver este tempo?*

Será que a boa sorte me está a levar ao encontro do perigo?

Encosto a cabeça na janela fria e suporto a dor de ter os olhos perfurados por uma faca romba. Como sempre, a dor isola-me. Estou aprisionada nos momentos tortuosos que o meu próprio corpo gera, segundo a segundo. Fui desalojada do tempo anterior à dor, do mundo dos não doentes.

Se ao menos pudesse deitar-me num lugar quente.

Visualizo o quarto grande na casa de Inseon, que ela me deixou usar no outono passado. A roupa da cama estava dobrada de um lado, como se a dona tencionasse regressar em breve. O cheiro a amaciador sugeria que ela tinha lavado os cobertores para mim, e estes eram frescos e secos e aconchegantes contra a minha pele. Naquele primeiro dia dormi invulgarmente bem no meu casulo quente, até acordar por volta da meia-noite. Num capricho repentino, espreitei por baixo do colchão no chão e vi a serra de arco enferrujada, que imaginei estar ali adormecida havia muito tempo.



A penumbra está a instalar-se rapidamente. O autocarro atravessa o banco de nuvens branco-sujas de neve e névoa que eu vira da estrada costeira. As casas que pontilhavam o caminho desapareceram. Árvores de folha caduca cobertas de neve sucedem-se de ambos os lados numa floresta aparentemente vasta.

O autocarro abranda e para. A mulher levanta-se do seu lugar. Não indicou nem disse ao motorista para onde vai, mas este parece saber onde a deixar. Talvez esteja familiarizado com os residentes daqui por fazer a mesma rota todos os dias. A mulher dirige-se para a porta de trás, com a bengala a bater enquanto caminha. Inclina de lado a cabeça trémula para me olhar com uma expressão que não consigo decifrar – será um ligeiro sorriso, uma saudação de despedida ou apenas um olhar vazio? –, antes de se virar.

Será que ele devia deixar sair pessoas num lugar tão deserto? Olho em redor e diviso um muro baixo de pedras pretas e porosas no meio das árvores. Uma casa. Há um carreiro que passa entre dois destes muros cobertos de neve. Talvez leve a uma aldeia. O motorista espera que a mulher pouse firmemente os dois pés no chão nevado antes de fechar a porta. A sua figura curvada atravessa a custo a neve pesada e afasta-se gradualmente. Desloco-me no assento para a seguir até a perder de vista. Não compreendo. Não é parente nem conhecida. É apenas uma estranha ao lado de quem fiquei por acaso numa paragem de autocarro. Então porque me sinto perturbada, como se me tivesse acabado de me despedir de alguém?

O autocarro continua lentamente a subir a encosta suave por mais cinco minutos, e depois para. O motorista desliga o motor, puxa o travão de mão. Por favor, espere enquanto eu ponho as correntes nos pneus, grita.

Um vento tempestuoso entra pela porta dianteira do autocarro quando o motorista desce. À medida que a enxaqueca piora, a minha mente fica entorpecida, até a separação e a mulher se afastarem da minha memória. Quaisquer apreensões ou pensamentos sobre o pássaro que tenho de salvar, a minha preocupação com Inseon – tudo se esvai para fora do limite definido talhado pela dor.

Vejo que está ainda mais escuro e que o vento que entra pela porta aberta não para de aumentar. A nevasca está prestes a recomeçar. É quase como se a calma que nos rodeava desde a paragem de autocarro em P... emanasse daquela mulher e agora, que esta se foi embora, também ela recuasse.

Os bosques estremecem e gritam. A neve tomba das árvores em grandes enxurradas. Sinto que a minha testa vai despedaçar-se. Encosto-me à janela e recordo o nevão que vi antes, na estrada costeira. Bancos de nuvens a dispersarem-se no horizonte longínquo e a neve a varrer a superfície da água como enormes bandos de aves. O mar cinzento a atacar a ilha como se fosse engoli-la inteira, as grandes ondas a esmagarem-se em espuma branca.



Ainda tenho escolha. Posso ficar neste autocarro. Posso optar por voltar a P... com o motorista. Mudar lá de autocarro e ir para Seogwipo.

Safa, que tempo horrível..., resmoneia o motorista para consigo ao entrar de novo no autocarro, sacudindo a neve do cabelo.

Volta a instalar-se no assento, coloca o cinto de segurança e liga o motor. Acende os faróis e avança lentamente com o autocarro para a tempestade. A estrada de uma só faixa serpenteia pela densa floresta de criptomérias. Milhares de árvores altas agigantam-se no crepúsculo sob a neve esparsa. Como se as árvores pretas do meu sonho antigo ainda estivessem vivas, e esta fosse a sua paisagem.

^[13] Literalmente, «tio». Presume-se que no dialeto de Jeju o termo se aplique a todas as pessoas mais velhas. [N. da T.]

^[14] Senhor. [N. da T.]

^[15] Senhora. [N. da T.]

^[16] Avô, ancião. [N. da T.]

^[17] Coreano tal como se fala em Seul, ou coreano-padrão. [N. da T.]

^[18] Mãe. [N. da T.]

^[19] Menina, rapariga. [*N. da T.*]

5

A luz que resta

A neve cai.

*Na minha testa e nas minhas bochechas.
No meu lábio superior, no sulco acima dele.*

*Não está frio.
É tão pesado como penas,
como a ponta mais fina de um pincel.*

*A minha pele terá congelado?
O meu rosto está coberto de neve como estaria se estivesse morta?*

Mas as minhas pálpebras não devem ter arrefecido. Só os flocos de neve agarrados a elas. Derretem-se em frias gotículas de água e penetram-me nos olhos.



Os meus maxilares entrechocam-se. Os meus dentes batem uns nos outros. Tenho medo de morder a própria língua. Obrigo as pálpebras molhadas a abrirem-se, e encontro escuridão. A mesma escuridão que

via quando tinha os olhos fechados. Flocos de neve invisíveis caem-me nos olhos, e eu pestanejo.

De capuz ainda posto, viro a cabeça e deito-me de lado. Cruzo os braços com força e ergo os joelhos. Tento suavemente mexer as articulações, do pescoço até aos pés. Parece que não parti nenhum osso. As coxas e os ombros doem-me, mas a dor não é insuportável.



Tenho de me levantar e de me mexer. Não posso perder mais calor corporal. Mas não consigo obrigar-me a fazê-lo. Não sei onde estou. Não sei aonde tenho de ir.

Não faço ideia de quando o telefone me escorregou da mão. Quando a luz cinzento-azulada do crepúsculo desapareceu, eu tinha chegado à primeira encruzilhada e ligado a lanterna do telemóvel. Com pouca bateria restante, planeava usá-lo só quando tivesse uma escolha importante a fazer, como naquele momento. Lembro-me claramente de o caminho para a casa de Inseon se dividir em dois trilhos, e os contornos sumidos à minha frente confundiram-me, três carreiros de larguras diferentes a atravessar o bosque. Pensei que a lanterna me permitiria reconhecer o caminho a tomar, mas as árvores derramaram de imediato as suas sombras sobre a luz fraca do meu telemóvel, o que só tornou o lugar ainda menos familiar. Mesmo assim, eu não tinha tempo para hesitar. Apoiando-me na recordação de ter percorrido um carreiro largo com uma descida suave, e não o que era relativamente estreito e que subia, avancei para o mais largo dos três trilhos. No momento seguinte, o chão cedeu sob os meus pés e eu enterrei-me num monte de neve.

Tinha instintivamente coberto a cabeça com ambos os braços. Deve ter sido aí que deixei cair o telemóvel. Rebolei por um declive, a cabeça e o corpo agredidos por pedras e rochas, mas não perdi os sentidos. O casaco acolchoado, que era como um saco-cama, e a neve amontoada na descida ajudaram a amortecer o embate.



Escurecera assim tanto naquele curto espaço de tempo?

Eu teria afinal perdido a consciência, quando estava tão certa do contrário?

Subo a manga do casaco com a mão esquerda que treme. Tateio em busca do relógio, sabendo muito bem que ele não se ilumina no escuro. Vejo apenas negrume.

Apercebo-me de que a enxaqueca, que era como ter os olhos perfurados por uma faca romba, desapareceu. Talvez o choque tivesse libertado os anestésicos naturais do meu corpo, ou aumentado o ritmo cardíaco. Mas o frio áspero mantém-se. Os meus dentes não param de bater. O maxilar lateja tanto que receio que esteja prestes a soltar-se. O frio penetra o meu capuz forrado a algodão, atravessa o cachecol. Abraço os joelhos tiritantes com toda a força possível e reflito.

Este caminho onde aterrei e para onde deslizei por acidente, esta cama de terra onde jazo, é provavelmente o ribeiro seco. Uma fina camada de gelo deve ter-se formado no canal, e sobre ela empilhou-se neve. Quase não há rios ou riachos nesta ilha vulcânica, e só ocasionalmente, durante grandes chuvadas ou nevões, surgem corpos de água a correr. A aldeia costumava estar dividida ao longo da margem deste riacho efémero, contou-me Inseon uma vez em passeio. Um agregado de quarenta casas, mais ou menos, erguia-se do outro lado e, quando saíram as leis de evacuação em 1948^[20], foram todas incendiadas, as pessoas dentro delas massacradas, a aldeia incinerada.

Até então, a nossa casa não ficava tão afastada. Do outro lado do ribeiro, havia uma aldeia.

Se estiver de facto deitada no leito desse ribeiro, então pelo menos não me perdi. Se for capaz de recuar até à encruzilhada na estrada, conseguirei encontrar o caminho. O problema é que não faço ideia da distância que caí. Podem ter sido três, quatro metros, ou mais de dez. Se não estivesse tão escuro, seria capaz de saber o caminho a tomar. Se ao menos tivesse um isqueiro ou uma caixa de fósforos no bolso.



Não devia ter saído daquele autocarro.

As suas rodas acorrentadas tinham deixado marcas na neve à medida que ele se afastava lentamente, mas, quando o autocarro desapareceu de novo na tempestade, enormes flocos de neve já tinham coberto aquelas marcas, apagando qualquer vestígio delas.

Mesmo estando tão escuro, a neve refletia um bruxuleio acinzentado que se demorava no ar, o que ainda me permitia distinguir as coisas à minha volta. As luzes estavam apagadas na única loja da aldeia, mas um brilho débil, como o de um candeeiro de mesa de cabeceira, derramava-se sob a porta. Experimentei tentar abrir a porta metálica de correr, só que estava trancada. Bati, mas não tive qualquer indicação de que estivesse lá alguém. Não parecia uma loja ligada a uma habitação.

Guiando-me pela luz que restava, orientei-me e comecei a andar. Desviei-me da estrada principal e atravessei os campos por carreiros ladeados de muros de basalto coroados de neve. Passei por estufas escuras como breu e cheguei a uma estrada que atravessava um maciço de pinheiros. Aí, onde a estrada mal tinha largura para a passagem de um carro pequeno, a neve chegava-me aos joelhos. Tinha de enterrar as pernas e depois desenterrá-las para atravessar os bancos de neve, o que era demorado. Tinha as sapatilhas e as meias ensopadas. A neve entrava e cobria-me os tornozelos e as canelas. Não havia edifícios que pudesse usar como referência, e as árvores em volta estavam cada vez mais submersas no anoitecer, e tão cobertas de neve que eu nem conseguia saber ao certo o que eram – só podia apoiar-me no meu sentido de subida e descida, na minha memória da estrada a estreitar e a alargar.

O meu único alívio ao atravessar o bosque era que o vento tinha abrandado. A tempestade que me soprara na cara de forma tão impiedosa que eu mal conseguia abrir os olhos acalmou lentamente, e estava quase adormecida. Eu avançava, o som das minhas pernas a entrarem e a saírem da neve era a única coisa a romper o silêncio da noite. Tinha medo de estar ali sozinha, mas teria sido pior se alguma coisa aparecesse naquele momento – fosse um animal selvagem ou outra pessoa.

A avaliar pelas alturas e silhuetas das árvores, parecia estar a percorrer um bosque de criptomérias. No último outono, quando deixava Inseon em paz na sua carpintaria e ia passear até à paragem do

autocarro, via na subida de regresso estas árvores altas a oscilarem ao vento, roçando como um tecido. Parecia-me que o vento nesta ilha era uma camada sempre subjacente a tudo o resto, um fundo constante. Sentia a sua presença quer soprasse com força, quer agitasse suavemente as árvores ao passar, e mesmo nas raras ocasiões em que estava calado. Especialmente nas zonas onde as coníferas e as latifólias subtropicais cresciam juntas, o vento criava uma harmonia indescritível ao passar por entre os ramos e as folhas; a velocidade e o ritmo variavam consoante o tipo de árvore. A luz do sol refletia-se nas folhas lustrosas das cameleiras, cujos ângulos mudavam a cada momento. Trepadeiras de *Acer circinatum* abraçavam os troncos das criptomérias e subiam a grandes alturas, ondeando como cordas de balouço. Olhos-brancos chilreantes escondidos algures longe da vista trinavam uns para os outros como a enviar sinais.

Naquele caminho nevado, na escuridão que se tornava mais pesada a cada segundo, lembrei-me de novo daquele vento. Com cada passo que dava sentia-o, como uma sombra que podia tomar forma e manifestar-se a qualquer momento, uma mancha de tinta espalhada no reverso da quietude. A neve pesada caía infinitamente no crepúsculo e, quando por fim a encruzilhada surgiu à minha frente, o céu tinha escurecido. Liguei a lanterna do telemóvel para ver mais claramente, e as árvores amortalhadas de neve devolveram-me uma luz branca e aterradora. Três caminhos engolfados na neve incessante saíam dessa encruzilhada. Quando olhei para trás, o caminho solitário marcado pelas minhas pegadas profundas jazia em silêncio.



Penso no pássaro.

Inseon dissera-me que, para o salvar, tinha de lhe dar água no lapso de um dia.

Mas quando acaba o dia para uma ave?

Estes pequeninos adormecem como uma luz que se apaga.

Foi assim que Inseon os descreveu certa noite no outono anterior, depois de ter soltado os periquitos durante uma hora para que voassem e de os ter voltado a meter na gaiola, um de cada vez. Antes de lançar sobre eles um pano preto, olhou brevemente os pássaros nos olhos.

Estão assim despertos e a trinar, mas, no momento em que a luz desaparecer, adormecem. É como se estivessem ligados a uma tomada elétrica. Mesmo a meio da noite, se eu desviar este pano, acordam imediatamente e começam de novo a trinar e a palrar.



O casaco não me chega às barrigas das pernas nem aos pés, mas estes já não sentem frio. Toco nos tornozelos dormentes com as mãos enluvadas. Junto mais os joelhos. Agora estou enroscada numa bola e tento enrolar-me ainda mais sobre mim própria para que o casaco me envolva e impeça o vento de chegar ao peito e à barriga. Mas é impossível tapar os pés.

Talvez devesse mexer mais os dedos dos pés para contrariar a dormência. Não sei se já existem queimaduras de frio. Lembro-me de que a protagonista da segunda curta-metragem na série a que a Inseon chamou tríptico – a mulher que, aos sessenta anos, levava quatro dias a atravessar sozinha as planícies da Manchúria para poder regressar ao acampamento de uma milícia independentista – perdera pelo caminho quatro dedos dos pés devido a queimaduras de frio. Inseon inseriu uma entrevista após a cena que filmara em que ela própria caminhava no mesmo terreno, com uma pequena câmara fixada na testa, o céu azul mesmo com a neve solta a rodopiar sob a tempestade.

Ultrapassa-me, diz uma narradora invisível, como conseguiu ela sobreviver com tanta neve.

A voz da filha mais velha da mulher, que aceitara ser entrevistada em nome da mãe, sobrepõe-se ao sopro do vento e ao ranger dos passos.

A minha mãe sempre me disse que é mais quente dentro da neve. Abria um buraco na neve e esperava nele até de manhã. Beliscava-se para ficar acordada, a fim de não morrer congelada.

A cena mudava para um plano da mulher mais velha, embora eu não conseguisse perceber se ela estava ou não a compreender o que a filha dizia. Está sentada na cadeira de rodas, veste um casaco de malha cor de arroz com botões de madrepérola e fixa, absorta, a luz do sol para lá da janela.

Ela trabalhava numa fábrica têxtil em Pyongyang, prossegue a filha, mas quando soube, com algum atraso, que os professores da escola noturna que ela admirava se tinham juntado a um grupo independentista, foi procurá-los. Os seus professores ficaram surpresos por vê-la. O que faz aqui uma boa menina como tu?, perguntaram. Acho que, provavelmente, a minha mãe tinha sentimentos românticos por um dos professores, ou pelo menos admirava-o. Ela conta que o seguiu para uma unidade de transporte e começou a distribuir clandestinamente armas e munições. Escondia-as em fardos envoltos em panos e metia-os em comboios, guardava-as em sacas de cereais e transferia-as através de camiões. Um dia, estava acantonada junto de um rio com mais quatro da sua unidade quando soldados japoneses invadiram o local, provavelmente após uma denúncia. Ela ouviu os soldados a abrirem e a revistarem os quartos um a um e, com os membros com quem partilhava o quarto do fundo, fugiu pela janela. Desataram a correr e saltaram juntos para o rio escuro como breu. A minha mãe disse-me que nunca compreendeu como é que só ela conseguiu evitar a chuva de balas. Atravessou o rio e deu por si sozinha na outra margem. Disse-me que o desejo de saber a razão de ter sido a única a ser poupada era como uma chama viva dentro dela, e que foi isso que a impediu de morrer congelada. Os seus sapatos, encharcados pelo rio, nunca secaram, e quatro dos dedos dos pés caíram-lhe durante a caminhada de regresso, mas ela só veio a aperceber-se disso mais tarde e, quando o soube, não sentiu arrependimento nem tristeza.



Enrosquei o corpo todo, enfiei os pés no casaco almofadado e enterrei profundamente quase toda a cara no capuz, mas não posso fazer nada para evitar que a neve me caia sobre a cana do nariz e sobre a

pálpebra direita. Se mexer uma mão para a limpar, a bola em que me enrosquei vai desenrolar-se e, sobretudo, o calor corporal que gerei perder-se-á, portanto deixo em paz a neve que se acumula. O meu maxilar lateja como se pudesse cair devido ao castanholar incessante, e eu suporto a dor mordendo a manga rígida e coberta de neve para imobilizar os dentes. Ocorre-me um pensamento. A água não circula infinitamente, sem nunca desaparecer? Se isso for verdade, então os flocos que Inseon cresceu a ver podem ser os mesmos que caem sobre o meu rosto neste momento. Lembro-me das pessoas mortas que a mãe de Inseon descreveu, aquelas no pátio da escola, e os meus braços libertam os joelhos. Limpo a neve do nariz e da pálpebra dormentes. Quem poderá dizer que a neve que me empoeira agora as mãos não é a mesma que se acumulou sobre os seus rostos?



Como se suporta?

Sem um fogo a arder no peito.

Sem um tu a quem voltar e abraçar.



Queres *noodles*?, perguntou Inseon, e eu lembro-me de a ave pousada no seu ombro responder nitidamente, Claro.

Inseon foi ao frigorífico e retirou uma embalagem de *noodles* de trigo que estava na porta. A *Ama* voou da mesa e foi pousar no outro ombro de Inseon. A dona puxou um fio de massa, partiu-o ao meio e estendeu um pedaço a cada pássaro. Dividiu igualmente a atenção pelos dois, observando uma ave, e depois a outra, a bicar o alimento.

Queres experimentar?, perguntou-me.

Apanhada de surpresa, aceitei a embalagem de *noodles* de Inseon, e os pássaros voaram de imediato para os meus ombros. Parti um fio de massa e ofereci cada metade aos dois, como Inseon fizera, e então senti-me atrapalhada, pois não sabia para onde virar primeiro a cabeça.

Sempre que as aves arrancavam um pedaço da massa com os bicos, eu sentia esse impacto ligeiro nas pontas dos dedos, como a mina de uma lapiseira ao partir-se.



*Não sei como dormem e morrem os pássaros.
Se a respiração lhes cessa quando a luz que resta desaparece.
Ou se as suas vidas continuam a fluir, como eletricidade, até às primeiras horas do amanhecer.*



Quanto tempo falta para haver luz?

O frio cortante que me fazia tremer incontrolavelmente começa a ceder. É quase certo que a temperatura do ar não está a subir, mas eu sou de súbito invadida pelo sono, como se uma massa de ar quente cobrisse o meu casaco. Quase não sinto o frio da neve que me aterra nas pálpebras.

Sempre que me deixo dormir e largo os joelhos, acordo em sobressalto e enclavinho as mãos. Sou já indiferente aos flocos de neve que me caem na cara. Deixei de reconhecer o seu toque delicado e leve ou as gótículas que me penetram nos olhos.

O calor irradia pelo meu corpo como arrepios cintilantes na superfície da água, e eu volto a afundar-me nos meus pensamentos oníricos e confusos. O vento e as correntes não circulam também, além da água? A neve que caiu sobre esta ilha, e também sobre outros lugares antigos e longínquos, pode ter-se condensado toda junta no interior daquelas nuvens. Quando, aos cinco anos, estendi a mão para tocar na minha primeira neve em G..., e quando, aos trinta, fui apanhada num aguaceiro súbito que me encharcou enquanto andava de bicicleta à beira-rio em Seul, ou quando a neve ocultou os rostos das centenas de crianças, mulheres e idosos no pátio da escola aqui em Jeju, há setenta anos, ou ainda quando a água lamacenta inundou a capoeira e as galinhas e os pintos agitavam as asas e a água fazia ricochete na bomba

de água de latão – quem pode dizer que aquelas gotas de chuva e cristais desfeitos de neve e camadas finas de gelo ensanguentado não são um e o mesmo, que a neve que agora pousa em mim não é aquela mesma água?



Trinta mil pessoas.

Inseon senta-se de joelhos elevados, com as costas encostadas à parede iluminada pelo sol. Em vez de apontar para o seu rosto, a câmara concentra-se num joelho e num dos ombros, para que grande parte do ecrã fique ocupado pelo fundo pálido. Uma sombra misteriosa estremece contra a cal. Ervas demasiado altas balançam em redor dela, roçando as finas fibras de cânhamo da sua camisa.

Em Taiwan também foram assassinadas cerca de trezentas mil, e cento e vinte mil em Okinawa.

A voz de Inseon está mais calma do que nunca.

Por vezes penso nesses números. E em como todos estes lugares são ilhas. Isolados.

A luz que dança na parede expande-se até o ecrã ser uma superfície plana e cintilante, a captar coisa nenhuma.



Sempre que caio no sono como se estivesse a ser atraída para uma luz quente, forço com as mãos os olhos a abrirem-se. Não sei se é a sonolência ou a fina camada de gelo sobre as pestanas o que os mantém selados.

Surgem rostos na minha consciência a esvair-se. Não rostos de desconhecidos mortos, mas de pessoas que estão vivas, embora longe, no continente. São arrebatadores de tão nítidos. Memórias vívidas desenrolam-se à minha frente. Sem qualquer ordem especial, e sem contexto. Como mil bailarinos que se espalham de uma só vez no palco, cada um fazendo um movimento diferente. Os seus corpos, suspensos nas poses, tremeluzem como cristais.

Não sei se é isto que acontece antes de morrermos. Tudo o que alguma vez vivi torna-se cristalino. Nada dói já. Centenas, milhares de momentos cintilam em unísono, como flocos de neve cujas formas elaboradas são inteiramente visíveis. Como isto é possível, não sei. Todas as minhas dores e alegrias, os desgostos e os amores mais profundos, brilham, não como uma amálgama mas num todo constituído por singularidades distintas, cintilando juntas como uma nebulosa gigante.



Quero dormir.
Quero descansar dentro desta euforia.
Acredito realmente que conseguirei por fim adormecer.



Mas há o pássaro.

Sinto alguma coisa tocar-me as polpas dos dedos. Um tamborilar delicado, como uma pulsação muito débil.

Uma onda vestigial de eletricidade escorrendo-me pelas pontas dos dedos.



Quando tinha o vento recomeçado a soprar?

O meu corpo já não está enrolado numa bola. Os meus dedos desenclavinharam-se. Ergo uma mão hesitante até à cara para limpar o gelo em redor dos olhos. Ouço os ventos ferozes em luta com as árvores. Foi isso que me acordou? Obrigo-me a abrir os olhos. Fico atónita ao ver luz. É uma luz fraca, um azul noturno que mal se distingue da escuridão derramada no banco de neve ao meu lado.

O dia já amanheceu?

Ou estou a sonhar?

Não, não é um sonho. Um frio aterrador desce sobre mim como se tivesse estado à espera para atacar. Recosto-me o melhor possível, invadida pelos tremores, e ergo o olhar para o céu. Não posso acreditar. O negrume em meu redor já não é absoluto. Também parou de nevar. O pálido remoinho no ar é o vento que agita neve antiga. Revelada agora, sob a luz que resta da lua. Porque os ventos dispersaram as nuvens de neve e uma pálida meia-lua passou a brilhar sobre o bosque. Enormes nuvens de tempestade avançam, impelidas por ventos pesados.



Um débil vislumbre azulado emana do ribeiro seco que serpenteia pelo bosque como uma longa cobra branca. Dou um passo de cada vez, inclinando-me para a frente para não ser derrubada. A Lua aparece e é obscurecida repetidamente pela carga das nuvens. Todas as copas das árvores ondulam sob a sua luz descorada e emitem um tom azul-escuro como se nunca mais voltassem a escurecer. Mas sob as copas tudo é turvo, e eu não consigo distinguir uma coisa da outra. Não sei o que pode estar a espreitar dentro daquela sombra, que está de boca escancarada como uma gruta remota. Talvez sejam cepos escuros de milhares de árvores. Talvez pássaros e corças, todos sem emitir um som.

Por fim, diviso a encruzilhada. Já não há qualquer vestígio do sítio onde caí, nem do trilho de que saí ao despenhar-me. A neve cobriu tudo. Gatinhando pelas margens como um quadrúpede, subo até ao caminho. Não consigo localizar o buraco invulgarmente fundo onde perdi o equilíbrio. Se revistasse a área, talvez ainda conseguisse encontrar o meu telemóvel, mas não há tempo. As condições climatéricas podem voltar a mudar a qualquer momento.

Desta vez, não cometo qualquer erro. Desço o declive suave durante um bocado, e depois sigo a estrada que se aplanar, orientando-me pela luz da lua que se reflete na neve intocada. O roçar e o crepitar da vegetação, o som das minhas pernas a enterrarem-se na neve até aos joelhos, o rouquejar da minha respiração, tudo se funde numa só coisa.



O fraco latejar nas pontas dos meus dedos torna-se lentamente mais pronunciado.

Também a sensação demorada na palma da mão, da qual me esquecera, regressa e torna-se mais viva, como se o meu sangue estivesse de novo a circular.

Quando eu acariciava distraidamente o manto branco do pescoço da *Ama*, pousada no meu ombro, a ave baixou-se mais, depois imobilizou-se, como se estivesse à espera de alguma coisa.

Quer que lhe faças mais festas.

Obedientemente, voltei a acariciar a nuca quente da ave. Ela baixou-se ainda mais, como numa saudação, e Inseon riu-se.

Mais. Está a pedir-te que continues.



Chego a uma nova encruzilhada. Ao passar por entre as árvores até um trilho estreito oculto pela neve, um emaranhado de vegetação arranha-me a cara. Devo ter a pele congelada, porque quase não sinto dor, mas escapei por pouco de ser atingida nos olhos.

Terei voltado a enganar-me? Haverá mais bosque para além deste ponto, e não uma estrada?

Limpo os olhos com as mãos enluvadas, sentindo uma luz estranhamente vacilante. Quando tiro as luvas e volto a esfregar os olhos, as minhas mãos nuas afastam-se manchadas de sangue vivo. Mas o problema não é o sangue. E eu não me enganava quanto à luz vacilante. Entre os ramos castigadores e a vegetação que espalha neve, há um ponto que brilha debilmente. Afasto os arbustos com uma mão e, cobrindo o rosto com a outra, prossigo.

Está ali alguma coisa. Uma coisa luminosa.

Quando saio do outro lado da vegetação, surge uma longa faixa de estrada azul-escura. À medida que ela contorna o bosque, o caminho vai-se iluminando, até que vejo uma radiante mancha de prata no final.

Convoco todas as minhas forças para acelerar o passo. Respirando com dificuldade, avanço o melhor que posso através da neve. Ao chegar à curva, volto a esfregar os olhos e olho diretamente para a luz.

A oficina de Inseon.

A porta de ferro está escancarada, revelando uma ilha de luz no interior. Alguém chegou cá antes de mim? Estremeço. Então compreendo.

Não vem aqui ninguém desde aquele dia.

Como eu não aparecia à porta, apesar de a luz na oficina estar acesa, eles entraram para ver se estava tudo bem e encontraram-me caída no chão, desmaiada.

Enquanto se apressavam a colocar a vítima ensanguentada na caixa aberta da carrinha, ninguém se lembrara de apagar as luzes. Não houvera sequer tempo para fechar a porta.

Agora está totalmente escancarada, como se estivesse à espera de alguém. O vento entra em rajadas na oficina, sugando-me para o interior juntamente com a neve lustrosa.

^[20] Referência ao trágico incidente histórico na ilha de Jeju no qual civis foram massacrados. Teve origem no tumulto em larga escala que ocorreu em 1948, data que marca o início do escalar do conflito na região. Na supressão dos protestos, houve massacres de toda a espécie, perpetrados por diversos grupos mais ou menos politizados e por organizações governamentais (polícia, exército). [*N. da R.*]

6

Árvores

Ao entrar, sou atingida pela visão de troncos enormes, uns trinta, encostados às quatro paredes da divisão. São mais altos do que uma pessoa de estatura média. A maioria deles tem para cima de dois metros, e os poucos que são mais ou menos da minha altura corresponderiam a crianças de doze ou treze anos.

Há ainda troncos deitados numa pilha no chão. Passo entre eles. No cimento, sob a poeira da neve trazida pelo vento, vejo manchas de sangue. Ao lado da bancada, sob mais neve, uma poça de sangue congelado. Deve ter sido onde Inseon tombou inconsciente, depois de ferir os dedos. Um tronco parcialmente cortado, uma rebarbadora desligada da tomada, protetores de ouvidos e várias peças de madeira salpicadas de sangue escurecido jazem na bancada.

Filas ordenadas de diversas madeiras – abeto, criptoméria, nogueira – enchem normalmente este espaço. Bem como serradura fresca amontoada em volta da bancada como finas migalhas de bolo castella^[21], e um sortido de ferramentas de carpintaria pousadas em prateleiras ou penduradas nas paredes. Inseon gostava de manter este espaço limpo e arrumado. Às seis da tarde, perto do fim do seu dia de trabalho, ela acoplava a pistola de sopro ao compressor de ar para remover lascas de madeira do cabelo. A seguir, abria a porta da rua e ligava um grande circulador de ar que soprava a poeira para o bosque. As aparas eram varridas para uma saca de serapilheira, e os pedaços mais pesados de madeira que o vento não conseguira deslocar eram sugados com um coletor.

Independentemente daquilo em que estivesse a trabalhar, fazia questão de nunca se apressar. Nos dias húmidos, a mistura de cheiros dos vários tipos de madeira enchia a divisão, e ela dizia que encarava isso como um sinal para ligar a chaleira e passar o dia a fazer chá. Porque a humidade torna a madeira mais pesada e lhe aumenta a densidade, era importante abrandar para prevenir erros, dizia. Ao adaptar o seu ritmo às flutuações no ambiente de trabalho, Inseon geria sozinha quase todos os aspetos da sua atividade profissional. Incluindo olear móveis grandes, como cómodas, que exigiam ser virados várias vezes. Insistia em que, desde que trabalhasse ao seu ritmo, usasse os truques do ofício e desse a si mesma bastante tempo, não precisava de ajuda.

Este projeto, porém – decerto seria impossível gerir sozinha a sua dimensão. Eu dissera-lhe que as árvores do meu sonho tinham a altura de pessoas. Então porque decidira ela aumentar a escala?



Volto à entrada e fecho então a porta. Tranco-a com o ferrolho para que o vento não a abra.

Acautelando-me para não pisar sangue nem troncos, percorro o espaço. Perto da porta das traseiras, que dá para o pátio interior, noto que há junto à parede troncos alinhados que foram pintados de preto. Inseon deve tê-los pincelado para ver o efeito. Ao ver as gradações de preto na casca, tenho a sensação de que estas árvores estão a falar. Imaginara que espalhar tinta preto-fuligem sobre elas seria como envolvê-las num torpor profundo, mas então porque se assemelham agora a pessoas a viver um pesadelo? Os outros troncos estão mergulhados em quietude – sem a menor expressão, sem o mais ligeiro estremecimento – e só estes, pintados, parecem estar a conter o seu tumulto interior.

Detenho-me, incapaz de desviar o olhar. Mas não posso perder tempo. Giro a maçaneta e empurro a porta das traseiras, no entanto esta não cede. Puxo. Nada. Lanço todo o peso do meu corpo contra ela. Uma nesga de abertura surge em cima. Pressionando a perna contra a metade

inferior da porta, volto a empurrar. Sinto a porta lutar contra o banco de neve do outro lado para se abrir mais um pouco. Solto o peso, paro de empurrar e meto uma mão pela abertura para desviar a neve. Repito o gesto até conseguir esgueirar-me de lado pela abertura.

Deixo a porta aberta para iluminar o caminho até à casa. Atravesso o monte de neve que me chega às coxas, mas, após apenas alguns passos, imobilizo-me, atónita. Uma figura no meio do pátio agita os longos braços negros para mim. Depressa me apercebo de que é uma árvore, mas o arrepio do choque perdura.

Aliás, é a mesmíssima árvore que me apareceu de surpresa no último outono, um qualquer tipo de palmeira com frondes que pendem como os ramos de um salgueiro. Pensei que estava ali alguém!, resmungara eu na sala da casa, de onde tinha uma visão total da árvore. Inseon riu-se.

Ainda é pior a meio da noite, disse ela. Eu ainda me assusto. Pergunto-me quem será àquela hora.

Estava a anoitecer, e não a amanhecer, quando tivemos essa conversa. Na brisa suave que envolvia o crepúsculo opaco, a árvore, que era um pouco mais alta e larga do que um adulto médio, parecia estar a caminhar para nós, de mangas soltas a agitarem-se dos lados.

Essas mesmas mangas estão agora a chicotear o ar com mais força do que antes, devido à ventania. A árvore parece prestes a arrancar-se da neve e a cambalear na minha direção. Viro-lhe as costas. Atravessando a custo a neve amontoada, dirijo-me para a casa às escuras.



Nesta soturnidade turva, a *Ama* deve estar a dormir. Sei que, até eu acender uma luz, é improvável ela acordar e soltar o seu trinado agudo, como a vi fazer algumas manhãs, assim que Inseon retirava a cobertura da gaiola.

É assim que soam os periquitos?, perguntei uma vez.

Inseon riu-se e disse, Não sei, mas é assim que a *Ama* e o *Ami* se exprimem.

Soam como os olhos-brancos, disse eu.

Inseon voltou a rir-se. Quem sabe? Talvez tenham apanhado isto de um pássaro a chamar lá fora. Ainda bem que não foi um corvo, acrescentou, brincalhona.



Entro na casa pela porta da rua, destrancada. De pé na entrada, tiro as luvas de lã e enfió-as no bolso do meu casaco acolchoado, antes de descalçar as sapatilhas e as meias molhadas dos meus pés entorpecidos. Deslizo a porta interior, subo para o chão de madeira e tateio ao longo da parede. Encontro o interruptor da luz e ligo-o.

Um fraco gemido de vento sopra através das vigas do teto, das janelas e das portas, acentuando a ausência de vida no interior. A janela larga virada para o pátio escuro reflete o meu corpo por inteiro. Baixo o capuz do casaco e vejo a minha cara ensanguentada e o cabelo revoltado.

Junto desta janela, Inseon colocou uma mesa de criptoméria feita por si. A gaiola está nela pousada. A cobertura de pano e algumas ferramentas de limpeza pendem ordenadamente dos ganchos de metal que ela fixou ao longo de um dos lados da mesa. A gaiola tem um poleiro fixo e dois de baloiço, iguais, todos feitos de bambu, que Inseon cortou e lixou e posicionou à mesma altura para prevenir uma luta pelo domínio entre os pássaros.

Na quietude tempestuosa, que é tão arrepiante como qualquer erupção súbita e ruidosa, dirijo-me para a gaiola e para os seus poleiros desocupados. O prato da água está seco. O comedouro de madeira que Inseon enche com frutas secas e o recipiente de silicone para pélete estão ambos vazios. Restam apenas uma ou duas mancheias de palha, dispersas num prato de cerâmica. E ao lado de tudo isto jaz a *Ama*.



Ama.

A minha voz alquebrada ecoa no silêncio.

Encontrei-te.

Ergo o gancho na porta da gaiola com os meus dedos frios e entorpecidos. Estendo a mão para a cabeça da *Ama*.

Vá lá.

Estou aqui para te salvar.



Os meus dedos tocam em suavidade.
Uma suavidade sem calor.
Uma suavidade sem vida.

Nada emite som algum.

Exceto a minha própria respiração, e a manga trémula do meu casaco ao roçar pela malha metálica.



Recuo para a cozinha aos tropeções. Abro os armários, começando pelos que estão debaixo do lava-louça e seguindo para os de parede. Em bicos de pés, alcanço uma lata de biscoitos na prateleira mais alta. A lata está cheia de saquetas de chá. Retiro todas, empilho-as numa prateleira e depois levo a lata para o quarto de Inseon.

Abro a porta e acendo a luz. Um colchão de solteiro, um guarda-fatos com noventa centímetros de largura, uma cómoda de cinco gavetas, uma secretária, um monitor para edição de vídeo coberto por um pano branco e estantes feitas de abeto enchem o quarto. A prateleira de cima da estante de ferro ao lado da porta está forrada de livros de pesquisa

marcados com sinalizadores autocolantes, e caixas de armazenamento de todos os tamanhos estão impecavelmente empilhadas nas quatro prateleiras restantes. Passo pelas caixas e pelas etiquetas que ostentam as datas e os detalhes dos seus conteúdos. Abro o guarda-fatos e encontro as habituais cinco ou seis peças de roupa de inverno de Inseon penduradas de um lado – o resto do espaço está ocupado sobretudo por câmaras e outros equipamentos de filmagem. Fecho o guarda-fatos e começo a abrir gavetas. A de cima contém cuecas e meias; a segunda, roupas de verão, bem como de primavera e de outono. Na terceira gaveta, encontro um cesto com cachecóis e lenços de assoar em tecido. Escolho um lenço de assoar branco que parece quase não ter sido nunca usado. Num dos cantos tem bordadas pequenas violetas.



Regresso à gaiola.

Um silêncio carregado rodeia o pequeno corpo, como se este tivesse estado a pulsar de sangue apenas momentos antes. Ao baixar o olhar, tenho a sensação de que esta vida interrompida me debica o peito, tentando abrir caminho para o seu interior. Sinto o seu desejo de se enterrar no meu coração, de morar lá enquanto o órgão continuar a bater.

Embrulho o pássaro no lenço bordado, sentindo o seu corpo frio e frágil através do tecido. Aconchego delicadamente as asas meio abertas da ave, dobro mais uma vez o lenço sobre o seu corpo, e depois deposito-o na lata. Ajeitei o melhor que pude o tecido em redor da ave, mas a dobra superior abre-se e expõe o seu semblante.

Regresso ao quarto de Inseon. Procuo nas gavetas que restam, mas não encontro um estojo de costura. Dirijo-me ao quarto maior, que foi em tempos o da sua mãe, e acendo a luz. A divisão exsuda frio: obviamente não é aquecida há bastante tempo. Como é habitual, há um colchão de algodão aberto no chão, em frente ao guarda-fatos, tendo por cima um edredão de algodão cuidadosamente dobrado.

Ao pisar o fino colchão no chão para chegar ao guarda-fatos, lembro-me da serra de arco. Pergunto-me se ainda lá estará. A lâmina da serra conseguirá mesmo afugentar pesadelos? Os sonhos manter-se-ão bem longe da sua lâmina dentada?

Abro as portas do velho guarda-fatos. Alguns dos elementos decorativos de madrepérola nele embutidos perderam-se com o tempo. Lá dentro, além do cheiro sumido de roupa usada e bolas de naftalina, diviso o que pode ser um estojo de costura: uma caixa redonda de metal forrada a seda vermelha, de exterior esgaçado e escurecido por décadas de uso. Baixo-me e estendo o braço por entre os gastos casacos de malha e as blusas que abraçam as trevas. Alcanço a caixa redonda e abro a tampa. No interior encontro várias agulhas com finas linhas brancas e pretas enfiadas, um dedal de aspeto tosco, botões sortidos, uma tesoura de costura enferrujada e fio de algodão enrolado em volta de um carrinho de linhas improvisado, que é simplesmente um grosso pedaço de papel de embrulho dobrado longitudinalmente.



Junto e dobro o tecido solto, cobrindo assim o rosto exposto da ave. Passo uma linha em redor do lenço para o prender e corto depois a ponta com a tesoura. Ao preparar-me para dar um nó, esfrego os olhos para ver o que estou a fazer e apercebo-me de algo que me escorre deles. Limpo descuidadamente a mão, agora coberta com a descarga pegajosa de lágrimas, bem como de sangue do meu encontro anterior com o arbusto no bosque, à parte da frente do casaco. Lágrimas ardentes e viscosas voltam a subir e a bloquear as feridas. Não sei porquê. A *Ama* não era minha. Eu não gostava assim tanto dela, e muito menos a amava para estar a sentir este desgosto.

A lata de biscoitos tem apenas a largura da minha mão, mas vou precisar de mais enchimento para impedir que o corpo da *Ama* seja sacudido ou danificado. Tiro o meu cachecol de lã e aconchego-o na caixa, pressionando nos cantos. Sendo demasiado estreito e ainda por cima curto, este cachecol nunca me aqueceu devidamente o pescoço, mas encaixa-se bem em redor da ave.

Ao fechar a tampa de alumínio, ocorre-me que devia embrulhar a caixa em alguma coisa para impedir a entrada dos vermes. Encontro uma toalha branca lavada num cesto de bambu junto da casa de banho. Embrulho nela a lata, depois corto um pedaço comprido de fio de algodão e enrolo-o duas vezes à volta da toalha antes de atar as pontas num laço.



A neve é como umas dezenas de sacas de açúcar derramadas na luz que jorra da casa. Reparo numa vassoura feita de galhos a espreitar na neve sob o beiral e vou buscá-la. Com a lata segura na curva de um braço, começo a varrer e encontro então uma pá molhada que jaz no solo sob a neve.

Onde devo enterrá-la?

Pouso a lata debaixo do beiral e pego na pá.

Onde é que Inseon a enterraria?

Sinto os dedos do frio a fecharem-se-me em volta do pescoço, e subo o capuz do casaco. Dobro-me e começo a abrir caminho com a pá até à árvore. As suas frondes pendentes são longas mangas pretas que espancam o ar. A meio do caminho, endireito-me e olho para trás de mim. O carreiro que abri parece um túnel estreito que leva à caixa de lata sob o beiral.

Por fim, alcanço a árvore. Limpo a neve acumulada na sua base. À medida que a minha respiração se torna difícil, o frio recua. Ao regressar à frente da casa para ir buscar a lata, noto que os batimentos no meu peito são incrivelmente fortes.

Pouso o embrulho junto à árvore. Empurro a pá contra a terra que destapei. Pouso o pé direito na cabeça da pá, impelindo a ponta com o peso do meu corpo. O solo não cede. Subo para cima dela e uso ambos os pés, cambaleio por um instante ao equilibrar-me e sinto o solo ceder ligeiramente. Repito o movimento, subindo e descendo. A pouco e pouco, o metal vai penetrando na terra gelada. Começo a ter espasmos

nos braços e nas pernas. Eu sei, claro. Que devia ingerir algum alimento quente. Que devia preparar um banho aquecido e tentar dormir. Mas não posso – não até ter enterrado esta ave.

Por fim, sinto a pá a atingir terra mole. Deixando-a espetada no chão, desço de cima dela e olho para o céu enquanto recupero o fôlego. A Lua desapareceu. Bem como as nuvens turvas que avançavam sob o seu brilho claro.

Virá aí outro nevão?

Tenho de me apressar.

Começo a cavar um buraco para a lata. Entretanto sinto algo molhado e frio a roçar-me a cara. Assusto-me, depois estremeço. É a manga de uma fronde pendente. Ergo o rosto. Sinto flocos de neve a roçarem-me as sobrancelhas. À luz da casa, vejo uma ligeira nuvem de neve fresca a pousar no pátio.

Pergunto-me se estará a nevar em Seul. Em salpicos, com partículas de gelo finas como pó de arroz. Como a neve que Inseon e eu vimos pela montra da loja de *noodles* há tantos anos. Imagino os passageiros a surgirem de uma saída de metropolitano a horas tardias, cobrindo as cabeças com capuzes para enfrentarem a neve. Uns quantos a abrirem guarda-chuvas que se tinham lembrado de trazer. Imagino faróis traseiros a brilharem enquanto veículos esperam pela luz verde, motos a abrirem caminho por entre o trânsito e o tempo. Não me parece muito certo saber que Inseon está lá e eu não, que eu estou aqui e ela não.

Se houver um universo no qual os dedos de Inseon estejam intactos, nesse mesmo universo eu estaria enroscada na cama ou sentada à secretária no meu apartamento. Inseon estaria a dormir no seu colchão de solteira ou a trabalhar na cozinha. As patas da *Ama* estariam enroladas no poleiro. O seu corpo adormecido e quente repousaria na escuridão da gaiola coberta. Com o coração a bater regularmente sob o arco do seu peito.

Quando deixou de bater? Se eu não tivesse caído no ribeiro seco, teria conseguido trazer-lhe água antes de o seu coração parar? E se eu tivesse escolhido o trilho certo naquela fração de segundo e assim houvesse

prosseguido no meu caminho? Ou, recuando ainda mais, se tivesse esperado no terminal pelo autocarro que me levaria mais diretamente ao outro lado da montanha?



Sacudo a neve que caiu sobre a lata e pouso-a então dentro do buraco. O embrulho não fica plano. Escavo e aliso a terra preta no fundo com as mãos, depois volto a limpar a neve da lata. Agacho-me por um momento sobre os calcanhares como se estivesse à espera de um sinal que não virá, antes de recolocar o embrulho lá dentro. De novo com as mãos, deito-lhe terra por cima até deixar de ver a sua superfície pálida. Prossigo com a pá, atirando novamente a terra que escavei para o buraco e formando um monte, compactando-a a seguir firmemente com as palmas das mãos num pequeno alto. Depois sento-me e vejo o amontoado negro desaparecer sob o manto de neve.



Não há mais nada a fazer.

Dentro de poucas horas, o corpo da *Ama* terá congelado. E conservar-se-á assim até fevereiro, quando se decomporá rapidamente. Até ser uma mão-cheia de penas e ossos perfurados.



Abro caminho com a pá até à oficina para desligar a luz e fechar a porta das traseiras. No exterior da parede da oficina, há um vasto oleado a cobrir qualquer coisa. Ergo a lona e encontro uma grande pilha de troncos. A sua casca áspera e lascada é visível sob os cabos de borracha que os unem para que não escorreguem.

Com os troncos lá dentro, são mais de cem no total.

Na parede caiada acima deles, estremece uma sombra. Uma sombra lançada pela árvore sob a qual acabei de enterrar a *Ama*, projetada pela luz da casa. Observo o seu balançar silencioso, as frondes como braços agitados. Lembro-me de que esta parede serviu de fundo à autoentrevista de Inseon no seu último filme. A sombra que se agitava contra a parede ao sol era a mesma que agora vejo.

Inseon trabalhara nesse filme antes de se mudar para aqui, quando este barracão ainda era usado sobretudo como armazém. No ecrã, só o seu ombro, o joelho e a linha pálida do pescoço eram visíveis, como se ela própria fosse uma intrusa numa cena dominada pela sombra. A sombra agigantava-se, criando uma sensação de presságio. Braços agitados em protesto contra o testemunho de Inseon. Mãos em garra lançadas para diante apenas para recuar a seguir. Injetando uma nota deliberada e persistente de dissonância na entrevista.



Voltei algumas vezes para procurar aquela gruta, mas nunca a encontrei.

Dei voltas à memória, tentei refazer os meus passos, mas falhei.

Não. Não sonhei.

O inverno em que fiz nove anos foi a última vez que lá estivemos.

A entrevista começa *in media res*. As perguntas feitas foram excluídas na montagem, ou talvez nunca tivesse havido nenhuma.

As grutas nesta ilha têm bocas estreitas. Mal têm largura suficiente para uma pessoa passar. Se uma pedra rolar cá fora, tornam-se impossíveis de encontrar, mas, à medida que descemos, as grutas

abrem-se. Há uma caverna onde as pessoas de uma aldeia inteira conseguiram esconder-se no inverno de 1948.

Uma floresta enche o ecrã. Parece ter sido filmada com uma câmara de cabeça. Onde quer que o olho da câmara pouse, grandes árvores de folha caduca erguem-se, oscilando ao vento. O teto de copas obstrui a luz; nada verde cresce no solo da floresta, que está parcialmente na sombra. Ramos de árvore caídos, com grandes folhas, as raízes dobradas e protuberantes como articulações de gigantes, no solo as manchas mudas em padrões lançados por um ou outro raio que conseguiu passar – e sempre o som constante de terra a estalar sob os pés.

A gruta que o meu pai e eu usávamos não era assim tão grande. No máximo poderiam ter-se escondido lá dez pessoas.

O ecrã regressa à parede caiada. As mãos de Inseon estão dobradas no colo sob a luz forte. Há um momento em que o ar se aquieta e a sombra de uma única fronde, que se assemelhava a uma manga agitada, assume por um breve segundo o contorno distinto de uma folha de feto espiralada.

Lembro-me de estar sempre húmido, o ar. Estava constantemente a chover ou a nevar quando entrávamos. Não me lembro de alguma vez termos ido para a gruta num dia de sol, portanto é possível que ele estivesse a reagir à baixa pressão do ar. Como as pessoas que se queixam de dores nas articulações em dias chuvosos e nublados.

A voz dela reduz-se a um sussurro.

Chiu, agora vamos soksom^[22].

Ele dizia sempre isto quando estávamos escondidos.

A folha de feto eleva-se, deslizando muda pela parede.

O que significava, Respira baixinho. Não te mexas. Não soltes um pio.

Os seus dedos entrelaçados soltam-se, depois unem-se com mais força.

Lembro-me de a luz entrar contornando a rocha que bloqueava a boca da gruta. O meu pai a envolver-me no seu casaco grosso. A colocar-me a mão na testa quando eu não tinha febre, depois a baixar a voz para dizer, Cuidado para não te constipares. Tem juízo e não adoeças. Lembra-te disso.

Quando eu perguntei num sussurro se podíamos ir para casa, ele disse com firmeza, Agora não devemos estar em casa.

Como vamos dormir com este frio?, perguntei, e ele disse uma coisa que não compreendi.

Não existe noite nem dia, disse. Em operações militares.

Mas a Umung deve estar à espera, disse eu.

Senti o seu corpo encolher-se e estremecer ao ouvir aquela palavra, senti-o como uma corrente que saltasse dele para mim.

Por isso é que ela devia ter vindo connosco, disse.

Lembro-me do seu aspeto antes de aquele bocadinho de luz enfraquecer, e depois escurecer. O seu olhar posto na pequena fresta, uma espécie de luz vidrada nos olhos e no granizo sobre o seu cabelo grisalho.

Que poderia eu fazer? Não podia arrastá-la para aqui contra a vontade dela. Tinha de salvar a criança. A criança não fez nada de mal.

Eu não sabia que cenas lhe estavam a passar pela cabeça, mas compreendi que ele me apertava a mão sempre que chegava a uma conclusão desesperante. Sentia os tremores silenciosos que emanavam dele e me molhavam a mão como água espremida de roupas a pingar.

Um mapa da ilha, o seu contorno uma oval estendida de leste para oeste, aparece no ecrã. Sobre o grafismo que afirma que o mapa faz parte de registos militares norte-americanos de 1948, uma linha nítida e grossa demarca o limite de cinco quilómetros ao largo da costa. Hallasan e as áreas imediatamente circundantes devem ser evacuadas e qualquer pessoa vista a passar por lá será considerada insurgente e morta a tiro, sem exceção, anuncia o decreto nas legendas. Segue-se um encadeamento de planos notavelmente perceptíveis, a preto e branco, de som reduzido ou apagado. Cenas de telhados de colmo a arder. Plumas de fumo preto erguendo-se entre centelhas de fogo. Soldados de fardas claras, com espingardas equipadas de baionetas aos ombros, saltando sobre muros de pedra nos campos.

A escuridão.

A escuridão é basicamente tudo o que recordo.

Estava sempre a cair no sono e a reabrir os olhos, confusa. Mais tarde, acordaria sobressaltada e lembrar-me-ia de que estava numa gruta, não em casa, sentindo a mão do meu pai ainda a segurar a minha, apesar de o seu rosto e o resto do corpo serem invisíveis. Teria gritado se não fosse aquela mão. Teria chamado pela minha mãe e chorado. Acho que ele o sabia, e que era por isso que me segurava na mão. Talvez estivesse sentado no escuro, pronto para me tapar a boca com a outra mão. No caso de eu fazer algum barulho a dormir. No caso de alguma criatura que passasse lá fora nos descobrir.

A isto seguem-se imagens de arquivo de civis a serem transportados de caminhão, passando por uma colina vulcânica pontilhada de tufo de erva. São filmados de trás, presumivelmente de outro veículo que segue o caminhão. Dois policiais montam guarda na frente e na traseira da caixa do caminhão, onde algumas dezenas de pessoas, incluindo mulheres com bebês ao colo e idosos, se sentam costas com costas, ombros com ombros. Uma criança de cerca de cinco anos, de cabelo cortado rente, pressiona o corpo contra uma mulher jovem que parece ser a sua mãe e que olha fixamente para a câmara até deixar de estar em cena.

Se começasse a nevar enquanto caminhávamos para a gruta, o meu pai arrancava uma cana de bambu-de-folha-larga.

Estamos de novo na floresta sombria, e a câmara de Inseon desloca-se no seu ritmo lento.

Dizia-me para ir à frente e ficava para trás. Andando de lado como um caranguejo, varria o trilho com a ponta da cana para apagar as nossas pegadas. Agora vou por onde, Appa^[23]?, perguntava eu, detendo-me, e ele instruía-me calmamente. Depois de sairmos dos trilhos e penetrarmos mais na colina, ele levava-me às costas pela encosta acima. Continuava a varrer, mas agora só tinha um conjunto de pegadas para ocultar. Eu agarrava-me às suas costas e observava as pegadas a desaparecerem. Era como magia. Pelo modo como prosseguíamos sem deixar rasto, era como se fôssemos pessoas que caíam do céu a cada segundo.

Três fotografias a preto e branco surgem no ecrã uma a uma, depois desvanecem-se.

Quatro homens jovens vestidos de branco estão de pé numa floresta negra de pinheiros. Quadro soldados com capacetes de metal estão a ajustar coletes com alvos desenhados nos homens de branco. Cada um

dos quatro pares de homens está em grande plano e são claramente visíveis os contornos suaves do nariz, lábio superior, queixo e pescoço recortados de cada jovem. Um jovem cujo rosto está mais próximo da câmara, e portanto mais proeminente, cerrou fortemente os lábios num medo visível, e a sua maçã-de-adão salienta-se sob a pele fina do pescoço.

Na fotografia seguinte, os quatro homens jovens com colete estão cada um amarrado a um pinheiro. O ângulo é mais alargado, e mostra os soldados a assumirem posições de fogo a uma distância de não mais de cinco metros.

A última fotografia mostra os quatro jovens contorcidos. Troncos lançados para a frente por cima das cinturas amarradas. Queixos caídos, cabeças lançadas para trás. Joelhos dobrados. Bocas abertas.

Falava com brandura, o meu pai.

As mãos de Inseon, sentada junto da parede caiada, pousam delicadamente no joelho. Ela tem o hábito de pousar as mãos à sua frente, de palmas para baixo, quando está mergulhada em pensamentos. A sombra lançada pelas frondes surgiu então como uma sombra sobreposta, mas um vento passa e a sombra transforma-se em duas, e depois três. Como mãos que tateiam uma parede, as sombras mudam e alteram a sua forma a cada momento.

A minha mãe disse-me uma vez, Se o teu pai fosse masculino, não me teria agradado. Da primeira vez que o vi, pensei em como a sua cara era adorável para um homem. Calculo que quinze anos sem luz do sol o tenham deixado pálido como um cogumelo. Achava estranho as pessoas evitarem-no. Como se tivesse voltado dos mortos. Como se pudessem apanhar também o fantasma só de trocar um olhar com ele.

O joelho e as mãos de Inseon desaparecem do ecrã, deixando apenas a sua voz. As sombras agitam-se como chicotes na parede, subitamente ferozes. A voz de Inseon é quase um sussurro.

Nos dias em que o meu pai não estava propriamente em si e passava o tempo sentado a olhar fixamente, a minha mãe chamava-me. Pegava no que estivesse mais à mão, duas batatas-doces cruas ou rodelas de pepino, uma ou duas tangerinas, metia-mas nas mãos e dizia, Leva isto ao teu abang^[24]. Se ele não comer, mete-lhas tu na boca.

Imagino que ela esperasse que um pouco de comida o arrancasse daquele torpor. E por vezes arrancava. Ele aceitava a tangerina e tentava sorrir. Era como se vivesse em dois mundos. A sala estava obscurecida mas ele semicerrava os olhos para me olhar, como se me visse só com um olho e, com o seu outro olho, visse também outra coisa, uma luz que brilhava muito para lá de mim.



Apago a luz na oficina, fecho a porta e viro as costas aos troncos que revelam os seus ásperos cortes transversais com o adejar do oleado. Com a pá encostada ao flanco, repito os meus passos. Chego à casa, bato os pés à entrada e tranco a porta. Não é que alguém conseguisse chegar aqui com a neve e a escuridão.

Sentada na soleira de dentro para tirar os sapatos, sou invadida pela vertigem e recosto-me até ter o tronco deitado no chão. Pouso os pés descalços nas sapatilhas molhadas e fecho os olhos. Partículas brancas dançam por trás das minhas pálpebras como uma alucinação, fios de neve a irem para todos os lados como fizeram todo o dia, espalhando-se e caindo em ângulos variados.

O vento uiva através da porta da rua. E a porta trepida aos meus pés, como se alguém estivesse a dar-lhe pancadas. Um sabor amargo sobe-me à base da língua. Viro-me cuidadosamente para um lado e tento regular a minha respiração. Se ficar imóvel, pode ser que não vomite. Se ficar imóvel e fizer respirações mais profundas e lentas.

Mas pressiono as palmas das mãos contra o chão de madeira e obrigo-me a levantar-me. Corro para a cozinha e vomito no lava-louça. Tudo o que me sai é um líquido transparente, pois não comi durante todo o dia. Preciso dos meus medicamentos. De uma só embalagem da generosa reserva que guardo na gaveta da secretária em Seul, no saco de papel da farmácia. O médico avisou que o uso prolongado vai prejudicar-me o coração, mas é a única medicação que resulta comigo.



A minha mão treme enquanto pouso a chaleira no fogão. Apago a luz principal e deixo apenas acesa a lâmpada fraca por cima da mesa. Agora consigo ver a sova da neve lá fora através da janela. A cena invernal do exterior sobrepõe-se à imagem refletida no vidro: o oleado adejante e os braços agitados da árvore sobrepõem-se à mesa de madeira, à gaiola vazia.

Desligo o lume antes que a água ferva e bebo goles vagarosos do líquido quente numa caneca. Saboreando o seu movimento morno a descer-me pela garganta, deito-me no chão junto ao lava-louça. Endireito as costas e respiro profundamente. Viro-me de lado para prevenir os vômitos.

Com cada expiração longa, a dor recua. Com cada inspiração, avança para voltar a perfurar-me os olhos. Vou perdendo e recuperando a consciência. Sempre que acordo da dor, vejo um contorno pálido de ossos. É de uma cena perto do final do último filme de Inseon, um longo plano aproximado de uma vala cheia de restos humanos. O plano dura cerca de um minuto. Não é dado qualquer contexto, qualquer explicação. Os esqueletos enroscados em posição fetal, cinturas envoltas em roupas desintegradas, pequenos pés esqueléticos calçados com sapatos de borracha, todos sobrepostos, deitados por cima uns dos outros, numa vala não muito maior do que um sulco.



Sinto-me febril. O meu corpo começa a tiritar. Tudo parece frio contra a minha pele. O tecido exterior da manga do meu casaco a roçar-me o pulso é como uma lâmina de gelo. Dispo o casaco. Desaperto o relógio e atiro-o à parede. Arrasto-me até à casa de banho e vomito um líquido quente para o lavatório. Enxaguo a boca e lavo as mãos com sabonete. As mãos que envolveram e aconchegaram o pássaro em tecido, que escavaram terra e a alisaram, que a comprimiram num alto. Salpico o rosto com água quente e as feridas abertas recomeçam a sangrar. Apoiando-me no lavatório para me manter de pé, olho para a cara ensanguentada no espelho.

Estava frio.

Não, estava macio.

Estava duro como pedra, murmuro alto, corrigindo-me.

Sempre que falo, a cara coberta de sangue aparta silenciosamente os lábios.

Não, estava leve como algodão.



A porta da rua range como se ali estivesse alguém. As janelas que dão para as traseiras batem contra os peitoris. A neve sopra sobre os móveis refletidos nas janelas das traseiras. O oleado incha como um balão de ar entre as cordas que o prendem ao chão.

A lâmpada por cima da mesa estremece, apaga-se. Uma torrente negra desce e apaga as cenas do interior e do exterior. Estendo o braço e tateio o ar, saindo às cegas da cozinha para a sala. A parede está mais distante do que eu pensava. Encontro o interruptor da luz do teto e ligo-o. Nada.

A eletricidade foi-se.

Ouvira em tempos Inseon dizer que aqui os nevões podiam provocar cortes de energia e no fornecimento de água. Que por vezes tinha de esperar vários dias pela chegada da equipa de reparação, e que as habitações mais remotas como esta eram as últimas a voltar a ter energia. Eu provavelmente devia armazenar água antes de ela acabar. Percorro com cautela o caminho de regresso à cozinha. Abro o armário

sob o lava-louça e tateio em busca das duas panelas que me lembro de ver ali em baixo. Ao colocá-las no lava-louça e na bancada, ouço alguma coisa cair e partir-se no chão. Deve ser a caneca de há bocado.

Encho as panelas com água da torneira. Ocorre-me que, como a caldeira está inoperacional, não terei aquecimento.

Cubro os olhos quentes com as mãos molhadas e concentro-me na respiração. Agacho-me para esperar que os vômitos secos passem, depois rastejo até ao quarto de Inseon, afastando fragmentos de louça partida pelo caminho.



Na última gaveta da cómoda, encontro a camisola de Inseon. Está deformada e desbotada. Eu não saberia dizer de que cor já foi. Visto-a por cima da minha camisola. Abro o guarda-fatos e apanho o primeiro casaco que encontro. Uma velha canadiana, a julgar pela sensação áspera da camada exterior e pelos botões alongados. Abotoo o casaco até ao pescoço e deito-me no colchão de Inseon. Puxo o edredão de algodão para cima da cabeça e aguento os arrepios. Sempre que a porta da rua e as janelas batem com o vento, viro-me para a noite e relembro a mim mesma que, se estivesse ali alguém, ouviria ruídos diferentes. Um visitante bateria à porta. Chamaria a dona da casa. Não esmurraria a porta nem a faria ranger nas dobradiças.



Sempre que perco a consciência, sou invadida por um sonho nítido. Estou a dirigir-me para o lava-louça, levo o corpo do periquito nas minhas mãos em concha. Uma fina camada de gelo rodeia-o. Sob a água corrente quente, o corpo do animal amolece de imediato. Espero que ela abra os olhos. Pelo seu brilho familiar e reconfortante. Para lhe ver mexer o bico. *Vais voltar a respirar, não vais, Ama? O teu coração vai voltar a bater. Sim, e vais voltar a beber, não vais?*

Assim que um sonho se desvanece, entra outro de supetão, um ameaçador picador de gelo. A terra, agora um globo glacial, gira no seu eixo com um guincho ensurdecedor. Os continentes, cobertos de lava borbulhante em cascata, num instante se transformaram em gelo. Subitamente, milhares de pássaros percorrem em bandos a superfície eternamente inalcançável. Adormecem enquanto deslizam. Ao acordar, agitam as asas. Depois cortam o ar, cintilando, como lâminas de patins.



Vamos cantar, Ama?

As palavras mal me saíram da boca e já o pássaro cantarolava. Enquanto a *Ama* canta do seu poleiro para o meu ombro, eu ajoelho-me e escavo a terra. Não tenho pá, nem enxada. Arranho o solo duro com os dedos. Escavo até as unhas se partirem e os dedos sangrarem. O cantarolar para de repente e eu ergo a cabeça. Flocos molhados de neve pairam e caem no negrume envolvente, como caíam quando cheguei ao leito do ribeiro. Aterraram-me na testa. E sob o nariz. E nos lábios.

Acordo sobressaltada, a bater os dentes, e lembro-me de que não estou no ribeiro seco nem no quintal, mas no quarto de Inseon. Preciso daquela serra, penso para comigo entre o sonho e a realidade. Se quiser derrotar tudo isto. Para que tudo isto me passe ao lado.

Desfrute da sua visita.

A voz da mãe de Inseon segreda-me ao ouvido. As suas mãos jazem pequenas e frias das palmas das minhas, como duas aves mortas.



Tens de ficar de olho neles mesmo que pareçam bem, Kyungha.

Permanecerão direitos até caírem do poleiro, e então já será demasiado tarde.

A porta da rua e as janelas rangem. Talvez não seja afinal o vento. Talvez esteja mesmo ali alguém. Talvez tenham vindo a fim de arrastar para fora quem quer que se encontre aqui dentro. Para cortar e queimar. Para lhes vestir os coletes com os alvos desenhados e os amarrar a árvores. Àquela árvore negra que brande os seus braços de espadas.



Vim para morrer, penso nas profundezas da minha febre.
Vim aqui para morrer.

Para ser estripada, crivada de buracos, estrangulada, queimada.
Para esta casa, que está prestes a soprar fogo e a desmoronar-se sobre si mesma.
Para fazer junto destes troncos derrubados, destes fragmentos amontoados do corpo desfeito de um gigante.

^[21] Pão-de-ló japonês. [N. da T.]

^[22] Ficar quietos. Presume-se que derive da expressão coreana *Soksom hara!*, «Fica quieto!». [N. da T.]

^[23] Neste contexto: papá, paizinho. Usado por raparigas para se referirem a homens mais velhos que lhes são próximos. [N. da T.]

^[24] Pai. [N. da R.]

PARTE DOIS

Noite

1

Não nos separamos

A maré estava a baixar.

As ondas, que se agigantavam como penhascos, não engoliram a costa, sendo em vez disso arrastadas para o mar. Um deserto de basalto estendia-se até ao horizonte. Cones vulcânicos emergiam da água como sepulturas enormes, encharcados e de um preto cintilante. Dezenas de milhares de peixes que não tinham sido arrastados com a maré debatiam-se no solo marinho, de escamas brilhantes. Espalhados pelo leito rochoso estavam os ossos brancos do que poderiam ter sido tubarões ou baleias, os destroços de navios naufragados, barras de aço luzidias, pranchas de madeira envoltas em velas esfarrapadas.

Eu já não conseguia ver o oceano. Olhando através daquele deserto para o horizonte, apercebi-me de que a ilha já não era uma ilha.

Olhei para trás. As encostas da montanha coroada de neve desciam do pico como lâminas de uma ventoinha. As árvores estavam queimadas e pretas como se tivessem sido incendiadas. Sem folhas nem ramos, erguiam-se como pilares de cinza, presidindo, mudas, à paisagem negra.

Que aconteceu aqui?, perguntei-me, sentindo uma pressão no interior da boca, que por qualquer razão não se abria. Onde estão os ramos, as folhas?

A horrenda resposta espreitava por trás da minha língua.

Estão mortos.

Contraí o maxilar para me impedir de o dizer em voz alta. Carregava a dor de um pássaro que tentava sair-me da garganta.

Estão todos mortos.

As palavras encheram-me a boca, bico aberto, garras saídas. Abanei a cabeça, recusando cuspir o que pareciam ser tufo amarfanhados de algodão em rama.



Ela cai.

Flutua.

Aguaceiros.

Rajadas.

Remoinhos.

Tempestades.

Chibatadas.

Nevões.

Mantos.

Apaga tudo.

Não sabia dizer o que fez os pesadelos irem-se embora. Não sabia se os tinha afugentado ou se eles me tinham por fim esmagado e seguido, entretanto, caminho. Só sabia que, a certa altura, tudo o que permanecia para lá das minhas pálpebras era a neve. Rodopiava, avolumava-se, congelava.

Eu jazia na luz cinzento-azulada que conseguia penetrar nos meus olhos fechados. Abri-os, pestanejando, e vi a janela que dava para oeste. A luz fosca de um dia demasiado nublado para lançar sombras nítidas filtrava-se pelo quarto. O casaco preto comprido de Inseon pendia da parede, de ombros aparentemente quase unidos em pensamentos.

A minha febre baixara. A dor de cabeça e as náuseas também tinham passado. Todos os músculos no meu corpo estavam descomprimidos, como se me tivessem injetado um anticonvulsivo. Os cortes sob os meus olhos já não ardiam.

Estendi o braço do colchão onde estava deitada e pressionei a mão no chão de linóleo. Estava frio como gelo. Exalei uma nuvem branca de ar e obriguei-me a levantar-me. Numa das gavetas de Inseon, encontrei umas meias de lã e calcei-as, depois tirei o seu pesado casaco da parede e vesti-o por cima da canadiana. Este era o casaco que ela usara em Seul, aquele em cujo interior tinha cosido um velho e gasto casaco de malha. Borbotos brancos salpicavam as mangas como se fossem gotas de água. No bolso direito, havia cascas de tangerina que não tinham ainda secado completamente. Abotoei o casaco exterior até ao pescoço, inspirando o ténue aroma a resina de pinheiro a cada respiração.

Atravessei o umbral de madeira da porta de correr, que não fechara completamente na noite anterior, e penetrei na sala. A luz entrava pela janela, e a neve caía lá fora. Em grandes flocos, como pássaros descendo pelo ar em silêncio.



Os ponteiros do relógio por cima do frigorífico apontavam para as quatro horas. Estava muita luz lá fora para ser madrugada, e percebi que tinham de ser quatro da tarde.

Tinha sede.

Experimentei abrir a torneira do lava-louça, mas, como era de esperar, não saiu água alguma. Por sorte, a que estava na panela que eu enchera imediatamente a seguir ao corte de energia encontrava-se limpa. Levei a panela aos lábios e bebi um gole, depois outro. Fiquei ali por um momento, sentindo a água fria espalhar-se-me pelo corpo, e depois baixei-me para apanhar a caneca partida.

Precisava de uma vassoura e de uma pá para recolher os cacos que se tinham espalhado pelo chão. Lembrei-me de que Inseon guardava um conjunto de limpeza junto à porta da rua, e atravessei a sala para os ir buscar. Porém, a primeira coisa que me chamou a atenção quando abri a porta para a entrada foi a lanterna pousada em cima do armário dos sapatos. Era bastante pesada e, quando a liguei, o feixe parecia fraco, talvez por haver demasiada claridade em volta. Estava a passar a tênue coluna de luz para trás e para a frente no chão escuro, perguntando-me se as pilhas estariam gastas, quando suspendi a respiração.

O som de um pássaro, a trinar.

O feixe pálido da lanterna iluminou a gaiola e revelou uma ave no poleiro, lá dentro. Trinou outra vez.

Ama.

A minha voz fraquejou e perdeu-se na quietude.

Estavas morta.

Avancei para a gaiola, para a porta que deixara meio aberta depois de retirar o pássaro na véspera. O interior continuava coberto de cascas de cereais. O prato da água mantinha-se sequíssimo. Os pequenos tufozinhos brancos que se destacavam do peito e do alto da cabeça da *Ama* pareciam macios como algodão. As suas longas penas brilhavam, lustrosas. Ela inclinou a cabeça de lado e estudou-me com uns olhos minúsculos que reluziam como feijões-pretos molhados.

Eu enterrei-te, a noite passada.

Estarei a sonhar?, perguntei-me em voz alta.

Os cortes sob os meus olhos começaram de novo a picar, como uma deixa. Um frio glacial emanava das tábuas do soalho, atravessando as meias de lã nos meus pés. A cada expiração, o vapor do meu hálito desenhava-se no ar frio e cortante. Virei-me para olhar o pátio, a neve

espessa. Tinha-te enterrado debaixo daquela árvore, agora tornada irreconhecível pela armadura de neve que se acumulou em seu redor durante a noite.

Era impossível a ave ter voltado. Ter conseguido sair do lenço bordado em que eu a embrulhara e cujas pontas cosera, ter desatado o cachecol de lã que eu entrelaçara e amarrara em redor dela, ter aberto a lata de alumínio que eu selara sobre ela, ter rebentado o fio que eu enrolara sobre a toalha branca em que envolvera a lata. Ter emergido da neve amontoada sobre a sua sepultura gelada, ter entrado a voar pela porta trancada para pousar neste poleiro dentro da gaiola.

A *Ama* voltou a piar. Sempre a observar-me com olhos como feijões humedecidos.

Dá água à Ama.

Dirigi-me ao lava-louça, obedecendo a uma voz – a voz de Inseon – que não podia realmente ouvir. Tirei um pouco de água da panela grande e levei-a até à gaiola, com a água a derramar-se pelos lados da tigela a cada passo. A *Ama* esperou, sem mexer um músculo, enquanto eu a servia. Só quando recuei é que se movimentou, pousando no pequeno poleiro junto do prato da água.



Observei a *Ama* a debicar a água, a erguer o olhar para engolir, depois a repetir.

Tinhas sede?, perguntei.

Ela deteve-se e virou a cabeça para me olhar.

É possível sentir-se fome quando se está morto?, perguntei.

Senti que nunca conseguiria decifrar a expressão nas contas dos seus olhos, e a *Ama* voltou a baixar a cabeça. Abriu o bico, tomou mais um pouco de água, e ergueu a cabeça para engolir.



Revistei com a lanterna o frigorífico às escuras. Tudo o que Inseon tinha para comer eram alguns vegetais, um arroz ensopado e pegajoso e meia barra de tofu de molho em água. Havia uma variedade muito maior de alimentos para a ave, e nesse caso tudo tinha sido cuidadosamente acondicionado. Frascos de vidro selados, de vários tamanhos, recipientes transparentes e sacos de fecho continham pélete multicolor, painço, passas, arandos secos, nozes, amêndoas laminadas. Os *noodles* de trigo que ela costumava dar-lhe como petisco estavam na porta do frigorífico. Havia um pacote aberto, do qual restava metade, e dois ainda fechados.

Mas qual era o alimento básico da *Ama*? Eu não sabia se devia dar-lhe um pouco de tudo, ou misturar umas quantas coisas como refeição e dar-lhe depois algumas das outras como petisco. Tinha retirado o painço, arandos secos e nozes quando ouvi ruídos vindos da gaiola. A *Ama* abriu completamente a porta com o bico e fugira. Agitou as asas e subiu, quase embatendo no teto, depois desenhou um enorme círculo no ar, antes de pousar na mesa de jantar.

Inseon dissera-me que os pássaros tinham de comer as refeições, quando não também os petiscos, dentro da gaiola. De outro modo podiam ganhar o hábito de não querer voltar a entrar, o que significava que deixava de haver forma de os fazer adormecer a horas, e depois toda a rotina, todas as regras, voavam pela janela. Mas teria uma ave morta de obedecer às mesmas regras?

Tirei um prato grande de cerâmica de uma prateleira por cima do lava-louça e deitei nele uma mão-cheia de painço. Cortei os arandos em pedaços mais pequenos com uma tesoura de cozinha e salpiquei-os junto aos grãos. As nozes finamente picadas foram para o centro, e ao lado ficou o prato fundo destinado ao molho de soja mas cheio de água.

Vem comer, *Ama*, chamei, pousando o prato na mesa.

A *Ama* piou como a dizer que alguma coisa estava errada.

Está tudo bem, disse eu. Vem comer.

A ave caminhou pela mesa em direção ao prato. Debicou primeiro o painço, depois bebeu um pouco de água. Um grão de painço, um sorvo de água, dois grãos, um sorvo, um bocadinho de arando, dois sorvos.

Tinhas fome, disse eu. No momento em que as palavras me saíram da boca, fui invadida por uma insuportável vaga de fome. Retirei um punhado de frutos secos do saco de fecho, meti-os na boca, e uma surpreendente explosão de doçura espalhou-se enquanto eu mastigava. Se não fosse o corte de energia, pensei, poderia preparar alguma coisa quente no fogão elétrico. Poderia fazer *juk* de arroz. Tiraria o tofu que estava de molho na água e fritá-lo-ia até ficar dourado e apetitoso.



Enchi um copo de água para mim e preparei um pratinho de tofu cru e nozes para levar para a mesa, onde me sentei em frente da ave para comer. Engoli um pedaço de tofu, que estava salgado e amargo, e perguntei à ave, Por quanto tempo pensas que vai nevar?

A cabeça inclinada da *Ama* era pequena e redonda, como uma castanha. De certeza que a sua nuca seria quente ao toque. Ela não parecia minimamente morta.

Isto não é um sonho, pois não, *Ama*?

Olhei para a neve que caía em fios ordenados e direitos do lado de fora da janela, preenchendo o céu vazio que estava gradualmente a escurecer. A árvore sob a qual enterrara a *Ama* estava imóvel, vestida de neve.

Será isto um sonho?

Estendi a mão para a *Ama*, que parara de comer. Ela saltou-me com facilidade para a palma. No momento que as suas patas ásperas me arranharam a pele, o frio desapareceu, e o meu coração e os meus olhos incendiaram-se de imediato.



Acaricieei delicadamente o pescoço da *Ama*. Sempre que ela baixava a cabeça, pedindo mais festas, eu fazia-lhe a vontade. E ela baixava cada vez mais a cabeça. Fiz-lhe festas até ela parar.

Quando a *Ama*, aparentemente cansada deste jogo, levantou voo e foi pousar no peitoril da janela, olhei para ela, ainda a pensar na ligeireza do peso e da pressão na palma da minha mão, onde os seus pés tinham estado um momento antes.

Vais ter frio, *Ama*, disse eu, por causa das correntes de ar.

Se é que existe alguma coisa como ter frio quando se está morto. Bom, se existe fome, também deve existir frio, calculei. Foi então que me lembrei do fogão a lenha na oficina. Se eu conseguisse fazer lume, estaria mais calor lá do que aqui. Também podia levar a panela e fazer lá *juk*.

Espera aqui, *Ama*, disse-lhe, levantando-me da mesa. Vou acender lume.

A *Ama* levantou voo do peitoril. Soltou um longo trinado e pousou no quebra-luz da lâmpada suspensa sobre a mesa. Sorri à visão dela pousada por cima da luz, a balançar com cada oscilação do cordão do interruptor.

Já te venho buscar, disse eu.



Não havia rasto das pegadas que eu deixara ao andar entre a oficina e a casa. Para atravessar a neve, tive de abrir um novo caminho. Peguei na pá, que se encontrava enterrada até à ponta do cabo, e estava a sacudi-la quando algo me fez parar. O maior floco de neve que alguma vez vira pousara-me nas costas da mão.

Não me pareceu frio, não naquele momento, não imediatamente. Na verdade, quase não me tocava na pele. Só quando as pontas mais finas do cristal começaram a desfazer-se em gelo é que senti uma pressão subtil, uma suavidade. A massa de gelo diminuiu lentamente. A sua brancura dissolveu-se numa gota de líquido na minha mão. Como se a minha pele tivesse absorvido toda a sua luz, deixando para trás apenas as partículas de água.

Era diferente de tudo o que eu alguma vez vira. Não havia mais nada no mundo com uma estrutura tão delicada. Nada assim tão frio e leve. Nada que se mantivesse assim tão suave até ao momento em que

derretesse e se desfizesse.

Num estranho arroubo de paixão, fechei a mão em volta de um punhado de neve, e depois abri-a. A neve na minha mão era tão leve quanto o corpo penugento de um pássaro. A minha palma tornou-se rosada, e a neve absorveu o meu calor e transformou-o no gelo mais macio do mundo.

Nunca esquecerei isto, pensei. Nunca esquecerei esta suavidade.

Mas o frio rapidamente se tornou insuportável, e eu sacudi a neve da mão. Limpei a palma molhada na parte da frente do casaco. No espaço de segundos, essa zona do tecido ficou rígida. Esfreguei-a com a minha mão seca. O calor recusou espalhar-se. Senti uma tremura no peito, como se todo o calor do meu corpo me tivesse escapado pela mão.



Assim que afastei a neve acumulada nas traseiras da oficina e abri a custo a porta, um longo feixe de luz do pátio imergiu no interior soturno. Entrei, de costas para a claridade, e liguei a lanterna. Apontei-a para o fogão e, tendo o cuidado de não pisar o sangue no chão, segui o caminho da luz, que oscilava com o movimento do meu braço. Ao aproximar-me da sombra que a rebarbadora desligada lançava sobre a bancada, detive-me, divisando o que parecia ser a silhueta de uma pessoa.

A forma preta e arredondada estremeceu e alongou-se. O corpo desenrolava-se. Os joelhos endireitaram-se-lhe, os dois pés tocaram no chão. O seu rosto, que estivera enterrado nos braços, virou-se para mim.

... Kyungha-ya.

Uma voz rouca, como de alguém que acabou de acordar, arranhou o ar.

Instintivamente, desliguei a lanterna e escondi-a atrás das costas. Não podia deixar que ela visse as manchas de sangue no chão. A luz de estanho que entrava pela porta das traseiras brilhava foscamente sobre a cara de Inseon, e eu consegui ler-lhe a expressão mesmo sem a lanterna.

Quando foi que chegaste?

O seu rosto estava pálido e descarnado, embora não tanto como o tinha visto no hospital. Ela esfregava os olhos com a mão direita, que parecia imaculada, ileso.

Como chegaste aqui? Nem sequer ligaste a avisar.

Os olhos de Inseon, que pareciam maiores na escuridão, fixavam-me intensamente.

Como te feriste?

Fui arranhada por um arbusto.

Oh céus, suspirou ela, os olhos ensombrecendo.

Depois, em voz baixa, perguntou, Porque estão as luzes apagadas? Murmurou para consigo, como que refletindo, *Eu não as apaguei*. Linhas de expressão enrugavam-lhe a testa.

Há um corte de energia, disse-lhe.

Como é que sabes?, perguntou Inseon, mas os seus olhos deslocaram-se do meu rosto para o pátio como se não quisesse ouvir a minha resposta.

Quando é que apareceu toda esta neve? A voz dela não se dirigia a mim... *Será isto um sonho?*

Ela estava imóvel, observando a neve. Os flocos eram como pássaros brancos que se tornavam mais pesados ao descer. Quando por fim virou o olhar para mim, vi que o rosto dela tinha mudado subtilmente. Os seus olhos brilhavam de lágrimas silenciosas, como se toda a afeição calorosa que guardara por mim, ao longo dos últimos vinte anos, se estivesse a derramar agora de uma só vez.

Quase nunca durmo aqui – não sei o que estava a fazer assim caída, resmungou ela baixinho. Abraçou-se e perguntou, Não tens frio?

Rugas familiares de riso vincavam-lhe a pele em redor dos olhos.

Queres que acenda o lume?

Observei sem palavras Inseon abrir a portinhola do fogão a lenha e atirar para lá pequenos pedaços de madeira. A sua farda de trabalho era um par gasto de calças de ganga e sapatos resistentes, com um avental rígido azul-escuro sobre uma camisola cinzenta de gola alta. Por cima usava uma *parka* que me era familiar de algodão preto, com os botões desabotoados e as mangas arregaçadas para não a atrapalharem, revelando os seus pulsos ossudos. Com a mão direita – de dedos intactos, sem pontos, sem sangue – tirou dois punhados de serradura de

um balde e espalhou-a sobre a lenha. Riscando a cabeça de um fósforo num dos lados de uma grande caixa de fósforos octogonal, disse, Agora já não se encontram destes fósforos nem em Seul.

O seu rosto, enquanto esperava que o lume da serradura se pegasse à lenha, estava composto mas parecia desamparado.

Comprei estes na lojinha ao lado da paragem de autocarro. Deve ter sido há uma década ou duas, mas ainda ardem bem.

Em pouco tempo as chamas dentro do fogão disparavam, lançando um brilho quente sobre a sua saliência dos olhos e a sua cana do nariz.



Inseon colocou o único banco de três pés que tinha ao lado do fogão. Senta-te aqui, disse.

Onde vais tu sentar-te?

Em vez de responder, ela içou-se para a bancada de trabalho. Balançou as pernas devagar como uma criança, os seus pés quase – mas ainda não – a tocarem o chão, aparentemente inconsciente de que a lâmina da rebarbadora elétrica estava coberta do seu próprio sangue.

Com as mãos ainda atrás das costas, cheguei-me ao banco e sentei-me. Enquanto o olhar de Inseon se demorava no fogão, enfiei a lanterna debaixo do banco. As pontas dos meus pés tocavam a extremidade serrada de um tronco deitado no chão. Uma mancha escura formou-se na poça de sangue seco ao lado do tronco, à medida que a neve que tinha entrado com o vento se derretia sobre ela.

Espreitei os respiradouros abertos na lateral do fogão, pareciam um par de olhos. As chamas dançavam lá dentro. À medida que a lenha se incendiava e começava a crepitar, a divisão ia-se enchendo com o som de casca de árvore a fender-se.

Pensei muito em ti.

Ergui o olhar à voz de Inseon. Também ela estava de olhos postos no respiradouro.

Pensei tanto em ti que houve dias em que senti que estavas aqui comigo.

As chamas tremulavam silenciosamente nos seus olhos. A postura dela – o facto de não perguntar mais nada – era tão calma e serena como sempre, a ponto de eu ter quase a certeza de que o que imaginava que ela estava a pensar agora poderia ser verdade. Que de facto ela estivera sempre aqui, a trabalhar a madeira como de costume, que a mensagem que tinha recebido dela em Seul e tudo o que experimentara nesta ilha eram apenas as ilusões de uma alma morta.

Agora por isso... havia uma coisa que queria mostrar-te.

Apontando para os troncos encostados à parede, Inseon perguntou, Que tal te parecem?

Respondi com honestidade. Tinha imaginado que fossem da altura de pessoas, disse.

Eu também tentei isso, ao princípio.

Pensei que fosse dizer-me a razão por que mudara a escala, mas não se deu ao trabalho. Descendo da bancada, perguntou casualmente, Que tal um chá?

Vi-a atravessar a oficina em direção à porta que dava para o bosque.

Já que não há energia, podíamos queimar combustível sólido ali em casa... mas os vapores não fazem bem à *Ama*, portanto bebemos o chá aqui.

Inseon ergueu a voz à medida que se afastava de mim. Quando abriu a porta da frente, a divisão ficou muito mais iluminada. Usando essa luz para remexer no congelador do pequeno frigorífico ao lado da porta, Inseon cantarolava uma canção que eu não conhecia. Iria ferver mais bagas amargas e insípidas?

Retirando o conteúdo de um recipiente e deitando-o na chaleira com uma colher de pau, Inseon perguntou, Que vamos chamar-lhe? Ao nosso projeto.

Virou-se para mim, e sorriu enquanto vertia água engarrafada na chaleira. Dei-me conta de que nunca te tinha perguntado, disse.

Não nos separamos, respondi.

Aproximando-se de mim com a chaleira e duas canecas nas mãos, Inseon repetiu as palavras. *Não nos separamos*.



Na corrente de ar resultante das portas das traseiras e da frente abertas, víamos as chamas aumentarem dentro dos respiradouros. Inseon pousou a caneca no fogão, que agora estava vermelho-vivo do calor. Com um som semelhante a areia a passar, gotas de água rolaram da chaleira e transformaram-se instantaneamente em vapor.

Ficámos sentadas sem falar, sem nos encararmos. Só quando ouvimos a água no fundo da chaleira começar a ferver é que Inseon quebrou o silêncio.

Como uma recusa em separarmo-nos, recusando-nos por isso a dizer adeus, ou como se não seguíssemos mesmo caminhos separados?

Da chaleira ainda não saía vapor. Tínhamos de esperar mais um pouco até que a água fervesse.

É de algum modo incompleta, a separação?

O vapor começou a sair do bico da chaleira como um novelo de linha branca. A tampa aparafusada começou a castanholar, abrindo-se e fechando-se.

Adia-se? O adeus – ou a conclusão? Indefinidamente?

Para lá da porta da frente, a vegetação do bosque tornara-se quase preta. Os cepos das árvores – agora cobertos de neve, de contornos arredondados e polvilhados – brilhavam debilmente no crepúsculo.

Conseguiria eu atravessar aquela escuridão?, perguntei-me. Ao contrário da noite anterior, agora tinha uma lanterna. Mas entretanto tinha-se acumulado mais neve. Ainda que conseguisse chegar inteira à paragem, o autocarro para P..., a cidade mais próxima, não estaria a circular. Se quisesse contactar o hospital em Seul onde Inseon estava, teria de bater a portas onde houvesse luz e perguntar se poderia usar o telefone. Teriam os seus nervos suturados ficado desfeitos?, perguntei-me. Ou talvez ela tivesse feito a operação, aquela que implicava cortar o ombro? A anestesia teria falhado? Teria havido qualquer outro erro médico?

Inseon deslizou a mão direita para dentro da sua luva de algodão, aparentemente desistindo da esperança de obter alguma resposta minha. Agarrou na pega da chaleira, que castanholava furiosamente, e depois encheu as duas canecas que pousara na bancada de trabalho com a água a ferver.

Lembras-te de como te preocupavas?, perguntou Inseon, deslizando para mim a primeira caneca. Não eram amoras-silvestres. O chá era transparente com um tom verde e cheirava a erva.

Sobre não haver neve suficiente em Jeju?, perguntou de novo Inseon com um sorriso, encostando-se à bancada com a sua caneca na mão. Vi-a pressionar a boca sorridente no rebordo, e perguntei-me se os espíritos podiam beber algo tão quente.

Que tipo de chá é este?, perguntei.

Bambu-de-folha-larga.

Também eu pressionei os lábios na minha caneca. Logo que senti o chá a abrir caminho pela garganta, apercebi-me de quanto tempo tinha estado à espera. De engolir algo tão quente que me escaldasse a ponta da língua. De ter este calor a aquecer-me a garganta e o estômago.

Quando eu era pequena, isto era o que bebíamos em casa em vez de água, contou Inseon. Mandavam-me ir colher as canas de bambu-de-folha-larga que crescem nas encostas, pois supostamente fazem bem aos nervos.

Inseon baixou a caneca. Quando os nossos olhos se encontraram, perguntei-me se o chá também estaria a espalhar-se pelas suas entranhas. Se Inseon viera ter comigo como espírito, isso significava que eu estava viva; e, se Inseon estivesse viva, isso significaria que a aparição era eu. Poderia o mesmo calor estar a espalhar-se simultaneamente pelos nossos dois corpos?



Voltei a cabeça para o bosque. Tinha ouvido um ramo a partir-se.

É porque não há vento, disse Inseon como para me tranquilizar. Sem nada para espalhar a neve, as árvores não suportam o peso.

O crepúsculo azul-acinzentado iluminava as copas. Grandes flocos brilhantes continuavam a cair sobre as árvores.

Sorvi um pouco mais de chá. À medida que ele me enchia com o seu calor, os meus ombros relaxavam e a coluna distendia-se. Endireitando-me no banco, com a caneca meio cheia ainda na mão, disse, Há uma coisa que também te queria perguntar.

Inseon inclinou-se para a frente no rebordo da bancada, onde voltara a sentar-se. Como para dizer que estava a ouvir.

Como conseguiste desenrascar-te?, perguntei.

Inseon inclinou-se um pouco mais.

Sozinha, neste sítio.

Ela respondeu com um sorriso, Que queres dizer com «neste sítio»?

Quero dizer num sítio sem iluminação pública nas ruas nem vizinhos próximos. Numa casa em que estás isolada e onde há cortes de energia e de água quando neva. Onde a árvore das traseiras avança para ti pela noite, agitando os seus braços ameaçadores, e onde a um ribeiro de distância jazem os restos de uma aldeia que foi dizimada e destruída pelo fogo.

Mas, como não disse nada daquilo em voz alta, foi Inseon quem falou, como para refutar delicadamente o que eu tinha dito. Eu não estou sozinha, disse-me.

Um brilho calmo de afeição iluminou-lhe o rosto.

Tenho a *Ama*.

A luz desvaneceu-se-lhe nos olhos, e depois avivou-se como brasas dispersas e desamparadas.

O *Ami* morreu há alguns meses. Nos três dias seguintes, a *Ama* não viveu de nada senão água. Não queria comer, nem mesmo as amoras-silvestres de que tanto gosta.

Inseon calou-se por um momento.

O *Ami* estava bem de manhã, mas, quando voltei a casa ao anoitecer, tinha os olhos enevoados. Levei-o logo ao veterinário, mas ele não passou daquele dia.

O crepúsculo que se derramava no bosque escurecia rapidamente. Quanto mais profunda se tornava a escuridão, mais vermelhos e brilhantes pareciam ficar os respiradouros do fogão.

Não sei porque me escondeu ele a sua doença. Eu não era um predador que tivesse de temer.

Inseon fixou os buracos brilhantes, como se olhar com intensidade suficiente para aqueles olhos coruscantes fizesse as palavras escorrerem do fogão, qual ferro escaldante e derretido.

Nós tínhamos conversas, o *Ami* e eu – tu viste-nos, disse Inseon. Desceu da bancada.

Ou será que nunca comunicámos realmente? Não terá passado nunca de um pássaro? Não terei eu nunca passado, afinal, de um ser humano?

Voltou a calçar a luva de algodão num movimento escorreito e abriu a portinhola do fogão. Atiçou a lenha ardente, produzindo centelhas. O calor das chamas percorreu-me o rosto.

Mas isso não quer dizer que esteja tudo acabado.

A voz de Inseon misturava-se com o calor.

Os nossos caminhos não se separaram, ainda não.



Sem saber como a consolar, fiz-lhe delicadamente uma pergunta. Onde foi que o enterraste?

Fechando a portinhola do fogão, da qual agora emanava um calor escarlate, Inseon disse-me: No pátio.

No pátio onde?

Debaixo da árvore. Ergueu o olhar para a parede sem janela que dava para o pátio e disse, Aquela que tu confundiste com uma pessoa.

Eu percebi então que podia ter desenterrado a sua sepultura debaixo da neve. Podia ter despedaçado os ossos decompostos com a pá, e extraído os fragmentos quebradiços com as garras dos meus dedos.



Quando Inseon estendeu a mão, pensei por um momento que queria apertar a minha. Mas estava a pedir a caneca vazia. Empilhou-as e pousou-as na bancada de trabalho, dizendo, Vamos deixá-las aqui por agora.

Só então me apercebi de que não houvera contacto físico entre nós naquele dia. Sempre que nos encontrávamos depois de separadas por muito tempo, rodeávamo-nos uma à outra num abraço. Saudávamo-nos – Quanto tempo passou? Como tens andado? – de mãos dadas. Estaríamos a manter-nos à distância sem nos apercebermos? Como se, no momento em que nos tocássemos, uma de nós pudesse passar a sua morte à outra.

Atravessando a divisão em direção à porta da frente, Inseon virou costas à paisagem nevada e preto-azulada lá fora e perguntou, Queres *juk* de feijão? Sei que é um dos teus pratos preferidos.

Estendeu o braço para trás para fechar a porta. Era-me difícil decifrar a sua expressão no escuro.

Virei-me para ela enquanto aferrolhava a fechadura. Não tens de demolhar primeiro os feijões?, perguntei.

Tenho alguns que demolhei e congelei. Não podemos usar o liquidificador sem eletricidade, portanto não ficará tão macio, mas assim também sabe bem.

Inseon ultrapassou-me e dirigiu-se para a porta das traseiras. Eu só andava por onde ela já tinha pisado e, espantosamente, consegui evitar chocar em qualquer dos troncos e tábuas ou pisar sangue. Antes de passar pela porta, no encalço dela, virei-me para trás, para o fogão. Os dois respiradouros vermelhos na sua lateral aquecida continuavam a brilhar.

Quando chegámos lá fora, o céu estava a escurecer e Inseon esperava-me sob a neve. Os flocos agora pairavam como penas, e eu conseguia ver as suas formas cristalinas mesmo na luz que morria.

Sombras

Abrindo cuidadosamente a porta da rua, Inseon voltou-se e olhou para mim. De dedo nos lábios, disse-me, A *Ama* deve estar a dormir. Não vamos acordá-la.

Fiquei à porta e observei Inseon, guiada pela luz ténue do anoitecer, abrir o armário dos sapatos e tatear as prateleiras. Onde se meteu a minha lanterna?, murmurou, desanimada, antes de exclamar em surdina, Ah! Está aqui uma vela.

Inseon virou-se para mim e para a entrada da porta para poder ver melhor. Tirou um fósforo de uma pequena caixa de fósforos, daquelas que são dadas como brinde. A cabeça do fósforo riscou o lado da caixa e acendeu-se com um silvo. Inseon transferiu a chama para o pavio da vela e sacudiu o fósforo, apagando-o.

Vamos, sussurrou, tirando os pés dos sapatos de trabalho e pousando-os no soalho de madeira.

Eu fechei a porta da rua e segui-a para o interior. Uma sombra suave, não propriamente luz mas também não completamente escuridão, filtrava-se pela janela. Milhares de flocos de neve caíam, todos tinham aquela sombra.

Ergui o olhar para o quebra-luz onde a *Ama* estivera anteriormente a balouçar. Teria ela voltado para dentro da gaiola? Estaria a dormir, como Inseon dissera? Se é que existe tal coisa como adormecer quando se está morto.

Inseon estava debruçada sobre a mesa de jantar, absorvida na tarefa de verter cera de vela sobre a superfície desta. Quando juntou a suficiente, pressionou a base da vela para baixo e segurou-a ali,

esperando que a cera endurecesse numa coroa branca e leitosa em volta dela.

Kyungha-ya. Chamou o meu nome em voz baixa, sem erguer o olhar. Importas-te de cobrir a gaiola?

Fui em bicos de pés até à gaiola. A porta por onde a *Ama* fugira continuava entreaberta. A gaiola não tinha nada senão cascas de grãos espalhadas e um prato meio-cheio de água. Peguei no pano de cobertura que estava pendurado num dos lados da mesa e lancei-o sobre a gaiola vazia.

Está ferrada a dormir, não está?, disse Inseon.



Regressei à cozinha. Sentei-me à mesa, como se fosse uma noite normal e eu tivesse aparecido por acaso em casa de uma amiga. Também Inseon estava a remexer no congelador como se não houvesse nada de invulgar. Como se a única coisa na sua mente fosse como preparar um prato para a hóspede inesperada.

Olhei para a vela, observei como a chama sugava a poça de cera derretida pelo pavio a arder. A chama era pequena e calma, não se parecia nada com o fogo violento dentro do fogão na oficina. No seu interior, ondulava um coração azulado. Como uma semente com pulsação. Cada pulsação parecia transmitir-se às tremeluzentes extremidades laranja.

Lembrei-me de como uma vez enfiara a mão numa chama. Uma memória havia muito esquecida: no outono do meu último ano de escola primária, quando a nossa professora de atividades extracurriculares saiu por um momento do laboratório de ciências, depois de nos advertir para termos cuidado com os equipamentos, um dos meus colegas disse que, se passássemos um dedo muito depressa pela chama de uma lamparina de álcool, não sentiríamos nada, nem calor nem dor. Os miúdos que se queriam mostrar corajosos fizeram fila – uns a disfarçar o medo, outros incapazes de o esconder – e tocaram com as pontas dos dedos na chama antes de os recolherem rapidamente. Quando chegou a minha vez, senti a fita de fogo enrolar-se no meu dedo com uma suavidade inacreditável e

uma pressão crescente. Era uma sensação fugidia que eu sabia que não me seria permitido saborear, portanto, para a guardar na memória, tive de repetir várias vezes o movimento, de cada vez um pouco mais depressa. Antes que o calor ardente atravessasse as células mortas na pele e a epiderme e penetrasse nas camadas interiores.

Agora estendi também a mão, como a reviver essa recordação. A mesma suavidade de outro mundo envolveu de imediato a minha pele. Estava prestes a passar o dedo mais uma vez quando captei um clarão em movimento na sala e ergui o olhar.



Era a sombra de uma ave, voando silenciosamente sobre a parede branca. A sombra era grande, do tamanho de uma criança de seis ou sete anos. Os detalhes dos músculos fletidos das asas e das penas translúcidas eram tão nítidos como se eu estivesse a vê-los através de uma lupa.

A única iluminação na casa era a vela à minha frente. Para lançar aquela sombra, a ave tinha de estar a voar entre a chama e a parede.

Está tudo bem.

Voltei a cabeça para a voz assustadoramente clara de Inseon.

É só o *Ami*.

Inseon estava de pé, de costas para o lava-louça, e eu notei que ela parecia cansada e prestes a cair.

Ele nem sempre vem, mas pelos vistos hoje veio.

A luz da vela mal alcançava o rosto de Inseon. As suas feições estavam achatadas pelo negrume, tornando-a apagada e inexpressiva, uma estranha.

Por vezes só aqui está durante uns segundos; noutras, fica até o dia nascer.

Inseon virou então as costas, como se esta explicação bastasse. Experimentou a torneira, resmoneando uma queixa quase inaudível.

E também não há água.

Fora da janela, a pouca iluminação que restava desaparecera por completo. Os flocos que transportavam para o solo a luz azul-acinzentada eram agora invisíveis. Até a árvore sob a qual eu enterrara a *Ama* na noite anterior, a mesma sob a qual Inseon tinha enterrado o *Ami* vários meses antes, se perdera na escuridão de breu.

Foi então que o ouvi.

Um som que era como tecido a roçar em tecido, como torrões húmidos de terra a esboroarem-se por entre dedos. Era um som que me recordava Inseon. Não a Inseon agora de pé ao meu lado, mas a Inseon deitada no quarto de hospital em Seul, que sussurrara naquela voz baixa e estática como se fossem as suas cordas vocais, e não a sua mão, o que tinha sido ferido.

Afastei a cadeira para trás e pus-me de pé. Dei um passo para a sombra, para as suas asas que batiam sem direção e pareciam mantê-lo eternamente suspenso, preso entre as vigas do teto e o chão. Ergui a mão no ar entre chama e sombra para onde deveria estar o corpo do pássaro.

Não.

As entoações graves sobrepunham-se numa só palavra.

Estaria a ouvir coisas?, perguntei-me – e nisso a palavra despedaçou-se e espalhou-se... *Não, não.*

O som de tecido a sussurrar contra tecido arrastou para a noite os vestígios ainda reverberantes da palavra.



Inseon estava agora sentada à mesa. A proximidade da vela emprestava uma vivacidade súbita ao seu rosto, a chama animava-lhe os olhos. A mulher fatigada encostada ao lava-louça um momento antes desaparecera.

Quando cá estive no outono passado..., comecei, e vi a luz desaparecer-lhe dos olhos. O *Ami* também dizia continuamente *não*.

Inseon rodeou a vela com as mãos em concha como se estivesse com frio. As suas mãos avermelharam-se, absorvendo o brilho. A sala à nossa volta escureceu à medida que as mãos dela cobriam a chama.

Ele aprendeu a palavra contigo?, perguntei.

Inseon abriu os dedos e raios brilhantes derramaram-se, manchando-lhe as articulações como sangue.

Imagino que sim, respondeu. Recolheu as mãos e a torrente total de luz animou-lhe o rosto.

Quando vivemos sozinhos, ganhamos o hábito de falar connosco próprios, não é?, continuou Inseon, assentindo, como se esperasse uma confirmação. Eu apanhei este hábito de, depois de resmungar alguma coisa, dizer «não» numa voz mais alta, para retirar o que dissera.

Eu não a tinha pressionado a responder e muito menos lhe pedira para elaborar, e contudo Inseon prosseguiu, escolhendo cuidadosamente as palavras, como se estivesse obrigada a responder-me com exatidão.

Como quando soltamos as palavras que um espírito não deve ouvir ou um desejo que eles possam mesmo escutar e conceder-nos... rasgamos então o papel onde o escrevemos.

A voz de Inseon tornou-se mais firme, como um lápis a carregar num papel com força suficiente para o marcar.

Portanto imagino que a última palavra fosse o que o *Ami* ouvia mais claramente. Quem sabe? Talvez pensasse que era o meu grito animal e estivesse simplesmente a imitar-me.



Não lhe perguntei qual fora o seu desejo. Pressenti que já sabia. Era o que eu própria continuava a combater. O que escrevia e rasgava todos os dias. O que estava alojado no meu peito encovado como a ponta de uma seta.

Tens um lápis?

Inseon retirou uma lapiseira do bolso do avental e entregou-ma. Eu aceitei-a e atravessei a sala, deixando que a minha sombra, que dançava à luz da chama oscilante da vela, me guiasse. Mais perto da parede, o intervalo entre a minha sombra e a do pássaro estreitou-se. Pareceram tocar-se, depois uma sobrepôs-se à outra, esvoaçante.

Estendi a mão que segurava a lapiseira para lá da minha sombra. Na parede, tracei um contorno da sombra do pássaro, apesar de a cabeça dele estar sempre a inclinar-se, mudando de ângulo. Ouvira dizer que as aves faziam isto para ver a imagem por inteiro, pois não têm visão binocular. Que estava o pássaro a tentar ver? Existiria tal coisa como querer ver, quando tudo o que restava de nós era a nossa sombra?

Eu não achava estar a carregar muito, mas a ponta da mina estava sempre a partir-se. Com uma mão na superfície fresca, avancei lentamente ao longo da parede, traçando a linha com a minha outra mão, pressionando a ponta da lapiseira a intervalos para desenhar um novo segmento. Quando cheguei ao alto da cabeça do pássaro, tive de me pôr em bicos de pés e esticar o braço o mais que podia. Depois descobri outra linha na parede, desenhada por fora daquela que estava a traçar agora. O contorno a lápis que eu deixara no outono anterior. Não tinha a certeza, mas parecia um contorno da cabeça da *Ama*. O longo perímetro delicadamente descendente que eu traçara em redor da sombra lançada pelos ombros de Inseon estava obscurecido pela sombra do pássaro. Se olhasse para esta parede quando amanhecesse, apercebi-me, não reconheceria nenhuma das formas nas linhas entrecruzadas e sobrepostas.

Já não restava mina na lapiseira. Virei-me e olhei atemorizada para a cozinha, sentindo uma imobilidade atrás de mim, onde Inseon deveria estar sentada – uma imobilidade que evocava a gaiola amortalhada.

Mas consegui distinguir os ombros de Inseon na escuridão. As respirações baixas e comedidas que saíam do silêncio por trás da chama da vela. Em vez disso, era a minha cadeira que estava arrepiantemente vazia. Virando-me de novo para a parede, vi que a sombra do pássaro se debatia como para se libertar da linha traçada que a prendia. A silhueta adejava pelo teto. As asas abriram-se como para levantar voo. *Chip-chip*. O trinado débil de uma ave ecoou no ar, depois desvaneceu-se.

Teria a *Ama* voltado?, perguntei-me, olhando para a gaiola coberta.

Onde está a Ama?



Voltando para a cadeira, vi que a vela na mesa encolhera ligeiramente. Algumas linhas grossas de cera derretida escorriam-lhe dos lados.

Às vezes... parece que há outra presença aqui, disse Inseon, erguendo o olhar das gotas de cera encarreadas. Como se houvesse alguma coisa que fica para trás depois de o *Ami* chegar e partir.

Agora seguia-se uma pergunta, alcançando-me na quietude.

Percebes o que quero dizer?

Quando Inseon se inclinou para a frente, a sua sombra percorreu o teto. Pressentindo o seu movimento, como ele subia e pousava ao ritmo da respiração dela, eu respondi com uma pergunta. Há quanto tempo sentes isso?

Vi a ruga familiar na sua testa, a sua expressão habitual de concentração. Estaria a contar em meses ou em anos? A cera derretida e transparente reunida sob a chama de súbito transbordou. Ficou instantaneamente esbranquiçada e formou novos nódulos, descendo pela vela abaixo.



Desde que vi os ossos, respondeu Inseon. No avião de regresso da Manchúria.

Isto foi inesperado. Pensava que ela ia dizer depois da morte do *Ami* ou após a perda da mãe. Se começara quando ela estava a filmar na Manchúria, já tinha sido há uns dez anos. Nessa altura Inseon ainda estava a viver em Huam-dong.

Foi no outono em que eles desenterraram as ossadas, disse Inseon.

Onde?, perguntei.

Ela baixou a voz. No aeroporto de Jeju, respondeu. Sob a pista.

Olhei-a silenciosamente nos olhos, que pareciam perguntar se eu me lembrava do acontecimento. Não me recordava exatamente do ano, mas tinha memória de ter visto o artigo. E lembrava-me da fotografia do fosso no solo, isolado com fita da polícia.

Tinha pegado num jornal ao embarcar no avião, disse ela, e ali, no fundo da página, estava uma fotografia do local da escavação.



A certa altura, levantou-se vento – antes de o ruído mo dizer, o movimento da luz da vela alertou-me para isso.

Olhei de novo para a sala e vi que a sombra do pássaro tinha desaparecido. A parede na qual eu traçara o contorno do movimento da sua cabeça, talvez devido à distância e à escuridão, parecia agora vazia.

Vi os olhos de Inseon deslocarem-se para a parede. Tive a certeza de que ela se levantaria e percorreria a sala. Para arrancar a cobertura da gaiola e exigir saber onde estava a *Ama*. E porque não a salvara eu.

Em vez disso, ergueu as mãos. Virou-as e examinou-as vagarosamente, como em busca de uma ferida ou cicatriz oculta.

3

Vento

Uma das ossadas junto da parede do fosso captou-me a atenção.

Na sua maioria, os ossos sugeriam corpos inclinados, deitados de bruços na terra com as pernas abertas, mas esta pessoa parecia ter ficado de lado, virada para a parede. Os joelhos estavam subidos até ao peito, tal como quando não nos sentimos bem e nos enroscamos, ou quando temos dificuldade em dormir, ou quando não conseguimos acalmar os pensamentos.

O artigo por baixo da fotografia especulava que provavelmente fora ordenado às vítimas que ficassem de pé à beira do fosso em grupos de dez, antes de serem alvejadas por trás e tombarem para a morte. Depois teria sido convocado o grupo seguinte, então executado, e por aí fora.

Compreendi que a postura distinta daquele corpo sugeria que a pessoa ainda respirava quando foi coberta de terra. Isto explicaria porque permaneciam os sapatos nos seus pés. Com base no tamanho dos sapatos de borracha e na estrutura geral do esqueleto, imaginei que o corpo pertencesse a uma mulher ou a um rapaz adolescente.

Quando dei por mim, tinha o jornal dobrado e metido na minha mochila. Em casa, desfiz a bagagem, recortei a fotografia e meti-a numa gaveta da secretária. Só abria a gaveta à luz do dia; não conseguia suportar a brutalidade daquela cena à noite. Observava a imagem durante algum tempo, depois guardava-a. No inverno, ganhei o hábito de me deitar debaixo da minha secretária e imitar aquela postura.

Notei como a temperatura em meu redor parecia mudar quando ali estava deitada. Não como uma sala aquece quando a luz profunda do inverno penetra no seu interior ou como o calor do ondol^[25] se espalha sob o soalho, mas como uma acumulação de ar quente enche um espaço. Muito semelhante à sensação suave e duradoura de algodão, penas ou pele de bebê, mas esmagada, destilada e inundando a divisão.

A ideia de basear o meu filme seguinte naquela pessoa surgiu enquanto um ano se derramava para o outro. Esta pessoa, cujo nome, género e idade eram desconhecidos, que fora delgada de constituição e descoberta com pequenos gomusin^[26] nos pés, que se contava entre as mil que foram detidas preventivamente em Jeju, logo que a guerra eclodiu, e mais tarde mortas a tiro.

Podia ter sido um adolescente, o que significaria que era mais ou menos da idade da minha mãe na altura. Queria debruçar-me sobre o que aguardava estes dois indivíduos no futuro: os sessenta anos de agitação passados sob uma pista que trovejava de aviões a aterrar e a descolar, ou aqui, nesta casa solitária, a dormir com uma serra de arco sob o corpo.

Decidi estruturar o filme em redor da busca da identidade do cadáver anónimo. Visitaria a equipa de arqueólogos com o meu recorte e perguntar-lhes-ia onde estavam a ser guardados os restos mortais e os sapatos de borracha da escavação. Lera alguns artigos subsequentes que diziam que cerca de cinquenta dos aproximadamente cem mortos encontrados na vala comum estavam a ser sujeitos a testes de ADN em busca de potenciais correspondências familiares, e ponderei a possibilidade de o meu morto estar entre esses cinquenta. Se fosse o caso, entrevistar os parentes sobreviventes poderia revelar-se o passo seguinte.

Mas, primeiro, trouxe para aqui a minha câmara, a fim de filmar uma entrevista preliminar com a minha mãe. Queria abrir o filme com uma conversa casual sobre como a colheita de inverno estava a chegar ao fim e se ela estava a dormir um pouco melhor à noite. Não a exporia. Tencionava enquadrá-la do pescoço para baixo e focar-me nas suas

mãos. Haveria apenas um plano completo dela em todo o filme, ela a dormir sobre a sua arma escondida e ferrugenta, de costas para a câmara.

Apanhei um voo matinal, depois o autocarro, e cheguei aqui antes do meio-dia.

A minha mãe estava na aldeia, a colher um híbrido de tangerina num pomar vizinho; e, sabendo que ela só voltaria ao anoitecer, dediquei algum tempo a preparar a entrevista do dia seguinte. Em busca de um bom fundo, tentei colocar uma cadeira junto da parede caiada do pátio. Montei a câmara e o microfone, sentei-me na cadeira e comecei a falar.

Não estava a pensar na gruta nem no meu pai. Raramente recuava a esse tempo. Não compreendia porque estava agora a falar dele. Mas não consegui parar, embora as palavras também não saíssem propriamente em jorro. Acabei por titubear sob aquela parede até a bateria se gastar. Fiz isto uma segunda vez, depois uma terceira.

Naquela noite, fui para a cama e apercebi-me de que as coisas não estavam a correr de acordo com o plano que tinha traçado. Não falei à minha mãe da entrevista. Em vez disso, acordei ao amanhecer, peguei na câmara e dirigi-me para a aldeia de que antes te falei. Aquela abandonada do outro lado do ribeiro seco.

Fica a dois passos daqui, e claro que eu estivera no ribeiro inúmeras vezes, embora nunca até esse dia o tivesse atravessado. Na aldeia já não restavam de pé muitas das velhas paredes de pedra. Eu não estava à espera disso. Mas, pela falta de árvores, era fácil distinguir onde tinham estado as casas e os caminhos. Havia carreiros estreitos aconchegados entre pequenos lotes bem arrançados. Alguns lotes tinham plantações altas de bambu na parte de trás, o que sugeria que casas maiores, especialmente para a época, tinham em tempos existido ali.

Era impossível saber onde vivera o meu pai.

Não sem uma morada ou um mapa topográfico. Não quando nunca me fora dito o tamanho da sua casa de infância nem a zona da aldeia em que se localizava.

~

Ouve-se um som metálico abafado quando o vento derruba qualquer coisa no pátio. Deve ser a pá que eu deixei junto da porta traseira da oficina. Uma grande gota de cera escorre pela vela como reagindo às vibrações.

À medida que aumenta o som da ventania, a vela revitaliza-se. A chama salta, como se houvesse um objeto invisível suspenso entre si e o teto que ela está empenhada em incendiar. O seu corpo quente está tão alongado que eu provavelmente conseguiria passar a mão inteira pelo seu centro incandescente.

Escuto o coro de janelas trepidantes. Os ventos devem ter dispersado a carga que esmagava a árvore do pátio. As suas frondes estarão a dançar no ar, puxadas de novo para a vida. E, no bosque exterior à oficina, as árvores maiores, cujos troncos têm o diâmetro de braços, estarão também a ondear, sacudindo o seu manto de neve.

~

Naquele ano, o meu pai tinha dezanove anos.

Tinha três irmãs mais novas, que iam dos doze anos até aos poucos meses, e um irmão mais novo. Adorava a irmã bebé, nascida naquele mesmo ano, no início de janeiro. Foi ele quem lhe pôs o nome Eunyoung, depois de dissuadir o meu avô de lhe chamar Soonyoung – os irmãos mais velhos chamavam-se Hakyoung, Sookyong, Jinyoung e Heeyoung. Ela já é um cordeirinho, disse, para quê correr o risco de a fazer ainda mais dócil com um nome como Soon^[27]?

Ele tinha um corta-vento com elástico na cintura que a minha avó lhe arranjava para vestir com o uniforme de inverno^[28]. Durante a greve de estudantes daquela primavera, quando foi a casa para poupar nas despesas de alojamento, ganhou o hábito de aconchegar a irmã bebé dentro daquele casaco. Gostava de abrir o fecho de correr e exhibir aos amigos o cabelo macio e aveludado dela, e ouvir as raparigas

deliciarem-se quando ela fechava o seu pequeno punho no colarinho dele. A minha avó ralhava-lhe, dizia que acabaria por deixá-la cair, mas ele disse-lhe que não se preocupasse, estava sempre a segurá-la bem. E, se ele alguma vez caísse, certificar-se-ia de que caía de costas para que a bebé não sofresse com o impacto.

Os meus avós estavam raladíssimos com o filho mais velho, pois ele era o único homem da casa dentro daquela faixa etária que podia despertar nos soldados e na polícia suspeitas de comunicar com os guerrilheiros nas colinas. Corriam rumores sobre como os polícias que falavam o dialeto do norte atacavam aldeias e arrebanhavam rapazes para aumentar o seu registo de prisões. Inspetores que tinham em tempos trabalhado para a polícia japonesa^[29] ficaram incorporados nas forças policiais locais e continuavam a torturar pessoas, como tinham feito antes da libertação. Quando soube de um estudante do secundário que morreu depois de ser torturado numa esquadra, o meu avô mandou o meu pai esconder-se sozinho nas grutas. O meu pai acendia a sua pequena lamparina de porcelana para ler e estudar durante o dia – sonhava candidatar-se a uma faculdade em Seul quando as coisas acalmassem. Antes de o Sol se pôr, certificava-se de apagar a lamparina e ficava sentado na escuridão. Esperava até à meia-noite para se escapular até casa, comer a comida que entretanto arrefecera e dormir um pouco. Depois, antes da primeira luz da manhã, voltava a enfiar-se na caverna com umas batatas cozidas e sal, que embrulhara num pedaço de papel.

Naquela noite de novembro, vinha ele a regressar como era hábito, atravessando o leito seco do ribeiro, quando ouviu apitos e viu os bosques iluminarem-se. As casas estavam a arder.

O instinto disse-lhe para ficar onde estava. Escondeu-se num maciço de bambus na margem do ribeiro. Depois ouviu tiros, sete no total, vindos do baldio da aldeia. Através das árvores, viu soldados com apitos a empurrarem pessoas para fora da aldeia. Estava bastante longe, mas divisou dois dos seus irmãos entre a multidão. Estavam de

mãos dadas. Havia mulheres que caminhavam atrás de crianças ainda mais novas ou com bebês às costas, bem como anciãos, que não paravam de cair ou de empatar, atrasando a fila. Os soldados sopravam nos apitos e brandiam as armas para os espicaçar.

Assim que teve a certeza de que se tinham ido embora, o meu pai correu para a aldeia. Olhou para trás de si e viu que a metade mais baixa e mais populosa da aldeia também estava a arder. O fogo era tão possante e luminoso que ele disse que conseguia ver as nuvens brancas acima do fumo.

Só os muros que cercavam as casas e os campos e a alvenaria das casas de pedra foram poupados. O meu pai chegou ao seu quintal e ficou atónito ao vê-lo manchado de vermelho, até perceber que os potes de gochujang^[30] tinham explodido. Revistou a casa e, não encontrando ninguém lá dentro, correu para a amoreira no largo da aldeia. Ali havia sete pessoas mortas. Uma delas era o meu avô. Os soldados tinham visitado todas as casas com cópias do registo de residentes^[31] e, insistindo em que qualquer membro do sexo masculino que não estivesse presente se juntara decerto aos rebeldes^[32], tinham executado os restantes membros da família.

O meu pai transportou o corpo do meu avô às costas e levou-o para o pátio de casa. Juntou uma braçada de folhas de bambu e dispô-las como um pano sobre o rosto e o corpo do pai; depois, retirou a cabeça de metal de uma pá queimada do monte de brasas incandescentes, que era tudo o que restava do seu barracão. Esperou que o metal arrefecesse, e então cobriu as folhas com terra.



A chama cor de laranja da vela está alta, dúctil, viva. Inseon olha-a fixamente.

Nada disto está incluído no filme, diz.

Eu assinto. É verdade. No filme, sentada em frente daquela parede caiada, ela toca apenas na escuridão que vira na gruta, nas pegadas na neve que eram apagadas em segundos.

A minha mãe não me contou nada até pouco antes de a sua memória começar a desvanecer-se, portanto na altura eu não tinha qualquer consciência disto.

Sinto um toque da força do vento nas faces e ao longo da cana do nariz. O quebra-luz escurecido por cima da mesa oscila lentamente. A chama esticada e ereta encolhe, como se estivesse prestes a extinguir-se. Quase sinto uma presença lá fora, a envolver a casa. A massa fria da sua respiração serpenteando pelas vigas do teto e por todas as aberturas da casa.

Bastou uma semana para o meu pai ser apanhado, diz Inseon, erguendo os olhos da luz ardente.

Não podia sobreviver apenas com a condensação nas paredes da gruta; tinha de encontrar comida. Desceu para procurar cereais que não tivessem sido queimados, e deu de caras com eles. Os polícias faziam esperas às pessoas que voltavam para enterrar os seus mortos.

Achas que ele conseguiu ver a família nessa altura?, pergunto, mas Inseon abana a cabeça.

Isso não era possível, porque o exército e a polícia tinham cada um a sua cadeia de comando. Ele esteve detido na velha fábrica de álcool junto ao porto durante duas semanas, e depois foi enviado para Mokpo. Os polícias do continente estavam à espera no molhe e informaram-no logo ali da sua pena e de onde iria ficar preso.

As sombras lançadas pela luz da vela estão em constante movimento, e eu não consigo ver se a expressão de Inseon está a mudar de momento a momento, se é apenas a flutuação da luz e da sombra.

E as pessoas que os soldados apanharam?

Ficaram detidas numa escola primária em P... durante um mês; depois, em dezembro, nas areias brancas entretanto transformadas em praia pública, foram todas mortas a tiro.

Todas?

Todas exceto os familiares chegados de quaisquer dos soldados ou polícias.



Incluindo bebês?

O objetivo era exterminar.

Exterminar o quê?

Os vermelhos.



A porta da rua volta a trepidar como se alguém estivesse a bater-lhe. A chama baixa, mais curta até do que o pavio, torna a inchar. Inseon mantém-se impassível. Pousa as palmas das mãos na mesa: dez dedos numa fila ordenada. Pressionando as pontas, levanta-se da mesa.

Tenho uma coisa para te mostrar, diz.



Vejo Inseon encaminhar-se para a porta aberta do seu quarto. Do pátio chega mais uma pancada do adejar do oleado e o gemido estridente do vento. Inseon desliza por entre tudo isso. O seu movimento é lento, regular, silencioso, como se estivesse a tatear o caminho com tentáculos em vez de confiar na vista.

Reaparece daí a pouco com uma das caixas que guarda na estante de ferro. Como a terá encontrado às escuras? Simplesmente de memória? Inseon pousa a caixa ao lado da vela e retira a tampa com ambas as mãos. Há uma pilha de livros, revistas e folhetos marcados com *post-its* amarelos e marcadores verde-claros e verde-escuros. Os *post-its* têm escritas datas e palavras sublinhadas. Inseon dispõe ordenadamente os livros sobre a mesa. Reparo numa fotografia a preto e branco, emoldurada, que ela não se deu ao trabalho de retirar do fundo da caixa.

Tem aproximadamente o tamanho da palma da minha mão e mostra um homem e uma mulher jovens, ele de fato, ela de vestido e sentada. Um retrato de estúdio.

Apercebo-me rapidamente de que a mulher no banco é a mãe de Inseon. Achei-a uma mulher mais velha mas de espírito juvenil quando a conheci, e imaginara momentaneamente um rosto delicado em jovem, mas a fotografia mostra uma rapariga afável cuja pequena figura transpira apuro e vigor. Dos dois, é o homem magro, de pé ao lado dela com a mão pousada no seu ombro, quem parece delicado. Tomo nota das suas feições de porcelana transparente, dos olhos grandes e de pálpebras lisas, que parecem luzir. Inseon herdou os olhos e o físico do pai, concluo, mas em todos os outros aspetos sai à mãe quando jovem.



Inseon passa um dedo sobre as lombadas dos livros empilhados. Aquele que ela escolhe tem por subtítulo «Secheon-ri» e o número 12, e não me é estranho. Tinha encontrado aquela coleção de livros no inverno de 2012, enquanto percorria as estantes da Biblioteca Nacional da Coreia em pesquisas para o meu livro sobre G... Na época, andava a ler sobre casos relacionados ou semelhantes de assassínios em massa ao longo da História, tanto no país como no estrangeiro, em preparação para o meu livro sobre o tema. Mas tinha ignorado resolutamente estes volumes, que continham a história oral dos massacres perpetrados em aldeias por toda a ilha. O relatório informativo de seiscentas páginas, outros materiais introdutórios relevantes, os testemunhos de umas trinta pessoas em apêndice – tinha achado tudo aquilo demasiado esmagador.

Inseon abre numa página marcada com um *post-it* verde-claro. Vira o livro ao contrário e oferece-mo.

Não há melhor vista do que a desta nossa casa. Olha para ali. Vemos mar, areia, tudo, deste maru^[33]. Também naquele dia eu vi tudo do meu quarto. Fiz um buraco no papel da porta de correr, pois tinha demasiado medo de a abrir.

Está escuro, e o texto impresso é miudinho. Pouso o livro mesmo sob a vela e aproximo a cara da página para continuar a ler. O livro cheira a bolor devido a toda a água que absorveu e libertou ao longo de anos de monções.

Ao pôr do Sol, chegaram dois camiões cheios de pessoas. Eram pelo menos cem. Os soldados desenharam um quadrado na areia com aquelas baionetas que transportavam. Disseram às pessoas, Vão ali para dentro. Permaneçam direitos, não se sentem, não saiam da vossa fila, parecia que estavam a gritar, mas o vento levava o som para o mar. Sopravam constantemente nos apitos, mas, assim que as pessoas se posicionaram quietas e direitas dentro das linhas, pararam.

Um superior qualquer, um soldado, berrou uma ordem, e dez das pessoas saíram do quadrado e ficaram alinhadas e viradas para o mar. Perguntei-me que castigo se seguiria, mas os soldados alvejaram-nos por trás sem aviso, e todos eles caíram de cara na água. Mandaram mais um grupo formar uma fila, mas ninguém queria avançar, e as fileiras desordenaram-se. Os soldados apontaram as armas e gritaram às pessoas que se endireitassem, e foi então que uma mão-cheia delas saltou a linha e desatou a correr mesmo na nossa direção.

Eu tinha vinte e dois anos, o meu filho mais velho ainda não tinha cem dias. Os soldados começaram a disparar para aqui, portanto puxei o meu bebé para mim e lancei um cobertor sobre as nossas cabeças. O seu abang tinha acabado de entrar para o Minbodan^[34] e estava de serviço na esquadra todos os dias até escurecer. Portanto, éramos só o pequenino e eu, e... Nunca ouvi tantos tiros na minha vida, nem então nem depois. Ao fim de muito tempo, ficou tudo em silêncio e eu aproximei-me da porta, estava a tremer tanto, para espreitar pelo buraco que tinha feito, e eles estavam todos mortos na areia, todos. Os soldados pegavam-lhes pelos ombros e pelos pés e atiravam-nos para o oceano, e eu juro que pareciam roupas a flutuar nas ondas.



Este livro não tem fotografias, mas eu encontrei uma aqui, diz-me Inseon.

Ela abre uma revista mais ou menos do tamanho de uma *Reader's Digest*, numa página marcada com um *post-it*. Vejo a data escrita a tinta preta no lembrete amarelo. Outono, há quinze anos.

A imagem a preto e branco mostra uma mulher idosa com cabelo curto e encaracolado já quase todo grisalho, sentada no estreito *maru* da frente da casa, a remendar uma rede de pesca. Está de perfil e, pela sua expressão carrancuda, deduzo que ela não consentiu ser fotografada por inteiro. Talvez por isto ser um artigo de revista, e não a transcrição de uma entrevista, noto que, sob a fotografia, uma citação das palavras da mulher foi traduzida para coreano-padrão.

Eu não como carne do mar. Naquele tempo, com as coisas tão mal como estavam, não havia colheitas e, com uma criança nas mãos, eu tinha de comer fosse o que fosse para ter leite e alimentar o meu bebé. Mas, assim que as coisas melhoraram, até hoje, nunca mais comi nada saído da água. Foram os bichos do mar que comeram aquelas pessoas, não foram?

O papel fino e lustroso reflete a luz da vela e aclara a página, e o artigo em si está em letras maiores e mais fáceis de ler. Salto quase tudo e leio apenas as citações. Estas basicamente repetem o testemunho da entrevista, mas ocasionalmente surgem novos elementos.

Eu tinha medo de que as balas chegassem ao meu maru, portanto escondi-me debaixo de um cobertor e ouvi os tiros. Durante todo o tempo, o meu coração não parou de tremer pelas crianças que vira na areia. Havia mulheres com bebés da idade do meu filho, e uma delas parecia prestes a dar à luz a qualquer momento. Vi como ela apoiava as

costas com as mãos, ali de pé. Estava a escurecer quando as armas pararam. Voltei a espreitar pela porta. Os soldados estavam a atirar corpos para o oceano, e as pessoas jaziam ensanguentadas, de rostos na areia. Primeiro pensei que fossem roupas a flutuar na água, mas afinal era tudo gente, gente morta. No dia seguinte de manhã, enquanto o pai dele dormia, fui lá abaixo com o meu filho às costas. Procurei por todo o lado, certa de que encontraria um bebé devolvido à praia, mas não encontrei nada. Tinha havido ali tantas pessoas, mas agora não restava uma única peça de roupa, um único sapato. O local onde aconteceram as mortes tinha sido varrido e limpo pela maré. Não havia vestígios de sangue. Então foi por isso que resolveram matá-los aqui, pensei.



Inseon pega no livro mais pesado sobre a mesa. Com base no seu *design* relativamente sofisticado, calculo que tenha sido publicado no decorrer da década anterior.

Esta é a sua última entrevista, diz Inseon ao abrir o livro numa página marcada com um sinalizador laranja-vivo. Há uma fotografia a cores de uma mulher idosa, a mesma mulher, cujo cabelo é agora tão alvo quanto a plumagem de uma ave branca. A carne e os músculos atrofiaram-se-lhe, e ela está tão mirrada que é quase irreconhecível. Está sentada no mesmo *maru* com chão de madeira na frente da casa, de joelhos dobrados e pés plantados no chão, encostada a uma coluna. A única vitalidade que deteto está nos seus olhos, que se abrem para a câmara.



Não lhe pedi que parasse de cá vir? Já disse tudo o que tinha a dizer – porque é que está sempre a voltar?

O que não contei a ninguém?

O que não contei...

Começou com aquela gente da investigação. Não havia muitos que tivessem visto com os seus próprios olhos, disseram eles, e pediram-me que lhes contasse; disseram-me que, se não deitasse cá para fora o que vi antes de morrer, nunca ninguém saberia. Achei que não deixavam de ter razão, portanto contei-lhes naquele mesmo dia. Essa foi a primeira vez. Mas, depois de eu lhes ter contado, começaram a vir outros. Punham-me a falar, depois iam-se embora, e eu ficava virada do avesso durante dias, claro. Sabia o que aquilo me ia fazer, e ainda assim, tanto quanto podia, fazia o que me pediam.

Se o meu marido fosse vivo, havia de detestar, mas tinha morrido havia tantos anos; não podia impedir-me. Que poderia ele fazer? Perseguir-me lá do além? Se os fantasmas existissem, talvez ele me visitasse em sonhos para me impedir, mas ainda não o fez.

O meu marido não sofreu muito durante os tumultos. Sim, combateu na guerra, escapou por pouco à morte, mas foi tudo. Naquela altura muitos homens de Jeju alistaram-se na Marinha. Quem ficasse na ilha ou era levado e morto pelos militares e pela polícia, ou, se fosse Minbodan e andasse com os polícias, era obrigado a ver todo o tipo de horrores que não se conseguiriam esquecer: eram essas as opções. Quanto mais depressa saíssem desta ilha, mais depressa podiam ter sossego; foi por isso que o meu marido foi o primeiro a alistar-se voluntariamente. Depois nem um pio durante três anos – Estava morto? Estava vivo? –, até que um dia voltou. Disse que tinha tido sorte, mas que muitos de Jeju tinham morrido a combater. Disse que era muito, muito difícil passar despercebido, com aquelas conversas de todos os de Jeju serem vermelhos.

Que fazia ele antes da guerra? Quando andava atrás dos soldados e dos polícias? Como hei de saber, se ele nunca me disse? Sei que não era por escolha que ia com eles. Estava a construir um muro defensivo com os outros aldeões quando os polícias chegaram e escolheram alguns homens para os acompanharem. Eram outros tempos. Tínhamos de fazer o que nos mandavam.

Os Seocheong^[35] eram impiedosos; havia rumores de que também matavam os homens da milícia que os acompanhavam e lhes obedeciam, portanto eu estava preocupada, claro. Ouvi contar como, depois de terem esfaqueado a noiva de um dos homens escondidos nas colinas, a largaram no pátio à frente da esquadra mais próxima e mandaram os da milícia espetarem-na com as lanças de bambu. Quando eu lhe lembrava para não contrariar ninguém, o meu marido dizia sempre, *Eu só estou lá para traduzir. Os Seocheong não compreendiam Jeju-mal, e a gente de Jeju não compreendia os Seocheong. Durante o sokai – a evacuação –, quando andaram a incendiar as aldeias das terras altas, o meu marido jura que tudo o que fazia era bater às portas e dizer às pessoas, Está tudo a arder, vão-se embora. Mas foi estranho que, depois desse dia, ele nunca mais tivesse querido pegar no nosso bebé, nem uma vez, nem quando entrou para a Marinha. Eu nem devia olhá-lo nos olhos, dizia ele, e nem sequer pousava o olhar na criança.*

O meu marido nunca disse mal dos militares ou da polícia enquanto viveu. Não disse uma palavra sobre eles, boa ou má. Mas não podia suportar os vermelhos. Que é que esses rebeldes alguma vez fizeram, dizia ele, senão matar uns quantos polícias e vingar-se de famílias inocentes, e depois esconder-se nas colinas enquanto duzentas ou trezentas almas eram massacradas por retaliação, isto só nas aldeias deles? Tudo para construir o seu paraíso na Terra, mas que tipo de paraíso é o inferno?

Portanto eu não disse uma palavra sobre aquele dia, nem mesmo a ele. Que podia eu dizer a alguém que entrava à noite, calado como um rato, e se enroscava no lado frio do chão, de costas voltadas?

Só falei nisso uma vez. Uma única vez, e depois nem uma palavra até aqueles investigadores aparecerem. Nessa altura o nosso bebé já estava no terceiro ciclo, portanto foi uns bons quinze anos depois dos tumultos.

Foi naquela época do ano em que de manhã e à noite há um frio no ar, mas o sol ainda brilha com força. Eu estava a pendurar malaguetas para secar junto ao portão quando um desconhecido se aproximou. Tinha modos de polícia e disse que, se eu não me importasse, queria perguntar se aqui tínhamos vivido antes da guerra.

Ora isto foi durante a revolução militar, quando ninguém soltava um pio sobre aqueles tempos. Eu podia facilmente ter dito que tínhamos vindo de outro sítio, mas nunca fui lá muito artilosa e não sou capaz de mentir, e além disso ele não parecia ser um funcionário – pelos olhos e pela voz, pareceu-me que não fazia mal a uma mosca, portanto disse-lhe que entrasse. Mandei-o sentar-se no degrau e deixei o portão aberto porque ele não era da família, a seguir perguntei-lhe em voz baixa, para ninguém ouvir, por que motivo aqui estava e o que queria saber. Aí o homem desfez-se em desculpas. Pedia muita desculpa por aparecer assim do nada, não queria maçar ninguém nem causar problemas. Aieee, quem é que tem paciência para isto tudo? Eu reagi dizendo que não fazia mal, e disse-lhe que fizesse a pergunta. Então o homem lá abre a boca, e pergunta, Viu crianças naquele dia na praia?

Quando ouvi aquilo, nem consegui respirar – era como se tivesse uma caixa de ferro pousada na boca do estômago, aqui, logo abaixo do peito. Eu não tinha feito nada de mal, não sei porque fiquei com os olhos enevoados, a boca seca. Sabia que devia dizer que não fazia ideia e arranjar uma forma de que ele se fosse embora, mas, por alguma razão, quis responder. Parecia que tinha estado à espera dele. Que tinha esperado aqueles quinze anos por que alguém me fizesse precisamente esta pergunta.

Portanto disse-lhe a verdade. Sim, havia lá crianças. O meu coração batia como se fosse rebentar, as palavras saíram-me entarameladas, mas agora ele já estava calmo e composto, e ficou sentado em silêncio durante um bom bocado, antes de perguntar se eu tinha porventura ouvido um bebé a chorar.

Era um desconhecido – o meu marido ia ficar furioso se descobrisse – e mesmo assim eu respondi. Não ouvi nenhum choro, disse, mas vi mulheres com bebés ao colo. Porque as vi – três mulheres com bebés

apertados nos braços, de pé na caixa que os soldados tinham desenhado na areia. E sete ou oito crianças muito juntas, com uns quatro, sete anos, quando muito dez. Vi-as a erguer o olhar para as mulheres e a mexer algumas vezes os lábios, mas o vento estava virado para o mar e eu não consegui perceber o que diziam ou gritavam.

O homem não se mexeu nem disse uma palavra, portanto calculei que não tivesse mais perguntas. Mas acabou por voltar a falar. Perguntou-me se um bebé tinha dado à praia. Se não naquele dia, então no seguinte, ou nas semanas que se seguiram.

Mas eu já não tinha forças para falar... Porque estava ele aqui?, queria questioná-lo. Porquê estas perguntas depois de todo este tempo? Mas as palavras não me saíam. Finalmente, consegui dizer num sussurro que não tinha aparecido ninguém – e foi então que vi que ele tinha a camisa encharcada em suor, descendo-lhe do colarinho pelas costas abaixo.

Fui à cozinha e trouxe-lhe uma tigela com água. Mas o homem não aceitou. Tinha as mãos no colo, mas tremiam tanto que ele deixaria cair a tigela se tentasse aceitá-la. Ele sabia-o – era por isso que nem sequer tentava. E, agora que também eu o sabia, não podia levar a tigela embora, teria sido uma maldade, portanto fiquei ali, de braço estendido durante um bom bocado.

Mas os pequenos iam chegar da escola e eu precisava que ele se fosse embora antes disso. Se o meu marido soubesse, ia haver uma gritaria tão grande. Voltei à cozinha, pousei a tigela e esfreguei o peito algumas vezes. Quando voltei a sair, o homem já lá não estava. Não havia sinais de ele ter sequer ali estado. Sentei-me no degrau e olhei para o mar de aço. Pensei que a qualquer momento talvez voltasse a ouvir os passos dele, mas não sei se estava à espera ou petrificada.

^[25] Sistema de aquecimento típico da arquitetura coreana que é instalado sob o piso das casas. [N. da T.]

^[26] Sapatos tradicionais feitos de borracha. [N. da T.]

^[27] À letra: mansa, abençoada. [N. da T.]

^[28] O uniforme escolar coreano é obrigatório em todos os estabelecimentos de ensino até ao final do secundário, mas há uma ligeira variação inverno/verão, devido à temperatura. [N. da R.]

^[29] A ocupação japonesa do território da Coreia decorreu entre 1910 e 1945. [N. da R.]

^[30] Condimento tradicional vermelho-vivo feito com pasta fermentada de malagueta, arroz glutinoso, soja e sal. [N. da T.]

^[31] Na Coreia do Sul, é obrigatório manter atualizado o registo da constituição do agregado familiar junto das autoridades. [N. da R.]

^[32] Referência à organização armada de esquerda que existiu na Coreia, o Exército Guerrilheiro do Povo Coreano, conhecidos também como vermelhos, que empreenderam uma luta de guerrilha e se refugiavam nas montanhas. [N. da R.]

^[33] Na casa tradicional coreana, *maru* refere-se a uma divisão geralmente maior do que as outras, localizada ao centro e elevada sob o solo, com piso de tábua e utilizada para diversas finalidades. [N. da T.]

^[34] Em Jeju, em 1949, a administração mobilizou civis para fazerem parte do Minbodan (literalmente «Corpo de Proteção do Povo») e participarem nas operações punitivas militares e policiais locais. [N. da R.]

^[35] Grupo de extrema-direita que existiu na Coreia. Era uma organização paramilitar nacional que, sob a proteção do governo, ficou famosa por cometer crimes como massacres e tortura de civis. [N. da R.]

4

Quietude

Ergo e olhar e a escuridão sobressalta-me. Enquanto lia, de nariz enterrado no livro, esquecera-me de onde estava. O vento também se tinha aquietado sem que eu me desse conta. Olho pela janela escura, envolta num silêncio tão profundo que toda a sua trepidação anterior parece agora coisa do passado. Na calma súbita, sinto-me como se tivesse aberto a porta para um sonho dentro de um sonho, e entrado.

A luz da vela parou de tremeluzir. A semente azul do centro da chama olha-me nos olhos. A vela está reduzida a meio dedo. Várias linhas grossas de cera escorrem dos lados para a mesa, endurecendo como fios de contas.

Curvada do outro lado da mesa, Inseon diz, Eu também estive em casa dela.

Quando?

No ano anterior ao que passou. Só lá moravam o filho e a nora da mulher.

A resposta sai-lhe a custo, como se com cada palavra a sua língua estivesse a empurrar o silêncio.

No inverno do mesmo ano em que deu esta entrevista, ela faleceu.

Mais cera de vela derrama-se em novas linhas.

Havia uma coisa que a mulher tinha compreendido mal.

Inseon vira-se para a sala ao dizer isto, e eu sigo o seu olhar. Tudo o que vejo para lá da porta de correr meio aberta é escuridão.

As mãos do meu pai não estavam a tremer devido à emoção, diz.

Coloca o punho contra o peito, mesmo sobre o coração.

Ele costumava aquecer uma pedra pouco mais larga do que o meu punho e pousá-la aqui, depois sentava-se de costas contra a parede no chão do quarto. Dizia que respirava melhor sentado.

Estudo as veias azuis salientes no punho pálido de Inseon pousado na sua *parka* escura. Um punho que parece mais um coração do que uma pedra.

Quando a pedra arrefecia, ficava morna, o meu pai chamava-me. Eu trazia a pedra para a cozinha, onde a minha mãe a fervia numa panela de água. Lembro-me de ficar a ver até se formarem bolhas nos buraquinhos que a pontilhavam. A minha mãe despejava a panela, embrulhava a pedra num pano da louça e dava-ma para eu a levar de novo ao meu pai.

Inseon baixa o punho. Pousa-o delicadamente na mesa, como se estivesse a pousar um coração.

Ele tinha algum problema cardíaco?

Tomava medicação para a angina de peito, responde ela sem expressão. Acabou por ter um ataque cardíaco. Também o tremor nas mãos era uma sequela da tortura.



Inseon desfaz o punho, fecha lentamente os livros e esconde-os.

Há quanto tempo ela os coleciona?

Se foi visitar aquela casa à beira-mar há dois anos, deve ter começado nisto ainda antes. Teria sido bastante fácil consultar os materiais ou requisitá-los na biblioteca da província ou no Instituto de Pesquisa Jeju 4.3, mas obtê-los pessoalmente requerera decerto muito mais esforço. Para encontrar as revistas que não tinham sido digitalizadas, teria de ter percorrido alfarrabistas ou contactado os editores em Seul para lhes pedir números antigos. Não é que este tipo de coisas fosse difícil ou novidade para Inseon. Ela sempre fizera as suas próprias pesquisas, como fazia os *castings* dos seus filmes, durante a década que passou a fazer documentários com orçamentos ínfimos.

Estará a trabalhar num filme?, pergunto-me – estará talvez a preparar-se para refazer ou fazer acrescentos ao último?



Começo a perguntar-lhe se é esse o caso, mas o rosto de Inseon endurece antes de eu terminar a pergunta.

Não é algo que eu tenha considerado.

De cotovelos na mesa, baixa o queixo para as mãos enclavinadas num gesto que me lembra a idosa na fotografia. As rugas fundas entre as sobrancelhas e a expressão obstinada são quase idênticas à expressão que tinha na sua mais recente estreia enquanto realizadora. O último filme de Inseon, que não fora lá muito bem recebido, havia sido mostrado juntamente com um texto elogioso escrito pelo organizador do festival, que acrescentara como subtítulo «Uma ode à história de um pai». Inseon rejeitara esta caracterização. Não é um filme para o meu pai, disse. Não é um filme sobre História, e não é uma ode em filme. O apresentador pareceu surpreendido, mas sorriu e disse suavemente, Então sobre o que é o filme? Não me lembro do que Inseon disse em resposta. Mas, sempre que os meus pensamentos voltavam ao que a teria levado a deixar de fazer filmes, era daquele momento que me lembrava. A mistura de espanto, curiosidade e frieza do apresentador, o silêncio confuso da assistência, o rosto de Inseon enquanto encadeava lentamente as palavras, como alguém condenado a dizer sempre apenas a verdade.



O nosso projeto conjunto é o único que considere nos últimos quatro anos, diz Inseon, desentrelaçando os dedos e baixando as mãos. Está prestes a acrescentar outra coisa, mas desta vez eu detenho-a.

Nós decidimos não fazer esse projeto, Inseon.

Ela parece pouco convencida, a mesma expressão, imagino, que fez no verão passado, quando eu lhe disse o mesmo pelo telefone.

Eu disse-te que estava errada desde o princípio. Que tinha pensado nele com demasiada simplicidade.

Inseon não refuta isto de imediato, em vez disso fecha os olhos, como a tentar organizar os pensamentos. Volta a abri-los e pergunta, calma, Então como achas agora que deve ser?

Naquele momento, como se alguém ligasse um interruptor, o meu sonho volta num rugido, tão vivo e tangível que paro de respirar por um segundo. O chiar das minhas sapatilhas, o solo esponjoso sob os pés, a água a emergir de debaixo da neve. A maré a subir até aos meus joelhos no tempo que demoraria a piscar os olhos, engolindo os três torsos pretos, as sepulturas rasas.

Digo em voz baixa, Os sonhos são coisas aterradoras. Não – são humilhantes. Revelam coisas sobre nós das quais não tínhamos qualquer consciência.

Enquanto digo isto, penso em como é estranha esta noite. Estou a confessar uma coisa que nunca disse a ninguém.

É similar ao modo como aqueles pesadelos saquearam a minha vida noite após noite, digo-lhe. E como já não tenho ninguém, ninguém vivo que esteja ao meu lado.

Isso não é verdade, diz Inseon, interrompendo-me. Não é verdade que já não tenhas ninguém.

O seu tom é firme, o que a faz parecer zangada, os olhos a faiscarem ao penetrarem nos meus.

... Tens-me a mim.



Desta vez, sou eu quem fecha os olhos. Porque uma dor silenciosa me invade perante a ideia de agora poder também perder Inseon.

Quando nos conhecemos, ambas com vinte e quatro anos, Inseon já tinha saído havia um par de anos de um curso de dois anos que lhe dera um diploma de fotografia. Tinha por isso mais dois anos do que eu no mundo do trabalho, e parecia mais responsável e capaz do que eu era em quase todos os aspetos. Nunca lhe disse isto, mas houve alturas em que a senti como uma irmã mais velha. A primeira vez foi quando visitámos Wolchulsan e eu me senti mal antes mesmo de começarmos a caminhada. Seria o terceiro local na nossa reportagem sobre as

montanhas mais famosas do país e as aldeias que as rodeavam, e eu estava com os meus espasmos no estômago. Inseon arranhou-me alguns anestésicos e antiespasmódicos na solitária farmácia da cidade de Yeongam, e deu-mos com um iogurte natural e uma colher de plástico.

O farmacêutico sugeriu *Gelfos*, disse, mas eu achei que um antiácido podia piorar as náuseas e preferi trazer-te isto.

Mesmo depois de comer o iogurte e tomar os medicamentos, sofri toda a noite e, quando acabámos por ter de cancelar os nossos planos no dia seguinte, Inseon disse, no seu modo descontraído, Porque não vamos para casa e voltamos no sábado? Desta vez não vou apresentar as despesas de deslocação. Considerarei isto apenas como uma viagem particular com uma amiga que correu mal.

Na madrugada do sábado seguinte, Inseon viu-me na estação dos comboios e acenou-me efusivamente, como se fôssemos mesmo amigas. Desfizemos as malas no nosso alojamento na cidade e partimos para a caminhada, mas, assim que chegámos ao Desfiladeiro do Vento, Inseon arranhou um lugar para montar o tripé, de onde tínhamos uma vista majestosa dos trilhos serpenteantes, e depois retirou os *gimbap*^[36] simples que tinha preparado para nós. Tal como todos os cozinhados de Inseon, como vim a descobrir, os *gimbap* eram sensaborões e um pouco insossos. Ela enrolara-os com apenas três recheios – pepino, cenoura e raiz de bardana.

Depois de comermos os nossos *gimbap*, ficámos sentadas durante um bocado. Inseon perguntou-me, Que farias tu?

Ao princípio não compreendi a pergunta.

Se fosses aquela mulher, acrescentou ela.

Tínhamos estado a discutir o facto de cada uma das três montanhas que visitáramos até então ter uma rocha com uma história por trás. Cada uma das lendas seguia um padrão quase idêntico. Um velho vagabundo aparece numa aldeia de montanha e bate a todas as portas a pedir que comer, sendo enxotado por toda a gente menos por uma mulher sozinha, que lhe oferece uma tigela de comida. Como prova de gratidão, o vagabundo diz à mulher que suba à montanha no dia seguinte antes de amanhecer, sem dizer a ninguém aonde vai. Não deve olhar para trás até

chegar ao outro lado da montanha. A mulher faz o que o homem lhe diz e, quando está a meio da subida, um maremoto ou uma chuva torrencial submerge a aldeia por inteiro. Em todas as histórias, sem exceção, a mulher olha para trás. E transforma-se ali mesmo numa pedra.

Isto foi perto do final de maio, quando os dias se tinham tornado visivelmente mais longos. Inseon estava sentada numa rocha larga, as mangas da sua camisa de cânhamo enroladas até aos cotovelos, prendendo repetidamente um cigarro entre os dentes, que mastigava por um bocado e depois metia de novo no maço sem nunca o acender – era uma fumadora compulsiva naquele tempo, mas deixaria de fumar aos trinta anos. Havia um alerta de incêndios e Inseon estava a ter cuidado.

Se ela não se tivesse virado, teria sido livre... Se ao menos tivesse atravessado a montanha.

Eu ouvia a lamúria brincalhona de Inseon e pensava nas rochas que víramos nas nossas primeira e segunda viagens. Ambas esguias como estátuas, cada uma em tempos uma enteada, uma nora, uma serva, uma mulher perseguida no mundo lá em baixo – todas tinham olhado para trás e se tinham transformado em pedra.

Perguntei, Quando pensas que elas se transformaram em pedra? No momento em que olharam para trás? Ou achas que demorou um pouco mais?



Descemos da montanha antes de escurecer e, depois de regressarmos ao nosso quarto no segundo andar e abirmos a janela para deixar entrar ar fresco, eu pensei na nossa conversa, que se tinha ficado por aquelas perguntas. Apercebi-me quando olhei para fora e vislumbrei a mulher de pedra na encosta da montanha, de costas para o Sol que se punha.

A mulher apareceu à minha frente, uma mulher assustada com a visão dos seus próprios pés a transformarem-se em pedra. Mas, como só os pés se tinham petrificado, ela ainda podia voltar-se e continuar a subir a montanha. Assim, ela arrasta-se mais uns passos antes de se virar de novo para trás, e desta vez as barrigas das suas pernas endurecem em pedra. Impelindo as pernas pesadas, ela retoma a subida da encosta. Se

conseguir atravessar para o outro lado da montanha, talvez sobreviva, desde que não olhe mais para trás. Mas olha – acaba por virar a cabeça. Quando a pedra a invade dos joelhos até ao estômago, não há mais nada que ela possa fazer. Fica ali até recuarem as águas que inundaram as casas e cobriram as copas de todas as árvores. Até a pélvis, o coração e os ombros se lhe tornarem pedra. Até os olhos ficarem suficientemente constituídos de pedra para não parecerem raiados de sangue. E agora está de pé, sob chuva e neve, durante ciclos solares e lunares incontáveis. E porquê? O que fizera com que ela estivesse sempre a virar-se para ver?

Inseon foi até à janela depois de ligar todas as baterias e carregadores e de organizar o seu saco de viagem.

Dizem que ela se transformou em pedra, não que morreu, não é verdade?, disse. Acendeu um cigarro, aspirou o fumo azul e expeliu-o numa corrente longa pela janela.

Talvez não tivesse morrido na altura, prosseguiu Inseon. Talvez aquela pedra... seja como uma casca. Pele descartada e transformada em pedra. Os seus olhos brilharam com malícia.

Ah, agora que disse isto, penso que pode ser verdade, acrescentou, com um ar sério mas mudando sem aviso para a linguagem coloquial^[37]. A mulher trocou de pele e pirou-se!

Eu sorri para Inseon, que agitava as mãos, triunfante. Para onde?, perguntei.

Bom, para onde quer que quisesse ir. Atravessou a montanha e começou uma nova vida, ou mergulhou de cabeça na água, ou...

Agora já falávamos ambas coloquialmente, e nunca voltámos aos modos formais depois daquele dia.

Na água?

Sim, mergulhou de cabeça.

Porquê?

Devia haver alguém que ela queria salvar. Não foi por isso que olhou para trás?

Inseon e eu somos amigas desde aquela noite. Passámos juntas por todos os marcos da vida, até ela se mudar para a ilha. Pouco tempo depois de eu deixar de trabalhar na revista, por volta da altura em que

enterrei os meus pais e me enfiei no apartamento vazio, ela começou a mandar-me mensagens em momentos estranhos para me dizer que ia aparecer. *Fazes só uma coisa por mim? Deixa-me entrar.* E, quando eu o fazia, ela lançava-me os braços em redor dos ombros, envolta em ar frio e cheiro a tabaco.



Quando abro os olhos, o silêncio e a escuridão continuam à espera, inalterados.

É como se flocos de neve invisíveis enchessem o espaço entre nós. Como se as palavras que engolimos estivessem a ser seladas entre a miríade dos seus braços fundidos.



Uma linha de fumo como um só fio preto sai em espiral da ponta do pavio aceso. Observo até essa linha se dispersar, desvanecendo-se no ar. Passam-me diante dos olhos cenas de soldados a aproximarem tochas de pinho acesas aos telhados das casas de pedra.

Esta casa também foi queimada?, pergunto a Inseon.

Ocorre-me que eles também pudessem ter vindo aqui na noite em que incendiaram as casas do outro lado do ribeiro. *Está tudo a arder, vão-se embora.* Teriam invadido o pátio, com apitos estridentes, e batido com força na porta?

Quem é que vivia aqui naquele tempo?, pergunto.

Teriam rasgado a porta de correr com as baionetas? Quem estaria cá dentro quando o fizeram?

Esta casa pertencia à família do lado da minha mãe, responde Inseon. Vivia aqui a minha bisavó com o filho mais velho e a mulher dele, mas, assim que veio a ordem de evacuar, fugiram para a casa de um primo afastado que morava perto do mar, evitando por pouco um encontro com os soldados. Foi uma sorte terem para onde ir.

É claro, acrescenta, que esta casa também foi incendiada naquela noite. Só ficaram as paredes de pedra. O resto teve de ser reconstruído.



Estamos sentadas onde em tempos se espalharam as chamas.

Estamos sentadas onde as vigas caíram e fizeram com que nuvens de cinza se erguessem no ar.



Inseon levanta-se, e a sua sombra ergue-se até ao teto. Aumenta e encolhe com os seus movimentos, enquanto ela guarda de novo a pilha de livros na caixa e fecha a tampa.

Vamos para o meu quarto?, pergunta.

Não espera pela minha resposta. *O que se faz com a vela?*, resmunga, como se estivesse certa de que vou acompanhá-la.

Inseon vai até ao lava-louça e regressa com um copo de papel na mão e uma tesoura na outra. Corta um X no fundo do copo. Arranca a vela do lugar onde a cera endurecida a fixou e coloca-a dentro do copo, cuja cobertura branca suaviza a luz que transparece.

Vamos, diz.

Eu não me mexo.

Há uma coisa que te quero mostrar, diz.

A sombra dela, com quase o dobro do seu tamanho, oscila no teto branco ao aproximar-se da minha.

Quando eu afasto a cadeira e me levanto, é porque quero que aquela sombra pare. Porque me recuso a deixá-la espalhar-se como tinta e engolir a minha.

Estendo os braços e meto as mãos sob a caixa. Sentindo o seu peso substancial, ergo-a e seguro-a contra o peito. Inseon vai à frente, de vela na mão. Os nossos corpos não se tocam, mas as nossas sombras, que se

assemelham a um par de gigantes juntos pelos ombros, estremecem e dançam pelo teto.

Ela desvia-se e entra, passando pela porta de correr com a sua vidraça opaca em que a moldura é preenchida pelo padrão ornamental de blocos e barras repetidos, semelhantes ao carácter ㄟ . Antes de a seguir, olho para trás. A escuridão da sala e da cozinha na ausência da luz da vela é como as negras profundezas do mar. Ao entrar no quarto que ondeia com as sombras da chama, sinto que estou a entrar no camarote do fundo de um navio naufragado, uma pequena bolsa de ar subaquática. Fecho a porta com o ombro, como para impedir a invasão de um jorro de água.



Vou até onde está Inseon, de frente para uma estante de ferro.

À medida que ela desloca a vela pelas prateleiras, os gatafunhos pretos nas notas *post-it* afixadas a cada caixa parecem mexer-se sob a chama. A caligrafia de Inseon é simultaneamente apressada e precisa. Os traços fluem com confiança, e os caracteres são legíveis. Eu leio estes caracteres, que parecem aumentar como vozes sob a luz, silenciando-se assim que a vela passa. Designam sobretudo nomes e anos. Alguns nomes são de pessoas, provavelmente as que deram os seus testemunhos, e alguns números parecem assinalar os seus anos de nascimento.

Aqui, diz Inseon, e eu empurro a caixa para o espaço vazio na prateleira. Inseon baixa-se, e o arco súbito da luz da vela dá-me vertigens. Como se o navio balançasse e as caixas estivessem prestes a cair-me em cima.

Podes segurar nisto?

Agarro-lhe na vela, e ela baixa-se ainda mais. Passa as pontas dos dedos pelas caixas de vários tamanhos na prateleira de baixo, como a remexer em destroços. O movimento é familiar, treinado, e eu apercebo-me de que isto é a resposta à minha pergunta anterior junto do fogão a lenha. Como se aguentou ela sozinha neste sítio. O que andou a fazer durante todos estes anos.



Inseon pega numa caixa que está a meio da prateleira de baixo, destapa-a e retira um mapa grande. Abre o mapa dobrado em três no chão, apoiando-se num joelho.

Esta é a escola onde a minha mãe andou, em Hanjinae, diz.

Levo também um joelho ao chão e a chama ilumina o círculo minúsculo – não maior do que um grão de arroz – que Inseon está a indicar. Contém um símbolo topográfico para escola impresso sobre ele, portanto deve continuar a existir lá uma escola.

Onde está esta casa no mapa?

Aqui.

Inseon encontra um ponto um pouco mais acima do que eu esperava, dentro de um denso contorno castanho.

E aqui era onde a minha mãe vivia.

Aponta para uma marca minúscula feita com caneta de feltro, ao lado do local da escola.

Pousando o indicador e o médio nos dois pontos adjacentes, Inseon diz, A minha mãe disse-me que provavelmente não teria ido à escola se esta fosse longe. Era no tempo em que as famílias se dispunham a pagar alojamento na cidade se isso significasse que os filhos podiam lá frequentar o terceiro ciclo, enquanto as filhas ficavam sem instrução. Quando os vizinhos censuravam a minha avó, perguntando-lhe porque se dava ao trabalho de mandar estudar as três filhas, ela respondia, com um sorriso, *O mundo está a mudar*. E, sabendo que a mãe não lhes daria tarefas domésticas enquanto estivessem a estudar, a minha mãe e a irmã mais nova arrastavam os deveres por horas.

A unha de Inseon, cortada até ao sabugo, traça uma curva longa e vagarosa sobre a aldeia.

A ordem de evacuação foi para as áreas a cinco quilómetros da costa, portanto não se aplicava a Hanjinae, que ficava logo após essa linha. Preocupada com a ideia de a mãe, o irmão e a mulher dele serem tratados como hóspedes indesejados na casa do primo afastado, a minha

avó mandou as duas filhas mais velhas à costa, a fim de levarem arroz e batatas ao primo. O dedo de Inseon paira sobre um ponto preto perto do oceano que deve marcar a localização dessa casa.

Eram dez *ri*^[38] de estrada até à costa, e o meu tio, na altura com vinte anos, disse que iria com as irmãs e levaria a carga, mas o meu avô impediu-o de ir, dizendo que era perigoso os rapazes andarem lá por fora. A irmã mais nova tinha oito anos e insistiu em ir com a minha mãe e a minha tia; tinha-se lavado e vestido sozinha para fazer isso mesmo, mas a minha avó impôs-se. Quase de certeza que a pequenina andaria aos ziguezagues e depois a implorar às irmãs que a levassem ao colo o resto do caminho, antes de percorrerem sequer cinco *ri*.



Esta próxima parte já te contei uma vez. Lembras-te?

Assim que Inseon diz isto, os pormenores daquela noite regressam-me à memória. As estradas e bermas estavam cobertas de neve intocada. Camadas brancas acumulavam-se em cima de placas e unidades exteriores de ar condicionado, em peitoris gastos. Apesar de os flocos que me penetravam nas sapatilhas serem frios de arrepiar, a neve sob os meus pés era inacreditavelmente macia, e a cada passo eu não sabia bem se sentia dor ou prazer.

Há coisas que deixei de fora dessa história. Coisas que também eu compreendi mal.

Inseon debruça-se sobre a marca preta no mapa como se esta fosse um poço, como se visse alguma coisa refletida na superfície escura da água lá dentro.

Quando as duas irmãs voltaram para a aldeia, os corpos não estavam no pátio da escola primária, mas sim no campo de cevada em frente aos portões da escola, sob uma camada de neve. O padrão é o mesmo em quase todas as aldeias. Aglomeravam as pessoas no pátio de uma escola, depois massacravam-nas num campo próximo ou junto à água.

Deve ser a imaginação a pregar-me partidas, mas parece-me que vejo o ponto minúsculo no mapa mexer-se fugazmente. Como um inseto que se finge de morto e depois escapa no momento em que desviamos o

olhar.

Limparam a neve das caras congeladas, uma a uma, até por fim encontrarem os pais, mas não havia por perto sinais do irmão nem da irmã mais nova. A minha mãe e a minha tia acalentaram a esperança de que os rapazes da aldeia tivessem visto os soldados e fugido a tempo – o irmão era rápido e corria sempre a última parte das corridas de estafetas –, mas não conseguiam compreender a ausência da irmã mais pequena, e ficaram ansiosas. Voltaram a procurar entre os cerca de cem cadáveres no campo, desviando alguns para o lado para ver se a irmã se encontrava presa debaixo deles. Estava quase a anoitecer quando, como último recurso, voltaram ao lugar onde estivera a sua casa.



Foi lá que a encontraram.

Ao princípio, a minha mãe pensou que alguém largara um monte de farrapos vermelhos no pátio. A minha tia tateou por baixo do casaco encharcado em sangue da irmã mais pequena e encontrou-lhe um buraco de bala no estômago. Quando a minha mãe desviou o cabelo da menina, empastado de sangue e colado à cara, encontrou-lhe mais um ferimento de bala no maxilar inferior. A bala despedaçara uma parte do maxilar à saída. O cabelo colado e emaranhado deve ter estancado a hemorragia, e agora a ferida começava a sangrar de novo.

A minha tia despiu o seu próprio casaco e arrancou ambas as mangas com os dentes, atando o tecido em redor de cada ferida como um torniquete. As duas irmãs mais velhas alternaram levando a mais pequena inconsciente às costas até à casa do primo afastado. Quando as três chegaram, sujas de sangue como se tivessem pisado juk de feijão-encarnado, os adultos ficaram a olhar.

Devido ao recolher obrigatório, não podiam ir ao hospital nem chamar um médico. Só lhes restava passarem a noite na divisão escura e atravancada ao lado do portão da casa. A irmã mais nova, agora vestida com roupas que a família do primo lhes tinha dado, estava em

silêncio, sem choramingar nem gemer, e quase sem respirar. A minha mãe, deitada ao lado dela, mordeu o próprio dedo para fazer sangue. Calculou que a sua irmã mais pequena poderia viver se bebesse o sangue dela para compensar ter perdido tanto. Tinha caído à menina um dente da frente pouco tempo antes, e a minha mãe contou que o seu indicador se encaixava perfeitamente no pequeno intervalo onde começava a nascer um novo dente. Disse ainda que gostava do modo como o seu sangue entrava por ali. E como, a certa altura, sentiu a irmã chupar a cabeça do dedo, como um bebé, e como, por um breve momento, ficou tão feliz que mal conseguia respirar.



Fuligem e chamas ardem dentro das pupilas de Inseon. Ela fecha os olhos como a tentar apagá-las. Quando volta a abrir os olhos, o fogo já não arde neles.

À medida que a mente da minha mãe se enevoava, aquilo de que ela mais falava era do que aconteceu naquela noite, diz.

A vela na minha mão ilumina o rosto de Inseon a partir de baixo, e uma sombra escura espalha-se-lhe pela cana do nariz e pelas pálpebras.

Naquele tempo, a minha mãe era forte como um touro. Enquanto me estive a contar esta história, e mesmo depois de acabar, não largou as minhas mãos. Até os pulsos me doerem e eu querer arrancá-las do seu aperto. Contou-me que, sempre que cortava o dedo e sangrava, se lembrava. Sempre que cortava demais uma unha e nicava a pele, sempre que o sal tocava na ferida ainda a sarar, lembrava-se: a boquinha a chupar-lhe o dedo no escuro.



Tinha tantas perguntas, a minha mãe.

Que achas que a pequenina estava a pensar quando rastejou para casa? O que a fez rastejar aquela distância toda, do campo de cevada escuro onde a sua umung e o seu abang jaziam mortos ao seu lado, senão pensar nas suas irmãs, que elas voltariam do seu recado? Que podiam salvá-la?



Inseon para de falar.
Há um ruído no outro quarto.

Um som abafado que temos de suster a respiração para ouvir. Como areia a filtrar-se em água, como grãos de arroz a serem mexidos com a mão, o som aumenta impercetivelmente de volume antes de voltar a silenciar-se.

Vamos ficar aqui, diz Inseon baixinho, como para me deter, embora eu não tenha dito nada.

Eles ficam bem sem nós, continua ela, sussurrando. Não estão aqui para nos ver.

O som de grãos de arroz a espalharem-se e de areia a filtrar-se aumenta lentamente. Ouvimos o sacudir de penas, o agitar de asas e depois, quase em coro, trinados surdos vindos da gaiola, da mesa, do lava-louça. Os pássaros estarão aqui?, pergunto-me. Não as suas sombras, mas os pássaros reais, que fletem os músculos das asas para deslizar, que balouçam no quebra-luz da lâmpada por cima da mesa de jantar.

Não falamos até que os sons se calem e tudo se aquiete. As reverberações desvanecem-se num redemoinho lento. Gradualmente, como uma última cadência a libertar-se no ar, como um rosto que, a meio-sussurro, adormece, tudo fica em silêncio.

^[36] Prato coreano feito com arroz cozido, legumes e recheios variados, tudo enrolado em folhas de algas secas e servido em pequenas rodelas. [N. da T.]

^[37] A língua coreana distingue o estilo coloquial do formal; e as relações sociais, grau de parentesco ou idade são determinantes para estabelecer qual a linguagem mais adequada. E vai ainda mais longe, porque existem vários níveis de delicadeza, que são utilizados de acordo com o nível de familiaridade com o interlocutor, e o nível de respeito que lhe dirige. [*N. da R.*]

^[38] Equivalente a 39,3 quilómetros. [*N. da T.*]

5

Descida

Ergo o olhar para a janela escurecida. *É como o silêncio debaixo de água.* Imagino abrir a janela a uma torrente de água negra.

Uma vez, vi imagens de vídeo transmitidas por uma câmara montada num veículo submarino autónomo, enquanto este mergulhava em águas profundas e descia. A luz verde-escura que se refratava a partir da superfície enfraquecia, e depois era engolida pelo negrume. No ecrã preto, pontos esporádicos de brilho surgiam como fantasmas e tremeluziam por momentos: feixes emitidos por obscuros seres oceânicos. Ocasionalmente, estes organismos bioluminescentes apareciam nítidos na imagem, para logo voltarem a imergir na obscuridade. A extensão vertical de mar onde os pontos de luz cintilavam tornava-se cada vez mais curta. A vastidão sólida e opaca que a interseccionava tornava-se esmagadoramente vasta. Ao fim de um tempo, perguntei-me se a escuridão seria tudo o que restava, mas então a câmara captou o brilho translúcido de uma água-viva fantasma gigante entre o que parecia uma pesada tempestade de neve. Este sedimento branco eram os restos ósseos de organismos marinhos caindo como uma descarga oceânica. A luz do veículo fundiu-se devido à pressão da água. Não se sabia se o negro da última cena era na verdade o abismo ou simplesmente uma transmissão de vídeo falhada.



Afinal eu não conhecia bem a minha mãe, diz Inseon enquanto se levanta e se dirige para a estante escura. E sempre tinha pensado que a conhecia bem demais.

A sua sombra alonga-se pelo teto, fazendo o seu corpo esbelto parecer ainda mais alto. Põe-se em bicos de pés e estende o braço para uma caixa numa prateleira superior. Vislumbro a pele da sua barriga da perna acima das meias curtas e dos tornozelos ossudos. No momento em que me pergunto se deveria oferecer-lhe ajuda, ela apanha a caixa com o peito.



Inseon pousa a caixa ao lado do mapa e enrola um pouco mais as mangas, antes de abrir a tampa. O que poderá exigir tanto cuidado?

A primeira coisa que retira são recortes esmaecidos de jornais. Um molho deles, em redor dos quais alguém passou fio de algodão e o atou num laço. Outro molho, desta vez de fotografias, separadas por papel velino protetor, é o segundo a ser pousado no mapa.

Inseon desfaz o nó do fio acinzentado em redor dos recortes. Aquele fio já deve ter sido branco, dado que eram visíveis fragmentos mais pálidos na parte de baixo do nó. O primeiro recorte tem a data de 28/7/1960 e o nome do jornal, *E... Ilbo*, escrito a esferográfica azul nas margens, mas não na letra de Inseon. Esta mão é firme, começa cada traço vertical com uma curva acentuada, e aplicou pressão suficiente para deixar uma marca no papel.

Oh, não, geme Inseon. Desdobrou delicadamente um recorte, mas mesmo assim o rebordo desfeito caiu. Vira para mim o recorte. Para o ler, vou ter de ir para o chão e aproximar-me o mais que puder daquela página. A luz da vela é demasiado fraca, e o papel escureceu com o tempo, portanto a única maneira de distinguir as figuras na imagem é segurando a vela mesmo acima dela.

Antes de me ajoelhar e inclinar para a frente como numa vénia profunda, pergunto a mim própria se isto será algo que eu queira ver, se não estará na mesma categoria das fotografias que vi na parede da entrada do hospital, algo que é melhor não olhar diretamente.



E mesmo assim ajoelho-me. Deslocando a vela juntamente com os olhos, percorro a fotografia impressa a preto e branco de uma multidão de centenas reunida numa praça. A maioria das pessoas parece vestir roupas claras, presumivelmente brancas. A luminosidade estende-se às bandeiras que seguram. Há uma faixa suspensa na direção para onde estão viradas essas pessoas, e eu consigo ler a sua caligrafia *hanja*^[39]: Ritos em Memória das Vítimas dos Massacres na Província de Gyeongbuk. A manchete do artigo tem os mesmos *hanja* para ritos fúnebres, *중학교*, sob os quais a mesma mão que registou a data escreveu os sons dos três caracteres, *wi-ryeong-je*, e sublinhou passagens com a mesma pressão firme.

cerca de 10 000 membros da Liga Nacional Bodo^[40] da região de Gyeongbuk

1500 reclusos da Penitenciária de Daegu

na Mina de Cobalto de Gyeongsan e perto de Gachanggol

escavar e recuperar restos mortais destes locais de massacre

Apercebo-me de que o movimento do meu dedo e dos meus olhos sobre a escrita vertical corresponde mais ou menos ao ritmo a que normalmente leio ou pronuncio sem voz as palavras de um texto. Isto poderia explicar o facto de detetar a presença que emana do texto, como se fosse a mais débil das vozes. Leio outra passagem que foi pesadamente sublinhada, e esta revela ser parte da citação de um comunicado feito pela associação das famílias das vítimas.

constituímos, no espírito da Revolução de 19 de Abril^[41], um grupo de investigação para as vítimas e os massacrados

pedimos às famílias das vítimas que superem os seus medos antiquados e colaborem ativamente com os esforços investigativos da nossa associação



Estou confusa. Este artigo do *E... Ilbo* tem cinquenta e oito anos. Quem teria feito o recorte e marcado estas passagens?

Encontrei-o numa gaveta do guarda-fatos da minha mãe, diz-me Inseon quando ergo a minha cabeça curvada. Ela escreveu da forma como tinha sido ensinada na escola. Sempre com aquela inclinação de quarenta e cinco graus nos traços longos.



Inseon estende uma mão, e desta vez não entendo mal o gesto. Ela quer a vela.

Enquanto se levanta com a vela na mão, vejo a expressão do seu rosto. Não é exaustão, nem magnanimidade, nem resignação. Lembra-me a expressão que tinha naquele dia, há anos, ao servir *juk* quente numa tigela e dizendo, *Conheces o ditado – bom apetite, vida longa. A minha mãe vai ter uma vida boa e longa.*



Inseon retira uma caixa pequena, de bambu entrelaçado, do amontoado constituído sobretudo por caixas de papel semelhantes, embora em vários tamanhos e estados de uso. Tiro-lhe a vela quando ela volta e ergo-a enquanto ela abre a tampa e retira um embrulho achatado envolto em seda vermelho-escuro.

O invólucro de seda revela um envelope esmaecido. Endereçado em *hanja* e em escrita vertical a 姜正心 . O selo comemorativo mostra um homem e uma mulher erguendo a bandeira coreana e gritando «manse»^[42], em celebração da libertação. O carimbo diz Estação de Correios de Daegu, 4/5/1950. Inseon retira do envelope a carta, escrita num papel cinzento e áspero e dobrada duas vezes. Entrega-ma. No lado superior esquerdo da folha, está um carimbo esborratado roxo-azulado que diz «Censurado». Aproximo a vela e leio as primeira duas linhas da carta, que está escrita de cima para baixo e da direita para a esquerda:

J *P*
e *a*
o *r*
n *a*
g
s *a*
i
m *m*
i
n
h
a
i
r
m
ã

A letra é minúscula e os caracteres um pouco espaçados demais. Talvez isto diga alguma coisa sobre o autor, sobre a sua personalidade.

Estou bem, não há qualquer motivo para te preocupares, escreve ele. Por favor manda lembranças à Jeongsook e à Avó e aos outros anciãos, escreve. Tenho de cumprir seis anos, mas, tendo em conta quantos de Jeju foram condenados a quinze e até a dezassete anos, sou um dos afortunados, escreve. Fiquei tão feliz por me teres escrito, espero que voltes a escrever, escreve ele. Depois, em caracteres do tamanho de sementes de gergelim, acrescentou um *P.S.* e abordou algo de uma carta anterior que recebera, que presumivelmente não lhe caíra bem: *Li a tua carta e refleti muito Quando sair tu terás vinte e um anos Jeongsook terá vinte e cinco e eu terei vinte e oito Claro que sinto a vossa falta, mas não é razão para chorar Não quando teremos ainda tantos dias juntos como os pelos numa vaca para recordar os velhos tempos Por favor diz à Jeongsook que eu disse isto*



Hanjinae foi totalmente destruída pelo fogo. Não havia para onde regressar, diz-me Inseon quando lhe devolvo a carta. Portanto, a minha mãe e a minha tia acabaram por ficar com a avó e o tio e a mulher dele na casa do primo afastado.

A minha mãe contou-me que, depois de os adultos adormecerem no chão daquela divisão minúscula, a irmã sussurrava-lhe ao ouvido que o irmão delas teria escapado vivo. Sempre foi rápido de pernas, lembrava-lhe ela. Havia de conseguir não ser apanhado. E também há de conhecer todos os bons esconderijos; ajudava o pai a pastorear cavalos nas colinas desde o terceiro ciclo, dizia ela. Lembras-te de como trazia depois amoras-silvestres na lancheira vazia para te dar a ti e à Jeongok? Portanto também não vai passar fome, dizia ela.

Inseon volta a dobrar a carta ao longo dos vincos.

A minha mãe contou-me como a sua irmã pequena chorara uma vez por causa daquela lancheira, prossegue. O meu avô e o meu pai levavam sempre um *dosirak*^[43] com eles quando iram pastorear, e naquele dia ela pedira para comer a comida deles e levou um raspanete da mãe. Nessa noite, o meu tio voltou e entregou a caixa prateada de níquel à minha mãe. Aborrecida, pensando que ele estava a impingir-lhe a lavagem da

louça, ela abriu a caixa e então descobriu que o tio a tinha forrado com folhas e depositara nelas bagas de todas as cores, como joias. *Achei que podias partilhar isso com a Jeongok*, disse, com o que a minha mãe descreveu como um sorriso envergonhado.

Inseon faz uma pausa para respirar, e eu recorro às amoras-silvestres do último outono. Como Inseon as guardava num recipiente hermético na oficina. Como a minha língua e os dentes da frente tinham ficado roxo-escuros quando bebi o chá amargo que ela fazia fervendo-as.

Nos dias em que os aviões americanos^[44] de reconhecimento lançavam uma chuva de panfletos de propaganda, panfletos que diziam que quem se entregasse não seria punido, a minha tia segredava à minha mãe que talvez ele se entregasse depois de ler a mensagem. Que, como era magro e parecia mais jovem do que era, provavelmente não seria alvejado ao descer do bosque. Que ele era afinal o mais expedito e encantador dos irmãos, e que decerto se safaria se se mostrasse um pouco despistado.



Vislumbro de novo a luz de inverno na biblioteca. Naquele dia, há seis anos, eu tinha passado resolutamente pelos registos de histórias orais de aldeias de toda a ilha, selecionara dois outros livros e arranjara lugar numa pequena secretária ao fundo de um corredor. E dali tinha observado a luz a entrar pelos intervalos das persianas. Toda a tarde li sobre como, a partir de novembro de 1948, as terras altas de Jeju arderam durante três meses, e mais de trinta mil civis foram massacrados. Na primavera de 1949, quando a política de terra queimada foi temporariamente abandonada depois de o Estado não conseguir descobrir a localização dos cerca de cem guerrilheiros, estimava-se que cerca de vinte mil civis estivessem escondidos em Hallasan, a maioria com familiares. Tinham considerado mais seguro enfrentar a fome e o frio do que arriscar execuções sumárias ao longo da costa. O comandante que fora nomeado para a ilha em março anunciou planos para revistar Hallasan a fim de erradicar todos os guerrilheiros comunas, e bombardeou a ilha com panfletos de forma a canalizar os

civis para a costa em prol da eficiência das suas operações. Fotografias de arquivo mostravam fileiras de homens e mulheres emaciados a descerem encostas, protegendo crianças e velhos com os seus corpos e erguendo panos brancos atados a ramos, um pedido aos soldados para que não disparassem.



Mas claro que eles renegaram a promessa e arrebanharam pessoas aos milhares. Um familiar seu foi libertado por um golpe de sorte e foi vê-los a casa do primo. Disse que algumas pessoas estavam encarceradas nos cerca de doze armazéns de batata-doce por trás da fábrica de álcool, e que ele próprio ficara lá detido durante dois meses, juntamente com o meu tio. Naquela noite, a minha mãe e a minha tia não conseguiram dormir, de tanto alívio e felicidade. Pelo menos agora sabiam que ele não tinha morrido.

Depois foram as duas à fábrica no dia e à hora que o parente lhes tinha indicado. Esperaram numa curva da encosta, no lugar que tinham marcado no mapa toscamente desenhado, e por fim oito jovens subiram a colina. Carregavam baldes de água, e a última pessoa da fila era o meu tio. Parecia ainda mais pequeno após semanas de fome, tinha o cabelo baço e empastado, o brilho malicioso dos seus olhos desaparecera, e a minha mãe ficou chocada por esta estranheza.

Abraçaram-no uma de cada lado, mas, em vez de as envolver com os braços, ele ficou ali parado, aparentemente estonteado. Um dos homens, que tinha uma braçadeira e parecia ir a chefiar, disse-lhe, Eu não digo nada; falem enquanto nós vamos buscar a água. Bastaram-lhes dez minutos para voltar com a água e, nesse pequeno lapso de tempo, a minha mãe disse uma coisa de que se arrependeria durante anos.

O que fizeste ao cabelo, Oppa^[45]? Está esquisito.

Logo que acabara o terceiro ciclo, o meu tio tinha deixado crescer o cabelo. Costumava postar-se à frente de um espelho todas as manhãs e separar cuidadosamente o cabelo para um lado, e alisá-lo com brilhantina. A minha mãe perguntava-lhe se ia encontrar-se com alguém, e ele passava-lhe um pouco de pomada junto do risco do cabelo

curto e provocava-a com uma deferência fingida, É isso que tu fazes, Samchun, penteias o cabelo só quando vais ver pessoas? Costumava falar-lhe do seu plano de obter um certificado de ensino no centro temporário de formação de professores que tinham aberto na cidade – Mas não digas a ninguém, insistia. Eu digo à Umung e ao Abang quando passar no exame – e por vezes, quando ela lhe perguntava quantos traços tinha um carácter hanja ao fazer os trabalhos de casa, ele mostrava-lhe como usar um dicionário hanja e dizia, Tu também devias pensar em ir para o centro. Agora há professoras em algumas escolas da cidade, sabes? Claro que primeiro terás de terminar o terceiro ciclo.

Mas neste dia ele parecia tão indiferente a tudo, como um estranho. Numa voz baça e vazia, perguntou se os pais e a irmã mais nova estavam vivos, e depois olhou a minha tia nos olhos, quando ela respondeu com a verdade. Como se houvesse alguma coisa para lá do rosto dela, algo que ele poderia ver se conseguisse olhar além dos olhos da irmã. Devorou as bolas de arroz que ela trouxera e depois, divisando os homens que regressavam, correu para eles e pegou no seu balde sem voltar sequer a olhar as irmãs.

Exatamente uma semana depois, no dia em que deviam ir visitá-lo outra vez, a minha bisavó vendeu o seu anel para comprar arroz e outros alimentos. Mal comera ou saíra da cama desde a perda da filha, mas agora estava de novo de pé. Encheu um dosirak prateado de níquel com arroz cozido a vapor, um peixe frito inteiro e alguma carne de porco que tinha fritado com batatas e cebolas.

Desta vez ele não pareceu tão estonteado, o que já era alguma coisa. Tratou-as pelos nomes e apontou para o seu próprio cabelo, pelo qual passara as mãos com água, e perguntou à minha mãe, Como está o meu cabelo? Já não está tão esquisito, pois não?

A minha mãe contou-me como foi bom ouvi-lo dizer isto. Naquele dia, sentaram-se juntos numa pedra e ele conseguiu comer quase metade da comida que as irmãs tinham levado. E deram as mãos antes de se despedirem.

Na semana seguinte, as irmãs voltaram e esperaram no mesmo sítio, mas desta vez ninguém apareceu. Quando já tinham esperado quase uma hora, uma mulher que vivia perto gritou por cima do muro, Levaram-nos durante a noite, aos homens nos armazéns.

A minha tia disse à minha mãe que não se podiam ir embora com base apenas na palavra de uma desconhecida. E se se desencontrassem dele? Insistiu em que deveriam esperá-lo até escurecer. A minha mãe dormitava, ou fazia festinhas e cócegas ao cão que vinha cheirar a comida, mas disse que a irmã nunca tirou os olhos daquela curva na estrada.



Fecho os olhos.

Vejo-a de novo. A luz a esgueirar-se pelas persianas na janela virada a oeste, em pinceladas cada vez mais largas, até por fim me atingir a cara no lugar onde eu estava sentada, no corredor da biblioteca. Imaginara, na refulgência daquela luz, que o sangue que corria sob os números que eu encontrara na página podia simplesmente evaporar-se. Acabei por mudar para um lugar em que o sol não me batia diretamente nos olhos, mas lembro-me até hoje da sensação tangível que tive de que a nota de rodapé que estava a ler, relatando eventos acontecidos nas profundezas da noite, emitia uma luz própria:

Após quase doze horas no barco noturno, chegámos a Mokpo, mas não nos deixaram desembarcar até voltar a anoitecer. Eu estava faminto e desidratado e quase não consegui sair do barco. Chuviscava, e lembro-me de que o pontão estava escorregadio. A doca encheu-se rapidamente com mais de mil pessoas, e centenas de polícias armados mandaram-nos alinhar, mulheres com mulheres, homens com homens. Quem tivesse menos de dezoito anos era colocado num grupo à parte. Foi preciso muito tempo para organizar toda a gente. Era verão, mas

tinha chovido toda a noite, e muitas pessoas tossiam, ou tropeçavam, ou tombavam no chão. Mandaram-nos subir para um comboio de carros da polícia, e eu ouvi uma jovem lá atrás gritar, Não, não! Tinha um bebé que devia ter morrido no caminho, de fome ou doença, não sei, e os polícias tinham-lhe dito que o deixasse para trás. Ela contorcia-se, protestava, mas dois homens pegaram no bebé pelo pano que o enfaixava, pousaram-no no chão e depois arrastaram a mulher para a frente, e a seguir para dentro de um dos carros.

É muito estranho, mas, mais do que as torturas indizíveis que sofri... mais do que os anos que passei preso sem causa, o que ainda me persegue é a voz daquela mulher. E as mais de mil pessoas que, enquanto avançavam na respetiva fila arrastando os pés, olhavam constantemente para trás, para a trouxa abandonada na doca.



Abro os olhos e olho para Inseon.

Descendo.

Para além do alcance da luz da superfície da água.

Para além do ponto em que a gravidade ultrapassa a flutuabilidade.



Encontrei isto na caixa de costura, diz Inseon, colocando de novo a carta dentro do seu invólucro de seda. A minha mãe tinha-a cosido no forro da caixa. Se ela não me pedisse para lha ir buscar, nunca a teria encontrado.

Percebo porque o tecido vermelho-escuro me era familiar. É a mesma seda almofadada que envolve a tampa de lata da caixa de costura. Seria talvez o seu modo de camuflar o que queria esconder? Teria ela aberto a costura e voltado a cosê-la de cada vez que lia a carta?

A primeira vez que uma carta do meu tio foi entregue na casa do nosso primo foi em março de 1950, diz-me Inseon. A minha mãe respondeu-lhe, e recebeu isto em maio. Guardou esta carta, mas não tem a primeira, porque a minha tia a levou consigo.

Eu sabia alguns detalhes vagos sobre a tia de Inseon. Que vivera em Seul, que fora mais alta e de voz mais sonora do que a mãe de Inseon, que tinha feições bonitas. Durante as férias de verão, visitava Jeju com a neta e chegava a ficar um mês. Adorava a sobrinha, que era mais nova do que a sua neta, e costumava mandar à menina cachecóis e luvas de inverno que tricotara para ela. Tinha falecido prematuramente de doença por volta da altura em que Inseon entrou para o terceiro ciclo.

Pouco depois da chegada daquela primeira carta, a minha tia enveredou por um casamento arranjado. Inseon franze o sobrolho de um modo familiar. É um pouco irreal conceber agora que podiam sequer pensar em casamento no meio de todos aqueles problemas, mas a minha mãe disse que os Seocheong estavam tão acima da lei que aterrorizavam os ilhéus de maneiras inimagináveis. Violações, raptos e assassinios eram tão comuns que quem tivesse filhas jovens ansiava por casá-las assim que encontrasse um par decente. Este *post scriptum*, onde ele pede à minha mãe que diga a Jeongsook para não chorar, era a sua resposta ao que a minha mãe escreveu sobre a minha tia na carta que enviara, como ela ficara acordada toda a noite anterior ao casamento, angustiada e receosa por ele.



Inseon coloca o maço de cartas no chão junto aos joelhos, e a seguir pousa sobre elas a palma da mão. O gesto cauteloso sugere que alguma coisa poderia escapular-se, mesmo sob a seda.

No mês seguinte rebentou a guerra, e as cartas deixaram de chegar.

A voz de Inseon é baixa.

Mas a minha mãe não estava preocupada. Os adultos disseram-lhe que ele ficaria bem, porque a Penitenciária de Daegu se situava abaixo da frente de batalha do rio Nakdong.

A palma da mão de Inseon ergue-se das cartas e pousa-lhe no colo.

Como a maioria dos homens de Jeju, o marido da minha tia alistou-se na Marinha quando a guerra começou. A minha mãe e a minha tia viveram com medo até ele regressar ileso, três anos mais tarde. Também a ordem de confinamento foi levantada por volta dessa altura e, depois

de todo aquele tempo a viver em casa do primo, os adultos podiam finalmente construir uma nova casa. A minha mãe ajudou a empilhar pedras e também a carregar troncos. Mas, depois de tanto esforço, viveram aqui todos juntos pouco mais de um ano. Após o armistício, um familiar que se fixara em Seul e ganhava a vida a vender bens excedentes do exército americano sugeriu uma parceria ao meu tio-avô. Como o marido da minha tia andava a querer sair de Jeju, foram os dois com ele, enquanto a minha mãe preferiu ficar aqui e cuidar da minha bisavó.



Antes de se separarem, as irmãs fizeram uma viagem até à Penitenciária de Daegu, em maio de 1954.

A voz calma de Inseon fala para a quietude.

Naquele ano, a minha mãe tinha dezanove anos, e a minha tia vinte e três.



Mas não encontraram lá o meu tio.

Havia apenas um registo a dizer que, quatro anos antes, em julho, ele tinha sido transferido para Jinju. Não havia transporte direto para Jinju, portanto as irmãs dirigiram-se para Busan. Ficaram uma noite numa estalagem junto da estação dos comboios, partiram para Jinju assim que o Sol nasceu e depois apanharam um autocarro para a prisão local.

O meu tio também não estava lá. Em Jinju não havia registo da sua transferência. A minha tia insistiu em que não partiria para Seul antes de primeiro embarcar a minha mãe. Portanto esperaram pelo navio que levaria a minha mãe para Jeju, e foi então que a minha tia disse, Vamos desistir. Ele morreu. Ao dia da sua transferência, vamos considerá-lo o dia em que ele morreu.



Inseon desliza as mãos para dentro da caixa onde tinham estado guardados os recortes quebradiços. Parece que é capaz que encontrar aquilo de que precisa só pelo toque, porque em menos de nada está a passar-me um feixe de papéis agrafados.

Uma pilha de folhas A4 suaves ao toque, talvez devido ao seu revestimento fluorescente e por aparentemente terem contornado o tempo. São fotocópias de uma lista manuscrita de nomes e números de série. Por cima das centenas de nomes, todos escritos em texto vertical, um carimbo marca um dia em julho de 1949. Os carimbos na coluna de observações da página, porém, são diferentes, e variam entre 9, 27, e 28 de julho de 1950. Na terceira página, mesmo em cima, uma linha vertical foi traçada a lápis ao lado de um nome.



Abaixo da coluna de observações sob o nome Kang Jeonghun, vejo dois carimbos: «9/7/1950» e «Transferido para Jinju». O que é estranho é que, sob cada um dos mais de trinta carimbos de «Transferido para Jinju» na lista, eu veja outra coisa escrita à mão. Não consigo perceber de imediato o que diz, mas, ligando os traços do comentário repetido que são visíveis abaixo da tinta, acabo por ler: *Entregue a exército/polícia*.

Onde arranjaste isto?, pergunto.

Não arranjei.

Então quem foi?, estou prestes a questionar, mas a resposta surge-me. Não deve ter sido fácil obter cópias de documentos como este. Recordo as mãos leves e enrugadas a estenderem-se de baixo de um cobertor para

as minhas. Ouço a voz dizer, Desfrute da sua visita. Lembro-me da desconfiança, da cautela, do calor contido dos seus olhos ao olharem os meus.



Só em Gyeongbuk, o número dos membros da Liga Bodo que morreram naquele ano foi de cerca de dez mil. E, como estou certa de que sabes, estima-se que pelo menos cem mil pessoas morreram em todo o país.

Assinto, enquanto na minha boca se revolvem estas palavras: *Mataram muito mais do que isso, não mataram?* Eu sabia da organização, sabia como, em 1948, depois de se ter estabelecido o primeiro governo, faixas inteiras da população foram categorizadas como esquerdistas a precisar de educação e obrigadas a entrar na Liga para poderem beneficiar do seu propósito anunciado de converter, proteger e guiar. Se alguém numa família tivesse alguma vez estado na assistência de um comício político, tinha de se inscrever. O governo estabelecera quotas, e muitas pessoas foram inscritas por chefias de aldeia e de bairro empenhadas em cumprir essas quotas, ou inscreveram-se voluntariamente depois de ouvir falar do arroz e dos adubos que iriam receber. Famílias inteiras foram também inscritas, o que quer dizer que os «membros» incluíam mulheres, crianças e velhos e, quando a guerra rebentou no verão de 1950, todos os que estavam na lista foram detidos preventivamente, e depois sumariamente executados. Diz-se que o número estimado de pessoas mortas e enterradas em segredo por todo o país é entre duzentas e trezentas mil.



Naquele verão, qualquer membro da Liga Bodo que fosse detido em Daegu ficava preso na Penitenciária dessa província, diz Inseon. O papel velino restolha quando ela pega no molho de fotografias.

Todos os dias chegavam centenas em caminhões, e em breve ficaram sem espaço para conter todos, e então começaram a escolher reclusos mais antigos para matar a tiro. Dos cerca de mil e quinhentos prisioneiros políticos que morreram nessa altura, cento e quarenta eram de Jeju.

Inseon alarga o fio e retira o papel, revelando uma foto granulosa a preto e branco de crânios em primeiro plano.

Esta é a mina de cobalto em Gyeongsan. Foi abandonada pelos japoneses em 1945 e estava vazia na altura.

Está desfocada, mas ainda é possível distinguir as órbitas e as cavidades nasais vazias características dos seres humanos. Atrás deles agacham-se três homens de meia-idade. Vestem camisas leves de manga curta, desentaladas na cintura, e seguram lanternas. Pelo ângulo acentuado da fotografia, calculo que o teto fosse muito baixo.

Cerca de três mil e quinhentas pessoas foram mortas aqui. Reclusos da Penitenciária de Daegu, membros da Liga Bodo de Daegu e até membros de Gyeongbuk que tinham estado detidos em armazéns perto do Quartel-General da Polícia de Gyeongbuk.

Inseon estende a mão para a lista de nomes que eu estou a segurar.

No decurso de muitos dias, caminhões militares entraram e saíram da mina. Há relatos de residentes sobre o som dos tiros durar do amanhecer até meio da noite. Quando as galerias e o poço ficaram cheios de cadáveres, eles limitaram-se a passar para as colinas e continuaram a matar e a enterrar num vale próximo.

Pousa um dedo na marca a lápis desenhada ao lado do nome Kang Jeonghun.

Este carimbo tem a data de 9 de julho, o que significa que o meu tio deve ter sido morto na mina, e não no vale. As pessoas cujos nome tem a data de 28 de julho provavelmente morreram no vale e, quanto às que foram levadas a 27 de julho, não há maneira de saber em qual dos dois locais poderão ser encontrados os seus restos mortais.



Olho a linha apontada por Inseon há um instante. Uma linha firme, embora não tão carregada como a linha a esferográfica azul. Esfrego-a com a ponta do dedo e sinto o sulco fino contra a minha pele. A pessoa que traçou esta linha também saberia? Teria compreendido a relação entre as datas de entrega e o local das execuções, como Inseon acabara de me descrever?



Foi no verão de 1960 que as famílias dos assassinados vieram pela primeira vez ver a mina, diz Inseon. Após a guerra, na sequência da Revolução de 19 de Abril, as autoridades caíram.

Inseon folheia cuidadosamente os artigos que se estão a desintegrar até chegar a um recorte dobrado ao meio. Abre-o e eu vejo toda a secção de sociedade menos uma tira inferior onde teria estado um anúncio. É a mesma publicação de onde foi tirado o recorte sobre os ritos fúnebres. Este artigo antecede cerca de um mês o memorial às vítimas.

Aqui relatavam que as famílias das vítimas estavam a visitar a mina pela primeira vez, dez anos depois, explicou Inseon. Na altura, as famílias tiraram esta fotografia, mas ninguém a quis publicar, portanto ficou cada uma com uma cópia, esperando que um dia fossem publicadas.

Efetivamente, o artigo não mostra quaisquer imagens do interior da mina. Ao lado da história principal está uma única foto, um plano geral da entrada da mina. À esquerda desta fotografia, está uma entrevista com o representante da associação das famílias das vítimas.

Após dez anos de exposição à água a correr pela mina e de decomposição geral, os restos mortais estavam todos dispersos. Em suma, não restava um único esqueleto intacto. Fizemos a visita sem muito planeamento ou equipamento e não fomos suficientes para recuperar os restos mortais, portanto tirámos uma fotografia e voltámos à superfície. As nossas estimativas colocam o número de mortos em 3000 no mínimo e, na primeira galeria horizontal, que é o que vimos até

agora, havia uns 500 ou 600 conjuntos esqueléticos. Neste momento há cimento a bloquear o poço vertical, portanto teremos de o fazer explodir antes de podermos aceder à galeria inferior e determinar a extensão total do que se passou.

As frases são compostas, calmas, e na vida real teriam tomado as inflexões de um dialeto de Gyeongbuk. Sinto algo a escorrer da página, algo viscoso que goteja empastado e espesso como *juk* de feijão-encarnado, e metálico de sangue, seguindo a trajetória da vela.

Como foi que ela conseguiu arranjar estes artigos?, pergunto a Inseon. Duvido de que um jornal de Gyeongbuk fosse distribuído em Jeju.

Foi comprá-los pessoalmente, claro, diz Inseon com naturalidade. Apercebo-me de que a pessoa que devia estar a imaginar neste momento não é a mulher idosa que me estendeu as suas mãos enrugadas, mas a mulher na fotografia a preto e branco que olhara para a câmara, com a figura compacta a pulsar de vida.

Acho que ela deve ter assistido ao memorial em frente da Estação de Daegu. Há algures um panfleto do evento.

O artigo sobre o memorial às vítimas junto da estação continua aberto. Desloco a vela e volto a observar a fotografia. Cerca de dois terços das pessoas na multidão são mulheres. Centenas de mulheres estão de frente para a faixa em vestes tradicionais de luto, de cinturas apertadas, ou com vestidos brancos pelos joelhos.



Ela ter-se-ia vestido assim? Olho com atenção para os perfis desfocados das mulheres, de feições indistintas e esborratadas. No retrato que vi, estaria ela com um vestido de decote alto e mangas curtas? Vou para me levantar, a fim de ir buscar a fotografia emoldurada à caixa, mas Inseon estende-me o braço no ar vazio. Leio o nome da destinatária escrito a tinta azul-escura no envelope pardo que ela me estende.

姜正心 貴下 . Respeitosamente endereçado a Kang Jeongsim.

Junto à morada em Daegu do remetente, há um carimbo de correio retangular. À luz da minha vela, leio: Associação de Famílias Enlutadas dos Massacrados de Gyeongbuk.

Levo a mão ao interior do envelope frio. Retiro uma pequena brochura feita a partir de várias folhas de papel grosseiro dobradas em oito e unidas por agrafos. Viro a primeira página, que é também a capa, e encontro uma carta na seguinte.

Os nossos angustiados desejos serão finalmente honrados, pois, após dez anos de espera, vamos encontrar os nossos entes queridos e dar-lhes repouso.

Uma frase longa e apaixonada que me lembra aquela outra, «pedimos às famílias das vítimas que superem os seus medos antiquados...». Talvez tivessem sido as duas escritas pela mesma pessoa. Não continuo a ler e viro a página, encontrando então uma fotografia de grupo granulosa, a preto e branco.

Tiraram-na à frente da mina de cobalto nesse inverno de 1960, explica Inseon. Acho que a minha mãe não estava lá. Mas recebeu-a no correio como membro pagante da associação das famílias enlutadas. Inseon aponta para um homem de óculos no meio do grupo. Este é o presidente da associação, diz. Foi preso no ano seguinte, depois do golpe militar de maio, e condenado à morte. O secretário, que está ao lado dele, recebeu uma pena de quinze anos.

Na página seguinte está uma cópia ainda mais granulosa da fotografia tirada dentro da mina, aquela a que se diz que as famílias se agarraram, com uma legenda por baixo. Se eu não tivesse visto a imagem antes, duvido de que conseguisse distinguir as figuras, dado que todos os detalhes e variantes tonais entre o preto e o branco se perderam nesta reprodução. Alguém deixou entre as páginas o recorte de um pequeno artigo da secção de sociedade de um jornal vespertino nacional.



O recorte fora obviamente muito manuseado, e as linhas cruzadas das dobras tinham-se gastado até embranquecer. Sob «condenado à morte» em *hanja*, 死刑言渡, alguém anotou a tinta azul a pronúncia do mais complicado dos quatro caracteres, 渡: «do». Consigo também distinguir um número de telefone de Daegu escrito nas margens.

Este número não é...

O mesmo que este. Inseon estende o braço, folheia a brochura e aponta para o fundo da última página. Um número de conta de Nonghyup e o nome do titular da conta para pagamento de quotas e donativos estão impressos juntamente com o mesmo número de telefone com indicativo de Daegu.



O copo de papel branco na palma da minha mão esquerda emite um calor subtil mas inconfundível. O revestimento interior reflete a chama da vela como um espelho côncavo. Olho para baixo como para um interior circular fortemente iluminado, e organizo os pensamentos.

No verão de 1961, não haveria aqui linha telefónica. Para fazer um telefonema, ela teria de ir à cidade.

Na superfície luminosa e curva do copo, vejo a mulher percorrer exatamente o mesmo caminho pelo qual andei aos tombos durante a noite, mas na direção oposta. Ao chegar à encruzilhada onde eu perdi o equilíbrio e caí para o leito seco do ribeiro, esta outra mulher vira e caminha por entre frondosas árvores de verão até alcançar uma estrada com uma paragem de autocarro.

Estaria o recorte de jornal dobrado em quatro no seu bolso? Ou tê-lo-ia ela guardado num saco, ou fechado num punho húmido? Porque escreveu ela o número da associação? Porque ligaria para a sede, quando todos os seus membros administrativos já tinham sido presos? Teria feito realmente a chamada? Se a fez, quem teria atendido?



A minha bisavó materna faleceu em fevereiro de 1960, diz Inseon. A minha mãe tinha então vinte e cinco anos. Pelos padrões da época já passara em muito a idade de se casar, mas a minha mãe não estava interessada em casar-se. A família garantiu-lhe que podia ficar em casa até encontrar noivo, mas ela comprou esta casa com o dinheiro que tinha poupado e continuou a trabalhar na agricultura, sozinha. Depois, naquele verão, começou a procurar os restos mortais dele.

Inseon respira fundo.

Procurou durante cerca de um ano, até encontrar este artigo.



Os nossos olhos encontram-se na quietude.

Descendo e afundando-se ainda mais.

Para lá da zona onde a pressão oprime como um trovão e os seres vivos já não emitem luz.

Depois disso, o arquivo é interrompido. Durante trinta e quatro anos, não há mais recortes.

Repito as palavras no interior da minha boca. *Durante trinta e quatro anos.*

... Não até a junta militar perder o poder e um civil ser eleito presidente.

^[39] Caracteres chineses adotados pelo coreano. [N. da T.]

^[40] Referência aos Massacres da Liga Bodo – sequência de atrocidades e crimes de guerra ocorridos no verão de 1950 e perpetrados contra civis sul-coreanos suspeitos de serem simpatizantes do comunismo ou dos ideais de esquerda. Tais suspeitos eram alistados à força nas Ligas Bodo – campos de reeducação ideológica mantidos pelo regime sul-coreano. [N. da R.]

^[41] Data que celebra a revolta popular que aconteceu em abril de 1960, liderada por grupos trabalhistas e estudantis, que derrubou o governo autocrático em vigor, encerrando assim a Primeira República da Coreia do Sul. O país, contudo, permaneceu instável

politicamente, levando a um golpe de estado pelo exército, em maio de 1961. [*N. da R.*]

^[42] Viva, hurra. [*N. da T.*]

^[43] Marmita. [*N. da T.*]

^[44] Aquando da guerra da Coreia, exércitos americanos e soviéticos posicionaram-se em lados opostos do conflito, aliando-se às várias forças militarizadas já presentes na região. É no rescaldo desses acontecimentos que o país se dividirá definitivamente. [*N. da R.*]

^[45] À letra, significa «irmão mais velho». Termo utilizado pelas mulheres coreanas para falarem com os seus próprios irmãos, o namorado ou os amigos homens muito próximos. [*N. da R.*]

O mar profundo

Eu tinha pousado a mão sobre o recorte, sobre os seus vincos, numa urgência de tocar nos traços das mãos que tinham garatujado o número de telefone. Inseon não tentou deter-me quando peguei no molho de papéis quebradiços. Viro um esmaecido recorte de imprensa que contém uma breve sobre os julgamentos da Comissão Revolucionária Militar, em 1961, e encontro outro recorte que avança trinta e quatro anos. A composição mudou de vertical da direita para a esquerda para horizontal da esquerda para a direita, e o título contém apenas uma ou duas palavras *hanja*.

A partir deste ponto, eu já tenho memórias daquele tempo, diz Inseon. Num desses verões, vim fazer uma visita à minha mãe e vi que um jornal diário nacional e um jornal diário de Gyeongbuk lhe eram entregues. O jornal nacional demorou dois dias e o local três a chegarem no correio. Eu tinha perguntas sobre o assunto, mas não lhas fiz. Pensei que alguém devia tê-la encorajado a assinar ou estava a mandar-lhe cópias gratuitamente.

Ergo a vela sobre o título do artigo de 1995. Relata que um grupo de cidadãos de Gyeongsan realizou os primeiros ritos para consolar os mortos em frente da mina de cobalto. O recorte seguinte é um artigo de 1998. Famílias enlutadas de toda a província de Gyeongbuk reuniram-se no exterior da mina para uma cerimónia memorial conjunta. Os recortes de 1999 são sobretudo de editoriais. Defendem que, independentemente do tempo que passou depois dos factos, os restos mortais devem ser exumados da mina, e depressa, pois os enlutados estão a envelhecer. Nas margens superiores de todos os recortes, o ano e a data estão escritos a

marcador e a lápis. A escrita parece semelhante aos traços a esferográfica azul de 1960, mas há menos pressão no papel e a letra tem quase o dobro do tamanho.

O primeiro recorte de 2000 é da primeira página de um jornal, que ostenta uma fotografia a cores de um grupo de idosos reunidos à entrada da mina. O artigo é sobre a associação das famílias das vítimas da mina de cobalto, de novo reunidas ao fim de quarenta anos. A partir deste ponto, há um fluxo de recortes. Quando chegamos a 2001, os artigos começam a anunciar uma expedição à galeria inferior da mina, organizada em conjunto por uma empresa pública de comunicação social, o grupo de cidadãos de Gyeongsan e representantes das associações de famílias enlutadas. Seguem-se fotografias da entrada da equipa de pesquisa, bem como fotogramas de um programa documental que foram pré-divulgados antes da sua transmissão.

A cada viragem dos recortes de jornal a desfazerem-se, são revelados mais restos ósseos à luz da vela. Crânios fotografados lateralmente, planos frontais de órbitas vazias e dos espaços afundados onde teriam estado narizes, fémures, tíbias. Há restos cujas omoplatas, colunas e pélvis se destacam do solo da mina, formando vagamente uma figura humana.

Suspendo a vela por cima do relato do jornalista, que em certas partes foi sublinhado a lápis. O artigo diz que a equipa de pesquisa fez explodir dinamite na boca do poço vertical que liga a superfície às galerias horizontais subterrâneas. Depois de rebentado o cimento que o selara durante cinquenta anos, um número impressionante de restos esqueléticos derramou-se do poço, eram tantos que o grupo não teve espaço para fazer qualquer descida. Aquele ponto de entrada fora o local das execuções. O artigo diz que se presumia que as vítimas tinham sido obrigadas a ficar de pé na beira, sendo depois alvejadas por trás e caindo no poço. Aparentemente, depois de a galeria inferior se encher de cadáveres, tinham-se empilhado mais corpos em cima daqueles e na galeria superior; e, quando o poço em si ficou cheio de corpos até à superfície, os soldados tinham abandonado o local.



Pouso os recortes.

Não quero ver mais ossos. Não quero as minhas impressões digitais sobrepostas às da pessoa que recolheu estes artigos.



Esta foi uma empreitada isolada, diz Inseon, levantando-se do chão.

Só começaram a exumar formalmente os restos mortais seis anos depois.

Está a tatear na prateleira de baixo da estante quando os seus dedos se detêm em alguma coisa.

Em três anos, foram recuperados cerca de quatrocentos conjuntos de restos mortais, até suspenderem as exumações, em 2009. Ou seja, os restos mortais de mais de três mil pessoas continuam lá em baixo.

Retira um grande livro que parece ter umas mil páginas.

Esses três anos, de 2007 a 2009, foram também aqueles em que se exumaram restos de valas comuns por todo o país.

Pousa o livro no chão e empurra-o lentamente para mim. Lanço um olhar à capa. É uma recolha de dados que foi publicada quando os esforços de escavação por todo o país foram suspensos indefinidamente.

E foi durante esses anos, diz Inseon, que eu vi no jornal a fotografia dos ossos sob a pista de aviação.



Não quero abri-lo. Não tenho a mínima curiosidade. Ninguém me pode obrigar a percorrer estas páginas. Não tenho qualquer obrigação de obedecer.

Mas as minhas mãos trémulas estendem-se e abrem o livro. Viro página após página de fotografias que mostram restos de esqueletos que foram separados e distribuídos por enormes cestos de plástico: milhares de tíbias. Milhares de crânios. Dezenas de milhares de costelas. Depois mais fotografias: milhares de placas identificativas de madeira, fivelas de

cinto, botões de fardas escolares gravados com o carácter 중 [46], que significa «médio» mas nunca é usado sozinho, ganchos de cabelo de prata de vários comprimentos e larguras, berlindes que se assemelham a contas de vidro com asas lá dentro – tudo espalhado por mais de quatrocentas páginas do livro.



No fim, a minha mãe falhou.

A voz de Inseon baixou tanto que é como se ela estivesse num lugar longínquo.

Nunca recuperou os ossos dele. Nem um único.

Quanto mais podem descer estas profundezas? Será este o silêncio que jaz sob o mar no meu sonho?

Sob os maremotos que chegaram aos meus joelhos.

Nas profundezas abaixo das sepulturas esvaziadas pontilhando a paisagem.



Nem duas camisolas e dois casacos conseguem bloquear o frio que estou a sentir. É um gelo que parece ter tido origem, não no exterior, mas dentro do meu peito. Não consigo parar de tremer e, com tudo na sala começando a ondular nas sombras instáveis lançadas pela luz da vela, compreendo porque negou Inseon quaisquer intenções de fazer um filme sobre estes acontecimentos.

O cheiro de roupas encharcadas em sangue e carne a apodrecer juntas, a fosforescência dos ossos que se decompõem há décadas... serão apagados. Os pesadelos escoar-se-ão por entre os dedos. A violência excessiva será removida. Como o que foi omitido do livro que eu escrevi há quatro anos. Os lança-chamas que os soldados usaram

em cidadãos desarmados nas ruas. As pessoas levadas à pressa a serviços de urgência em macas improvisadas, bolhas de queimaduras nos rostos, os corpos regados com tinta branca da cabeça aos pés para impedir a identificação.



Ergo o meu corpo do chão.

A sombra desvanecida de Inseon atravessa diretamente a chama e pousa na parede pálida junto da estante. Esquiva-se quando me aproximo. Passo os dedos pelo papel de parede gasto e pouso uma mão sobre o lugar onde estava a rosto dela. Como se a firmeza da parede fresca pudesse revelar-me os segredos desta estranha noite. Como se houvesse perguntas que só posso fazer à sombra desaparecida, não a Inseon, que atrás de mim me observa silenciosamente.



Costumava pensar que a minha mãe era a pessoa mais fraca que eu conhecia.

A voz rouca de Inseon traça uma linha através da quietude.

Um espectro.

Pensava nela como um fantasma vivo.

Deixo o livro aberto no chão e dirijo-me para a janela escura. Aproximo mais a vela a volto-me para encarar Inseon.

O que eu não sabia era que, durante aqueles três anos, a secção de Jeju da associação das famílias enlutadas pelos prisioneiros de Daegu desaparecidos visitara regularmente aquela mina.

E que a minha mãe fora um desses visitantes regulares.

Ela tinha então pouco mais de setenta anos, e foi também naqueles três anos que a artrite nos seus joelhos foi piorando cada vez mais.

A cada passo que dou, as sombras da chama fazem balançar o quarto. Mesmo depois de voltar a atravessar a divisão e de me sentar em frente de Inseon, o movimento não para, pois também a minha respiração sai trémula de frio.



Foi na primavera, há dois anos, que descobri a informação de contacto do presidente da associação de famílias enlutadas de Jeju e me encontrei com ele na cidade.

Ele era um professor de liceu reformado, nascido no mês em que a guerra eclodiu, que nunca conhecera o pai, e contudo, décadas mais tarde, não tinha desistido de encontrar os seus restos mortais.

Pedi desculpa por não me ter dado as condolências antes, pois recebera tarde a notícia do falecimento da minha mãe. Disse-me que ela tinha sido o membro mais fervoroso da associação, que já tinha ido a Gyeongsan quando ainda ninguém em Jeju teria sequer pensado em lá ir. Também fora dela a ideia de requisitar uma lista de reclusos da Penitenciária de Daegu que tinham sido transferidos para Jinju. Só receberam a lista depois de terem alugado uma carrinha e visitado juntos a penitenciária para protestar, e foi a minha mãe quem a percorreu página a página, e não só descobriu os nomes dos parentes desaparecidos dos outros membros como lhes disse onde os seus restos mortais estariam provavelmente enterrados. Era sempre a primeira a

sair quando se reuniam na cidade, pois era quem vivia mais longe, e de todas as vezes, ao despedir-se, apertava nas suas mãos as mãos de cada membro.

A última recordação que o presidente tinha dela era do dia em que souberam que a exumação ia ser suspensa, quando foram à mina todos juntos. O secretário da associação de Gyeongsan acendeu uma lanterna e guiou-os para o interior – o teto era baixo, e dois veios de água percorriam o solo, portanto todos usavam capacetes e botas de borracha que lhes chegavam aos joelhos. Quando pararam para passar por uma secção intocada onde ossos e farrapos desintegrados espreitavam na terra, todos – todos eles eram idosos – se agarraram uns aos outros para não cair. E a minha mãe usou a mão livre, aquela que não estava a segurar a bengala, para agarrar a manga de um homem, sorrindo com delicadeza.

Desculpe, vou ter de o incomodar por um segundo, disse ela.

O presidente ajudou a minha mãe a voltar pela galeria e, depois de saírem, começaram a trocar cumprimentos de despedida com os outros membros.

Antes de se separarem todos, porém, o secretário disse, Diz-se que na altura houve três sobreviventes, mas parece-me mais provável ter havido só um. Não será lógico presumir que terá sido a mesma pessoa a bater nas portas de três casas próximas?

À menção de «sobreviventes», o grupo inteiro tinha-se calado.

O secretário prosseguiu: Ouvi dizer que era uma noite limpa de quarto crescente, sem uma única nuvem no céu. Um jovem com cara de bebé, de roupas manchadas de sangue, pediu roupas limpas para vestir, jurando não dizer a ninguém onde as obtivera. Sendo os tempos como eram, duas casas mandaram-no embora, mas uma correu o risco. Dizem que ele vestiu as roupas limpas ali mesmo no pátio, e depois fugiu, veloz como um raio.

O presidente contou que ficou com o coração tenso ao ouvir aquela história. Ouvia atentamente para não perder uma palavra e, quando por fim se lembrou de onde estava a olhou em volta, viu a minha mãe

agachada no chão, a vomitar. Ela não parou até estar a expelir apenas bÍlis.



Há alguma probabilidade de aquele jovem ser o meu tio, sussurra Inseon. Tal como há a probabilidade de o meu tio ser qualquer um dos três mil conjuntos de restos mortais ainda no interior daquela mina.

Claro, acrescenta ela, assentindo como em busca de concordância, eu imagino que, se o homem fosse o meu tio, teria arranjado maneira de voltar à ilha nos anos posteriores... mas como ter sequer a certeza disso? Depois de sobreviver àquele inferno, seria ele ainda o tipo de pessoa que fazia escolhas que nós poderíamos compreender?



Pode ter sido então que a minha mãe começou a sentir uma cisão em si própria.

No dia em que o destino do irmão se dividiu em dois, naquela noite.

Como um corpo entre milhares empilhados no interior daquela mina.

E como um jovem a bater a portas. Jurando que não diria a ninguém quem lhe dera as roupas limpas. Por favor queimem estas, imediatamente. Um jovem que largou no pátio o seu uniforme ensanguentado de prisioneiro e partiu a correr, desaparecendo na noite.



Não estou convencida.

Só questiono como poderia ele ter sobrevivido.

Desmaiou e caiu no poço da mina, escapando assim por pouco à bala? Abriu os olhos entre os montes de cadáveres, quando os soldados se foram embora? Rastejou até à boca da galeria superior à luz da lua?



Vejo o homem a arrastar-se pela galeria, vejo os seus olhos, depois vejo os de Inseon sobreporem-se a eles. Como foi que ele conseguiu voltar?, pergunto.

Inseon dirige os olhos, que são tão parecidos com os do homem de feições de porcelana, com um brilho agudo e luminoso como se estivessem sempre molhados de lágrimas, diretamente para mim.

De quem é que estás a falar?

Afasto delicadamente o receio de que aquilo que disser possa magoar a outra pessoa, e respondo.

... O teu pai.

Ela não está magoada.

É mais forte do que eu pensava.

Sem hesitação, sem baixar a voz, diz-me, Foi por isso que a minha mãe foi procurar o meu pai. Para lhe perguntar como tinha conseguido sair vivo.



Ela disse que era verão quando eles se conheceram.

Havia mais de um ano que a minha mãe ouvia os rumores sobre alguém que regressara à ilha depois de cumprir uma pena de quinze anos em Daegu. Vira-o ao longe, de relance, pois ele estava alojado em casa de um familiar na parte inferior da aldeia, mas contou que precisou de mais tempo para arranjar coragem e se encontrar com ele.

O meu pai suportava cada dia do silencioso repúdio.

Tinha tremores devido a ter sido torturado, mas não eram tão graves que não pudesse ajudar e colher tangerinas com os familiares como agradecimento por o receberem. Também aprendera a assentar ladrilhos durante os últimos anos na prisão, e dava uso a essa competência para fazer trabalhos na aldeia sem ser pago, ganhando lentamente reputação por isso. Mas, sob o regime militar, ninguém sonharia ser visto a conversar com um ex-condenado que a polícia visitava duas vezes por mês.

Numa noite de verão, a minha mãe esperou à esquina da rua até o ver, e chamou-o, Samchun. O meu pai virou-se, surpreendido por alguém se lhe dirigir com tal simpatia. A minha mãe contou que os olhos dele mudaram quando ela lhe disse o nome do meu tio. Reconhecera-a como um dos irmãos Hanjinae, que costumavam visitar os seus parentes maternos.

Mas não tinha qualquer desejo de falar com ela. Mesmo no fim do outono, quando a minha mãe tornou a ir visitá-lo, mandou-a educadamente embora. Só no novo ano, quando ela foi vê-lo no início da primavera, aceitou finalmente falar. Tinha medo dos olhos vigilantes das pessoas, portanto disse-lhe que deviam encontrar-se algures na cidade.

No domingo seguinte, quando se sentaram frente a frente numa casa de chá cheia de fumo de cigarros, a minha mãe tinha trinta anos e o meu pai trinta e seis.

A primeira coisa que a minha mãe ficou a saber foi que o meu pai fora transferido para outra prisão em Busan, na primavera de 1950. O Tribunal Superior de Daegu presidia a processos de recurso, não só da Província de Gyeongsan, mas também da Província de Jeolla e de Jeju, portanto, por muitas decisões que houvesse, o número de reclusos na Penitenciária de Daegu continuou a aumentar até esta ficar demasiado cheia para os acolher. O meu pai disse que a razão para a transferência em massa de prisioneiros de longa duração naquela

primavera fora tão simples e pragmática quanto isso. Ele era um dos desventurados de Jeju com uma pena mais longa, mas foi isso que acabou por salvá-lo.

No entanto, Busan também não fora seguro, contou ele. A partir de julho, membros da Liga Bodo de Busan passaram a ser canalizados para aquela penitenciária. Foi preciso construir um edifício provisório no pátio da prisão, e foram os reclusos quem teve de fazer o trabalho. Durante as pausas, o meu pai olhava para o outro lado do pátio, para as tendas montadas em redor do perímetro, e via crianças seminuas, letárgicas de fome, mulheres de cabelo entrançado ou apanhado atrás em carrapitos desengonçados e idosos que mantinham os seus chapéus tradicionais apesar do calor escaldante do verão, todos a transpirar profusamente, sentados juntos em fileiras apertadas.

Quando chegou setembro e eles começaram a levar aquela gente em camiões, rumores alarmados foram-se espalhando. Murmurava-se que os prisioneiros políticos iriam ser separados e mortos. E, realmente, cerca de noventa das duzentas e cinquenta pessoas de Jeju foram levadas pouco tempo depois. Os ilhéus restantes esperavam ansiosamente para ver quem iria a seguir quando as convocações pararam de repente. Ele soube mais tarde que as Forças Aliadas tinham desembarcado em Incheon, mudando o curso da guerra.



Teria ele escondido as mãos nos bolsos, receoso de derrubar o seu copo de água?, pergunto-me.

Ou manteve-as expostas, pousadas na mesa para que todos vissem?



Depois o meu pai falou precisamente daquilo que a minha mãe tanto esperara por saber.

Se os dois homens alguma vez se tinham encontrado, o meu tio e o meu pai, durante os cerca de oito meses entre o verão em que o meu tio esteve encarcerado em Daegu e a primavera em que o meu pai foi

transferido para Busan, quando as penas dos dois coincidiram. E o que recordava o meu pai dele, se isso tivesse acontecido.

O meu pai disse-lhe que a chegada de trezentas pessoas de Jeju naquele verão foi uma ocasião bem-vinda – acima de tudo, era uma oportunidade para saber notícias da família em casa. Foi então que o meu pai ficou a saber que as pessoas de Secheon que foram arrebanhadas e levadas para a escola primária em P... tinham sido mortas a tiro na praia. O homem que lhe contou isso também falou no meu tio. Tinha sido transportado de barco com um jovem cujo lado materno da família era de Secheon-Ri e que acabou no corredor de celas contíguo. Só de ouvir o nome dele, o meu pai soube logo quem era. Nunca tinham ido à escola juntos, mas ele ainda se lembrava como, quando eram mais novos, o outro rapaz e as suas irmãs iam por vezes brincar ao seu lado do ribeiro. Talvez por serem ambos filhos de famílias com muitas filhas, eles entendiam-se bem e gostavam de brincar com as irmãs de ambos, esmagando com pedras flores que libertavam pigmentos e manchando as suas unhas e as delas com a tinta.

Mas isso era tudo.

Não havia mais nada que o meu pai pudesse dizer à mulher sentada à sua frente.



Perguntei à minha mãe em várias ocasiões sobre a relação deles depois daquele dia. Passaram mais cinco anos sobre aquele primeiro encontro antes de o meu pai vir viver para esta casa, e eu tinha curiosidade sobre as suas interações. Quantas vezes se tinham visto. Quando se aproximaram. Ela nunca me deu uma resposta direta. Em vez disso, contava-me histórias aleatórias. Repetia o que o meu pai lhe contara sobre a tortura que tinha sofrido na fábrica de álcool. Como

um homem de farda militar sem insígnias que falava o dialeto do norte o tratara. O que o homem dizia sempre que despia o meu pai e o amarrava de cabeça para baixo a uma cadeira.

Vamos matá-los todos até ao último, cabrões comunas, limpá-los da face da Terra. Vamos espezinhá-los até à morte, ratazanas, se tiverem sequer uma gota de vermelho.

O homem despejava balde após balde de água na cabeça do meu pai, em redor da qual atara uma toalha. Enrolava fios de telefone em volta do peito ensopado do meu pai e ligava a eletricidade. De cada vez que ele lhe segredava que entregasse os nomes dos amigos que tinham estado secretamente em contacto com as pessoas escondidas nas colinas, o meu pai respondia: Não sei. Estou inocente. Não fiz nada de mal.

Quando acabava de contar esta história, a minha mãe começava a repreender-se por outra coisa, uma coisa que eu não compreendia.

Porque é que eu tive de falar do cabelo dele naquele dia? Não me podia ter lembrado de mais nada para dizer?

Largava-me as mãos ao dizer isto. O seu aperto doloroso amolecia como espuma a desmoronar. Era como se alguém tivesse fundido um fusível dentro dela. Como se ela se tivesse esquecido de quem eu era. Como se não conseguisse suportar outro corpo humano a tocar o seu, nem por um segundo.

^[46] Carácter coreano encontrado em palavras como « 중학교 » («escola secundária»). [N. da R.]

PARTE TRÊS

Chama

Sentes isto?

Inseon sussurrou como se estivesse a evitar fazer força.

O quê?, digo.

Agora mesmo. Não aqueceu? Só um bocadinho?

Terá aquecido?, perguntei-me. Terá a minha respiração parado de estremecer de frio? Haverá algum tipo de vapor, ou um gás destilado e difuso a circular, aligeirando vagamente o ar? Uma criança a abrir os olhos num campo de aveia escuro. *Como está o meu cabelo? Já não está tão esquisito, pois não?* Uma bebé dentro de um casaco, de caracóis a romper-lhe da cabeça como tufos de erva.

Em lugar de responder, coloquei a mão sobre a fotografia dos ossos.

Sobre pessoas que já não tinham olhos nem línguas.

Sobre pessoas cujos órgãos e músculos tinham apodrecido.

Sobre o que já não era humano – não.

Sobre o que mesmo agora permanecia humano.

Na quietude sufocante, perguntei-me: Será isto?

A beira de uma trincheira a abrir-se sob a planície abissal,
o fundo do fundo do mar profundo onde nada emite luz?



Inseon estendeu a mão. Estava a pedir a vela.

Usou a sua incandescência como guia para atravessar o quarto e abrir a porta de correr, a sua sombra a adejar no teto como um par de asas. Eu também me levantei. Avancei pelo quarto e transpus a porta, notei ainda algo vagamente luminoso como uma poça de mercúrio em frente do

guarda-fatos e detive-me, sentindo que algo escuro como que embebido em *meok* se debruçava sobre ele. Mas, na ausência de mais luz, foi só o que consegui distinguir.

Inseon tinha continuado a avançar à frente em bicos de pés, mas entretanto deteve-se e olhou para mim.

Vamos ver, sussurrou, de dedo colado aos lábios.

Ver o quê?

Onde plantaremos as nossas árvores, disse ela, e assentiu como concordando em meu nome. Não é longe daqui.

Agora?

Não demora muito.

Mas lá fora está tão escuro, disse eu. E já não resta quase nada da vela.

Não faz mal, disse Inseon. Conseguimos voltar antes de que ela acabe.

Fiquei imóvel, hesitante. Não queria ir. Mas também não queria continuar aqui, nesta quietude.

Sentindo o silêncio, tenso como um bordado num bastidor, e notando como o som da minha própria respiração perfurava esse silêncio como uma agulha, aproximei-me de Inseon. Ela entregou-me a vela. Enquanto eu a segurava, ela dobrou-se e calçou os sapatos de trabalho. Quando voltou a endireitar-se, eu devolvi-lhe a vela. E, como irmãs para quem este tipo de conversa muda fosse corriqueiro, ela iluminou-me enquanto eu apertava os atacadores das minhas sapatilhas.



Antes de sairmos, remexi nas prateleiras do armário dos sapatos e peguei nos fósforos. Sacudi a caixa e ouvi talvez três ou quatro paus de fósforo a chocalharem lá dentro. Meti a caixa no bolso do casaco e saí para o pátio. Tudo o que conseguia ver na escuridão era o círculo lançado pela vela que Inseon transportava. Os flocos de neve que caíam do céu cintilavam naquele brilho apenas o tempo de atravessarem o seu perímetro, e depois desapareciam.

Kyungha, chamou Inseon. Só pisas onde eu tiver pisado, está bem?

A luz aproximou-se um pouco quando Inseon estendeu o braço na minha direção.

Vês as minhas pegadas?

Vejo, disse eu, pressionando os pés sobre as pequenas cavidades que ela fizera na neve.

Guardei dois passos de distância entre nós para não chocar com Inseon nem sair demasiado do raio de que precisava para ver as suas pegadas. Fomos avançando, dois corpos executando a mesma coreografia. O som da neve a estalar em sintonia sob os nossos pés desvanecia-se no frio.

Quando passámos pela árvore sob a qual a *Ama* e o *Ami* estavam enterrados, as frondes pendentes entraram no círculo de luz e assumiram um relevo nítido. Inseon prosseguiu, sem lançar sequer um olhar à árvore. O seu andar era imparável, como se ela acreditasse que o pássaro que enterrara tinha partido dali havia muito.

Inseon deteve-se perante o muro na extremidade do pátio. Quando cheguei junto dela e aceitei a vela, ela agarrou a superfície de pedra com ambas as mãos e içou-se para o outro lado. Voltei a dar-lhe a vela e subi também. Logo que os meus pés largaram a parede, Inseon retomou a caminhada.



Eu colocava os pés meticulosamente nas marcas que Inseon fizera, mas isso não impediu que as bainhas das minhas calças e as sapatilhas ficassem encharcadas. Continuei a andar, de braços abertos para me equilibrar, concentrada em manter aquele intervalo de dois passos. Sempre que os flocos de neve me pousavam nas pestanas, eu limpava-os com as costas da mão. Queria saber se Inseon sentia o mesmo frio súbito que eu. Estaria a neve a encharcar-lhe também as faces? Se ela fosse um espírito, até onde planeava levar-me?

Penetrámos numa zona arborizada, apesar de eu não conseguir distinguir as árvores que nos rodeavam devido à neve e à escuridão. As pegadas de Inseon traçavam gradualmente um arco, como se houvesse uma curva na estrada. A luz subia e descia, desenhando uma linha vermelha no ar. Como um sinal ferroviário indecifrável. Como uma seta incomensuravelmente lenta em voo.

Inseon começava a abrandar. Tentei diminuir o meu próprio ritmo para acompanhar o dela. Não havia nem um sopro de vento. Os flocos de neve que me roçavam as faces eram inacreditavelmente macios. Dois passos à minha frente, a chama no copo de papel tremeluzia em silêncio como uma pulsação regular.

Ainda temos de andar muito?

Estamos quase lá, respondeu Inseon sem se voltar.

Ergui o olhar para as árvores cobertas. As copas eram invisíveis. Quando a chama passava pelos ramos ao alcance da vista, a neve cintilava qual floco de sal.

Inseon-ah, chamei.

Parei de repente, quebrando o ritmo dos nossos passos. Ela continuou a andar, afastando-se mais de mim.

Inseon, espera.

Ela virou-se para mim, com o rosto parcialmente iluminado. Tinha as mãos manchadas de um vermelho subtil devido à chama.

Quanto é que resta da vela?

Ainda estamos bem.

Vi que apenas cerca de um terço de dedo do coto pálido permanecia no fundo do copo. Podíamos voltar para trás neste instante e ainda assim o pavio apagar-se-ia antes de conseguirmos chegar à casa.

Depois de atravessarmos este bosque, chegaremos ao ribeiro, disse Inseon, tranquilizadora.

Impossível, pensei. Estávamos a ir por um caminho diferente do que me lembrava. Mas era possível eu ter perdido o meu sentido de orientação. Talvez o ribeiro corresse em redor do bosque.

Vamos voltar, disse. Tornamos a sair mais tarde, quando parar de nevar.

Inseon abanou obstinadamente a cabeça.

... Pode não haver uma próxima vez.



Deixei de me preocupar com a vela.

Deixei de calcular a distância até à casa de Inseon.

Quando começava a sentir que não queria que a nossa caminhada acabasse, que de boa vontade nunca voltaria para trás, Inseon voltou-se e olhou para mim.

Chegámos, disse ela.

Não havia árvores no perímetro da luz na sua mão. Uma escuridão suprema amortalhava-lhe o brilho. Tínhamos saído do bosque.

Segui Inseon enquanto ela mudava de direção. Parecia que estávamos a trepar ao longo da margem do ribeiro. À nossa direita surgiam brevemente vultos agachados, presumivelmente arbustos ou espinheiros amontoados como sacas sob a neve.

Porque não atravessava ela simplesmente o ribeiro? Estaria em busca de um ponto em que a margem não fosse tão íngreme, de uma inclinação mais suave, onde não escorregássemos e caíssemos na neve? Ela já não avançava tão devagar. Eu quebrei o ritmo por uma fração de segundo e os meus pés saíram do alcance da luz. Tudo o que Inseon não tinha pisado estava coberto de neve alta e fria. Enquanto eu enterrava os pés tentando abrir caminho, a noite eclipsou a figura dela, restando apenas uma chama redonda e solitária, a flutuar adiante como um espírito minúsculo.

A chama esférica parou e oscilou no ar. Estaria ela prestes a atravessar? Arranquei as pernas da neve e voltei a avançar, e a luz retomou o seu movimento. Mas não se afastou. Lentamente, como uma vela a flutuar sobre água, a chama estava a voltar-se para mim.



Olha aqui, vem ver.

Inseon estendeu algo que se assemelhava a um fruto pequeno e firme.

Parece um ovo, não parece?

Havia uma pinta vermelha, como um pingo de sangue numa gema de ovo, naquela superfície redonda e lisa que ela segurava numa das mãos.

Isto incha, tal como um pingo de sangue em redor de uma picada, disse ela. Depois começa a abrir-se, como o ovo que estala ao eclodir.

Portanto não era um fruto. O bolbo fechado de pétalas cor de arroz estava polvilhado de neve, que cintilava como grãos de açúcar sob a luz.

Era um rebento jovem e eu só queria sacudir-lhe levemente a neve, mas já estava solto, disse Inseon.

Pensei que ela própria parecia uma criança pequena, com a boca fechada e franzida num amuo. E contudo o seu cabelo coberto de neve parecia completamente grisalho. Notei que a palma da sua outra mão segurava agora o fundo do copo de papel. Tivera de empurrar para cima a vela mirrada no seu interior.

Tens razão, murmurou ela, dobrando de novo os dedos sobre o botão de camélia. *Em breve ficaremos sem luz.*

Devíamos voltar, acrescentou após uma pausa.

Mas agora eu já me perguntava, *Quererei voltar? Para onde iria sequer?* E foi então que Inseon se baixou até ao chão, tombando na neve como seda.

Vamos voltar daqui a bocadinho, disse, erguendo para mim o olhar. Eu faço-te *juk*.



A neve no solo era tão macia e fofa que eu sentia que podia afundar-me infinitamente nela. Agora erguia-se um banco de neve entre Inseon e eu. Via apenas o rosto dela e a vela que Inseon erguera até ao peito. O resto do seu corpo estava oculto pelo muro de neve.

O ar não se mexia. Os flocos de neve faziam a sua descida infinitamente lenta, parecendo interligar-se pelo caminho como padrões gigantes numa cortina de renda.

Eu costumava vir aqui com a minha mãe, disse Inseon.

Olhei para o ponto que ela estava a fixar. Vi apenas escuridão, um mar de tinta. Não conseguia distinguir onde o ribeiro acabava e começava a margem oposta.

Da primeira vez que aqui viemos, tinha havido uma tempestade no dia anterior. A minha mãe queria ver a água. Eu teria talvez dez anos – foi pouco depois de o meu pai falecer.

Inseon virou-se para mim. O banco de neve empilhado quase até aos nossos ombros era como um lençol de neve que fazia a chama refletir-se nela, parecendo assim que jorrava luz das suas faces pálidas.

Lembro-me de ver uma árvore arrancada, com as enormes raízes à mostra, disse Inseon. A árvore em si não era muito grande, mas as raízes pareciam dez vezes maiores do que a copa. Fiquei tão impressionada que parei de repente, mas a minha mãe continuara a andar sem dar por isso. O tempo tinha clareado, mas o dia ainda assim estava ventoso. O cheiro da terra molhada, de ramos floridos caídos, de erva aplanada pelo dilúvio da noite, misturavam-se, picando-me o nariz. Os meus olhos ardiam devido à luz do sol que se erguia para mim nas poças da chuva. Como uma tesoura a deslizar por uma peça gigante de musselina, a minha mãe avançava, de corpo obstinado contra o vento. Naquele momento, com a blusa e as calças largas enfunadas, afigurava-se-me gigante.

A mínima reverberação de cada som era instantaneamente absorvida pela neve que enchia o ar. Eu não conseguia ouvir a respiração de Inseon. Mesmo o som da minha própria respiração era engolido pelas partículas de neve.

A minha mãe parou mais ou menos aqui e olhou para o outro lado do ribeiro, prosseguiu Inseon. A água estava quase a galgar a margem, e trovejava como uma cascata. Então era isto que ela queria dizer com ir ver a água?, lembro-me de pensar enquanto me apressava para a apanhar. Vendo-a instalar-se, fiz o mesmo. Ela ouviu e voltou-se para mim com um sorriso, estendendo o braço para me acariciar a face. Acariciou-me a nuca, os ombros, as costas. Lembro-me da sensação de amor dorido, de como me penetrava na pele. Entupia-me a medula óssea e encarquilhava-me o coração... Foi então que compreendi. Que o amor era uma agonia terrível.



Depois de voltar para a ilha, recordava por vezes aquele dia.

Mais frequentemente quando a minha mãe, no seu estado em rápida deterioração, passava a rastejar a soleira da porta para o meu quarto todas as noites, como uma criança em busca de consolo.

Enquanto eu dormia, a minha mãe metia-me o dedo na boca e acariciava-me o rosto, chorando como uma criança pequena. Eu deixava, sem ter coragem para tirar da boca aquele dedo salgado e pegajoso. Ela abraçava-me com toda a força, apertava-me tanto que eu não conseguia respirar, não conseguia escapar, e portanto não tinha escolha senão abraçá-la também.

Quanto mais se repetia aquele abraço esmagador, depois de apagadas as luzes naquela casa onde apenas as duas vivíamos, mais difícil se tornava separar do meu o corpo da minha mãe. A sua pele fina, os escassos músculos subjacentes, o calor tépido da sua pele e a desorientação dela misturavam-se com os meus numa massa indistinta.

A minha mãe não me confundia apenas com a sua moribunda irmã mais pequena. Na maioria das vezes acreditava ainda que eu era a sua irmã mais velha, e outras vezes uma desconhecida. Alguém crescido que ela não conhecia e que viera salvá-la. Agarrava-me ferozmente no pulso e pedia, Salva-me. Quando o Sol se punha, caía num estado de confusão ainda mais profundo e queria sair de casa. Por muito frio que estivesse lá fora, por muito leves que fossem as roupas que tinha vestidas, não importava. Quanto mais eu tentava dissuadi-la, mais ela lutava e, enquanto me debatia com ela, sentindo o seu corpo transpirado contra o meu, parecia-me que estava na verdade a lutar contra mais do que a minha adversária. De onde vinha aquela sua força? Após o nosso combate, depois de ter conseguido convencê-la a deitar-se, estendia-me ao seu lado e fechava os olhos, mas ela estava muitas vezes acordada, e sacudia-me quando eu começava a dormir. Porque tinha medo da confusão aterradora que espreitava por todos os lados, de boca escancarada, à espera. E tinha medo de perder todas as ligações que voltara a fazer se adormecesse. Eu implorava-lhe que me deixasse dormir pelo menos uma meia hora, mas ela não me dava ouvidos. Ajuda-me, dizia. Não durmas. Tens de me ajudar, Inseon-ah.

Éramos como uma panela de juk a ferver durante a noite, salpicando, entornando-se, quase a queimar-se. Ajuda-me, salva-me, sussurrava ela. Quando por fim adormecia, eu estendia o braço para lhe tocar no rosto, mas, perante as suas faces molhadas – era como se estivesse a afogar-se –, virava-lhe as costas. A pensar, Como posso fazê-lo? Como é suposto eu salvar-te?

A verdade é que eu queria morrer. Durante muito tempo, era só no que pensava. Quando uma cuidadora começou a vir cá quatro horas por dia, consegui finalmente ir às lojas, repousar os olhos pelo menos durante umas horas sem interrupções na minha carrinha e aguentar-me a custo. Mas, quando essas horas chegavam ao fim, tínhamos de prosseguir como sempre: lutar por causa das fraldas, ter de lhe erguer os joelhos para lhe pôr talco no rabo, o que me fazia latejar os pulsos apesar de as suas pernas não serem pesadas. Quando ela finalmente adormecia, de mãos agarradas às minhas, eu enterrava a cabeça ao lado da sua almofada e pensava, O tempo parou, para sempre. Ninguém vem salvar-nos.

Ocorriam-lhe momentos de consciência, como clarões. Então era atacada pelas recordações, que pareciam atravessá-la como uma lâmina de aço temperado. E ela falava. E falava. Como se o seu corpo tivesse sido cortado ao meio por um bisturi, um jorro infundo de memórias encharcadas em sangue. Quando a lucidez passava, ficava ainda mais desorientada. Arrastava-me pelo chão para que me escondesse com ela debaixo da mesa. Aparentemente, de acordo com o seu mapa interno, o quarto dela correspondia à sua casa da infância em Hanjinae, o meu quarto à casa do primo afastado, e a extensão de chão por onde ela rastejava até à cozinha, ao bosque. Não deixava de me apertar com força quando nos escondíamos, e por vezes surpreendia-me chamando-me pelo meu nome. De queixo a tremer. Tudo para me manter a salvo, a mim, que ainda não tinha nascido.

Eu assistia a tudo isto, que era como ver centenas de fusíveis na cabeça de uma pessoa a zumbirem devido à corrente de eletricidade, e depois a rebentarem, um a um. A certa altura, ela deixou de me confundir com as irmãs. Deixou de pensar em mim como uma pessoa crescida que estava ali para a salvar, e parou de pedir ajuda. Falava cada vez menos comigo, e as palavras que dizia eram esporádicas e

dispersas, como ilhas. Depois deixou até de responder sim ou não, e com isso os seus desejos e pedidos pareceram também desaparecer. Mesmo assim, quando eu lhe pousava uma tangerina descascada na mão, ela partia-a e devolvia-me a metade maior, hábito de uma vida, e sorria. Com isto o meu coração escancarava-se. Lembro-me de me perguntar se sentiria o mesmo por um filho meu, se viesse a ter um filho.

Depois disto, ela começou a dormir. Como se aquelas noites infindas em que me privava de sono nunca tivessem existido, passava dois terços do dia, e depois mais de três quartos, a dormir. No último mês de cuidados paliativos, dormia durante quase todo o dia. Fazia-me pensar no mar, mas um mar onde a maré alta dura para sempre. Onde a água, depois de ter coberto a praia inteira, se deixa ficar lá.

Não fazia qualquer sentido. Eu tinha pensado que, quando ela partisse, voltaria finalmente à minha vida, mas agora apercebia-me de que a ponte de regresso desaparecera. A minha mãe já cá não estava para rastejar até ao meu quarto, mas mesmo assim eu não conseguia dormir. Não tinha de morrer para me escapar, mas mesmo assim queria morrer.

Então um dia, ao amanhecer, vim aqui.

Tinha-me lembrado da promessa que te fizera. Queria examinar o solo que dissera ser bom para plantar.

O nevoeiro matinal era espesso naquele dia. As coroas do maciço de bambus, que tinham crescido bastante em dez anos, eram basicamente tudo o que conseguia distinguir. Mas, assim que a meia-luz levantou e o ar começou a mexer-se, consegui ver todos os contornos baços. Dali não era difícil encontrar o lote onde estivera a casa de infância do meu pai. Havia apenas uma parcela de terra que tinha cameleiras em vez de um muro de pedra em seu redor, bem como um pequeno círculo de pedra construído em volta de um alto no centro do pátio. Por trás dos alicerces cobertos de ervas, havia um terreno cheio de bambus-de-folha-larga de pequena estatura que, no nevoeiro que restava, pareciam estender-se sem fim.

Foi o começo.

No dia seguinte, comecei a pesquisar Secheon-ri. Depois de visitar a casa à beira-mar da idosa que tinha assistido à matança, li uma tese que estimava que milhares de corpos sepultados no mar teriam sido

levados nas correntes até à ilha de Tsushima. Foi então que encontrei por acaso o material sobre o meu tio que a minha mãe guardava no seu guarda-fatos – quando me perguntava se a seguir deveria ir a Tsushima, embora me sentisse totalmente desorientada, afinal como é que se encontram restos mortais que deram à costa, que ainda por cima se afundaram no mar há setenta anos?

E assim mudei de rumo, como quem vira o leme de um barco pesado. Todos os dias preenchia as lacunas do arquivo da minha mãe com as minhas descobertas. Especulava as rotas e calculava as horas dos navios, autocarros e comboios que teriam transportado a minha mãe de um lado para o outro entre aqui, Daegu e Gyeongsan em 1960, e era lentamente invadida pela convicção de que estava a enlouquecer.

Durante o dia talhava madeira na oficina, e à noite voltava para casa e lia testemunhos orais. Com cada item, certificava-me de cruzar informações e confirmar com os dados que tinha sobre outros que haviam morrido. Reconstituí a sequência de acontecimentos através de registos do Exército dos Estados Unidos que tinham sido desclassificados e disponibilizados ao fim de cinquenta anos, das reportagens de imprensa da época, das listas de prisioneiros de Jeju que tinham sido encarcerados sem julgamento entre 1948 e 1949, e de relatos de testemunhas e imagens dos assassinios em massa da Liga Bodo em 1950. A certa altura, à medida que os materiais se empilhavam e começavam a tomar uma forma mais clara, senti uma mudança em mim. A ponto de parecer que nada do que um ser humano fizesse a outro pudesse alguma vez voltar a chocar-me... Algo no fundo do meu coração se tinha desalojado, e o sangue que escorreu e depois jorrou daquele buraco vazio já não era vermelho nem torrencial. Havia apenas uma dor intermitente, um alagamento na sua superfície acidentada que só a resignação poderia ainda...

Eu sabia que também a minha mãe se encontrara ali. Ao acordar de um pesadelo, molhando a cara com água e olhando para o espelho, vi nas minhas feições a mesma qualidade persistente que tinha marcado as dela. O que me espantava era os raios de sol voltarem todos os dias. Embebida nos vestígios dos meus sonhos, percorria o bosque e via a sua luz brutalmente bela penetrar na folhagem e criar milhares e milhares de gotas de luz. Formas esqueléticas cintilavam por cima das gotas

iluminadas. O rapazinho deitado de lado de joelhos fletidos na escavação sob a pista do aeroporto, seguido pelos corpos de todas as pessoas ao seu lado; depois uma visão delas revestidas de carne e de novo com os seus rostos. Usando vestes manchadas não de preto e branco mas de sangue fresco, jazendo na vala com ombros curvados e braços e pernas que tinham estado vivos meros segundos antes.

Não tinha noção do que fora a minha vida antes. Tinha de pensar arduamente para me lembrar fosse do que fosse. Sempre que conseguia, perguntava-me para onde me levava a corrente. Quem era eu agora.

Não foi por coincidência que umas trinta mil pessoas foram mortas nesta ilha naquele inverno, e outras duzentas mil foram assassinadas no continente no verão seguinte. As forças militares americanas no comando ordenaram que toda a gente na ilha, todas as cerca de trezentas mil pessoas, fossem eliminadas, se fosse isso o necessário para impedir que se tornassem comunistas; e membros do Seocheong, a Liga da Juventude do Noroeste, de extrema-direita, que eram do Norte e estavam unidos até aos dentes de vontade e rancor, entraram na ilha vestidos com uniformes policiais e militares ao cabo de duas semanas de formação. Seguiram-se o bloqueio costeiro e o bloqueio informativo, o impulso assassino de apontar uma arma à cabeça de uma criança não era apenas permitido mas recompensado – a ponto de as crianças que foram mortas deste modo ascenderem a mil e quinhentas –, e pouco depois esta guerra eclodiu e, seguindo o precedente daqui, se é que se lhe pode chamar isso quando o sangue ainda mal secou, arrebanharam duzentas mil pessoas de cidades e aldeias por todo o país, transportaram-nas em camiões, encarceraram-nas, mataram-nas a tiro, enterraram-nas em valas comuns – e depois proibiram fosse quem fosse de reclamar e recolher os seus restos mortais. A guerra afinal não tinha acabado, fora apenas suspensa. Enquanto o inimigo permaneceu, logo após a Linha do Armistício. Enquanto não só famílias banidas e estigmatizadas mas toda a gente se calava sob a ameaça de ser chamada simpatizante do inimigo logo que abrisse a boca. Entretanto passaram-se décadas, décadas nos vales, na mina, sob a pista do aeroporto, décadas até que as pilhas de berlindes e pequenos crânios perfurados por balas fossem escavados, e até hoje há ossos e mais ossos ainda enterrados.

Aquelas crianças.

Crianças mortas em nome do extermínio.

Tinha-as na cabeça quando saí de casa naquela noite. Era outubro, não era tempo de tufões, mas uma ventania tempestuosa varria os bosques. As nuvens em correria engoliam e expeliam a lua, as estrelas pontilhavam o céu e ameaçavam despenhar-se, as árvores contorciam-se como se estivessem a ser desenraizadas. Os ramos recuavam e atacavam como chamas enlouquecidas, e o vento que insuflava o meu casaco quase me erguia do chão. Eu dava passos firmes e regulares através da ventania súbita, e a certa altura pensei: Eles estão aqui.

Não tive medo. Não, fiquei tão feliz que mal conseguia respirar. Arrebatada naquela estranha e intensa paixão – e não sabia se era dor lancinante ou êxtase –, caminhei através do frio cortante, através dos inúmeros aqui reunidos que usavam corpos tecidos de vento. Era como se tivesse milhares de agulhas transparentes espetadas por todo o corpo e elas estivessem a infundir-me vida. Estou certa de que parecia louca, e talvez estivesse mesmo louca. Naquela euforia assombrosa e profunda, sentindo o coração prestes a rasgar-se, soube. Que agora podia mesmo iniciar o nosso projeto.



Eu esperava na neve.

Que Inseon dissesse as próximas palavras.

Não, que ela não as dissesse.



O bosque atrás de mim estava submerso em silêncio. A alguns quilómetros de distância soavam debilmente os ramos que cediam ao peso da neve.

Com as mãos rodeando a vela, Inseon pousou a cabeça na neve e balbuciou indistintamente.

Este silêncio – parece que estou dentro de algodão em rama.

À medida que o muro de neve cercava a chama, o que nos rodeava tornava-se ainda mais turvo. Os flocos de neve à minha frente pareciam quase cinzentos. Só a mancha de neve que descia sobre Inseon, deitada de costas, parecia lustrosa. Puxei o capuz do meu casaco exterior, coloquei-o e deitei-me na neve. Quando virei a cabeça na direção da voz de Inseon, uma luminosidade ténue do banco de neve lançou um brilho sombrio sobre o meu rosto.



*É uma coisa estranhíssima, Kyungha.
Pensei em ti todos os dias, e tu vieste mesmo.
Pensei tanto em ti que juro que algumas vezes quase consegui ver-te.
Como quando espreitamos para um aquário às escuras.
Se colarmos a cara ao vidro e continuarmos a olhar, acabamos por ver alguma coisa a cintilar lá dentro.*



Estará alguém a ver-nos agora?, perguntei-me. Poderia alguém estar a ouvir a nossa conversa?

Não, há apenas estas árvores, guardando silêncio.
A neve empenhada em enterrar-nos no sopé desta colina.



Foi então que finalmente percebi a história que a minha mãe me contara da primeira vez que ela e eu aqui viemos.

Ela disse-me que, durante os quinze anos que passou no exílio, o meu pai observara a margem do outro lado do ribeiro.

A minha mãe descreveu como a lua brilhava em algumas noites, como as folhas de cameleira se banhavam no seu fulgor. Como, às primeiras horas, as corças ou um ocasional gato-leopardo vagueava até meio da estrada da aldeia, como, quando caíam chuvas torrenciais, desaguavam no leito deste ribeiro regatos e riachos recém-formados. Disse que foi como ele viu os maciços de bambu meio-queimados e as cameleiras voltarem a crescer, até serem de novo frondosos e exuberantes. Ficava a ver da sua cela graças a uma luz noturna e, quando fechava os olhos, ela dizia que ele via pequenas centelhas do tamanho de ervilhas a flutuarem onde as árvores tinham estado.

Eu não acreditei, claro.

Até que ponto a minha mãe levava a sério a sua própria história, uma história que eu achava inverosímil mesmo aos dez anos de idade, sinceramente não sei. Teria sido uma coisa que o meu pai lhe contara em determinada altura? Teriam aqui vindo alguma vez e olhado juntos para o outro lado do ribeiro?



Neste ponto, a mulher apareceu à minha frente. Vista de trás, vestia uma túnica e um par de calças largas insufladas de ar que pareciam asas. Era ela quem pressionara a ponta da caneta na página com tanta determinação e que se certificara de curvar o início de cada traço esforçado. *Vamos desistir. O dia da sua transferência, vamos considerá-lo o dia em que ele morreu.* Era quem embarcara sozinha no *ferry* de regresso à ilha, meditando sobre estas palavras. Quem, ao fim de tanto tempo, estivera perante os incontáveis estilhaços de ossos partidos. Quem baixara a cabeça, curvara ainda mais as suas costas já curvadas, e caminhara para a escuridão.



Agora a história dela já não me parece implausível, disse Inseon.

Nem que o meu pai tenha estado na prisão durante quinze anos e ao mesmo tempo estivesse mesmo ali.

Nem que, quando abracei os joelhos contra o peito debaixo da minha secretária, tenha estado também na vala sob a pista do aeroporto.

Nem como, se estivesse sempre a revirar o teu sonho na minha mente, via sombras a tremeluzir como barbatanas num aquário sem luz.



Estará realmente alguém aqui comigo?, perguntei-me. Do mesmo modo que a luz em dois lugares diferentes se fixa num único ponto no momento em que tentamos observá-la?

Esse alguém serás tu?, foi o meu pensamento seguinte. Estarás ligada agora a mim através de fios que pulsam debilmente? Estarás a espreitar de dentro do aquário escuro, enquanto tentas reanimar-te no teu quarto de hospital?



Ou talvez seja verdade o contrário. Talvez seja eu quem está morta ou a morrer e ainda assim vigilante, ainda a insistir em olhar para este lugar. Da escuridão aos pés daquele ribeiro seco. Do teu quarto gelado, aonde voltei para me deitar depois de enterrar a *Ama*.

Mas como pode a sensação de morrer ser assim tão viva?

Os flocos de neve infiltrar-se-iam na minha carne com esta frialdade até na morte?



... Eu não devia adormecer aqui, sussurrou Inseon.

Mas é só por um segundo. Deixa-me descansar os olhos só por um bocadinho.

Ergueu um braço acima do muro de neve e estendeu-me o copo de papel. Eu estendi o meu braço e aceitei-o. O coto de vela estava agora mais curto do que um quarto de dedo, mas o copo em si estava quente por fora. Eu só não sabia se isso era do calor da chama ou do calor de Inseon.

Segurando o copo à minha frente, virei-me para onde Inseon jazia, do outro lado da barreira branca. À luz perseverante da vela, cada cristal de neve parecia transportar uma semente de fogo. Aproximavam-se do contorno exterior da chama, estremeciam como sob o choque de uma corrente, e depois derretiam-se. Um floco de neve maior que os seguia alcançou o coração azulado da chama, encharcando-a. O pavio fumegou na poça de cera. As centelhas saltaram e extinguiram-se.

Está tudo bem. Eu tenho luz.

Falei para a escuridão. Sentei-me e retirei do bolso a caixa de fósforos. Tateei-lhe os lados em busca da superfície áspera de ignição. Raspei contra ela um fósforo. Com uma explosão de centelhas, uma chama ergueu-se. O cheiro de enxofre flutuou até mim. Puxei o pavio para fora da cera derretida e transferi a chama, mas esta morreu. Quando sacudi o fósforo, que ardera até ao meu polegar, a noite voltou a apagar tudo. Eu não conseguia ouvir o som da respiração de Inseon. Não conseguia sentir quaisquer sinais de vida do outro lado do banco de neve.

Não me desapareças ainda.

Depois de acender este fósforo, vou estender a mão e agarrar na tua, pensei. Vou derrubar a neve e rastejar até ti, limpar-te a neve das faces. Vou rasgar a pele do meu dedo com os dentes para te dar sangue.

Mas, se não encontrar a tua mão, isso significará que recuperaste os sentidos e abriste os olhos no hospital.

Onde as tuas feridas voltarão a ser picadas com agulhas. Onde o sangue e a eletricidade de novo fluirão juntos.

Inspirei e risquei o fósforo. Não acendeu. Tentei uma segunda vez, e o fósforo partiu-se. Segurei o pau partido entre o polegar e o indicador e voltei a riscar-lhe a cabeça sobre a superfície de fricção. Eis que saltou uma chama. Como um coração desabrochado. Como uma flor em botão a latejar. Como o bater de asas de uma ave incomensuravelmente pequena.

Contents

1. [Ficha Técnica](#)
2. [PARTE UM - Pássaro](#)
 1. [1 Cristais](#)
 2. [2 Fios](#)
 3. [3 Nevão](#)
 4. [4 Pássaros](#)
 5. [5 A luz que resta](#)
 6. [6 Árvores](#)
3. [PARTE DOIS - Noite](#)
 1. [1 Não nos separamos](#)
 2. [2 Sombras](#)
 3. [3 Vento](#)
 4. [4 Quietude](#)
 5. [5 Descida](#)
 6. [6 O mar profundo](#)
4. [PARTE TRÊS - Chama](#)

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)